

Gislaine Aparecida de Carvalho

**A REALIZAÇÃO DO *SUJEITO* NA
FALA DO PORTUGUÊS EUROPEU**

Araraquara, junho de 2009

Gislaine Aparecida de Carvalho

**A REALIZAÇÃO DO *SUJEITO* NA
FALA DO PORTUGUÊS EUROPEU**

**Tese de Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa
apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Estadual Paulista – Júlio de mesquita Filho
Campus de Araraquara – como parte dos requisitos para a
obtenção do título de doutor.**

Orientadora: *Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck*

Araraquara, junho de 2009

Carvalho, Gislaine Aparecida de

A realização do sujeito na fala do português europeu. / Gislaine Aparecida de Carvalho.

259 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras – Câmpus de Araraquara.

Orientadora: Rosane de Andrade Berlinck.

1- Sujeito. 2- Língua Falada. 3- Lingüística. 4- Português europeu.

5- Sociolingüística. – Brasil. I. Título.

Gislaine Aparecida de Carvalho

**A REALIZAÇÃO DO *SUJEITO* NA
FALA DO PORTUGUÊS EUROPEU**

COMISSÃO JULGADORA

PROFA. DRA. ROSANE DE ANDRADE BERLINCK - presidente e orientadora -
(Departamento de Lingüística da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Câmpus de Araraquara)

PROFA. DRA. MARIA APARECIDA CORREA RIBEIRO TORRES MORAIS
(Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP – São Paulo)

PROFA. DRA. SÍLVIA REGINA DE OLIVEIRA CAVALCANTE (Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Rio de Janeiro)

PROF. DR. SEBASTIÃO CARLOS GONÇALVES - (Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto – UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto)

PROFA. DRA. BEATRIZ NUNES DE OLIVEIRA LONGO - (Departamento de Lingüística da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Câmpus de Araraquara)



A Deus, o autor da vida, e àqueles que a edificam.

AGRADECIMENTOS

Principalmente, e acima de tudo, a Deus por ter permitido a realização deste trabalho. Tu, SENHOR, me alegraste pelos teus feitos; exultarei nas obras das tuas mãos

À professora. Dra. Rosane de Andrade Berlinck pela orientação, incentivo e generosidade.

À minha família, em especial, à minha mãe pelo apoio incondicional.

Ao Waldiron pelo companheirismo e compreensão.

Aos funcionários e professores da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Câmpus de Araraquara. Em especial, à memória do Professor Dr. Sebastião Expedito Ignácio.

Às professoras Maria Aparecida Torres Morais e Beatriz Nunes de Oliveira Longo - banca de qualificação - pelas sugestões valiosas.

À professora Maria Aparecida Torres Morais por ter disponibilizado a dissertação de mestrado de Maria de Sousa Lobo Gonçalves.

Ao meu amigo Albano Dalla Pria que, além de partilhar meus momentos de angústia, contribuiu com sugestões muito importantes.

À Lúcia pela solidariedade.

À minha prima Alba Valéria - uma ponte entre mim e a UNESP.

RESUMO

Este trabalho investiga a realização do *sujeito* na fala do português europeu, tradicionalmente descrito como língua de *sujeito* nulo, sob o enfoque teórico-metodológico da Variação e Mudança Lingüísticas, de linha laboviana. A análise em tempo aparente foi feita com base em amostras de fala de 10 localidades do território português, disponíveis no *Corpus* Dialetal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN). O objetivo central é buscar evidências que atestem ou refutem o português europeu como língua [+] *pro-drop* e, assim, contribuir para explicar a polêmica constituição do português brasileiro não-padrão. Os resultados que obtivemos mostram que a realização do *sujeito* pronominal não é um fenômeno uniforme no português europeu. De um lado, há fortes evidências que o afastam das línguas de *sujeito* nulo, de outro lado, o apagamento do *sujeito*, muito recorrente em algumas localidades, ainda é a forma não-marcada para essa língua.

ABSTRACT

Polemics on the non-standard constitution of Brazilian Portuguese has created a demand for linguistic evidences in the field of linguistic variation and change. This dissertation by investigating the subject realization in European Portuguese is intended to find evidences to clarify controversies. Accordingly, studying *pro-drop* parameter in real and apparent time of Portuguese speech available in Syntactically Annotated *Corpus* of Portuguese Dialects (CORDIAL-SIN) manifested that the realization of pronominal subject is not a uniform phenomenon in European Portuguese. By one side, European Portuguese has been far from null subject languages and, by the other side, subject deletion found in some places is the unmarked form to this language.

SUMÁRIO

1 FOTOGRAFAR O SUJEITO: AS DIFERENTES IMAGENS	23
1.1 O problema da indefinição da imagem: o conceito de <i>sujeito</i>	24
1.2 Dos diferentes critérios às diferentes imagens	31
1.2.1 O tópico	31
1.2.2 O <i>sujeito</i> indeterminado – a partícula "se"	35
1.2.3 A morfologia verbal	40
1.3 Finalizando	43
2 O OBJETO DE ESTUDO	44
2.1 Apresentando o parâmetro pro-drop.....	44
2.2 Folheando o álbum: as fotografias do <i>sujeito</i>	48
2.2.1 O português brasileiro: o <i>sujeito</i> em diferentes tempos	48
2.2.2 A imagem do <i>sujeito</i> na escrita contemporânea do português brasileiro	53
2.2.3 A imagem do <i>sujeito</i> na fala do português brasileiro	54
2.2.4 Folheando o álbum: estudos comparativos.....	69
2.2.5 Folheando o álbum: o francês e o português europeu	76
2.2.6 Variáveis recorrentes	80
3 PREPARANDO O ENSAIO FOTOGRÁFICO	81
3.1 A abordagem teórico-metodológica adotada.....	81
3.2 Objetivos e hipóteses	84
3.3 O <i>corpus</i> da pesquisa.....	85
3.3.1 As localidades selecionadas.....	87
3.3.2 Os informantes.....	89
3.4 Apresentando as variáveis	89
3.4.1 As variáveis sociais	91
3.4.1.1 As variáveis sociais excluídas da análise.....	91
3.4.1.2 A variável social da análise	91
3.4.2 As variáveis lingüísticas	92
3.4.2.1 Especificidade do <i>sujeito</i>	93

3.4.2.2 Animacidade do <i>sujeito</i>	95
3.4.2.3 Pessoa gramatical	97
3.4.2.4 Concordância verbal	99
3.4.2.5 Transitividade verbal	101
3.4.2.6 Complementos verbais	103
3.4.2.7 Tipo de oração	105
3.4.2.8 Ordem	107
3.4.2.9 Correferencialidade	110
3.4.2.10 Forma verbal	112
3.5 Seleção dos dados	115
3.5.1 <i>Sujeito</i> específico e genérico	115
3.5.2 Expressões "(eu) acho que", "(eu) sei lá" / Frases fixas com verbos "ir" e "supor"	116
3.5.3 <i>Sujeitos</i> repetidos	118
3.5.4 Anotações entre parênteses	118
3.5.5 Estruturas clivadas ou pseudoclivadas	119
3.5.6 Palavras focalizadoras denotativas de exclusão	119
3.5.7 Duplo <i>sujeito</i> e <i>sujeito</i> expletivo	120
3.5.8 Clítico "se"	121
3.5.9 Frases interrogativas	121
3.5.10 Passivas nominais e pronominais	122
3.5.11 Imperativo	123
3.5.12 <i>sujeitos</i> que pudessem causar ambigüidade	123
3.5.13 Orações com acento contrastivo	124
3.5.14 A forma pronominal "a gente"	124
3.5.14.1. A forma pronominal <i>a gente</i> - verbo na 1ª pessoa do plural	125
3.5.14.2 A forma pronominal <i>a gente</i> - verbo na 3ª pessoa do singular	125
3.5.14.3 A forma pronominal <i>a gente</i> - verbo na 3ª pessoa do plural	126
3.5.14.4 A forma pronominal <i>a gente</i> - variação de concordância	126
3.5.15 <i>Sujeitos</i> nulos excluídos da análise	127
3.6 Finalizando	128
4 A FOTOGRAFIA DO SUJEITO NO PORTUGUÊS EUROPEU	129

4.1. Resultado geral	129
4.2. <i>Sujeito</i> específico	130
4.2.1 Variáveis selecionadas	130
4.2.1.1 Tipo de ocorrência x correferência	130
4.2.1.2 Tipo de ocorrência x localidade	134
4.2.1.3 Tipo de ocorrência x forma verbal	137
4.2.1.4 Tipo de ocorrência x complemento verbal	139
4.2.1.5 Tipo de ocorrência x animacidade do <i>sujeito</i>	141
4.2.1.6 Tipo de ocorrência x pessoa gramatical	144
4.2.2 Variáveis não selecionadas pelo programa peso relativo	147
4.2.2.1 Tipo de ocorrência x concordância verbal	147
4.2.2.2 Tipo de ocorrência x tipo de oração	156
4.2.2.3 Tipo de ocorrência x transitividade verbal	160
4.2.2.4 Tipo de ocorrência x ordem	162
4.3 O <i>sujeito</i> genérico	170
4.3.1 Variáveis selecionadas pelo programa Varbrul	171
4.3.1.1 Tipo de ocorrência x correferência	171
4.3.1.2 Tipo de ocorrência x pessoa gramatical	172
4.3.1.3 Tipo de ocorrência x localidade	176
4.3.1.4 Tipo de ocorrência x tipo de oração	179
4.3.1.5 Tipo de ocorrência x animacidade do <i>sujeito</i>	183
4.3.2 Variáveis não selecionadas pelo programa peso relativo	188
4.3.2.1 Tipo de ocorrência x concordância verbal	188
4.3.2.2 Tipo de ocorrência x transitividade verbal	190
4.3.2.3 Tipo de ocorrência x ordem	192
4.3.2.4 Tipo de ocorrência x forma verbal	197
4.3.2.5 Tipo de ocorrência x complemento verbal	200
5 O PRONOME A GENTE	205
5.1 O <i>sujeito</i> específico	206
5.1.1 Tipo de ocorrência x referência específica	206
5.1.2 Tipo de ocorrência x correferência	208

5.1.3 Tipo de ocorrência x concordância verbal.....	210
5.1.4 Tipo de ocorrência x forma verbal	214
5.1.5 Tipo de ocorrência x transitividade verbal	215
5.1.6 Tipo de ocorrência x tipo de oração	218
5.1.7 Tipo de ocorrência x ordem.....	220
5.1.8 Tipo de ocorrência x localidade.....	221
5.2 O <i>sujeito</i> genérico.....	224
5.2.1 Tipo de ocorrência x referência genérica	224
5.2.2 Tipo de ocorrência x correferência.....	227
5.2.3 Tipo de ocorrência x concordância verbal.....	229
5.2.4 Tipo de ocorrência x forma verbal	232
5.2.5 Tipo de ocorrência x transitividade verbal	235
5.2.6 Tipo de ocorrência x tipo de oração	237
5.2.7 Tipo de ocorrência x ordem.....	239
5.2.8 Tipo de ocorrência x localidade.....	241
5.3 O duplo <i>sujeito</i>	245
CONSIDERAÇÕES FINAIS	247
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	251

TABELAS

TABELA 1 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de <i>sujeitos</i> preenchidos e nulos na fala do português europeu.....	129
TABELA 2 - Quantificação e porcentagem das ocorrências do <i>sujeito</i> de referência específica em estruturas correferentes e não-correferentes.	130
TABELA 3 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre pessoa gramatical e <i>sujeito</i> correferente de referência específica.	131
TABELA 4 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre pessoa gramatical e <i>sujeito</i> não-correferente de referência específica.	132
TABELA 5 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de <i>sujeito</i> de referência específica em diferentes localidades.	134
TABELA 6 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de <i>sujeito</i> correferente de referência específica em diferentes localidades.....	135
TABELA 7 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre <i>sujeito</i> de referência específica e forma verbal.....	137
TABELA 8 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre <i>sujeito</i> correferente de referência específica e forma verbal.	138
TABELA 9 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de complemento verbal - <i>sujeito</i> de referência específica.	140
TABELA 10 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre <i>sujeito</i> de referência específica e categoria semântica "animacidade".	141
TABELA 11 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre categoria semântica de 3ª pessoa gramatical e <i>sujeito</i> preenchido e nulo de referência específica.....	142

TABELA 12 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre <i>sujeito</i> de referência específica e pessoa gramatical.....	145
TABELA 13 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre <i>sujeito</i> de referência específica e concordância verbal.....	148
TABELA 14 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre <i>sujeito</i> de referência específica e tipo de oração.....	156
TABELA 15 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre correferencialidade do <i>sujeito</i> de referência específica e tipo de oração.....	158
TABELA 16 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre <i>sujeito</i> de referência específica e transitividade verbal.....	161
TABELA 17 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de <i>sujeito</i> específico em contextos de ordem <i>sujeito-verbo</i> e <i>verbo-sujeito</i>	163
TABELA 18 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre tipo de verbo e ordem do <i>sujeito</i> de referência específica.....	163
TABELA 19 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre tipo de oração e ordem do <i>sujeito</i> de referência específica.....	164
TABELA 20 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre correferência e ordem do <i>sujeito</i> de referência específica.....	165
TABELA 21 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do <i>sujeito</i> de referência genérica em estruturas correferentes e não-correferentes.....	171
TABELA 22 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre <i>sujeito</i> de referência genérica e pessoa gramatical.....	173
TABELA 23 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre o pronome <i>sujeito a gente</i> de referência genérica e localidade.....	175

TABELA 24 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre <i>sujeito</i> de referência genérica e localidade.	177
TABELA 25 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre <i>sujeito</i> correferente e não-correferente de referência genérica e localidade.	178
TABELA 26 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre <i>sujeito</i> de referência genérica e tipo de oração.	180
TABELA 27 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre correferencialidade do <i>sujeito</i> de referência genérica e tipo de oração.	181
TABELA 28 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre tipo de oração e marcas da flexão do <i>sujeito a gente</i> nulo.	182
TABELA 29 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre categoria semântica e <i>sujeito</i> de referência genérica.	183
TABELA 30 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre 3ª pessoa gramatical de referência genérica e <i>sujeitos</i> preenchidos e nulos.	184
TABELA 31 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre categoria semântica e <i>sujeito</i> correferente de referência genérica.	185
TABELA 32 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre categoria semântica e <i>sujeito</i> não-correferente de referência genérica.	185
TABELA 33 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre concordância verbal e <i>sujeito</i> de referência genérica.	188
TABELA 34 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre transitividade verbal e <i>sujeito</i> de referência genérica.	191
TABELA 35 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre complemento verbal e verbo transitivo - <i>sujeito</i> de referência genérica.	192

TABELA 36 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre ordem e <i>sujeito</i> de referência genérica.....	192
TABELA 37 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre tipo de oração e ordem do <i>sujeito</i> de referência genérica.....	193
TABELA 38 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre pessoa gramatical e ordem do <i>sujeito</i> de referência genérica.....	194
TABELA 39 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre forma verbal e <i>sujeito</i> de referência genérica.....	197
TABELA 40 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre forma verbal e <i>sujeito</i> correferente de referência genérica.....	198
TABELA 41 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre forma verbal e <i>sujeito</i> não-correferente de referência genérica.....	199
TABELA 42 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre complemento verbal e <i>sujeito</i> de referência genérica.....	200
TABELA 43 - Quantificação e porcentagem de ocorrências da forma pronominal <i>a gente</i> (preenchida e nula) - referência específica.....	206
TABELA 44 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre <i>sujeito a gente</i> de referência específica e correferência.....	209
TABELA 45 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre <i>sujeito a gente</i> de referência específica e concordância verbal.....	210
TABELA 46 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre <i>sujeito a gente</i> de referência específica e marcas da flexão verbal.....	212
TABELA 47 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre <i>sujeito a gente</i> de referência específica e forma verbal.....	214

TABELA 48 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre <i>sujeito a gente</i> de referência específica e transitividade verbal.....	216
TABELA 49 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre <i>sujeito a gente</i> de referência específica e tipo de complemento verbal com verbo transitivo.....	217
TABELA 50 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre <i>sujeito a gente</i> de referência específica e tipo de oração.....	218
TABELA 51 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre tipo de oração e <i>sujeito a gente</i> correferente e não-correferente de referência específica.....	219
TABELA 52 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre ordem e <i>sujeito a gente</i> de referência específica.....	220
TABELA 53 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre localidade e <i>sujeito a gente</i> de referência específica.....	221
TABELA 54 - Quantificação e porcentagem de ocorrências da forma pronominal <i>a gente</i> - <i>sujeito</i> de referência genérica.....	224
TABELA 55 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre correferencialidade e <i>sujeito a gente</i> de referência genérica.....	227
TABELA 56 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre concordância verbal e <i>sujeito a gente</i> de referência genérica.....	229
TABELA 57 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre marcas da flexão verbal e <i>sujeito a gente</i> de referência genérica.....	230
TABELA 58 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre forma verbal e <i>sujeito a gente</i> de referência genérica.....	232
TABELA 59 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre forma verbal e correferencialidade do <i>sujeito a gente</i> de referência genérica.....	233

TABELA 60 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre transitividade verbal e <i>sujeito a gente</i> de referência genérica.....	235
TABELA 61 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre transitividade verbal e correferencialidade do <i>sujeito a gente</i> de referência genérica.....	236
TABELA 62 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre tipo de oração e <i>sujeito a gente</i> de referência genérica.....	237
TABELA 63 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre tipo de oração e correferencialidade do <i>sujeito a gente</i> de referência genérica.....	238
TABELA 64 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre ordem e <i>sujeito a gente</i> de referência genérica.	239
TABELA 65 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre tipo de oração e ordem do <i>sujeito a gente</i> de referência genérica.	240
TABELA 66 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre localidade e <i>sujeito a gente</i> de referência genérica.....	242

INTRODUÇÃO

Ao descrever e analisar a realização do *sujeito* na fala do português europeu, nosso objeto de estudo, buscam-se respostas para a seguinte pergunta: "Essa variedade de língua ainda desfila o tradicional figurino *pro-drop*?" Se por um lado, nosso objetivo sugere a intenção de conhecer o português europeu (e de fato passamos a conhecê-lo); por outro lado, poder defrontá-lo com o português brasileiro foi ainda mais imperativo.

Para cotejar "diferenças" e/ou "semelhanças" entre o português europeu e o português brasileiro, partimos de um dos primeiros parâmetros estabelecidos pelo modelo gerativo: o *pro-drop*. Para a Teoria dos Princípios e Parâmetros, quanto à realização do *sujeito*, as línguas dividem-se em dois grandes grupos: as que permitem uma categoria vazia nessa posição, portanto [+] *pro-drop*, e as que exigem *sujeito* realizado, denominadas [-] *pro-drop*. (CHOMSKY, 1981/82)

Nos estudos de cunho normativista e na literatura de caráter lingüístico-científico há convergência quanto à realização [+] *pro-drop* para o português europeu; por outro lado, estudos empíricos divergem dos tradicionais quanto à realização desse parâmetro para o português brasileiro, que "convive com um sistema agonizante, em que ainda se refletem as características *pro-drop*, e um sistema em desenvolvimento, em que a riqueza funcional perdida já não permite a identificação de *pro*" (DUARTE, 1995).

Ao consideramos as divergências da literatura quanto à realização do *sujeito* no português brasileiro, propomo-nos a responder à questão que constituiu nosso objetivo: se essa variedade de língua já não pode ser classificada como [+] *pro-drop*, será que o português europeu ainda mantém as propriedades exibidas por uma língua que desfila esse figurino?

Além de a descrição e análise da realização do *sujeito* no português europeu não contar com uma vasta bibliografia, inscrevem-se, em geral, em uma abordagem eminentemente gerativista. Por essa razão, a comparação entre o português europeu e o brasileiro fica, às vezes, fragilizada. Diferentemente daquela, nesta variedade da língua, os estudos adotam o viés variacionista. Segundo Tarallo (1993), usar o mesmo referencial teórico contribui com a pesquisa investigativa e "evita" especulações.

Neste sentido, acreditamos que este trabalho é duplamente relevante, pois, além de ampliar o conhecimento sobre o português europeu (para que o português do Brasil seja objeto de menos interpretações controversas), propõe-se, ainda, comparar como se realiza o *sujeito* nessas duas variedades de língua à luz dos ensinamentos da proposta teórico-metodológica da Variação e Mudança Lingüísticas, de linha laboviana.

Na perspectiva desse modelo teórico-metodológico, a expressão do *sujeito* é uma variável lingüístico-social. Assim sendo, cruzou-se a variável dependente "*sujeito* nulo x *sujeito* pleno" aos seguintes fatores condicionadores: categoria semântica; pessoa gramatical; concordância verbal; marcas da flexão do verbo; transitividade verbal; complementos verbais; tipo de oração; ordem; correferencialidade; forma verbal e localidade.

Embora saibamos que não é usual o emprego de uma linguagem metafórica em textos acadêmicos, sempre que julgamos conveniente, recorreremos à metáfora da "fotografia", motivados, quer pelo desejo de homenagear o grande mestre Fernando Tarallo, quer pela busca da inteligibilidade textual.

Para fotografar a realização do *sujeito* no português europeu e defrontá-lo com o português brasileiro, esta tese está organizada em 5 seções:

Na **primeira** delas, faz-se uma revisão bibliográfica dos clássicos critérios usados para conceituar "*sujeito*", com o objetivo de: (i) reforçar que a ausência de uma definição

incontroversa apenas reforça a existência das múltiplas e diferentes "verdades"; (ii) ressaltar que, se por um lado, as imbricações sintáticas, semânticas e pragmático-discursivas não nos permitem a formulação de um conceito incontroverso, por outro lado, a identificação do *sujeito* não procede da sua conceituação (iii) relacionar os três diferentes critérios às três importantes diferenças sintáticas entre o português brasileiro e português europeu. Dessas diferenças que particularizam as duas variedades de língua, destacam-se, para o português brasileiro: 1) orientação para o tópico; 2) enfraquecimento da morfologia flexional e das relações de concordância; 3) uso do pronome SE (fóssil). Essas particularidades também serão investigadas no português europeu, quer formalmente, quer informalmente.

A **segunda** seção dedica-se à apresentação do parâmetro *pro-drop* e de estudos inscritos em diferentes perspectivas teóricas, que investigaram a realização do *sujeito* em línguas, tradicionalmente, classificadas como [+] e [-] *pro-drop*. Mais especificamente: em 2.1 o parâmetro *pro-drop*; 2.2.1 o *sujeito* no português brasileiro: estudos diacrônicos; 2.2.2 o *sujeito* na escrita contemporânea do português brasileiro; 2.2.3 o *sujeito* na fala do português brasileiro; 2.2.4 estudos comparativos: "português brasileiro x português europeu"; "português brasileiro x espanhol"; "espanhol de Madri x espanhol de Buenos Aires x português europeu"; "português brasileiro, português moçambicano x português europeu"; 2.2.5 estudo diacrônico do francês e estudo sincrônico do português europeu. A menção aos estudos justifica-se por servirem de ponto de referência para uma análise comparativa.

A seção **três** está assim constituída: em 3.1 apresenta-se a abordagem teórico-metodológica adotada para descrever e analisar a realização do *sujeito* na fala do português europeu; em 3.2 os objetivos e hipóteses de trabalho; em 3.3 faz-se a descrição do *corpus*, com ênfase nos critérios que adotamos para constituí-lo; em 3.4 menciona-se o conjunto de variáveis internas e externas à língua que compuseram o nosso envelope de variação; em 3.5 foram arrolados os critérios

estabelecidos para a coleta de dados. Quanto às variáveis - quer externas, quer internas - buscou-se justificá-las pela relevância e aplicabilidade já atestadas em vários outros estudos.

A Seção **quatro** está dividida em duas subseções. Na primeira, apresentam-se os resultados do *sujeito* de referência específica; na segunda, o *sujeito* de referência genérica. Em ambas as subseções são feitos os cruzamentos entre a variável dependente e os grupos de fatores selecionados para a análise. Ainda nesta Seção, encontram-se quadros-síntese dos principais resultados do *sujeito* de referência específica e do *sujeito* de referência genérica.

Na **quinta** seção, é analisado o pronome-*sujeito* "a gente". Em 5.1, a forma pronominal "a gente" de referência específica; em 5.2, "a gente" de referência genérica e os respectivos quadros-síntese. O subitem 5.3 exibe algumas ocorrências de "duplo *sujeito*" registradas no *corpus* de análise.

Apresentam-se, posteriormente, as considerações finais e, em seguida, as referências bibliográficas.

1 FOTOGRAFAR O *SUJEITO*: AS DIFERENTES IMAGENS

O que seria FOTOGRAFAR O *SUJEITO*? Muito mais que uma figura de linguagem - concebida em Aristóteles como exclusivamente ornamental - essa metáfora, ao apresentar um determinado domínio em termos de outros, não é uma mera comparação disfarçada, mas nas palavras de Lakoff e Johnson (2002) "a criação de uma maneira de compreender o primeiro, que transfere para ele as características do segundo".

Com uma máquina fotográfica em punho (ou seria câmera digital?) busca-se: 1) homenagear a Tarallo, o amante das metáforas e um dos precursores dos estudos sociolinguísticos no Brasil; 2) captar e exibir a imagem plural da fotografia do *sujeito* resultante de sua conceituação; 3) recorrer aos clássicos critérios de conceituação do *sujeito* para descrever a imagem do português europeu e do português brasileiro.

Se se pode afirmar que a definição/conceituação de *sujeito* engendra posicionamentos díspares nos variados campos do saber, pode-se também afirmar que dentro de um mesmo quadro teórico, o objeto pode ser visto sob diferentes perspectivas. No quadro da Linguística Funcional, por exemplo, que elege a língua como objeto precípua de interação social, o conceito de *sujeito* pode variar conforme o autor e/ou modelo.

Se ousamos afirmar, preliminarmente, que a definição/conceituação de *sujeito* é alvo de teorizações e contradições, resta-nos apresentar dentre os embates aqueles que julgamos representativos deste paradoxo, ou seja, as noções que se perpetuam e se mesclam desde as concepções filosóficas da linguagem.

Faz-se oportuno esclarecer que não estaremos analisando as causas que motivaram a formulação do conceito de *sujeito* – apresentado quer pelas teorias linguísticas, quer pelos manuais de gramática normativa – uma vez que essas "causas" não constituem o nosso objeto de

estudo. E, com referência à gramática tradicional, "conhecemos muito pouco, uma vez que a maioria das fontes originais desapareceram, o que gerou múltiplas e/ou distorcidas interpretações"¹.

Assim, no tocante às conceituações dadas ao *sujeito* nas obras que selecionamos para a discussão do referido tema, interessa-nos apresentá-las e discuti-las a fim de evidenciarmos o quão emblemático é definir a "imagem do *sujeito*".

1.1 O problema da indefinição da imagem: o conceito de *sujeito*

As mais recorrentes definições dadas ao *sujeito* estão ancoradas em três diferentes critérios: o SINTÁTICO, o SEMÂNTICO e o PRAGMÁTICO. Do critério pragmático, decorre a associação entre *sujeito* e tópico. Do critério semântico, resulta a relação entre *sujeito* e a categoria de *agente* do processo verbal. Do critério sintático, advém a prescrição da concordância de pessoa e de número entre *sujeito* e verbo.

Para comentar os três diferentes critérios usados para a definição de *sujeito* nos compêndios gramaticais, tomamos, a princípio, a definição dada por Rocha Lima em sua Gramática Normativa da Língua Portuguesa de 1967, na qual o supracitado gramático define como *sujeito* "o ser de quem se diz algo". A definição de *sujeito* dada por Rocha Lima (1967) é também encontrada em muitos outros gramáticos, dentre eles, Almeida (1975), Cunha (1980) e Cegalla (1988).

¹ Afirmação feita por Lyons no livro *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1979, p.03.

Ao referir-se a *sujeito* como o "ser de quem se diz algo" ou, ainda, como "a pessoa ou coisa sobre a qual se faz uma declaração", passa-se a igualá-lo à noção de tópico. Partindo deste binômio "*sujeito* - tópico", Pontes (1986) comenta que essas noções estão mescladas desde o início das especulações lingüísticas ocidentais e, se há uma imbricação entre *sujeito* e tópico, é de se esperar que haja uma tendência a interpretar o SN topicalizado como sendo o *sujeito*. Mas, casos há em que tal associação não se aplica e, assim sendo, essa correlação fica fragilizada. Exemplificam a relação não necessária entre *sujeito* e tópico: 1) Aqui, viveram muitos tiranos; 2) Os professores, a sociedade não os valoriza.

Se a tradição gramatical tem descrito o *sujeito* como o "ser de quem se diz algo", outra definição muito difundida e apresentada pelos falantes como identificadora do *sujeito* (conforme constatado pela pesquisa de Pontes (1986)), é aquela que associa esse termo ao "ser que pratica a ação". Se as gramáticas mais editadas do nosso país e os mais célebres gramáticos definem o *sujeito* passivo como "o ser que sofre a ação expressa pelo verbo", por inferência, associa-se, na voz ativa, *sujeito* a *agente*.

Para Pontes (1986), definir *sujeito* como *agente* da ação expressa pelo verbo é defini-lo partindo de um traço não-necessário. Tanto assim o é que a própria gramática normativa também o classifica como "paciente". Para balizar a relação não-implicativa entre *sujeito* e o papel semântico "*agente*", transcreve-se um dos ensinamentos perpetuados pela tradição gramatical: "o *agente* é o termo que pratica a ação, quando o verbo está na voz passiva²".

Ao adotar o critério semântico para definir/conceituar *sujeito* "como o ser que pratica a ação", assume-se, por via de regra, que todos os verbos são representativos de uma "ação". A não homogeneidade dos verbos já foi comentada, dentre outros, por Chafe (1979, p. 95): "Há, para os verbos, três classes sintático-semânticas: de *ação*, de *processo*, e de *estado*".

² Retirado de Faraco e Moura, 1995, p. 327.

Conclui-se que a definição de *sujeito* "como o ser que pratica a ação" traz uma série de ilações que vão desde a categorização dos verbos, passando pela pressuposição da animacidade do *sujeito* à conceituação de vozes verbais, cuja definição "pode variar de autor para autor, segundo se considere a forma ou a significação do verbo, ou ainda o tratamento do processo verbal em relação ao *sujeito*". (HAUY, 1983)

Ao abordar o tema "Passividade", Pontes (1986) afirma que não se tem passiva com posseção inalienável e, para exemplificar, cita a seguinte sentença: "João quebrou a perna", na qual o SN "João" não é *agente*, e sim o paciente ou a pessoa que foi afetada e a "perna" não é paciente, mas simplesmente a parte do corpo em que João foi afetado. Logo, não é possível uma passiva "a perna foi quebrada (por João)" que corresponda à interpretação de que se trata da perna de João.

"Se o gramático ensina que há voz passiva quando o *sujeito* sofre a ação verbal, como pode subdividi-la em pessoal e impessoal?" (HAUY, 1983). Se a voz passiva suscita alguns questionamentos, a partícula "se", quer como índice de indeterminação do *sujeito*, quer como pronome reflexivo, tem compilado um acervo de indefinições que também estão diretamente associadas ao *sujeito*.

Se se considera que a partícula "se" reflexiva é indício de que o *sujeito* é simultaneamente *agente* e paciente, as ocorrências com esse pronome deveriam enquadrar-se neste esquema: "o *sujeito* FAZ e RECEBE a ação". Em: "João feriu-se nos espinhos", o SN – João – é, segundo Said Ali (1965), um contra-argumento, pois o *sujeito* não é o ser que pratica a ação, mas o ser que sofre a ação. Se o SN "João" não desempenha o papel de *agente*, seriam os "espinhos" responsáveis por essa ação? Segundo Pontes, *agente* pressupõe um ser consciente, portanto não se poderia atribuir a esse SN tal função.

Ao se pronunciar sobre voz reflexiva, Haury (1983) elenca algumas classificações difundidas pelos manuais normativistas e nos adverte: "As diversidades não se restringem a uma questão de nomenclatura, mas, principalmente, de doutrina, que implica também subdivisões várias e significativas". Assim sendo, essas subdivisões constituem, muitas vezes, não só um comportamento teórico divergente, mas uma incoerência flagrante em determinados compêndios gramaticais.

"A não ser que se torne mais abrangente a definição de voz reflexiva (média, medial), não pode a recíproca ser um dos seus tipos" (HAURY, 1983, p. 153). O que implica afirmar que há gramáticos que subdividem a voz medial em reflexiva, recíproca e dinâmica. Outros subdividem a voz dinâmica em reflexiva dinâmica e reflexiva pronominal, mas as analisam como ativas. E, há, ainda, aqueles que diferenciam reflexibilidade de reciprocidade. Divergências que fazem ressurgir o problema da passividade do *sujeito*.

A tríplice conceituação de voz verbal: ativa, passiva e reflexiva³ ou, ainda, a quádrupla conceituação - ativa, passiva, reflexiva e impessoal - têm gerado múltiplas divergências e contradições.

Tendo discorrido sobre as duas conceituações dadas ao *sujeito* - a primeira, a que impera nos manuais de gramática (o *sujeito* é o "ser de quem se diz algo") e, a segunda, que nasce da generalização daquilo que é próprio do verbo de ação (o *sujeito* é o "ser que pratica a ação expressa pelo verbo"), abordaremos, a seguir, o terceiro critério e, assim o nomeamos, uma vez que a concordância verbal é menos citada como definidora do *sujeito*.

³ A tríplice conceituação de voz verbal está subdividida ora como "ativa", "passiva" e "reflexiva", ora como "ativa", "passiva" e "medial".

Dentre aqueles que apontam a concordância como traço para se identificar o *sujeito*, cita-se Perini (2001). Em sua Gramática Descritiva do Português, o *sujeito* é definido como "o termo da oração que está em relação de concordância com o NdP⁴".

Segundo Pontes (1986), quando se define *sujeito* partindo do conceito "... o TERMO da oração..." incorre-se em falha, pois se define *sujeito* como TERMO, mas não se define o que é um TERMO. Geram-se, assim, dúvidas quando se está diante de um *sujeito* indefinido, indeterminado ou oracional; pois, o que é um TERMO?

O critério da concordância, usado para definir e identificar o *sujeito*, não está isento de oposição e opositores. Além de se ter uma "indefinição" na "definição" - trocadilho⁵ que ilustra a observação feita por Pontes - há, nos manuais de gramática: (1) a opcionalidade de o verbo concordar com o predicativo. Dessa forma são aceitas pela "boa" sintaxe construções como: "Tudo é flores", "Tudo são flores"; (2) a obrigatoriedade de o verbo "ser" concordar com SNs predicativos, quando em construções impessoais: "São duas horas da tarde", "Daqui a minha casa, são oito quarteirões". Essas regras de concordância além de obscurecerem a identificação, contrariam a definição difundida pelos compêndios gramaticais: "*sujeito* é o **termo** da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa".

Agregam-se a essa problemática as construções equitativas, nas quais a identificação do *sujeito* por meio da concordância não se aplica. Cita-se, para exemplificar: "A professora da primeira série é a minha irmã". A babel de regras e exceções serve para questionar a concordância verbal como critério "eficaz" na identificação/conceituação do *sujeito*.

Hauy (1983) constatou que, em nossas gramáticas, são registrados diferentes critérios para se definir *sujeito*. Dentre a miscelânea conceitual, construções como "vendem-se casas" poderão

⁴ NdP = núcleo do predicado (função).

⁵ O trocadilho refere-se à definição de *sujeito* como TERMO e a indefinição desse conceito.

ser analisadas, segundo alguns gramáticos, como voz ativa e o "se", classificado como índice de indeterminação do *sujeito*; para outros, é voz passiva com *sujeito* paciente e o "se" exerce o papel de pronome apassivador. Tais divergências reforçam a dificuldade em se identificar o *sujeito* se o critério for o da concordância.

Pinto (1981) expõe outros problemas, quando se adota o critério da concordância para a definição/identificação do *sujeito*: (1) verbos impessoais e unipessoais analisados por diferentes critérios; (2) diferença de tratamento para os verbos "existir" e "haver"; (3) construções com SNs seguidos de genitivo; (4) a hipercorreção. A autora concluiu que "a concordância verbal não é controlada apenas pelo *sujeito*".

Pontes (1986) lembra, ainda, que a concordância verbal está deixando de funcionar em vários registros que vão desde o totalmente informal até o mais formal. E acrescenta "a concordância verbal é talvez o critério mais falho na identificação do *sujeito*".

Corroboram a proposição apresentada por Pontes os resultados da pesquisa realizada em 1983 por Decat, que afirma ser o fenômeno da concordância verbal melhor descrito em termos da relação tópico e comentário. Utilizando-se de dados da língua oral, Decat chegou à seguinte conclusão:

O que importa para a cv é a condição de tópico do SN, sendo a regra, nesse caso, de aplicação obrigatória. Não havendo tópico – entendido como uma construção sintática – a tendência verificada no português é a de não se efetuar a concordância (embora nesse caso ela possa ser considerada de aplicação optativa com o SN que segue o verbo, o que explica a ocorrência alternada das formas verbais de singular e plural na língua falada e também escrita). (DECAT, 1983, p. 45).

Observa-se que o critério da concordância implica, para os manuais de gramática, postular EXCEÇÕES; implica, para o sistema lingüístico, VARIAÇÃO, e implica, para o *sujeito* falante, um conglomerado de REGRAS, que, na maioria das vezes, são ouvidas e deixadas na escola.

Se os três mais recorrentes critérios usados para a definição/identificação do *sujeito* podem ser questionados, se esses critérios se perpetuam e se diluem historicamente nas mais diversas áreas dos estudos da linguagem, existiriam razões que os justificariam?

FOTOGRAFAR um objeto depende sempre do olhar do fotógrafo, do ângulo escolhido, da posição do objeto; - enfim, a fotografia que tiramos está sempre perpassada pela lente de quem "(des)foca" o objeto. Assim, os critérios usados para definir/conceituar *sujeito* constituem uma tentativa de verdade.

Mas o que vem a ser a verdade se não uma forma de considerar a realidade inserida no momento histórico, num determinado estágio das descobertas científicas, num determinado local geográfico, enfim, numa cultura partilhada pelos indivíduos? Se se aceitar a relatividade da verdade, a idéia clássica que remonta a Aristóteles, segundo a qual existiria uma lógica cujas proposições se baseariam num valor de verdade independente da natureza particular da enunciação (*sujeitos*, momentos, enfim, condições de produção do discurso), não teria lugar nos enunciados das línguas naturais, nem mesmo naqueles que enunciam as 'ditas verdades universais'. (CORACINI, 1991, p.122).

Diante da complexidade do assunto, e considerando, como Ilari e Galdi (1995), que a simplicidade do *sujeito* é apenas aparente, é que nos justificamos: se, por um lado, as imbricações sintáticas, semânticas e pragmático-discursivas não nos permitem a formulação de um conceito incontroverso, por outro lado, a identificação do *sujeito* não procede da sua conceituação⁶. As formulações conceituais existentes preenchem algumas lacunas, mas produzem outras, graças à maravilha "da língua que, por ser simbólica e convencional, paga com a flutuação de seus limites, o custo do seu caráter arbitrário". (AZEREDO, 1997, p.76)

⁶ Embora não haja uma definição incontroversa, é possível a identificação do *sujeito*.

1.2 Dos diferentes critérios às diferentes imagens

Os três critérios, tradicionalmente, usados para conceituar "*sujeito*" permitem apontar importantes diferenças na sintaxe do português brasileiro e do português europeu. Mais especificamente: (1) "proeminência de tópico (e de *sujeito*)", para o português brasileiro e "proeminência de *sujeito*", para o português europeu; (2) a partícula "se" usada no português europeu para apassivar e indeterminar o *sujeito*, e, apontada em muitos estudos (dentre eles, Naro (1976), Nunes (1991)) como fóssil no português brasileiro; (3) a concordância de pessoa e de número entre *sujeito* e verbo, suficientemente marcada, capaz de garantir a identificação da pessoa gramatical, para o português europeu e enfraquecimento na morfologia verbal, para o português brasileiro.

Para comentar as "imagens" do português europeu e do português brasileiro reveladas pelas construções de tópico, partícula "se" e concordância verbal, mencionaremos algumas pesquisas,⁷ que investigaram esses fenômenos nessas duas variedades de língua.

1.2.1 O tópico

Com relação ao termo TÓPICO, abre-se um parêntese: essa categoria lingüística é tratada por diferentes perspectivas teóricas sob vieses específicos, portanto, ao nos referirmos a esse fenômeno, a definição de "tópico" assumirá a acepção da abordagem que o menciona.

O tópico no português do Brasil – cuja obra homônima (de Eunice Pontes) é o marco inaugural dos estudos desse fenômeno nessa variedade de língua, muito mais que um ornamento

⁷ Pelo fato de os três critérios não constituírem o foco central do nosso objeto de estudo - embora haja, pela própria característica do sistema lingüístico, uma inter-relação - os comentários serão sucintos.

estilístico⁸, é uma estratégia discursiva muito recorrente. Dentre as estruturas topicalizadas, destacaram-se no português brasileiro as construções em que o tópico e *sujeito* pronominal são correferentes – construção de tópico marcado⁹.

Por acreditar que a "simplificação da flexão" provoca uma reação em cadeia, cujos "efeitos sintomáticos" se manifestam, em outros pontos do sistema lingüístico, Duarte investigou, em 1995, as estruturas de deslocamento à esquerda. Nos resultados da pesquisa, o encaixamento da mudança foi descrito nos seguintes termos:

[As estruturas de deslocamento à esquerda] que apareceram no sistema revestidas de condicionamentos discursivos [...] acabam por expandir seus domínios e perder as restrições relativas ao SN retomado, à pessoa gramatical, à preferência por sentenças causais e explicativas, ao discurso dissertativo-argumentativo. Impossível não relacionar seu surgimento à mudança na representação do *sujeito* pronominal. (DUARTE, 1995 p. 113)

Para observar "se o presente curso da evolução está seguindo a mesma direção, e é governado pelos mesmos fatores que operaram no passado", Duarte, em 2003, analisou, em tempo real¹⁰, a possível implementação da mudança em direção ao *sujeito* foneticamente realizado. Dentre as evidências que ratificam o afastamento do português brasileiro do grupo das línguas românicas de *sujeito* nulo, Duarte enfatiza o expressivo número de ocorrências de construções com *sujeitos* deslocados à esquerda. As estruturas de "Deslocamento à Esquerda" - (também nomeadas "duplo *sujeito*") - negam veementemente o Princípio "Evite Pronome".

Em Vasco (1999), a descrição das construções de tópico na fala culta do português europeu e do português brasileiro buscou responder a três questões: (1) o português brasileiro, tradicionalmente descrito como SVO, estaria se transformando em língua com proeminência de

⁸ Previsto nos manuais de gramática ora como figura de sintaxe, ora como vício de linguagem.

⁹ Construções também denominadas de "Deslocamento à Esquerda".

¹⁰ A pesquisadora investigou duas amostras da fala carioca, separadas cronologicamente por um intervalo de mais ou menos dezenove anos - 1980 e 2000. Maiores detalhes sobre esse estudo são fornecidos na seção 2, subitem 2.2.3.

tópico?; (2) quais construções de tópico caracterizam as duas variedades de língua?; (3) a implementação de certas construções de tópico, no português brasileiro, se relaciona a outras mudanças pelas quais passa o seu sistema pronominal?

Para a primeira pergunta, os resultados obtidos pela análise dos dados mostraram que a construção de tópico é, no português brasileiro, muito recorrente, embora ainda prevaleça a ordem canônica SVO.

Para a pergunta "Quais construções de tópico caracterizam as duas variedades de língua?", a resposta encontrada por Vasco (1999) pode ser assim parafraseada: se se comparam as "Topicalizações de complementos" às "Estruturas com deslocamento à esquerda", observam-se aspectos importantes: a) o português brasileiro privilegia o "Deslocamento à Esquerda" de *sujeitos* (sendo o tópico, na maioria dos casos, retomado por pronome pessoal); b) no português europeu destacam-se as "Topicalizações¹¹ de *sujeito*" e os "Deslocamentos à Esquerda" de objeto direto.

Para a terceira e última pergunta - "A implementação de certas construções de tópico, no português brasileiro, se relaciona a outras mudanças pelas quais passa o sistema pronominal dessa variedade de língua?" - a resposta, encontrada por Vasco (1999), pode ser assim sintetizada: as "Construções de Tópico" - encontradas apenas no português brasileiro - parecem relacionadas ao crescente preenchimento da posição de *sujeito* (motivado pela simplificação nos paradigmas flexionais) e, em casos especiais, à rejeição ao uso de construção passiva, quando a posição de *sujeito* deve ser exercida por um elemento não-agente. Vasco concluiu que o

¹¹ "Topicalização" corresponde ao tipo de construção em que o tópico está vinculado a uma posição vazia dentro da sentença-comentário. Para exemplificar: 'A passagem eu compro [ø] a prazo'. (D2 RJ)". "Deslocamento à esquerda" corresponde ao tipo de construção de tópico marcado, em que o constituinte na posição de tópico tem seu correferente expresso na sentença-comentário. Cita-se para ilustrar: 'É a categoria conhecimento que nós vamos separá-la'. (EF POA). Definições e exemplos retirados de BERLINCK, R de A; DUARTE, M. E. L. ; OLIVEIRA, M. de. Predicação. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. do (orgs) *Gramática do Português Falado*. Cap. 03 Vol. 03. Editora da UNICAMP - (no prelo).

português europeu, diferentemente do português brasileiro, mesmo apresentando CTs¹², exibe características de língua com proeminência de *sujeito*

Galves (2001) postula a existência de uma sintaxe brasileira, distinta, em aspectos fundamentais, da sintaxe portuguesa. Dentre as diferenças que distanciam as duas variedades de língua, destaca-se, para o português brasileiro, o uso dos pronomes tônicos "você" e "ele" na posição de objeto sem reduplicação clítica, nem preposição. Para a autora, essa particularidade, ao aproximar o português brasileiro das línguas orientadas para o tópico, evidencia a oposição entre as duas gramáticas.

O português brasileiro, em oposição ao grupo das línguas românicas de *sujeito* nulo, não utiliza a estrutura de topicalização como estratégia para "focalização contrastiva". Nessa variedade de língua, afirmam Brito, Duarte e Matos (2003), as topicalizações envolvem "despojamento" e não "contraste sintagmático".

Dentre as construções de "Deslocamento à Esquerda", em Berlinck, Duarte e Oliveira (no prelo), registraram-se, para o português brasileiro, estruturas em que o tópico é um pronome de referência específica e estruturas em que o tópico é um pronome de referência genérica.

Para exemplificar, transcrevem-se dois dos exemplos citados pelas pesquisadoras, apresentando referência específica e genérica, respectivamente:

(a) Mas eu, eu gosto também de violino (DID POA);

(b) Eu acho que a gente não custa nada a gente satisfazer a vontade dos pais (DID SSA)

¹² Construções de Tópico

Os estudos que compuseram a nossa exposição revelaram: proeminência de *sujeito* para o português europeu e proeminência de tópico (e de *sujeito*) para o português brasileiro. Essas propriedades particularizam as duas variedades de língua.

1.2.2 O *sujeito* indeterminado – a partícula "se"

A partícula "se" desempenhará a função sintática de "pronomes apassivador", se acompanhar verbos transitivos diretos – nesse caso, o verbo concordará em pessoa e número com o *sujeito* passivo: "Vende-se casa", "Abriram-se os lacres". Se acompanhar verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação, a partícula "se" assumirá o papel de "índice de indeterminação do *sujeito*"; nesse caso, o verbo deverá ser empregado na terceira pessoa do singular: "Nada-se no mar, na terra, caminha-se", "Precisa-se de funcionários", "Está-se feliz neste lugar".

Essas regras, prescritas pelos manuais normativistas, contrastam com construções, muito recorrentes no português brasileiro, do tipo: "Vende-se doces", "Aluga-se casas". Tal oposição "regras x uso" reflete a história da reanálise do "se" apassivador como "se" impessoal. Nas palavras de Naro (1976): "The se-impersonal construction is not found in the oldest Portuguese texts. In fact, it is relatively recent innovation, first occurring in texts of the mid-16 th century, and is based on the classical se-passive construction¹³"

Em Oliveira (2005), os resultados obtidos pela análise dos dados depreendidos do *corpus* do português arcaico confirmaram: "Nenhuma ocorrência explícita de "se", signo de apassivação, como "se", signo de impessoalização".

¹³ "O "se" impessoal não é encontrado em textos do português mais antigo. De fato, é uma inovação relativamente recente, com as primeiras ocorrências aparecendo em textos do século XVI, e se baseia na construção de "se-passivo" clássico". (NARO, 1976, p. 788) – Tradução nossa.

Da reanálise do "se" apassivador (a partir do século XVI), emergem, no português e em outras línguas românicas, novas estruturas: o verbo não mais concorda com seu argumento interno no plural, pois o "se", e não mais o argumento interno do verbo, encontra-se associado à posição de *sujeito*.

O "se" passivo passou a ser reinterpretado como "índice de indeterminação do *sujeito*" numa construção de voz ativa. Segundo Castilho (2001), essa reanálise opera no eixo sintagmático e resulta da abdução, um raciocínio que leva o falante a atribuir a um fenômeno, lingüístico ou não, uma regra, considerando que esta lhe diga respeito.

A não-aplicação das regras de concordância ("se" impessoal e "se" apassivador) engendra, para o português brasileiro, efeitos nefastos: (a) a gramática aprendida na escola se torna uma espécie de língua estrangeira; (b) sob a égide purista ecoa o estigma à diversidade: o português brasileiro infringe, por meio de neologismos e insubordinações, a língua de Camões.

A variação nas construções de passivas com "se" elucidada a reanálise¹⁴ do pronome apassivador e ratifica o contraste "regra x uso". A pesquisa realizada por Scherre (1999) atesta o paradoxo.

Hoje, a estrutura classificada como passiva sintética - "joga-se búzios ou jogam-se búzios; doa-se filhotes ou doam-se filhotes [...]" não é passiva sintética; é, sim, uma estrutura ativa de *sujeito* indeterminado semelhante a outras estruturas irmãs do tipo: "No Brasil, precisa-se urgentemente de reforma agrária e vive-se bem nesta terra". A concordância nas estruturas denominadas passivas sintéticas é variável e ocorre "por atração ou por falsa concordância" com o objeto direto, em função, especialmente, do conhecimento da norma codificada, ou seja, da gramática normativa da língua portuguesa. (SCHERRE, 1999, p. 13).

¹⁴ Oliveira (2005) afirma que a reanálise do "se" apassivador como "índice de indeterminação do *sujeito*" está presente não só na fala, mas também na escrita, mesmo nas mais formais. Passivas de "se" estão sendo reanalisadas como orações ativas com *sujeito* indeterminado. Para chegar a essa conclusão, Oliveira procedeu ao levantamento sistemático de dados de voz passiva nominal, cuja perífrase é formada com "ser" e "particípio passado" de um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto) e de voz passiva pronominal, formada com o pronome "se" apassivador relacionado a um verbo também transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), segundo a descrição tradicional.

Se, por um lado, no português brasileiro, a não-concordância verbal em construções com a partícula "se" confirma, para essa variedade de língua, a preferência pela forma inovadora, por outro lado, essa opção o afasta do português europeu. Segundo Nunes (1991), "... pelo menos em relação às construções com verbos transitivos, o português europeu falado praticamente se mantém estável em relação à variação provocada pelo surgimento do 'se' indeterminador".

Ao analisar, em diferentes gêneros, a variação das formas com "se" na escrita contemporânea do português europeu e do português brasileiro, Duarte, Kato e Barbosa (2001) constataram: a) diferentemente da variedade lusitana, na qual predomina a regra de concordância¹⁵, no português brasileiro, a regra é a não-concordância. Especifica-se: todas as ocorrências com argumento interno no plural mantiveram, no português brasileiro, o verbo no singular. Resultados encontrados no gênero "ENTREVISTAS"; b) nas "RECEITAS DE COZINHA" o contraste também é flagrante: no português europeu, as construções com "se" totalizaram 27% das ocorrências; no português brasileiro, a rejeição a essa partícula foi categórica; c) das estratégias de indeterminação do *sujeito*, no gênero "CARTAS AOS LEITORES", as construções com "se" são as mais recorrentes, quer no português europeu, quer no português brasileiro.

"Quanto à concordância com o argumento interno plural ou composto, o 'default' nas receitas portuguesas é usar concordância, mas encontraram-se, surpreendentemente, casos sem concordância". (DUARTE, KATO E BARBOSA, 2001).

Se se pode afirmar, assim como o fez Nunes (1991): "[que] o português europeu falado, pelo menos em relação às construções com verbos transitivos, praticamente se mantém estável em relação à variação provocada pelo surgimento do 'se' indeterminador", pode-se também

¹⁵ Das onze ocorrências, dez das construções com "se" + verbo transitivo direto apresentaram o argumento interno no plural.

afirmar, baseado em dados de fala, que nos dialetos de Madeira e de Porto Santo, segundo Martins:

Há um tipo de construção com *se* que é estranho ao português standart, mas cuja existência pode ser o resultado de um passo adicional no percurso diacrónico que retirou de cena a passiva de *se* dando lugar ao aparecimento de uma estrutura activa com a particularidade de permitir a repartição das propriedades associadas ao *sujeito* frásico entre dois constituintes. (MARTINS, 2007, p. 06)

Para exemplificar, transcrevem-se duas das ocorrências encontradas no *Corpus* Dialetal com Anotação Sintática (CORDIAL-SIN), citadas por Martins (2007):

(a) "E depois, chegando ao tempo da poda, *a gente* sega-se esses olhos todos e deixa-se este só. Ela vai lá; rebenta a vara. Já não põe força aqui; põe a força (aqui). Deita uma vara grande – tendo umidade e adubo". (Camacha – Porto Santo)

(b) "*A gente* via-se elas [as baleias] longe, era o esparto. Porque a uma distância grande, ela (em) indo ali sem se 'espartojar', não se via. Ela tinha que dar aquele 'esparto' para o ar. E via-se aquele 'esparto', aquele negro, fora de água". (Caniçal – Madeira)

Do auge à decadência: eis a trajetória do "se" indeterminador no português brasileiro. "Depois de ter vencido as construções com "se" apassivador numa batalha de tantos séculos, as construções com "se" indeterminador lutam agora com construções cuja impessoalização oracional se dá por meio de sua supressão". (NUNES, 1991). Se, em um primeiro momento, a partícula "se" impessoal emerge da reinterpretação do "se" apassivador, em um segundo momento, a indeterminação do *sujeito* no português brasileiro se faz pelo seu apagamento.

Mas não é só da partícula "índice de indeterminação do *sujeito*" que se "ressente" o português brasileiro. Ao lado do desaparecimento dessa partícula estão as passivas nominais, hoje restritas à língua escrita e a situações mais formais. As estratégias de indeterminação do *sujeito*

buscam outros caminhos, como, por exemplo: o emprego do verbo na terceira pessoa do singular sem o oblíquo átono "se" impessoal e sem um constituinte sintagma nominal que assuma a função subjetiva - "vende doce de todo tipo naquela loja" - ou o emprego do paciente como tópico e o verbo indicando a ação na terceira pessoa, sem que o *agente* seja especificado - "As casas consertaram".

Em Duarte (1995), registraram-se, para o português brasileiro, outras estratégias para indeterminar o *sujeito*: "as formas pronominais nominativas¹⁶ (expressas ou nulas)". Para exemplificar, serão transcritas três ocorrências citadas pela autora:

(a) "Quando você é menor, você não dá muito valor. Você acha que criança é só para encher o saco, né? [...] Na fase que você na adolescência, você tá na praia [...]". (M3a, 63, 67);

(b) "Hoje em dia, quando *a gente* levanta as coisas, é que *a gente* vê tudo o que aconteceu. Mas na época *a gente* não podia acreditar...". (H3b, 162, 166);

(c) "Já quando cv entra no profissional, [o curso] já e mais direcionado". (H3b, 229).

Lê-se em Duarte (1995): "Se levamos em conta a velocidade com que se implantou no sistema esta nova variante¹⁷ [...] não podemos deixar de relacionar seu progresso com a implementação do uso do *sujeito* pronominal com referência definida".

A tendência à representação pronominal foi diacronicamente descrita por Cavalcante (2002): "desde o primeiro quartel do século XIX (1848 -1869), os pronomes 'nós' e '*a gente*' são usados para indeterminar o *sujeito*".

¹⁶ O uso de formas pronominais nominativas para indeterminar o *sujeito* foi descrito por Tarallo (1989). Para o leitor interessado: TARALLO, F. Formas de indeterminação do *sujeito*: em busca do discurso via marcadores sociolingüísticos. In: ORLANDI, E. P; GUIMARÃES, E; TARALLO, F. *Vozes e Contrastes: discurso na cidade e no campo*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 78-109.

¹⁷ As formas pronominais para expressar *sujeitos* indeterminados.

Mas se, no português brasileiro, o uso de formas pronominais para representar *sujeitos* indeterminados tem-se mostrado produtivo, tanto na fala, quanto na escrita, o mesmo não se constata no português europeu, que, segundo Duarte (1995, 2000) mantém como principal estratégia para a indeterminação do *sujeito* o uso da partícula "se".

Os estudos que compuseram nossa exposição mostraram as diferentes estratégias de indeterminação do *sujeito* nas duas variedades do português – brasileira e européia. Nesta, sobressai o uso da partícula "se"; naquela, as formas pronominais nominativas.

1.2.3 A morfologia verbal

Para a concordância *sujeito-verbo*, a expressão "o oposto do avesso" traduz a lendária assimetria entre o português europeu e o português brasileiro: neste, a concordância verbal chegou aos limites da simplificação¹⁸; naquele, mantém-se um conjunto de regras em causa categórica¹⁹. Projetam-se, assim, duas diferentes imagens, "opostas e do avesso".

Se historicamente constituiu-se, para o português brasileiro, a imagem de língua de concordância fraca²⁰, é, também, na história, ou mais precisamente, em documentos do século XVI, que Naro e Scherre (2007) encontraram, no português europeu, casos de não-concordância.

¹⁸ O estudo de Duarte (1993) mostra que o português do Brasil evoluiu de um sistema com seis formas distintas, mais dois sincretismos – representados pela segunda pessoa indireta, que utiliza as formas verbais de terceira pessoa gramatical – para um paradigma que apresenta quatro formas, graças à neutralização entre 'tu' e 'você'. Esse paradigma, segundo Duarte, coexiste com um outro, em que se vêem apenas três formas, em consequência da competição entre "nós" e "*a gente*" para a referência à segunda pessoa do plural. Lopes e Machado também se referem a três formas básicas: "eu falo - tu, você, ele, ela, *a gente* fala - vocês, eles falam". In: LOPES, C. R. dos S; MACHADO, S. C. Tradução e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br>>

¹⁹ Adjetivo usado por Galves 1998, p. 165.

²⁰ Tomamos emprestada a adjetivação usada por Galves (1993).

Ao analisar oito textos do português medieval, esses pesquisadores registraram mais de 200 ocorrências de formas verbais de terceira pessoa do singular em contextos em que a norma exige obrigatoriamente formas plurais de terceira pessoa. Esses casos de desvio à norma-padrão são geralmente explicados pela "maléfica" interferência dos escribas e editores.

Em "*A voz passiva: um estudo diacrônico*", dois dos resultados apresentados por Oliveira (2005) focam, em especial, as regras de concordância verbal: 1) para o português arcaico, não se registrou "nenhuma ocorrência de passiva nominal em que o verbo não faz concordância de gênero e/ou de número com seu *sujeito*, que, a ele posposto, facilmente pode ser interpretado pelos falantes como objeto direto, o que, de fato, ele é, pelo menos semanticamente"; 2) para o português europeu do século XX, foram contabilizados 4,5% de reanálise explícita do "se" apassivador como "se" impessoal – reinterpretação que fere os ditames normativistas da regra de concordância *sujeito-verbo*.

Naro e Scherre²¹ (1994, 1999, 2000) mostram que a concordância verbal no vernáculo brasileiro é um fenômeno variável e que a sistematicidade da variação da concordância é explicada, em grande parte pela "saliência fônica da desinência verbal" e pela "posição do *sujeito* em relação ao verbo".

Detalha-se: (i) o aumento da saliência no material fônico na oposição singular/plural (3ª pessoa) implica maiores chances de concordância - "bateu/bateram". Em contrapartida, oposições menos salientes resultam em menos marcações de plural - "bate/batem"; (ii) a posição do *sujeito* à esquerda do verbo - posição de proeminência de tópico - favorece a ocorrência de variantes explícitas de plural - "Os meninos chutaram a bola – SV".

²¹ As pesquisas de Naro e Scherre, cujas bases fomentam e alicerçam sucessivos trabalhos relacionados ao mesmo tema, são referências para o português brasileiro.

Ao analisar a "concordância verbal no português arcaico" em um *corpus* constituído por documentos notariais do noroeste de Portugal e da região de Lisboa, Souza (2007) concluiu: "as oposições mais salientes não deixaram dúvidas quanto à posição dos notários em estabelecer a diferença entre singular e plural, [mas] o mesmo não se pode afirmar quando se trata de contextos menos salientes".

Ao analisar a variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu coloquial, Varejão (2006) observou que: "As desinências de plural, foneticamente menos salientes, e a posição pós-verbal do *sujeito* são aspectos que levam à concordância não-padrão". "As estruturas não-padrão do português europeu falado são sensíveis às mesmas forças lingüísticas que caracterizam o português brasileiro". (VAREJÃO, 2006)

Duarte, Kato e Barbosa (2001) também constataram a não-aplicação da regra de concordância *sujeito-verbo*. Reportemo-nos ao texto: "Quanto à concordância com o argumento interno plural ou composto, o 'default' nas receitas portuguesas é usar concordância, mas encontraram-se, surpreendentemente, casos sem concordância".

O português europeu coloquial apresenta um elemento de concordância forte. "A regularidade de ocorrência do *sujeito* nulo mostra que o fenômeno não é ameaçado pela existência de formas homógrafas²², o que caracteriza um paradigma como funcionalmente rico". (DUARTE, s/d)

Em variedade não-padrão, excluídos os casos de concordância lógica e as construções com *sujeitos* complexos, a não-concordância *sujeito-verbo* no português europeu está circunscrita a contextos em que o constituinte se encontra em posição pós-verbal. (CARRILHO, 2007). Variação que, segundo Carrilho (2007), não enfraquece a uniformidade da relação de

²² As "formas homógrafas" (ou sincretismos nos termos de Roberts), às quais Duarte se refere, são as desinências de 3ª pessoa, usadas também para a 2ª pessoa indireta.

concordância *sujeito-verbo*. Relação "fundamental em línguas que, como o português europeu, apresentam morfologia verbal rica".

As imagens revelaram: enfraquecimento no paradigma flexional, para o português brasileiro; morfologia verbal suficientemente marcada capaz de garantir a identificação da pessoa gramatical, para o português europeu – embora haja VARIAÇÃO, que pode vir a constituir mudanças efetivas ou permanecer latente.

1.3 Finalizando

Apresentaram-se nesta seção os três tradicionais critérios utilizados para a definição/conceituação de *sujeito*, com o objetivo de: (i) reforçar que a ausência de uma definição incontroversa de *sujeito* apenas reforça a existência das múltiplas e diferentes "verdades"; (ii) ressaltar que, se por um lado, as imbricações sintáticas, semânticas e pragmático-discursivas não nos permitem a formulação de um conceito incontroverso, por outro lado, a identificação do *sujeito* não procede da sua conceituação; (iii) relacionar os três diferentes critérios às três importantes diferenças sintáticas entre o português brasileiro e português europeu.

Das diferenças que particularizam as duas variedades de língua, destacam-se, para o **português brasileiro**: orientação para o tópico; enfraquecimento da morfologia flexional e das relações de concordância; uso do pronome SE (fóssil). Para o **português europeu**: língua de *sujeito*; língua de concordância forte; língua em que o uso do "se" é muito recorrente para indeterminar o *sujeito*.

2 O OBJETO DE ESTUDO

Para fotografarmos a realização do *sujeito* na fala do português europeu - nosso objeto de estudo - valemo-nos de conhecimentos acumulados historicamente, em especial, da literatura gerativista e de estudos inscritos em diferentes perspectivas teóricas, que investigaram a realização desse fenômeno em línguas, tradicionalmente, classificadas como [+] e [-] *pro-drop*.

Da literatura gerativista, o parâmetro *pro-drop* nos serve de princípio investigativo. Dos estudos que descreveram a realização do *sujeito*, os resultados nos servirão de referência para uma análise comparativa.

2.1 Apresentando o parâmetro *pro-drop*

O parâmetro *pro-drop*, delineado em Chomsky (1981/1982), assume como um dos seus pressupostos "compatibilizar, de um lado, a hipótese de gramática universal inata e de outro, a diversidade das línguas existentes". Detalha-se: segundo a Teoria de Princípios e Parâmetros, quanto à realização do *sujeito*, as línguas dividem-se em dois grandes grupos: as que permitem uma categoria vazia nessa posição, portanto [+] *pro-drop*, e as que exigem *sujeito* foneticamente realizado, denominadas [-] *pro-drop*.

Mas o parâmetro *pro-drop* não se restringe à possibilidade (ou não) de *sujeito* pronominal vazio; ou seja, o que se convencionou nomear de "Parâmetro *pro-drop*" é um conjunto de propriedades correlacionadas, dentre as quais, além do *sujeito* pronominal vazio, incluem-se: inversão livre de *sujeito*; ausência aparente do efeito que-vestígio (that-trace effect); pronomes resumptivos vazios em orações encaixadas, e extracção longa do *sujeito*.

Se o parâmetro *pro-drop* é um conjunto de propriedades correlacionadas, por que os holofotes buscam sempre o *sujeito* pronominal vazio e a inversão livre?

No estudo em que se apresentou a formulação do parâmetro *pro-drop*, cuja obra ficou conhecida como Teoria da Regência e da Ligação (ou Teoria de Princípios e Parâmetros), Chomsky (1981/82) refere-se à inversão livre de *sujeito*, à ausência aparente do efeito que-vestígio (*that-trace effect*), aos pronomes resumptivos vazios em orações encaixadas e à extracção longa do *sujeito* como propriedades fundamentais, tradicionalmente associadas às línguas em que são permitidos *sujeitos* foneticamente nulos. Análises posteriores, entretanto, permitiram-lhe reduzir as propriedades específicas das línguas de *sujeito* nulo a dois únicos fenômenos²³: 1) possibilidade de omissão do *sujeito*; 2) inversão *sujeito-verbo*.

É, então, o *sujeito* nulo um fato do mundo moderno?

Não. Desde a tradição clássica, originada no mundo grego, reconhece-se a possibilidade de as línguas naturais permitirem que o *sujeito* esteja "subentendido", mas é em Chomsky (1981) que se apresenta o aparato teórico para explicar esse fenômeno.

Por que algumas línguas, como, por exemplo, o hebraico, o espanhol e o italiano - rotuladas como [+ *pro-drop* - permitem a não-realização fonética do *sujeito*, e outras, como, por exemplo, o francês e o inglês - denominadas [- *pro-drop* - bloqueiam essa opção?

Para a tradição gramatical, a elipse do *sujeito* sentencial está diretamente associada à morfologia verbal. Em outras palavras, a elipse do *sujeito* refere-se à omissão desse termo e à sua identificação pela morfologia verbal suficientemente marcada para indicar a pessoa do discurso.

Para os estudos de cunho gerativista, a conexão necessária entre "língua de *sujeito* nulo" e "caráter forte da flexão" subsidiou inicialmente a proposição apresentada por Chomsky (1981),

²³ "As outras propriedades seriam, no fundo, resultado do fato de o *sujeito* poder ocorrer numa posição pós-verbal em língua de *sujeito* nulo". (GONÇALVES, 1994).

mas estudos posteriores, como, por exemplo, Rizzi (1986), mostraram contra-exemplos empíricos: a) algumas instâncias de *pro* - não-argumental e quase-argumental²⁴ - podem aparecer em línguas de concordância fraca; b) há línguas, como, por exemplo, o chinês, em que *pro* referencial é possível, apesar de não existir qualquer concordância morfológica.

Então, já é ponto pacífico, dentre aqueles que se dedicam aos estudos da linguagem, a não vinculação necessária entre "língua de *sujeito* nulo" e "caráter morfológicamente rico da flexão?"

A resposta a essa pergunta também é "Não"; ou seja, a vinculação entre "*sujeito* nulo" e "caráter forte da concordância" ainda é um "poderoso" argumento em favor da proposta do parâmetro *pro-drop*. Os contra-exemplos (línguas sem concordância e com *sujeito* nulo) não invalidam a proposição, simplesmente a relativizam. Nas palavras de Figueiredo Silva (1996, p. 33): "Parece então que, se a riqueza morfológica do nóculo de concordância desempenha um papel fundamental na interpretação de *pro*, ela sozinha não pode determinar todas as suas ocorrências".

Jaeggli e Safir (1989), por exemplo, explicam *sujeito* nulo via "uniformidade morfológica"²⁵. Para esses autores, caso o paradigma seja morfológicamente uniforme, os argumentos nulos temáticos poderão ser identificados pelos traços de concordância, por um operador discursivo, ou ainda, por uma relação de controle.

Também no português brasileiro, em duas diferentes vertentes estão ancoradas as hipóteses que buscam explicar a crescente preferência pelo *sujeito* preenchido. A primeira, perfilhada por uma plêiade de estudiosos, dentre eles, Duarte (1993), associa *sujeito* nulo à morfologia verbal; a

²⁴ A noção de "QUASE-ARGUMENTAL" corresponde ao *sujeito* expletivo de verbos atmosféricos - temporais. Já "NÃO-ARGUMENTAL" refere-se ao expletivo que ocorre simultaneamente com frase extraposta ou SN pós-verbal. Exemplificam, respectivamente: 'Creio [que *pro* é tarde demais para partirmos]'; 'Creio [que *pro* é provável que ele chegue atrasado]', definições e exemplos retirados de Gonçalves (1994).

²⁵ A uniformidade morfológica é definida em Jaeggli e Safir da seguinte forma: "an inflectional paradigm P in a language L is morphologically uniform iff P has either only underived inflectional forms or only derived inflectional forms".

segunda hipótese, defendida por nomes como Negrão e Müller (1996), apresenta tese contrária: não há conexão necessária entre "preenchimento do *sujeito*" e "enfraquecimento da concordância verbal".

Embora os estudos sobre o português brasileiro não sejam conclusivos na identificação da correlação das propriedades do parâmetro, ao observar de que modo essas propriedades se manifestam no português europeu, faremos uma correlação entre as diferentes hipóteses que buscam explicar a preferência do português brasileiro pelo *sujeito* preenchido e as propriedades exibidas por uma língua que desfila "teoricamente" o clássico figurino *pro-drop*: o português europeu.

Por que esta pesquisa, que se inscreve no modelo teórico-metodológico da Variação e Mudança Lingüísticas, faz referência à Teoria de Princípios e Parâmetros?

Para apresentar, mesmo que sucintamente, alguns dos conceitos técnicos e operatórios que subsidiam essa abordagem da ciência, pois compõem essa mostra fotográfica imagens que revelaram a realização do *sujeito* em línguas [+] e [-] *pro-drop* à luz desse modelo teórico.

Por outro lado, se, dentre os estudos que investigam a realização do *sujeito* no português europeu, prevalece majoritariamente como aparato teórico a Teoria de Princípios e Parâmetros, por que usar outro enfoque?

Para fotografarmos o português europeu usando as mesmas lentes com as quais fotografamos o português brasileiro. Para Tarallo (1993): "só poderemos afirmar ou negar que a reversão ocorrida no quadro pronominal do português do Brasil teria também ocorrido no português europeu, se usarmos em ambas as variedades de língua o mesmo referencial teórico de análise".

Neste sentido, salientamos – conforme já mencionado – que, embora, a fixação do parâmetro *pro-drop* proposto por Chomsky nos sirva como princípio investigativo, não adotamos a teoria que o instituiu para a descrição e análise do nosso objeto de estudo.

2.2 Folheando o álbum: as fotografias do *sujeito*

Para a composição desta mostra fotográfica, reúnem-se estudos, cujas referências teóricas se inscrevem em diferentes perspectivas de análise; mas essa "colcha de retalhos", a nosso ver, não infringe "fronteiras" e/ou confunde limites, antes possibilitará atingir o nosso objetivo: verificar quais variáveis estão mais diretamente associadas ao preenchimento e ao apagamento do *sujeito* em línguas [+] e [-] *pro-drop*²⁶. Neste sentido, justifica-se a exposição, embora não ignoremos os riscos, quase que congênitos, quando se adota esta metodologia de apresentação.

2.2.1 O português brasileiro: o *sujeito* em diferentes tempos

No que se refere à alteração do quadro pronominal do português do Brasil, uma das primeiras fotografias é assinada por Fernando Tarallo (1983). Esse pesquisador investigou a gramática do português brasileiro, em um *corpus* que representa 250 anos de história.

²⁶ Quer em línguas de *sujeito* nulo, quer em línguas de *sujeito* preenchido há contextos em que a presença ou a ausência do *sujeito* em frases finitas não é opcional. As orações coordenadas correferentes, por exemplo, não parametrizam línguas, ou seja, são contextos de *sujeito* nulo, mesmo em língua de *sujeito* preenchido.

Das imagens reveladas por essa fotografia, destaca-se "a inversão entre as posições de *sujeito* e objeto direto": a curva²⁷ ascendente no número de *sujeitos* preenchidos é diametralmente oposta ao uso da categoria vazia na posição de objeto.

Para traçar a trajetória do *sujeito* no português do Brasil, Duarte (1993) também comparou diferentes épocas do português brasileiro. Mais especificamente, a pesquisadora utilizou dados colhidos em peças de teatro de cunho eminentemente popular, escritas nos séculos XIX e XX, que compreendem o período entre 1845 e 1992, buscando evidências que pudessem confirmar (ou não) a relação entre a crescente preferência pelo *sujeito* pronominal pleno e a redução nos paradigmas flexionais.

Detalha-se: foram analisadas 7 (sete) peças teatrais (1845, 1882, 1918, 1937, 1955, 1975 e 1992), perfazendo um total de 1.100 ocorrências de *sujeitos* (nulo ou pleno) com referência definida. Na análise dos dados foram excluídas as orações coordenadas com *sujeitos* correferentes, pois, segundo Duarte (1993), essas estruturas parecem constituir contexto universal para o uso do *sujeito* nulo.

Os resultados obtidos por Duarte apontaram nítida preferência pelo uso do *sujeito* nulo nos primeiros períodos examinados; ou seja, 1845, 1882 e 1918. A partir de 1918, porém, inicia-se uma queda significativa, que se acentua nos dois últimos períodos, acabando por praticamente inverter-se a frequência de *sujeitos* nulos e plenos no texto de 1992.

Duarte observa que a significativa redução no uso de *sujeito* nulo está intimamente relacionada à simplificação nos paradigmas flexionais. Para essa pesquisadora, o português do Brasil evoluiu de um sistema com seis formas distintivas, mais dois sincretismos – representados pela 2ª pessoa indireta, que utiliza as formas verbais de 3ª pessoa gramatical (Paradigma 1) – para

²⁷ O índice de *sujeitos* preenchidos passou de 23,3%, em 1725, para 65,6%, em 1982. A taxa percentual de objetos preenchidos caiu de 89,2%, em 1725, para 18,2%, em 1982

um paradigma que apresenta quatro formas, graças à neutralização entre "tu" e "você" (Paradigma 2)²⁸.

Os resultados mostraram que, enquanto funciona o paradigma 1 (1845, 1882 e 1918), há em torno de 75% de nítida preferência pelo uso do *sujeito* nulo. A partir de 1937, cai o uso da 2ª pessoa direta, entrando em vigor o paradigma 2. Nesse período, registra-se percentual um pouco acima de 50% para o uso do *sujeito* nulo. Nos dois últimos períodos (1975 e 1992), o uso do *sujeito* nulo apresenta uma acentuada queda a ponto de a freqüência estar abaixo de 30% em 1992 - nesse período, o paradigma 2 coexiste com o paradigma 3²⁹.

Constatou-se, também, que há um avançado estágio de mudança em direção ao preenchimento do *sujeito* pronominal nas 1ª e 2ª pessoas; resultados que contrastam com a 3ª pessoa. Os números demonstraram que a 3ª pessoa parece ser a única que não é afetada significativamente pela redução nos paradigmas flexionais.

Duarte relata que é a partir da segunda metade do século XX que se inicia uma ligeira tendência de queda do *sujeito* nulo em 3ª pessoa, mas a não-explicitação do *sujeito*, ainda, continua sendo a opção preferida. Lê-se em seu estudo de 1993: "De um lado temos os *sujeitos* de 1ª e 2ª pessoas representados cada vez mais freqüentemente pelo pronome lexical e de outro, o

²⁸ Segundo Duarte, o paradigma 2, restrito hoje à língua escrita e à fala de uma geração situada numa faixa etária mais alta, coexiste com um terceiro, em que se vêem apenas três formas, em consequência da competição entre "nós" e "a gente" para referência à segunda pessoa do plural (Paradigma 3).

Pessoa gramatical	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1ª pessoa	cant - o	cant - o	cant - o
2ª pessoa direta	canta - s	-	-
2ª pessoa indireta	canta - ø	canta - ø	canta - ø
3ª pessoa	canta - ø	canta - ø	canta - ø
1ª pessoa	canta - mos	canta - mos	canta - ø
2ª pessoa direta	canta - is	-	-
2ª pessoa indireta	canta - m	canta - m	canta - m
3ª pessoa	canta - m	canta - m	canta - m

sujeito de 3ª pessoa, aparentemente usufruindo da opção permitida às línguas *pro-drop*". (DUARTE, 1993, p. 115)

Os resultados evidenciaram que a redução no quadro de desinências verbais alterou as características de língua *pro-drop* que o português do Brasil apresentava antes de 1937. "[para o português do Brasil], a marcação negativa dentro do parâmetro *pro-drop*, coincide com a significativa redução ou simplificação nos paradigmas flexionais". (DUARTE, 1993, p.107).

Com uma câmera que foca imagens em tempo real, Polli da Silva (2005) fotografou o *sujeito* pronominal de 1ª e 2ª pessoas em um *corpus* com 19.980 ocorrências retiradas da revista Pato Donald³⁰. Dos resultados obtidos pelas análises dos dados, interessa-nos mencionar:

PESSOA GRAMATICAL – Embora se tenha constatado um aumento no número de *sujeitos* preenchidos, no decorrer dos cinquenta anos analisados (1953 a 2003/04), o índice de *sujeitos* nulos com as primeiras pessoas gramaticais canônicas³¹ mostrou-se muito expressivo (80%). Opõe-se a esse resultado o alto percentual de preenchimento do *sujeito* com os pronomes: "você, vocês e *a gente*";

TEMPO E MODO VERBAL – Em extremo opostos estão gerúndio e presente do indicativo: aquele como contexto em que o percentual de *sujeitos* preenchidos está acima dos 83%; este como contexto em que o percentual de *sujeitos* preenchidos não ultrapassa 25%;

SEXO E FAIXA ETÁRIA - 1) as personagens representantes dos sexos masculino e feminino usaram a regra variável na mesma proporção; 2) embora na classificação etária se tenha constatado uma leve tendência ao preenchimento pelas personagens representantes da

³⁰ Revista Pato Donald, edições de 1950, 1951, 1952, 1963, 1973, 1993, 2003 e 2004.

³¹ As primeiras pessoas gramaticais canônicas são: eu e nós.

classificação "crianças"³², os pesos relativos mantiveram-se muito próximos. Tais evidências atestam a não-seleção dessas variáveis pelo Programa Computacional Varbrul;

ANO DE PUBLICAÇÃO – Acreditava-se que, apesar de o texto escrito ser mais conservador, haveria um aumento no número de *sujeitos* preenchidos, hipótese que foi confirmada pela análise dos dados em tempo real.

Para visualizar, de forma mais panorâmica, os principais resultados das pesquisas mencionadas na subseção 2.2.1, exibem-se os quadros-síntese (1) e (2).

PORTUGUÊS BRASILEIRO: O *SUJEITO* EM DIFERENTES TEMPOS

Pesquisador: **TARALLO** (1983) - Variedade pesquisada: Português Brasileiro

<i>Sujeito</i> preenchido	Em 1725, 23,7%.	Em 1982, 65,6%
<i>Sujeito</i> nulo	Em 1725, 76,3%.	Em 1982, 34,4%

Pesquisadora: **DUARTE** (1993) - Variedade pesquisada: Português Brasileiro

<i>Sujeito</i> preenchido	1845, 1882 e 1918, em torno de 25%	Em 1992, mais de 70%
<i>Sujeito</i> nulo	1845/82 e 1918, em torno de 75%.	Em 1992, menos de 30%

Pesquisadora: **POLLI DA SILVA** (2005) - Variedade pesquisada: Revista Pato Donald³³

<i>Sujeito</i> preenchido	30% - Revista Pato Donald
<i>Sujeito</i> nulo	70% - Revista Pato Donald

(Quadro-síntese 1)

³² Para a classificação etária "criança" o peso relativo foi de 0.52.

³³ Segundo Polli da Silva (2005, p. 88): os números mostraram que, apesar de lenta, há uma tendência crescente de preenchimento, partindo do peso relativo 0.45 em 1950/52, que revela tendência à omissão do pronome *sujeito*, chegando a 0.58 em 2003/04. Há um acréscimo de 0.13 entre o ano inicial e o final, no sentido do preenchimento do *sujeito*.

ATUAÇÃO DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS E SOCIAIS

Pesquisadora: **DUARTE** (1993) - Variedade pesquisada: Português Brasileiro

Favorece o *sujeito* preenchido 1^a e 2^a pessoas

Favorece o *sujeito* nulo 3^a pessoa

Pesquisadora: **POLLI DA SILVA** (2005) - Revista Pato Donald

Favorece o *sujeito* preenchido Os pronomes: você, vocês e *a gente*; gerúndio; personagens representantes da classificação "crianças"; ano de publicação.

Favorece o *sujeito* nulo Os pronomes eu e nós; presente do indicativo; frases interrogativas e negativas; ano de publicação (edições mais antigas)

(Quadro-síntese 2)

2.2.2 A imagem do *sujeito* na escrita contemporânea do português brasileiro

Para fotografar a realização do *sujeito* na escrita carioca, Paredes da Silva (1991) optou por um *corpus* constituído por 70 cartas pessoais escritas por jovens (17 a 24 anos) e adultos (26 a 38 anos) de ambos os sexos. Os dados³⁴ empíricos analisados evidenciaram que há uma forte tendência à omissão na 1^a pessoa (77% de *sujeitos* nulos). Apresentando tendência contrária está a 2^a pessoa com 70% de *sujeitos* preenchidos.

³⁴ Estão inclusos nos 2.787 dados analisados por Paredes da Silva todos os pronomes de 1^a, 2^a e 3^a pessoas nas suas formas explícitas e implícitas.

Para Paredes da Silva (1991), a característica da não-obrigatoriedade de um *sujeito* lexicalizado no português brasileiro não pode ser atribuída igualmente a todas as pessoas gramaticais.

Das variáveis lingüístico-sociais analisadas por Paredes da Silva (1991), mencionaremos apenas aquelas que irão dialogar com os nossos resultados:

PARALELISMO - a 1ª e 3ª pessoas confirmaram as expectativas da pesquisadora: presença levando a presença, zero levando a zero.

A variável TIPO DE ORAÇÃO manifestou-se de forma diferente em cada pessoa gramatical. Em síntese, constatou-se uma tendência mais acentuada à omissão do *sujeito* de 1ª pessoa em orações principais.

CATEGORIA SEMÂNTICA - variável concernente apenas à 3ª pessoa – os resultados mostraram que o caráter [-] animado do referente afeta positivamente o uso do *sujeito* nulo.

Dentre as variáveis sociais, Paredes da Silva constatou que foram os jovens que mais fizeram uso do *sujeito*-lexical de 1ª pessoa.

2.2.3 A imagem do *sujeito* na fala do português brasileiro

Para clicar a realização variável do *sujeito* na fala do carioca, Lira (1982) compôs um *corpus* que atendia a quatro variáveis sociais: sexo, faixa etária, escolaridade e nível socioeconômico. As imagens captadas pelas lentes fotográficas dessa pesquisadora exibiram 56% de *sujeitos* preenchidos pelo uso do pronome, e 44% de *sujeitos* nulos.

Com o objetivo de observar o uso dos *sujeitos* pronominais e nulos, Lira (1988) ampliou o foco e fotografou a fala e a escrita cariocas. Para o estudo, selecionaram-se entrevistas e cartas

familiares. Detalha-se: para a linguagem falada, constituiu-se um *corpus* de entrevistas gravadas com cinco pessoas do sexo feminino, naturais do Rio de Janeiro, pertencentes à classe média alta e, para a língua escrita, cartas familiares³⁵ escritas por pessoas do sexo feminino, também naturais do Rio de Janeiro, pertencentes à classe média alta.

Lira (1988) avaliou a influência dos seguintes fatores lingüísticos na realização variável do *sujeito*: a) pessoa gramatical; b) tipo de oração; c) informação nova e não-nova (veiculada pelo *sujeito*); d) correferencialidade.

Dos grupos de fatores lingüísticos avaliados como mais significativos pela autora, faremos menção aos que posteriormente poderão ser comparados aos nossos resultados:

PESSOA GRAMATICAL - Tanto na modalidade escrita quanto na falada, a 2ª pessoa³⁶ lidera a freqüência de uso do *sujeito* preenchido. A 1ª pessoa apresenta uma particularidade: na escrita, tal forma aparece mais como *sujeito* nulo e, na fala, o índice de preenchimento supera o de não-preenchimento;

TIPO DE ORAÇÃO - Segundo Lira (1988), os contextos que ainda resistem à realização do *sujeito* pleno são as orações 2ªs coordenadas³⁷; e os que mais o propiciam são as orações relativas;

CORREFERENCIALIDADE - Observou-se que esse grupo de fatores exerce na modalidade oral e escrita a mesma influência: se o referente for o mesmo, inibirá a presença do *sujeito* preenchido; se for diferente, favorecerá o seu uso.

A fim de que se tenha uma amostragem numérica das ocorrências com *sujeitos* nulos e preenchidos - modalidades oral e escrita - apresentam-se os resultados: dos 1.515 dados obtidos

³⁵ Segundo Lira, a escolha das cartas familiares para integrar a amostra deve-se ao fato de essa modalidade escrita ser a que mais se aproxima da língua falada.

³⁶ Lê-se 2ª pessoa como "você". A forma "tu" não aparece no *corpus* dessa pesquisa.

³⁷ As orações 2ª coordenadas com *sujeitos* correferentes são contextos prototípicos de *sujeito* nulo.

na língua falada: 884 (58%) exibiram *sujeitos* preenchidos e 631 (42%) *sujeitos* nulos. Na escrita, a taxa de preenchimento foi de apenas 22%. Resultados que confirmaram as expectativas de Lira (1988): "os *sujeitos* são mais freqüentemente preenchidos na modalidade falada".

Em 1995, as lentes novamente se voltaram para a fala do carioca. Duarte, em sua tese de doutorado, analisou, com base em uma amostra sincrônica de língua falada produzida por indivíduos com formação superior, o comportamento do *sujeito* pronominal³⁸.

Duarte (1995) avaliou a variável dependente "*sujeito* nulo e pleno" em função dos seguintes possíveis fatores condicionadores: a) pessoa gramatical e desinência verbal; b) estrutura da oração e seu estatuto sintático dentro do período – integração das categorias funcionais relacionadas a propriedades morfológicas; c) posição do referente do *sujeito* – em orações encaixadas e contextos iniciais; d) traço do referente de terceira pessoa – [+] e [-] animado; e) duplo *sujeito*. Compõem as células sociais: a) o sexo do informante; b) o papel do indivíduo dentro do grupo; c) a faixa etária.

Para a pesquisadora, dos fatores sociais considerados, tem importância fundamental a faixa etária dos informantes "por ter sido levada em conta na apresentação dos condicionamentos lingüísticos à realização do *sujeito* e servir para mostrar o progresso da mudança".

Com relação a essa pesquisa de Duarte, abre-se, ainda, um parêntese para esclarecer que os dados analisados se ocuparam da posição de *sujeito* - referência definida e arbitrária - em sentenças com tempo.

Os resultados da análise variacionista obtidos por Duarte (1995) permitiram revelar que o português brasileiro perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de *sujeito* nulo por força do

³⁸ Convém mencionar que os resultados encontrados na amostra da fala de universitários foram comparados aos encontrados em um material proveniente de duas horas de gravação de entrevistas de rádio e duas de entrevistas veiculadas pela TV.

enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia de *sujeito* em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente "rica" para tal processo.

Embora os resultados apontem que o enfraquecimento da concordância verbal seja responsável pelo uso do pronome-*sujeito*, segundo a autora, não se pode falar em mudança concluída: "o português brasileiro convive com um sistema agonizante, em que ainda se refletem as características *pro-drop*, e um sistema em desenvolvimento em que a 'riqueza funcional' perdida já não permite a identificação de *pro*". (DUARTE, 1995, p. 141)

Segundo Duarte (1995), os contextos em que a mudança se revela mais prontamente são os de 1ª e 2ª pessoas. E são os mais resistentes os de 3ª pessoa. Resultados que corroboram o seu estudo de 1993. Quanto às orações, as relativas representam o contexto sintático em que a mudança do português brasileiro está mais avançada. Resistem ao avanço do *sujeito* pleno as orações encaixadas completivas e adjuntas com *sujeitos* correferentes. Acrescentam-se a esses contextos os fatores coadjuvantes "tempo verbal"³⁹ e "elementos clíticos antepostos ao verbo"⁴⁰, retardando ou promovendo a mudança rumo ao *sujeito* preenchido.

No que se refere aos fatores sociais, a análise dos dados propiciou a Duarte (1995, p. 142) o seguinte resultado: "Há uma evolução gradual e constante liderada pelos jovens e pelas mulheres, em direção ao *sujeito* lexical".

A negação do "Princípio Evite o Pronome" ainda se traduz muito claramente pela entrada da construção do DUPLO *SUJEITO* que, nas palavras dessa pesquisadora (1995 p.113): "além de sinalizar o gradativo, mas já adiantado, processo de gramaticalização da flexão enfraquecida,

³⁹ Diferentemente dos tempos do subjuntivo, o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o presente favoreceram o uso de *sujeito* nulo.

⁴⁰ "Um outro fator interno à sentença que se mostrou um contexto de resistência do *sujeito* nulo foi a presença de elementos entre *Spec* de *IP* e *I'*. Trata-se da negação, de pronomes clíticos e advérbios". (Duarte, 1995, p. 73)

anuncia o afastamento do PB do grupo de línguas de *sujeito* nulo licenciado por Agr⁴¹, ao exibir uma estrutura que essas línguas não exibem".

Se na língua falada, o português brasileiro tem preenchido o *sujeito*, na língua escrita mantém-se (ou tenta manter-se) um paradigma verbal funcionalmente rico? As respostas dadas pelos jovens universitários a um teste informal feito por Duarte em 1995 indicaram que "sim": "[o *sujeito* nulo] 'é pra quando *a gente* escreve' e [o *sujeito* pleno] 'é pra quando *a gente* fala'". Porém, Duarte (1995, p. 143) observou que "a língua escrita [que os universitários produzem] já se revela 'contaminada' pelas mudanças efetivadas na língua oral". Essa constatação vai ao encontro das conclusões de Paredes da Silva (1991), como vimos em 2.2.2.

As imagens captadas por Duarte revelaram que:

O português brasileiro perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de *sujeito* nulo por força do enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia *sujeito* em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente rica para tal processo. (DUARTE 1995, p. 141)

A fala de Alagoas também compõe a nossa mostra. Fotografada por Cavalcante em 2001, a imagem captou a realização do *sujeito* pronominal em tempo aparente. Os baixos índices de apagamento do *sujeito*, encontrados no *corpus* constituído por informantes moradores da capital e do interior do referido estado, ratificaram a hipótese inicial dessa pesquisadora: os alagoanos preferem o *sujeito* preenchido à elipse pronominal.

Posicionou-se a câmera, ajustou-se o foco, e a realização do *sujeito* na fala do londrinense foi fotografada, em 2002, por Laperuta. Produziu-se uma imagem cujo conteúdo confirma a hipótese: o português brasileiro está passando por um processo de mudança no que se refere à sintaxe pronominal.

⁴¹ Agr (do inglês *agreement*). Usado para morfologia de concordância.

Assim como outros estudos já revelaram, constatou-se que a realização plena do *sujeito* está associada a contextos lingüísticos que o propiciam: 2ª pessoa gramatical, oração subordinada, traço [+] animado do referente - ou que ainda o retardam: 3ª pessoa gramatical e pretérito perfeito do indicativo.

Em favor da mudança, apresentaram-se, segundo Laperuta, duas fortes evidências: 1) o alto índice de *sujeitos* preenchidos em orações 2ª coordenadas; 2) o expressivo número de *sujeitos* preenchidos em respostas curtas⁴². "Há uma forte tendência à perda da propriedade de *sujeito* nulo na fala do londrinense". (LAPERUTA, 2002)

Com o objetivo de examinar a possível implementação da mudança em direção ao *sujeito* foneticamente realizado e seu encaixamento no sistema lingüístico, Duarte (2003) analisou duas amostras da fala carioca, separadas, cronologicamente, por um intervalo de mais ou menos dezenove anos.

Os percentuais de preenchimento, quer no estudo "TIPO PAINEL", quer no estudo "TIPO TENDÊNCIA"⁴³ giraram em torno de 80%⁴⁴. "[Há] uma certa estabilidade no comportamento do indivíduo e da comunidade, no que se refere a esse processo nos últimos dezenove anos". (DUARTE, 2003)

Dos fatores estruturais analisados por Duarte (2003): a) estrutura inicial sem conectivos e adjuntos; b) referente sintaticamente acessível e com traço [-] animado; c) presença de conjunções subordinativas, relativos, e adjuntos; d) presença de elementos adjuntos ao *sujeito*

⁴² Para exemplificar, transcreve-se: - "A senhora casou cedo?" - "Eu casei com dezoito anos" (LAPERUTA, 2002, p. 100).

⁴³ O estudo tipo *painel* examina o desempenho do indivíduo em dois momentos distintos. O estudo tipo *tendência* investiga duas amostras de fala da mesma comunidade, coletadas, também, em dois momentos distintos. Em ambos os estudos a mudança lingüística é analisada em tempo real.

⁴⁴ No estudo tipo *painel*, as amostras de 1980 e 2000 exibem, respectivamente, 78% e 80% de *sujeitos* pronominais preenchidos. No estudo tipo *tendência*, o percentual de *sujeitos* preenchidos em ambas as amostras é de 80%.

(topicalizações e adjuntos adverbiais); e) traço semântico [+] animado – apenas os dois⁴⁵ primeiros constituem contextos que ainda retardam a mudança. Mas a fotografia exhibe ainda outras nuances: a) preferência por formas pronominais plenas para a expressão do *sujeito* indeterminado⁴⁶; b) recorrência de estruturas com *sujeitos* deslocados à esquerda. Evidências do encaixamento da mudança. (DUARTE, 2003)

Para representar o interior do Centro-Oeste brasileiro, selecionaram-se, para compor esta mostra, imagens reveladas por Carvalho (2005). O cenário que emoldura a fotografia da realização do *sujeito* na fala do araguaense compreende duas cidades e dois estados⁴⁷ – Santa Rita do Araguaia e Alto Araguaia – Goiás e Mato Grosso, respectivamente.

Estabelecidas as variáveis sociais (sexo, faixa etária e escolaridade⁴⁸), constituiu-se um *corpus* com 24 entrevistas feitas com araguaenses natos ou que chegaram à comunidade com até 7 anos de idade. Interseccionou-se o social aos seguintes fatores lingüísticos: a) animacidade do referente, b) correferencialidade c) pessoa gramatical, d) forma verbal, e) tipo de oração.

No cômputo geral, os dados coletados por Carvalho (2005) perfizeram o total de 2.384 ocorrências. Desse total, 1.944 (81%) são de *sujeitos* específicos e 440 (19%) são de *sujeitos* genéricos. Se se observam juntas as referências, têm-se 72% de *sujeitos* preenchidos e 28% de *sujeitos* nulos. Em separado, o percentual de preenchimento com *sujeitos* específicos⁴⁹ e genéricos⁵⁰ foi de 70% e 79%, respectivamente.

⁴⁵ Letras (a) e (b).

⁴⁶ Da literatura que versa sobre o assunto, remeto o leitor interessado a: TARALLO, F. Formas de indeterminação do *sujeito*: em busca do discurso via marcadores sociolingüísticos. In: ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. Vozes e Contrastes: discurso na cidade e no campo. São Paulo: Cortez, 1989, p. 78-109.

⁴⁷ As duas cidades (que pertencem a dois estados), separadas por uma ponte de cimento armado, constituem uma mesma comunidade de fala.

⁴⁸ As variáveis "escolaridade" e "faixa etária" não foram apontadas como relevantes pela análise multivariada, portanto, não serão comentadas.

⁴⁹ Detalhadamente: 57% de pronome-*sujeito*, 13% de SNs anafóricos, 30% de *sujeitos* nulos.

⁵⁰ Com *sujeito* de referência genérica, o índice de *sujeitos* pronominais foi de 66%.

Tanto no que se refere ao *sujeito* de referência específica, quanto ao de referência genérica, os resultados da análise dos dados mostraram que há contextos que favorecem e outros que, "heroicamente", tentam retardar a mudança rumo ao *sujeito* preenchido. Dentre os contextos, que se revelaram implementadores e os que se mostraram resistentes à mudança, citam-se:

CORREFERENCIALIDADE - Quer para o *sujeito* de referência específica, quer para o *sujeito* de referência genérica, essa variável foi apontada pelo Programa Computacional Varbrul como a mais significativa para o fenômeno em estudo. Quando não-correferentes, o índice de preenchimento foi de 85%, com *sujeito* de referência específica, e 89%, com *sujeito* de referência genérica. Quando correferentes, o índice de preenchimento foi de 55%, com *sujeito* de referência específica, e 65%, com genérico.

Ao cruzar "correferencialidade X forma nominal infinitivo", os resultados foram surpreendentes, não pelo percentual de ocorrências (27% de pronomes-*sujeito*) - que se comparado a outros contextos implementadores da mudança ainda é baixo, mas pelo fato de: (i) ocorrerem *sujeitos* preenchidos em contextos não previstos pelas prescrições normativas; (ii) não ocorrerem casos de infinito flexionado⁵¹ - evidências de uma morfologia verbal enfraquecida.

TIPO DE ORAÇÃO - Com o *sujeito* de referência específica, a oração principal exibe o maior índice percentual de preenchimento pelo uso do pronome. Quando a referência é genérica, a oração relativa se destaca quanto ao uso do pronome-*sujeito*. Apresentam-se como as mais resistentes ao preenchimento as orações independentes (com *sujeito* de referência específica) e as orações 2ª coordenadas (com o *sujeito* de referência genérica);

⁵¹ Segundo Carvalho (2005), no *corpus*, todas as ocorrências com infinitivo são pessoais; portanto deveriam, teoricamente, exibir marca da flexão (quando plurais).

FORMA VERBAL - Com o *sujeito* de referência específica, o futuro do subjuntivo favorece o preenchimento. Quando a referência é genérica, o tempo verbal que se associa mais fortemente ao pronome-*sujeito* é o presente do indicativo;

PESSOA GRAMATICAL - Os resultados apontaram: (i) as formas inovadoras "você" e "a gente" como as que mais preenchem a casa do *sujeito*; (ii) as 3ª pessoas como as mais resistentes ao uso do *sujeito* pronominal;

ANIMACIDADE DO REFERENTE - O caráter [+] animado do referente afeta positivamente o uso do pronome-*sujeito*; diferentemente, o pronome é muito pouco usado quando o caráter do referente é [-] animado;

SEXO - Com referência específica, as mulheres lideram a mudança rumo ao *sujeito* lexical. Com referência genérica, essa variável não se mostrou significativa, ou seja, homens e mulheres usaram a regra de preenchimento do *sujeito*, quase que na mesma proporção: 78% e 79%. Em outras palavras, os altos percentuais de preenchimento mostram que homens e mulheres recorrem predominantemente ao pronome para indeterminar o *sujeito*.

O expressivo índice de *sujeitos* preenchidos na fala do araguiense confirmou as expectativas da pesquisadora: o português brasileiro apresenta um adiantadíssimo processo de mudança em curso.

Focalizando *sujeito* anafórico de 3ª pessoa, Bravin dos Santos (2006) captou imagens em tempo real de curta duração em amostras da fala culta do Rio de Janeiro, gravadas nas décadas de 70 e 90. Dessas amostras resultaram dois estudos: "TIPO PAINEL" e "TIPO TENDÊNCIA". Os resultados desse último confirmaram para a 3ª pessoa, o rótulo de "contexto de resistência". Especificamente, 44% de *sujeitos* nulos em 3ª pessoa, na década de 70, e 37%, na década de 90.

Com relação à atuação dos grupos de fatores, estes foram os principais resultados encontrados no estudo "TIPO TENDÊNCIA":

ANIMACIDADE DO REFERENTE - Quer para a década de 70, quer para a de 90, essa variável foi apontada pelo Programa Computacional Varbrul como significativa para o comportamento do *sujeito* anafórico de 3ª pessoa. A atuação da hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000) pode ser constatada nos resultados obtidos por Bravin dos Santos: o traço [-animado] do referente favorece o uso de *sujeitos* nulos (76%, na década de 70, e 61%, na de 90);

ACESSIBILIDADE DO REFERENTE - Os resultados confirmaram as expectativas de Bravin dos Santos (2006): em contextos em que o antecedente se encontra acessível, a preferência de uso recai sobre o *sujeito* nulo;

VERBO *SER* X OUTROS VERBOS - Comparadas as duas amostras, o aumento no índice de *sujeitos* nulos de uma década para outra confirmou que as construções com o verbo "ser" estão entre aquelas que mais abrigam a expressão vazia do *sujeito*.

FAIXA ETÁRIA - no tocante à 3ª pessoa, os números apontaram um quadro muito indefinido. Em uma primeira amostragem numérica, o maior índice percentual de *sujeitos* nulos foi registrado entre os falantes mais jovens. Tal resultado levou Bravin dos Santos a comparar os índices de *sujeitos* não-preenchidos nas duas diferentes amostras.

Para a década de 70, os resultados mostraram que os mais velhos usavam menos *sujeitos* nulos. Para a década de 90, nas palavras da autora: "evidencia-se um comportamento mais equilibrado na passagem de uma faixa etária a outra, num patamar bem abaixo dos 50%⁵²".

Acreditando que a expressiva taxa de *sujeitos* nulos na fala dos mais jovens estivesse relacionada às estruturas com verbo "ser" - contexto considerado resistente ao uso do *sujeito* preenchido, Bravin dos Santos fez novo cruzamento: "faixa etária x grupo de verbos". Os

⁵² Para a 1ª, 2ª e 3ª faixas etárias, os pesos relativos encontrados por Bravin dos Santos foram: 0.50, 0.49, 0.50, respectivamente.

resultados desse novo cruzamento, de certa forma, frustraram as expectativas, pois a maior concentração de *sujeitos* nulos em estruturas com o verbo "ser" foi detectada entre os falantes que pertencem à segunda faixa etária: reflexos que caracterizam a singularidade da 3ª pessoa gramatical no processo de mudança;

Ao alinhar as fotos reveladas separadamente pelos diferentes grupos de fatores, chegou-se à seguinte conclusão:

Quanto à comunidade, nota-se uma notável estabilidade no período, atestada não só na aplicação da regra, mas nos fatores selecionados para ambas as sincronias [...]. A distância entre os pesos relativos obtidos para os fatores em cada grupo, entretanto, diminui na segunda sincronia, o que sugere que sua força pode estar se reduzindo. (BRAVIN DOS SANTOS, 2006, p. 08)

Relembramos que as imagens em tempo real de curta duração, captadas por Bravin dos Santos, foram reveladas em dois estudos: "TIPO TENDÊNCIA" (já mencionado) e "TIPO PAINEL"⁵³. É sobre esse último que passaremos a discorrer.

Ao computar separadamente "*sujeito* nulo" e "pronome", os índices percentuais mostraram que há uma acirrada competição entre as duas formas: 42% de *sujeitos* nulos contra 49% de pronomes-*sujeito*⁵⁴. Porém, se se comparam as duas amostras, na de 90, constata-se um lento, mas gradativo aumento no número de *sujeitos* preenchidos, embora isso não signifique afirmar que haja uniformidade na fala dos informantes.

Apesar de a faixa etária mais jovem ter apresentado taxas de preenchimento mais regulares, segundo Bravin dos Santos, o movimento lingüístico do *sujeito* nulo de 3ª pessoa é, na fala do carioca, marcado por equilíbrio e desequilíbrio. Essas evidências reforçam, para a 3ª pessoa, o título de "contexto de resistência".

⁵³ Para o estudo de "Painel", usou-se o grupo "Identificação do Informante", com códigos que especificavam quais entrevistas foram feitas na década de 70, e quais compõem, na década de 90, a amostra do recontacto com os mesmos indivíduos.

⁵⁴ No cômputo geral, foram 42% de *sujeitos* nulos, 49% de *sujeitos* preenchidos pelo uso do pronome e 9% de *sujeitos* preenchidos por SNs (sintagmas nominais).

Os principais resultados das pesquisas mencionadas nas subseções 2.2.2 e 2.2.3 serão apresentados nos quadros-síntese (3), (4), (5) e (6).

O SUJEITO NA ESCRITA CONTEMPORÂNEA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Pesquisadora: **LIRA** (1988) - Variedade pesquisada: Escrita Carioca

Sujeito preenchido 22%

Sujeito nulo 78%

Pesquisadora: **PAREDES DA SILVA** - (1991) - Variedade pesquisada: Escrita Carioca

Sujeito preenchido 23% com a primeira pessoa; 70% com a segunda pessoa

Sujeito nulo 77% com a primeira pessoa; 30% com a segunda pessoa

(Quadro-síntese 3)

VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS E SOCIAIS NA ESCRITA CONTEMPORÂNEA DO PB

Pesquisadora: **LIRA** (1988) - Variedade pesquisada: Escrita Carioca

Favorece o *sujeito* preenchido 2ª pessoa; *sujeitos* não correferentes

Favorece o *sujeito* nulo 1ª pessoa; correferencialidade

Pesquisador: **PAREDES DA SILVA** - (1991) - Variedade pesquisada: Escrita Carioca

Favorece o *sujeito* preenchido 2ª pessoa; ênfase; idade (os mais jovens)

Favorece o *sujeito* nulo 1ª pessoa; menção prévia; oração principal (1ª pessoa); o traço [-] animado do referente

(Quadro-síntese 4)

A IMAGEM DO *SUJEITO* NA FALA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

LIRA (1982) - Fala Carioca: *sujeito* preenchido 56%; *sujeito* nulo 44%

LIRA (1988) - Fala Carioca: *sujeito* preenchido 58%; *sujeito* nulo 42%

DUARTE (1995) - Fala Carioca (universitários): *sujeito* preenchido 71% definido; 65% arbitrário; *sujeito* nulo 29% definido; 35% arbitrário

CAVALCANTE (2001) - Fala Alagoana: *sujeito* preenchido 69%; *sujeito* nulo 31%

LAPERUTA (2002) - Fala Londrinense: *sujeito* preenchido 63% definido; 77% arbitrário; *sujeito* nulo 37% definido; 23% arbitrário

DUARTE (2003) - Fala Carioca: em torno de 80% de *sujeito* preenchido.

CARVALHO (2005) - Fala Araguaense: *sujeito* preenchido 70% definido; 79% arbitrário; *sujeito* nulo 30% definido; 21% arbitrário

BRAVIN DOS SANTOS (2006) - Fala Carioca - (somente 3ª pessoa)

Estudo estilo "Tendência": *sujeito* preenchido: 56% e 63% - décadas de 70 e 90, respectivamente. *Sujeito* nulo: 44% e 37% - décadas de 70 e 90, respectivamente.

Estudo estilo "Painel": 49% de *sujeitos* pronominais⁵⁵ e 42% de *sujeitos* nulos

(Quadro-síntese 5)

⁵⁵ No cômputo geral foram 42% de *sujeitos* nulos, 49% de *sujeitos* preenchidos pelo uso de pronome e 9% de *sujeitos* preenchidos por SNs (sintagmas nominais).

**ATUAÇÃO DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS E SOCIAIS NA FALA DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

LIRA (1982) - Variedade pesquisada: Fala Carioca

Favorece o *sujeito* preenchido 1ª e 2ª pessoas

Favorece o *sujeito* nulo 3ª pessoa singular e plural

LIRA (1988) - Variedade pesquisada: Fala Carioca

Favorece o *sujeito* preenchido 2ª pessoa; oração relativa; outro referente

Favorece o *sujeito* nulo Oração 2ª coordenada; mesmo referente

DUARTE (1995) - Variedade pesquisada: Fala Carioca (universitários)

Favorece o *sujeito* preenchido 1ª e 2ª pessoas; oração relativa; os tempos do modo subjuntivo; mais jovens; mulheres.

Favorece o *sujeito* nulo 3ª pessoa; orações completivas e adjuntas com *sujeitos* correferentes; pretérito perfeito; elementos clíticos antepostos ao verbo; mais velhos; homens.

LAPERUTA (2002) - Variedade pesquisada: Fala Londrinense

Favorece o *sujeito* preenchido 2ª pessoa do singular; oração relativa; imperfeito do indicativo; verbos "ser" e "estar"; traço [+] animado do referente; mais velhos; homens; menos escolaridade.

Favorece o *sujeito* nulo 3ª pessoa gramatical; pretérito perfeito; 2ª coordenada; verbos com apenas um argumento; traço [-] animado do referente; mais jovens; mulheres; mais escolaridade

DUARTE (2003) - Variedade pesquisada: Fala Carioca

Favorece o *sujeito* preenchido Elementos adjuntos ao *sujeito*; conjunções subordinativas, relativos e adjuntos; o traço semântico [+] animado do referente; indivíduos com formação escolar mais elevada.

Favorece o Sujeito nulo Estrutura inicial sem conectivos e adjuntos; referente sintaticamente acessível com o traço [-] animado do referente; leve favorecimento à supressão do *sujeito* pela faixa mais velha nas duas amostras e pelo grupo mais jovem na amostra do ano 2000.

CARVALHO (2005) - Variedade pesquisada: Fala Araguaense

Favorece o *sujeito* preenchido Os pronomes "você" e "*a gente*"; o traço [+] animado do referente; oração principal; oração relativa; presente do indicativo; futuro do subjuntivo; jovens; mulheres.

Favorece o *sujeito* nulo 3^{as} pessoas; oração independente; oração 2^a coordenada; o traço [-] animado do referente.

BRAVIN DOS SANTOS (2006) - Variedade pesquisada: Fala Carioca (3^a pessoa)

Favorece o *sujeito* preenchido O traço [+] animado; antecedente não acessível; presença⁵⁶ de elementos adjuntos a IP.

Favorece o *sujeito* nulo O traço [-] animado do referente; acessibilidade do referente; verbo "ser"; ausência de adjuntos.

(Quadro-síntese 6)

⁵⁶ Presença de elementos adjuntos a IP – variável significativa apenas para a década de 90.

2.2.4 Folheando o álbum: estudos comparativos

As estratégias de indeterminação do *sujeito* no português brasileiro recaem preferencialmente sobre formas pronominais nominativas⁵⁷. No português europeu, a opção é pela partícula "se". Em sentenças infinitivas, o *sujeito* nulo é muito recorrente para indeterminar o *sujeito*, quer no português brasileiro, quer no português europeu (DUARTE, KATO E BARBOSA, 2001).

Para delinear o contraste entre o espanhol e o português do Brasil, Alves-Silva (2004), usando a "lente" da Gramática Sistemico-Funcional, buscou revelar características da presença ou elisão de *sujeitos* e objetos em ambos os idiomas. Para proceder à investigação, constituíram-se dois *corpora*: **para o espanhol**, analisaram-se tiras, extraídas de diferentes trechos do livro "Toda Mafalda" (personagem argentina criada por Quino em 1963) das quais depreenderam-se 29.904 palavras; **para o português do Brasil**, analisou-se a tradução do original argentino, com 29.438 palavras.

Os resultados da pesquisa apontaram o espanhol como língua [+] *pro-drop* e o português brasileiro como [-] *pro-drop*. Para fornecer maiores detalhes, transcrevem-se duas das questões de pesquisa formuladas por Alves-Silva (2004): 1) como se realiza o *sujeito* nos *corpora*?; 2) quanto ao aparecimento ou omissão dos pronomes pessoais, como se comporta a "REFERÊNCIA"⁵⁸ nos dois idiomas?

Perguntas que obtiveram as seguintes respostas: 1) a realização do *sujeito* é marcada em espanhol por elipses, e, no português brasileiro, por pronomes pessoais retos; 2) quanto à "REFERÊNCIA", as tiras traduzidas para o português brasileiro apresentam quatro mecanismos

⁵⁷ Especialmente o pronome "você".

⁵⁸ Segundo Alves-Silva (2004, p. 40), apesar de o conceito de REFERÊNCIA associar-se a diferentes elementos textuais, a pesquisa só analisou os que estivessem representados por pronomes ou elipses, quer *sujeito*, quer objeto.

que as distanciam do texto original: a) omissão do pronome-objeto átono; b) mudança de estrutura; c) substituição do pronome-objeto átono por um tônico; d) manutenção do pronome-objeto átono.

No que se refere à frequência de uso da forma de tratamento "você"⁵⁹ na função de *sujeito*, a discrepância de número de ocorrências marca explicitamente outra diferença entre os dois idiomas: 114 para o espanhol contra 372 para o português brasileiro - aumento, para esse último, de aproximadamente 227%.

O aumento de todas as formas pronominais de *sujeito* e a diminuição de todas que representam objetos parecem indicar uma mudança mais profunda quanto à característica *pro-drop* do português (pelo menos da variante brasileira dessa língua). (ALVES-SILVA, 2004, p. 120).

Com o intuito de observar se a tradução interfere na realização do *sujeito* pronominal, Polli da Silva (2005)⁶⁰ comparou duas diferentes imagens: "Mônica 1973 x Pato Donald 1973"⁶¹. Com esse ensaio comparativo, chegou-se à conclusão de que a revista Pato Donald exibe um comportamento mais conservador: a opção, ainda que não categórica, é pelo *sujeito* nulo.

Soares da Silva analisou em 2006 a representação do *sujeito* pronominal no espanhol peninsular e no americano (variedades de Madri e Buenos Aires, respectivamente). O objetivo do pesquisador era revelar as fotografias dessas variedades do espanhol, para compará-las às já reveladas para o português europeu e brasileiro.

Para a análise do espanhol, os dados foram coletados do *Macrocorpus de la norma lingüística culta de las principales ciudades de España y América*, o qual reúne entrevistas,

⁵⁹ No espanhol, "vos" corresponde ao pronome "você".

⁶⁰ O trabalho que compara as revistas Donald e Mônica faz parte da dissertação de mestrado de Polli da Silva. Pelo fato de a dissertação reunir duas diferentes pesquisas, optou-se por mencioná-las separadamente.

⁶¹ Mônica, personagem genuinamente brasileira. Donald, personagem criada, em 1933, por Carl Barks, um dos maiores colaboradores da Disney

gravadas na década de 70, feitas com informantes de doze cidades⁶². Desse *Macrocorpus* selecionaram-se duas amostras: uma da variedade europeia (Madri) e outra da variedade americana (Buenos Aires), que juntas perfizeram um total de 28 entrevistas.

Para a pesquisa, formularam-se as seguintes hipóteses: 1) há na fala culta de Buenos Aires, quando comparada à de Madri, em decorrência de um quadro flexional com menos desinências distintivas, um maior número de *sujeitos* preenchidos; 2) o traço [-] animado do referente não permite a sua realização como *sujeito* pronominal.

Com relação à hipótese de que haveria na variedade americana (fala de Buenos Aires) um maior número de *sujeitos* preenchidos, os resultados da análise variacionista frustraram as expectativas: há mais semelhanças do que diferenças – os índices de *sujeitos* nulos são quase idênticos. No que se refere à categoria semântica do *sujeito*, a não-ocorrência de dados que trouxessem o *sujeito* [-] animado representado por pronomes confirmou a hipótese de pesquisa.

Das variáveis lingüísticas analisadas, o pacote computacional VARBRUL selecionou como relevantes, para a fala de Madri: a) pessoa gramatical; b) condição de referência; c) oração declarativa x interrogativa; d) faixa etária do informante; e) elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo; f) forma verbal.

Para a fala de Buenos Aires, foram selecionadas: a) condição de referência; b) pessoa gramatical; c) faixa etária do informante; d) elementos entre o sintagma complementador e o flexional; e) elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo; f) função sintática da oração; g) estrutura do sintagma complementador; h) desinência número-pessoal; i) gênero do informante.

⁶² Das doze cidades que compõem a amostra da fala culta do espanhol, nove estão localizadas na América (Buenos Aires, Caracas, Cidade do México, La Paz, Lima, San José de Costa Rica, San Juan de Porto Rico, Santafé de Bogotá e Santiago do Chile), e três na Europa (La Palmas de Gran Canária, Madri e Sevilha).

Dos grupos de fatores apontados como significativos pela análise multivariada, restringimo-nos àqueles cujos resultados dialogam com a nossa pesquisa:

PESSOA GRAMATICAL - Os resultados nas duas variedades analisadas são semelhantes, com *usted(es)* desfavorecendo o *sujeito* nulo.

CONDIÇÕES DE REFERÊNCIA - Os dois primeiros padrões (A e B)⁶³ favorecem o uso de *sujeitos* nulos, e, os dois últimos (C e D)⁶⁴ favorecem o uso de *sujeitos* preenchidos. Com relação a esse resultado, abre-se um parêntese: quando se observam separadamente as duas variedades, os casos de preenchimento nos padrões "A" e "B" indicam que, em Madri, há uma distribuição complementar (as ocorrências de preenchimento nesses dois padrões expressam ênfase, contraste ou individualização). Diferentemente, os casos de variação entre *sujeito* nulo e pleno em todos os padrões analisados indicam que, em Buenos Aires, a aplicação da regra "*sujeito* nulo" é menos estável⁶⁵;

FORMA VERBAL - Acreditava-se que os resultados obtidos pela análise dos dados mostrassem a correlação entre "tempos verbais com mais oposições flexivas" e "*sujeito* nulo". Depôs-se o mito: o tempo e o modo verbal são irrelevantes nas duas variedades;

FUNÇÃO SINTÁTICA DA ORAÇÃO - Em Buenos Aires, as orações relativas⁶⁶ afetaram positivamente o uso de *sujeitos* preenchidos, mas isso não significa afirmar que nesse contexto o número de preenchimento seja superior ao de não-preenchimento.

⁶³ PADRÃO "A" (o antecedente do pronome é o *sujeito* da oração principal ou matriz – o *sujeito* e seu antecedente estão na mesma sentença); PADRÃO "B" (o antecedente do pronome em análise é o *sujeito* da oração anterior – em outra sentença).

⁶⁴ PADRÃO "C" (o antecedente está na oração anterior, mas com outra função); PADRÃO "D" (O antecedente, assim como o termo em análise, exerce a função de *sujeito*, mas há uma ou mais orações entre ele e seu antecedente).

⁶⁵ Nas palavras de Soares da Silva (2006, p. 108) "[...] a fala culta de Madri está mais próxima do que seria uma língua de *sujeito* nulo prototípica do que a de Buenos Aires, que se mostrou menos estável".

⁶⁶ Segundo Duarte (1995), o preenchimento do *sujeito* em orações relativas serve para não deixar ambígua a função sintática do pronome relativo.

Ao comparar as fotografias reveladas por essas duas variedades do espanhol às já reveladas para o português europeu, Soares da Silva concluiu:

O português europeu apresenta, embora com um índice de apenas 6%, *sujeitos* plenos com o traço [-animado]. Além disso, o *sujeito* pleno é preferido em pelo menos um contexto: nas orações relativas (com *sujeito* de 1ª e 3ª pessoas). Essas diferenças indicam que o português europeu exibe as propriedades das línguas de *sujeito* nulo com menos intensidade que as duas variedades do espanhol analisadas neste trabalho. (SOARES da SILVA, 2006, p. 108).

Em Bravin dos Santos (2006), a realização do *sujeito* anafórico de 3ª pessoa foi observada em três variedades do português - brasileira⁶⁷, europeia⁶⁸ e moçambicana⁶⁹. A análise comparativa permitiu-lhe constatar que: (i) DIFERENTEMENTE do português do Brasil, o português europeu e o moçambicano exibem, em todos os contextos analisados, altos índices de *sujeitos* nulos; (ii) SEMELHANTEMENTE ao português do Brasil, no português europeu e no moçambicano, as estruturas em que o antecedente está sintaticamente acessível, o traço [-] animado do referente, as construções com o verbo "ser" e as orações substantivas⁷⁰, são os grupos de fatores que estão mais fortemente associados ao *sujeito* nulo, "numa sugestão de que são esses pontos do sistema os mais fortes adversários do *sujeito* pronominal".

Para sintetizar os estudos que compararam a realização do *sujeito* em diferentes variedades de língua, apresenta-se o quadro (7):

⁶⁷ Para o português brasileiro, foram utilizados os resultados da amostra da década de 90, estudo "TIPO TENDÊNCIA" - Bravin dos Santos (2006)

⁶⁸ Para o português europeu, foram utilizados os resultados do estudo de Barbosa, Duarte e Kato (2001).

⁶⁹ Para o português moçambicano, foram utilizados os resultados da pesquisa desenvolvida por Bravin dos Santos (2000).

⁷⁰ Os grupos de fatores: "construções com o verbo "ser" e "orações substantivas" referem-se apenas ao português moçambicano.

FOLHEANDO O ÁLBUM: ESTUDOS COMPARATIVOS

Pesquisadores: **DUARTE, KATO E BARBOSA** (2000) - Língua Escrita

Português brasileiro O *sujeito* indeterminado é, em sentenças finitas representado, preferencialmente, por formas pronominais nominativas; em sentenças infinitivas, pelo pronome lexical "você"

Português europeu Em sentenças finitas, a opção é pela partícula "se"; em sentenças infinitivas, o *sujeito* nulo é muito recorrente para indeterminar o *sujeito*

Pesquisador: **ALVES-SILVA** (2004) - Língua Escrita - (Revista "Toda Mafalda")

Espanhol Preferência pelo *sujeito* nulo

Português brasileiro Preferência pelo *sujeito* preenchido; substituição do pronome-objeto átono por um tônico; altíssimo índice de *sujeitos* preenchidos pelo uso do pronome "você"

Pesquisadora: **POLLI DA SILVA** (2006) - Língua Escrita

Mônica
(Revista brasileira) **Favorecem o preenchimento:** os pronomes "você(s)" e "a gente", o imperfeito do indicativo e do subjuntivo, futuro do pretérito, gerúndio; frases negativas; crianças. **Favorecem o sujeito nulo:** o presente do subjuntivo; frases interrogativas. Resultado geral: 47% de *sujeitos* preenchidos e 53% de *sujeitos* nulos

Revista Pato Donald
(Tradução) **Favorecem o preenchimento:** os pronomes "você", "vocês"; o pretérito imperfeito do subjuntivo. **Favorecem o sujeito nulo:** os pronomes "eu" e "nós"; o tempo verbal "futuro do subjuntivo". Resultado geral: 72% de *sujeitos* nulos contra apenas 28% de *sujeitos* preenchidos.

Pesquisador: **SOARES DA SILVA** (2006) - Língua Falada

Espanhol de Buenos Aires **Favorecem o uso de *sujeito* preenchido**: os padrões C e D⁷¹; as orações relativas. **Favorecem o uso de *sujeito* nulo**: o traço [-] animado do referente; usted(es); os padrões A e B⁷².

Espanhol de Madri **Favorece o *sujeito* preenchido**: os padrões C e D. **Favorecem o *sujeito* nulo**: o traço [-] do referente; usted(es); os padrões A e B.

Pesquisadora: **BRAVIN DOS SANTOS** (2006)

Português europeu e moçambicano **Favorece o *sujeito* preenchido nas duas variedades**: as orações relativas. **Favorecem o *sujeito* nulo nas duas variedades**: os padrões⁷³ 1, 2, 3 e 4⁷⁴; o traço [-] animado do referente. **Favorece o *sujeito* nulo no português moçambicano**: a presença de elementos intervenientes entre o *sujeito* e o verbo; o verbo "ser": as orações substantivas.

Português brasileiro **Favorece o *sujeito* preenchido**: os padrões 3 e 4. **Favorecem o *sujeito* nulo**: padrões 1 e 2; o traço [-] animado do referente, construções com o verbo "ser", orações substantivas

(Quadro-síntese 7)

⁷¹ PADRÃO "C" (o antecedente está na oração anterior, mas com outra função); PADRÃO "D" (O antecedente, assim como o termo em análise, exerce a função de *sujeito*, mas há uma ou mais orações entre ele e seu antecedente).

⁷² PADRÃO "A" (o antecedente do pronome é o *sujeito* da oração principal ou matriz – o *sujeito* e seu antecedente estão na mesma sentença); PADRÃO "B" (o antecedente do pronome em análise é o *sujeito* da oração anterior – em outra sentença).

⁷³ PADRÃO 1- o antecedente encontra-se na frase matriz e o *sujeito*, nas frases subordinadas; PADRÃO 2 – o antecedente figura no contexto imediatamente anterior ao *sujeito*; PADRÃO 3 – entre o *sujeito* e seu antecedente há orações intervenientes que interferem na acessibilidade do antecedente e PADRÃO 4 – o antecedente realiza-se em outra função sintática. Nos dois primeiros padrões, o referente é considerado esperado e nos padrões 3 e 4, o referente é não-esperado.

⁷⁴ Percentuais de *sujeitos* nulos no português europeu com os padrões 1, 2, 3 e 4: 97%, 89%, 71% e 67%, respectivamente. Percentuais de *sujeitos* nulos no português moçambicano: padrões 1 e 2 79%, padrões 3 e 4 69%.

2.2.5 Folheando o álbum: o francês e o português europeu

O tom eclético que caracteriza a nossa mostra possibilita reunir diferentes ícones. Essa diversidade se deixa traduzir em imagens, que captam a realização do *sujeito*, quer em línguas consideradas [+] *pro-drop*, quer em línguas [-] *pro-drop*, como, por exemplo, o francês. E é sobre essa língua que passaremos a discorrer.

O contraste entre o francês antigo, que permitia a omissão de *sujeitos* pronominais, e o francês moderno, que perdeu essa propriedade e se tornou língua não- *pro-drop* foi descrito por Kaiser (2002). Para a pesquisa, o *corpus* de análise foram traduções bíblicas feitas em diferentes épocas. Mais especificamente: a tradução de sete capítulos dos Livros de Samuel do Antigo Testamento. A escolha desse livro deve-se ao fato de, em francês, a tradução dos Livros de Samuel e dos Reis⁷⁵, feita aproximadamente no ano de 1170, consistir em um dos primeiros textos escritos em prosa.

A mudança do francês (de língua de *sujeito* nulo, para língua de *sujeito* preenchido) pode ser constatada pelo número de ocorrências com *sujeitos* lexicais em orações finitas declarativas e em orações não-coordenadas: em 1170, ano da primeira tradução, o índice de *sujeitos* preenchidos era de 38,6%; já na segunda tradução, redigida no final do período do francês médio⁷⁶, o índice de preenchimento gira em torno de 87%. No francês moderno, estudos de traduções bíblicas mostram que o preenchimento do *sujeito* chega a 99,7%.

Pelo fato de se usarem diferentes "estratégias" investigativas quando se comparam as duas variedades do português – europeia e brasileira – o que tem gerado múltiplas e/ou distorcidas interpretações, Duarte (s/d) decidiu fotografar a realização do *sujeito* no português europeu

⁷⁵ Tradução denominada de *Li quatre livre des Reis*.

⁷⁶ A segunda tradução, redigida no final do período do francês médio foi revisada no início do período do francês moderno.

seguindo os mesmos procedimentos usados para o português do Brasil. O objetivo é não "desfocar" a imagem.

Para a constituição do *corpus*, detalha a pesquisadora: "... foram utilizadas transcrições de entrevistas contidas em Nascimento et al. (1987) Português Fundamental: volume segundo; Métodos e documentos; tomo primeiro: Inquérito de Frequência". Para obter um quadro que fosse representativo da norma coloquial europeia, foram selecionados 30 informantes distribuídos em três diferentes graus de escolaridade (básico, médio e superior) e duas faixas etárias (de 22 a 33 anos e de 46 a 60 anos).

Duarte cruzou a variável dependente "*sujeito* nulo" x "*sujeito* pleno" com os seguintes possíveis condicionamentos lingüístico-sociais: a) pessoa e número gramatical; b) morfologia verbal de número e pessoa; c) tipo sintático da oração; d) traço do referente de terceira pessoa; e) faixa etária; f) escolaridade.

"A opção pelo *sujeito* nulo no português europeu não é só mais frequente do que a opção pelo *sujeito* pronominal como também não tem sua realização fortemente⁷⁷ condicionada por fatores lingüísticos e sociais" (DUARTE, s/d, p. 14). Essa conclusão decorre dos seguintes resultados obtidos pelo cruzamento dos dados:

PESSOA E NÚMERO GRAMATICAIIS - Do total de 1.116 ocorrências, 738 (66%) não preencheram a casa do *sujeito*. Se se observam separadamente as pessoas gramaticais, o índice de *sujeitos* nulos apresentado pela 1ª, 2ª e 3ª pessoas foram: 60%, 73% e 73%, respectivamente. Em uma análise em que se separam singular e plural, estes foram os resultados percentuais de não preenchimento: (i) 59%, com 1ª pessoa do singular; 61%, com 1ª pessoa do plural; (ii) 75%, com 2ª pessoa do singular; 68%, com 2ª pessoa do plural; (iii) 72%, com 3ª pessoa do singular e 74%, com 3ª pessoa do plural;

⁷⁷ Grifo nosso.

MORFOLOGIA VERBAL - Segundo Duarte, a regularidade de ocorrência do *sujeito* nulo comprova que a morfologia verbal no português europeu, embora apresente formas homógrafas para algumas pessoas gramaticais, mantém um paradigma funcionalmente 'rico'. Em outras palavras, embora existam sincretismos, a morfologia verbal no português europeu ainda é suficientemente marcada para garantir a identificação da pessoa gramatical;

TIPO SINTÁTICO DA ORAÇÃO - Dos fatores lingüísticos analisados, as orações relativas com *sujeitos* de 1^a e 3^a pessoas foram as únicas em que o número de *sujeitos* preenchidos superou o número de *sujeitos* nulos. Para Duarte, as estruturas em que há material pronominal no complementizador, particularmente, nas relativas, parecem favorecer o uso do *sujeito* preenchido, porém a escassez de dados não lhe permitiu confirmar tal hipótese;

TRAÇO DO REFERENTE DE TERCEIRA PESSOA - Os resultados mostraram que é inexpressivo⁷⁸ o uso de *sujeitos* preenchidos com o traço [-] animado do referente: apenas 8%;

FAIXA ETÁRIA - A diferença percentual no número de *sujeitos* nulos nas duas faixas etárias só se mostrou um pouco mais significativa com a segunda pessoa: 81%, na fala dos mais jovens e 69%, na fala dos mais velhos. Duarte lembra, ainda, que foi o grupo mais jovem o responsável pelas ocorrências de "*a gente*" no lugar de "nós";

ESCOLARIDADE - Nas palavras da autora: "os grupos de escolaridade básica mostraram maior tendência a realizar fonologicamente o *sujeito* de 3^a pessoa nas relativas e completivas [...] [A eles também] se devem os usos de "*a gente*" e a produção de relativas cortadoras".

No âmbito lingüístico, a hipótese de que o número de *sujeitos* nulos superaria o de *sujeitos* preenchidos foi confirmada pela amostra analisada. No que se refere às variáveis sociais, partiu-se da hipótese de que não seriam esperadas grandes variações, o que também se confirmou.

⁷⁸ "As seis ocorrências de *sujeitos* preenchidos com o traço [-] animado do referente incluem três orações iniciais, duas relativas e uma adverbial"

Apesar de os resultados das análises confirmarem o quão *pro-drop* é o português europeu, Duarte menciona que nessa variedade de língua já se registram (i) substituições de *pro* expletivo por *pro* arbitrário; (ii) o uso de *a gente* para expressar a primeira pessoa do plural. Esses "sinais", associados à invasão das novelas brasileiras em terras de Cabral, se não representam "perigo" a curto prazo podem, no futuro, alterar o "cenário" e nos revelar outra imagem do português europeu.

Para sintetizar os estudos mencionados na subsecção 2.2.5, apresenta-se o quadro-síntese 8.

O FRANCÊS E O PORTUGUÊS EUROPEU

KAISER (2002) – FRANCÊS

Em 1170, o índice de ocorrências com *sujeitos* lexicais em orações finitas declarativas e em orações não-coordenadas era de 38,6%. Estudos de traduções bíblicas do francês moderno mostraram 99,7% de *sujeitos* preenchidos

DUARTE (s/d) - PORTUGUÊS EUROPEU

O índice de *sujeitos* nulos é expressivo em todas as pessoas gramaticais. A morfologia verbal ainda é suficientemente marcada para garantir a identificação da pessoa gramatical. As orações relativas com *sujeitos* de 1ª e 3ª pessoas foram as únicas em que o número de *sujeitos* preenchidos superou o de *sujeitos* nulos. É inexpressivo o uso de *sujeitos* preenchidos com o traço do referente [-] animado. O grupo mais jovem foi o responsável pelas ocorrências de "*a gente*" no lugar de "nós". Os grupos de escolaridade básica mostraram maior tendência a realizar fonologicamente o *sujeito* de 3ª pessoa nas orações relativas e completivas.

(Quadro-síntese 8)

2.2.6 Variáveis recorrentes

Observou-se nos estudos que investigaram a realização do *sujeito* em línguas [+] e [-] *pro-drop* que algumas variáveis, que favorecem o preenchimento, ou que, inversamente, constituem contextos de uso do *sujeito* nulo, são recorrentes. Com o objetivo de agrupá-las, apresenta-se o quadro-síntese 9.

VARIÁVEIS RECORRENTES

Favorece o <i>sujeito</i> preenchido	Os pronomes (<i>ocê, a gente, vocês</i>), os tempos do subjuntivo, a oração relativa, o traço [+] animado do referente, correferencialidade, as mulheres, os mais jovens, maior escolaridade.
Favorece o <i>sujeito</i> nulo	A 3ª pessoa (singular e plural), o pretérito perfeito do indicativo, a oração 2ª coordenada, o traço [-] animado do referente, não-correferência, os homens, os mais velhos, menos escolaridade.

(QUADRO-SÍNTESE 9)

Ao selecionarmos as imagens que compuseram essa pequena mostra, guiamo-nos pelo objetivo de oferecer uma visão panorâmica de uma das mais famosas propriedades do Parâmetro *pro-drop*: o *sujeito* pronominal vazio. Não se lê nas escolhas qualquer atribuição de valor. Sabemos que muitas outras "fotografias" poderiam fazer parte desta exposição, mas a metodologia adotada impõe restrições. Desta forma, não ignoramos os riscos de uma certa redução, tendo em vista a própria síntese e os limites desta exposição.

Concluimos, assim, a apresentação a que nos propusemos inicialmente: (i) revisão, sucinta, da literatura gerativista que versa sobre o parâmetro *pro-drop*; (ii) síntese dos estudos que investigaram a realização do *sujeito* em línguas [+] e [-] *pro-drop*.

3 PREPARANDO O ENSAIO FOTOGRÁFICO

3.1 A abordagem teórico-metodológica adotada

Para subsidiar teórico-metodologicamente a descrição e análise da realização do *sujeito* na fala do português europeu, filiamo-nos à Sociolinguística Laboviana. Se essa abordagem da ciência que trata dos assuntos da linguagem humana data do segundo quartel do século XX, é porque muitos foram os fatores que retardaram o estabelecimento de uma proposta teórico-metodológica que depusesse o mito⁷⁹ de a fala, entidade instantânea e heteróclita, não estar sujeita à sistematização e análise.

Dentre essas muitas amarras, estavam arraigados, oriundos de teorias imanentistas, quatro grandes mitos que inviabilizaram, durante muito tempo, a descrição da língua em situações histórico-sociais específicas.

O mito "**O DISCURSO É AGRAMATICAL**" era sustentado no "imaginário" pela seguinte crença: acreditava-se que a fala não constituía um bom material de análise, uma vez que continha exemplos de frases mal formadas que os próprios falantes condenavam e modificavam quando as percebiam. Labov desmistifica a agramaticalidade na fala, afirmando que o sistema, sendo um conjunto de oposições funcionais, oferece múltiplas possibilidades de realização. E, linguisticamente, as variedades se equivalem e não há como diferenciá-las em termos de melhor ou pior, de certo ou errado: todas têm organização (gramática) e todas servem para articular a experiência do grupo que as usa.

O mito "**A VARIAÇÃO NA FALA E NA COMUNIDADE LINGÜÍSTICA**" personifica, basicamente, duas "imagens": (1) as variantes pertencem a diferentes sistemas – e a variação

⁷⁹ Remonta às especulações ocidentais sobre a linguagem a opção pela língua escrita. Em Saussure, a definição de fala como "entidade instantânea e heteróclita" apenas reforça o pensamento vigente desde os gregos.

corresponde, então, a misturas de dialetos ou permuta de código; (2) as variantes pertencem a um mesmo sistema e estão em variação livre. Para Labov, subjaz a essas "imagens" a concepção saussuriana de língua. Para Saussure, a língua é um sistema estável, cujo equilíbrio não é afetado pelas "assimetrias" da fala.

A proposta teórico-metodológica da Variação e Mudança Lingüísticas refuta o princípio da não-sistematicidade da fala. Para Labov, o "caos" aparente é resultado de uma competição entre duas ou mais formas alternantes, cujos condicionamentos lingüísticos e sociais determinam a regularidade de aplicação de uma regra variável que pode ser quantificada. Estabelece-se a proporção da freqüência em que essa regra se aplica com a freqüência de casos em que ela poderia ter ocorrido e obtém-se, assim, uma amostragem que retrata fielmente a probabilidade de aplicação ou não-aplicação da variável.

Se, em Labov, a homogeneidade atribuída à língua é uma abstração, se a língua individual, concreta, é heterogênea, a variação é, pois, a própria realidade da língua. Nas palavras do mestre: "the procedures of descriptive linguistics are based upon the conception of language as a structured set of social norms⁸⁰".

Há, ainda, de se mencionar a distinção feita por Labov com relação às variações sociais e estilísticas. Aquelas caracterizam os diferentes subgrupos em uma sociedade heterogênea como normas veladas, opostas às normas de correção gramatical explícitas; por estilística, tomam-se as adaptações da linguagem ao contexto imediato do ato de fala. Evidencia-se, assim, a heterogeneidade da língua, primeiro, porque a língua apresenta vários subsistemas; segundo, porque cada falante dispõe, até certo ponto, de vários subsistemas.

⁸⁰ "Os procedimentos da lingüística descritiva estão baseados na concepção de língua como um conjunto estruturado de normas sociais" (LABOV, 1972, p. 110, tradução nossa).

Lê-se em Labov (1972, p. 271): "Social and Stylistic variation presuppose the option of saying "the same thing" in several different ways: that is, the variants are identical in referential or truth value, but opposed in their social and/or stylistic significance"⁸¹.

As "**DIFICULDADES DE AUDIÇÃO E GRAVAÇÃO**" sustentavam a crença de não se ter fiabilidade nos dados coletados em situações reais de fala, mas os sofisticadíssimos aparelhos digitais e os programas computacionais⁸² permitem afirmar que esse mito, fruto das limitações de um passado não-tecnológico, já não existe.

O quarto mito refere-se às limitações do *corpus* - por não contemplar todas as estruturas da língua - inviabilizam pesquisas lingüísticas. As "**LIMITAÇÕES DO CORPUS**" fizeram que pesquisadores optassem por analisar estruturas lingüísticas, partindo, ora de exemplos forjados, ora da própria intuição. Mas "os problemas com os quais nós, lingüistas, nos deparamos ao lidar diretamente com dados da linguagem não são exclusivos da nossa disciplina. Esse é um problema geral para todas as ciências sociais" (LABOV, 1972, p. 201). A ineficácia ou a não-adequação do *corpus* não impede de observar atentamente e diretamente os dados da fala cotidiana.

Depostos os mitos, a fala constitui o "lugar" no qual se evidenciam as heterogeneidades, cuja sistematicidade pode ser descrita e analisada. Se para a proposta teórico-metodológica da Variação e Mudança Lingüísticas interessa estudar a língua sem dissociá-la da estrutura social, sem fazer abstrações de sua normal heterogeneidade, e se nos filiamos a essa abordagem da ciência, a intersecção entre o lingüístico e o social subsidiará, como não poderia deixar de ser, a descrição do nosso objeto de estudo: "A realização do *sujeito* na fala do português europeu".

⁸¹ "A variação estilística e social pressupõe a possibilidade de se dizer a mesma coisa de diferentes maneiras, isto é, as variantes são idênticas em valor referencial ou valor de verdade, mas se opõem em seu significado social e/ou estilístico" (LABOV, 1972, p. 271, tradução nossa).

⁸² Programas computacionais Sound Forge 6.0, Speech Analyser 2.1 e Transcriber 1.4 são alguns desses exemplos.

3.2 Objetivos e hipóteses

Se para a Europa, as idéias renascentistas são um "divisor de águas", para Portugal, em especial, a Renascença "abre" as águas e a língua portuguesa espalha-se pelas ilhas do Atlântico, atinge as costas da Ásia e da África e chega, nas veleiras naus de Cabral, à terra de Santa Cruz.

Em terra de Santa Cruz, a sua constituição, passados mais de cinco séculos, ainda é polêmica:

Em virtude da sua condição de língua transplantada, o português brasileiro, face ao português europeu, tem sido objeto de interpretações controversas, que vão desde a afirmação de um sistema lingüístico autônomo à defesa de tese contrária que propugna o seu caráter conservador e unitário. (LOBO, 2007, p. 01).

Mapear os "genes" que aproximam e distanciam o português brasileiro do português europeu é, sem dúvida, uma tarefa necessária, quer para arrefecer, quer para reacender esses debates. As terras⁸³ de Cabral ainda escondem muitos "mistérios", dos quais alguns precisam ser desvendados; outros melhor investigados.

A realização do *sujeito*, comumente apontada como uma das diferenças⁸⁴ entre o "português europeu" e o "português brasileiro", é um desses "mistérios" que merecem ser melhor investigados. Neste sentido, a pesquisa buscará: a) verificar e quantificar as ocorrências de *sujeitos* nulos e pronominais na fala do português europeu; b) identificar e analisar os fatores estruturais e não-estruturais que estão atuando para o preenchimento ou não-preenchimento do *sujeito* pelo uso do pronome; c) confrontar os resultados obtidos por esta pesquisa aos resultados obtidos por pesquisas que investigaram esse fenômeno no português brasileiro.

A opção temática está perpassada pela convicção de que conhecer o português europeu fará do português brasileiro objeto de menos interpretações controversas. "É inegável que um estudo que focalize peculiaridades sintáticas do português falado no Brasil deva se defrontar

⁸³ Referimo-nos ao português europeu.

⁸⁴ Estudos, dentre eles Duarte (1995, 2003), apontam o português europeu como língua [+] *pro-drop*.

inevitavelmente com a necessidade de se tomar como parâmetro o português europeu" (DUARTE, s/d).

Para analisar a realização do *sujeito* na fala do português europeu, vamos nos valer do *corpus* CORDIAL-SIN, constituído de textos versados na modalidade oral e produzidos por falantes portugueses de diversas regiões de Portugal.

Metodologicamente, assumimos a proposta da Sociolingüística variacionista apresentada por Labov (1972), posteriormente refinada por Rousseau e Sankoff (1978). Ressalta-se que esse modelo vem sendo considerado satisfatório por muitos pesquisadores que se debruçam sobre a descrição de línguas naturais.

Baseando-nos na vasta literatura, cuja proposição reitera o português europeu como língua de *sujeito* nulo, a nossa hipótese principal, circunscrita a esse legado, é: o não-preenchimento do *sujeito* é a forma não-marcada para essa língua.

Formularam-se como questões de pesquisa: a) quais os fatores estruturais e não-estruturais que estão atuando na manutenção do *sujeito* nulo?; b) há fatores estruturais e não-estruturais que condicionam o uso do *sujeito* lexicalizado?

3.3 O *corpus* da pesquisa

Para descrever e analisar a "realização do *sujeito* na fala do português europeu" – objeto de nossa investigação – selecionaram-se 10 entrevistas dentre as que compõem o *Corpus* Dialetal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN), disponibilizado pela Internet no endereço: http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin.php.

O Grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) constituiu, durante os últimos trinta anos, um arquivo sonoro contendo cerca de 4.500 horas de gravações, obtidas em mais de 200 localidades do território português.

O *Corpus* Dialetal para o Estudo da Sintaxe - CORDIAL-SIN - é uma coletânea de entrevistas que foram selecionadas no âmbito dos seguintes projetos: ALEPG (Atlas Lingüístico e Etnográfico de Portugal e da Galiza); ALLP (Atlas Lingüístico do Litoral Português); ALEAç (Atlas Lingüístico e Etnográfico dos Açores) e BA (Fronteira Dialetal do Barlavento Algarvio).

As entrevistas não foram todas transcritas. O *Corpus* Dialetal para o Estudo da Sintaxe - CORDIAL-SIN – ainda está em fase de elaboração, mas, à medida que vai sendo constituído, é gradualmente disponibilizado pela Internet.

Os textos do CORDIAL-SIN estão registrados em 4 versões:

(1) transcrição conservadora; (2) transcrição ortográfica normalizada; (3) texto morfológicamente anotado; (4) texto sintaticamente anotado, esse último a ser disponibilizado depois de concluído o *corpus*.

A "TRANSCRIÇÃO CONSERVADORA" apresenta informações sobre aspectos da produção (captados pela fonte sonora) tais como pausas, sobreposições de produção, etc. Pela sua natureza, está mais diretamente associada a estudos que investigam as estratégias de interação discursiva típicas da oralidade.

Diferentemente, na "TRANSCRIÇÃO NORMALIZADA" não há códigos que identificam as marcas de oralidade. Lê-se no manual de informações: "Esta versão inclui apenas transcrição ortográfica [...] frases completas ou fragmentos frásicos – em geral frases inacabadas – sintaticamente analisáveis e anotáveis". É nesse tipo de transcrição que coletaremos os dados, na medida em que a análise do fenômeno que estamos investigando não exige informações tão detalhadas sobre a produção como aqueles registrados na transcrição conservadora.

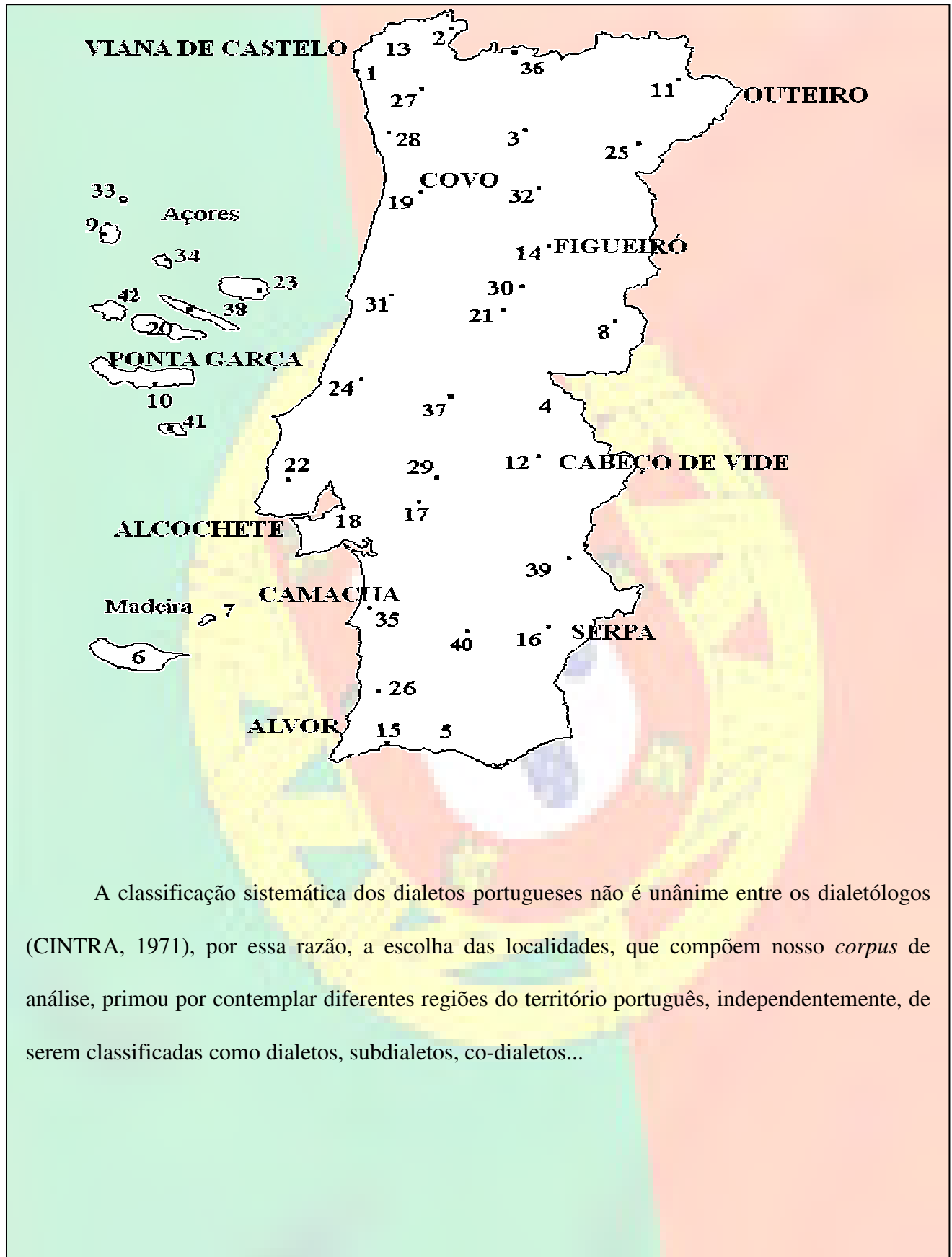
A terceira forma de registro combina etiquetas categoriais com subetiquetas, que permitem classificar morfologicamente as unidades lexicais, por isso mesmo, nomeada de "SISTEMA DE ANOTAÇÃO MORFOLÓGICA". Segundo o manual de informações, a proximidade entre os sistemas de anotação morfológica do CORDIAL-SIN e do projeto Tycho Brahe permite a utilização do etiquetador automático, de base probabilística.

3.3.1 As localidades selecionadas

As entrevistas que compõem o *corpus* da nossa pesquisa foram gravadas com falantes das seguintes localidades de Portugal: Alcochete, Alvor, Arcos (Viana de Castelo)⁸⁵, Cabeço de vide, Camacha, Covo, Figueiró, Outeiro, Ponta Garça, Serpa, indicadas no mapa⁸⁶ que segue.

⁸⁵ Arcos de Valdevez, São Lourenço da Montaria e Bade são distritos de Viana de Castelo.

⁸⁶ Retirado e adaptado: <http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin.php>



A classificação sistemática dos dialetos portugueses não é unânime entre os dialetólogos (CINTRA, 1971), por essa razão, a escolha das localidades, que compõem nosso *corpus* de análise, primou por contemplar diferentes regiões do território português, independentemente, de serem classificadas como dialetos, subdialetos, co-dialetos...

3.3.2 Os informantes

As dez localidades selecionadas para compor nosso *corpus* de análise não formam uma amostra estratificada: são ora representadas por um único informante, ora por vários. Especificamente: **ALCOCHETE** (Anselmo); **ALVOR** (Ápio, Apúdio); **ARCOS (VIANA DE CASTELO)** (Anselmina, Anteu, Anteu, Antioco, Arlete, Antipas, Antístenes, Arminda); **CABEÇO DE VIDE** (André); **CAMACHA** (Aarão, Acidália, Abdão); **COVO** (Aquibaldo, Bigail); **FIGUEIRÓ** (Arnaldina, Anúpio, Ascensão, Apeles, Artemisa); **OUTEIRO** (Atos, Audaciano, Augias, Brites, Astreia, Aulo, Callope, Austrino); **PONTA GARÇA** (Amilcar, Aristóbulo, Amós, Amoedo, Anacreonte, Ananás, Alcione, Andréia); **SERPA** (Aristômaco).

Os nomes dos informantes são fictícios. Para proteger suas identidades e de todos os indivíduos nomeados nos textos transcritos, usaram-se nomes próprios portugueses que constam simultaneamente da lista estabelecida em Bergström e Reis 1997 e do Dicionário Onomástico de José Pedro Machado (Machado 1984). Segundo o manual de informações do CORDIAL-SIN, "excluíram-se, no entanto, os nomes próprios que apenas existem como apelidos e aqueles que são ambíguos quanto ao gênero".

3.4 Apresentando as variáveis

A realização do *sujeito* no português europeu é uma variável, cujas variantes "categoria vazia" e "pronomes lexical" constituem o nosso envelope de variação. Para exemplificar, transcrevem-se as diferentes formas de realização do *sujeito* quantificadas no *corpus*:

(a) **categoria vazia**

(1) "Eu casei-me; Ø fiquei logo grávida porque eu estava menstruada, Ø fiquei logo grávida. A cabo de, se pode dizer, antes dum ano, Ø tive um menino, mas Ø estive muito mal, o menino morreu". (E₂-19)

(b) **pronome lexical**

(2) "O meu pai sempre foi lavrador e os meus irmãos foram todos lavradores, e **eu** nunca conheci-lhe mais que dez, doze vacas. E depois é que (ele) à maneira que **a gente** se foram casando é que foram se montando". (E₈₋₀₉)⁸⁷

A dicotomia "sincronia – diacronia" postulada por Saussure marca explicitamente, para essa abordagem teórica, o que é passado (mudanças que ocorreram na língua) e o que é presente (a língua como um sistema homogêneo, cuja estabilidade não é afetada por fatores sociais).

Weinreich, Labov e Herzog (1968) apresentam tese contrária: quer sincronicamente, quer diacronicamente, a língua é heterogeneidades. Nas palavras desses autores: "Long before predictive theories of language change can be attempted, it will be necessary to learn to see language – whether from a diachronic or synchronic vantage – as an object possessing orderly heterogeneity⁸⁸". Da perspectiva desse modelo teórico-metodológico, a mudança está envolta por complexos valores que podem bloquear, retardar ou acelerar sua expansão de uma para outra variedade lingüística.

⁸⁷ O "E" significa "entrevistado", os números identificam informante e pagina, respectivamente.

⁸⁸ "Antes que se busquem teorias preditivas da mudança lingüística, será necessário ver a língua, quer de um ponto de vista diacrônico, quer sincrônico – como um objeto que possui heterogeneidade sistemática" (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 100, tradução nossa).

3.4.1 As variáveis sociais

3.4.1.1 As variáveis sociais excluídas da análise

As variáveis **SEXO**, **IDADE** e **ESCOLARIDADE** não constam como possíveis fatores condicionadores à realização do *sujeito* na fala do português europeu, pelos seguintes motivos: (i) se por um lado, todas as entrevistas que compõem o *corpus* trazem cabeçalhos, cujas informações possibilitam identificar a proveniência geográfica do texto; a identidade dos transcritores e a data da transcrição; por outro lado, há entrevistas, cujos cabeçalhos não nos permitem identificar a "idade" e a "escolaridade" do informante; (ii) as localidades selecionadas para compor nosso *corpus* de análise não formam uma amostra estratificada: são ora representadas por um único informante (homem ou mulher), ora por vários (homens e/ou mulheres).

Em função das características do 'desenho' do *corpus*, que não permitiu formar uma amostra equilibrada em função das variáveis sexo, idade e escolaridade, adotou-se tal procedimento, que acreditamos não comprometer o objetivo da pesquisa. Estudos de cunho variacionista - Paredes da Silva (1991), Botassini (1998), Duarte (2003) - têm demonstrado que os condicionamentos sociais - gênero do falante, faixa etária e escolaridade - são, algumas vezes, sistematicamente rejeitados; outras, muito pouco significativos em variação sintática.

3.4.1.2 A variável social da análise

A **LOCALIDADE** é o único fator não-estrutural que consta da análise dos dados. A inclusão dessa variável atende a um dos nossos objetivos: fotografar a realização do *sujeito* em diferentes 'regiões' do território português.

3.4.2 As variáveis lingüísticas

Se se afirma que a língua é um complexo "jogo" entre o estrutural e o social, afirma-se, por via de regra, que a correlação entre fatores lingüísticos e sociais na variação e, sobretudo, na mudança é a regra que permite "jogar". Nas palavras de Chambers (1995): "The correlations are crucial. Socially significant linguistics variation requeries correlations [...] it is not only amenable to analysis but also linguistically interesting and socially revealing⁸⁹".

Em um primeiro momento, os estudos variacionistas privilegiaram as variáveis externas à língua, essa primazia se explica pelo desejo de que se demarcasse a oposição entre essa e as outras posturas teóricas. Em um segundo momento, a inclusão de variáveis lingüísticas abriu perspectivas que permitiram ampliar o campo de investigação (sintaxe, semântica e até o discurso) e compatibilizar modelos teóricos considerados radicalmente opostos: a lingüística de probabilidades com a de propriedades paramétricas.

Para analisar a realização do *sujeito* na fala do português europeu, selecionaram-se como variáveis lingüísticas:

VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

Especificidade do *Sujeito*; Animacidade do *sujeito*; Pessoa gramatical; Concordância verbal; Transitividade verbal; Complementos verbais; Tipo de oração; Ordem *sujeito-verbo* ou *verbo-sujeito*; Correferencialidade; Forma Verbal.

⁸⁹ As correlações são cruciais. A variação lingüística socialmente significativa requer correlações [...] Isso não é só relevante para a análise, mas também lingüisticamente interessante e socialmente revelador. (CHAMBERS, 1995, p. 25 - tradução nossa).

3.4.2.1 Especificidade do *sujeito*

O uso da forma nominativa "*a gente*", como estratégia de indeterminação do *sujeito* - juntamente com o "apagamento do se" e o "emprego do paciente como tópico"⁹⁰ - perfila, para o português europeu e para o português brasileiro, diferentes imagens.

Para Duarte, Kato e Barbosa (2001), em sentenças finitas, a representação dos *sujeitos* indeterminados recai preferencialmente, no português brasileiro, sobre formas pronominais nominativas (especialmente com o pronome "você"). Já no português europeu, a opção é pela partícula "se". Em sentenças infinitivas, o *sujeito* nulo é muito recorrente para indeterminar o *sujeito* em ambas as variedades de língua, mas também já é expressiva, no português brasileiro, a substituição da partícula índice de indeterminação do *sujeito* pelo pronome lexical "você".

Para Duarte (1995), se levarmos em conta a velocidade com que se implantou no sistema o uso de formas pronominais para indeterminar o *sujeito*, não podemos deixar de relacionar seu progresso com a implementação do *sujeito* pronominal de referência definida.

Como não constam do total de dados analisados construções em que o *sujeito* esteja indeterminado pelo uso da partícula "se", partimos da hipótese de que no português europeu o *sujeito* nulo será a forma não-marcada em todos os contextos.

Tradicionalmente, essa variável é subdividida em "*sujeito* de referência definida" (específico) e "*sujeito* de referência arbitrária" (genérico). Para elucidar, serão transcritos alguns exemplos que, apesar de não abarcarem toda a complexidade que recobre o processo de referenciação, ainda assim, permitem, em linhas gerais, traçar as diferenças.

(a) São **ESPECÍFICOS** os *sujeitos* cujo referente pretendido é uma ocorrência particular do conjunto designado pelo termo – "um dentre outros".

⁹⁰ As estratégias de indeterminação do *sujeito* no português europeu e no português brasileiro foram comentadas na seção 1 – subitem 1.2.2.

Para ilustrar, citam-se exemplos:

(3) "**Eu** tenho uma navalha melhor, de enxertar, mas **eu** não tenho aqui". (E₁₋₀₂)

O pronome-*sujeito* EU designa a pessoa que fala e implica, ao mesmo tempo, um discurso a partir dela própria. O pronome EU tem como referente o enunciador, nomeado por Aarão.

(4) "Quando cheguei lá outra vez e diz ela: o que é que você quer? Quero que **você** me arranje outra consulta. **Você** é que ma estragou". (E₇₋₄₀)

As pessoas que interagem na situação discursiva revezam os papéis de locutor e alocutário. O pronome VOCÊ designa a atendente – a pessoa que emitia as guias de consulta.

(b) São **GENÉRICOS**⁹¹ os *sujeitos* cujo referente pretendido é qualquer ocorrência arbitrária do conjunto designado pelo termo. Segundo Hernanz (1990), a interpretação arbitrária decorre da "neutralização" do valor referencial.

Para ilustrar, citam-se exemplos:

(5) "(Depois) vendem aquilo mais barato, olhe... É, mas é melhor haver e tudo ter de que... (O nome de) haver, é lindo! Que eu, se **eu** não tenho e a senhora tem, oferece-me uma melancia. Se a senhora tem pêros ou laranjas, oferece-me... E é assim". (E₂₋₄₁)

O EU não se refere especificamente ao informante, embora o pressuponha. O EU é, ao mesmo tempo, eu, tu...

⁹¹ Também nomeamos de genéricos os *sujeitos não-específicos* que são aqueles cujo referente pretendido se aplica a indivíduos específicos não identificáveis pelo falante. O *sujeito* não-específico, segundo Corrêa, "requer o quantificador existencial, o que parece indicar que o [*sujeito*] assume o status de representante, em certo sentido, do referente pretendido, correspondendo potencialmente a um subgrupo". Para essa autora, os pronomes de referência não-específica tendem a ser tanto nocional quanto gramaticalmente plurais.

(6) "E, às vezes, é coisa de urgência e o homem não dá conta de tudo. É, porque é o homem sozinho. \emptyset temos dois braços não temos quatro. É natural, (tornando as culpas do homem do outro lado), é que ele não pode dar consulta a todos". (E_{4.09})

O *sujeito* nulo de TEMOS não se refere apenas ao enunciador (Ápio) e ao Dr. Apolino Belarmino (enunciatário). A referência se estende a todos e/ou qualquer homem.

3.4.2.2 Animacidade do *sujeito*

No português brasileiro, o traço [+] animado do referente afeta positivamente a frequência do pronome. Na contramão, está o referente de traço [-] animado, resistindo "heroicamente" a essa estratégia de preenchimento⁹². No português europeu - língua [+] *pro-drop* - a não-animacidade do referente também está muito diretamente associada ao uso do *sujeito* nulo. Especifica-se: 66 (93%) - das 71 ocorrências com o traço [-] animado – não preencheram a casa do *sujeito* (DUARTE, 1995).

Ao investigar a realização do *sujeito* pronominal no espanhol peninsular e no americano (variedades de Madri e Buenos Aires, respectivamente), a não-ocorrência de dados que trouxessem o *sujeito* [-] animado representado por pronomes confirmou a hipótese de pesquisa formulada por Soares da Silva (2006): "o traço [-] animado do referente não permite a sua realização como *sujeito* pronominal". Quer para a variedade madrilenha, quer para a variedade americana do espanhol, o traço [-] animado do referente é regra categórica para o *sujeito* nulo.

⁹² As afirmações - "[+] animado (mais pronome), [-] animado (menos pronome)" – baseiam-se em resultados apresentados por diferentes pesquisas, dentre elas, Paredes da Silva (1991), Laperuta (2002), Duarte (2003), Carvalho (2005), Bravin dos Santos (2006). Maiores detalhes, seção 2.

Para o português moçambicano – língua *pro-drop* prototípica – o traço [-] animado do referente também resulta no uso categórico do *sujeito* nulo (BRAVIN DOS SANTOS, 2006).

Se se confirmarem as expectativas, há, para o referente de traço [-] animado, dois resultados possíveis: ou o número de *sujeitos* pronominais será inexpressivo, ou a não animacidade implicará 100% de *sujeitos* nulos – regra categórica.

Para o *sujeito* de traço [+] animado, a escala de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000) postula, para o traço inerentemente [+] humano, maior representatividade pronominal. Baseando-nos nessa proposta, esperamos que o traço [+] humano do referente afete positivamente o uso do *sujeito* preenchido. Abre-se, para essa hipótese, um parêntese: embora acreditemos que o referente de traço [+] humano se associe mais estreitamente ao pronome, o *sujeito* nulo será a forma não-marcada, inclusive nesse contexto. Em nossas análises, essa variável foi subdividida em: (a) *sujeito* animado [+ humano]; (b) *sujeito* animado [não-humano]; (c) *sujeito* [-] animado.

Os exemplos ilustram, respectivamente, a distinção entre animado [+ humano]; animado [não-humano]; [-] animado:

(7) "Para quem era mais pobre, não havia casas-de-banho. Eu cá, lembra-me muito bem, que **eu** já vou fazer sessenta e três anos". (E₂₋₁₈)

(8) "A boga é um peixe também que não é muito próprio para o doente. Não é muito próprio para o doente. É um peixe mais seco. [...] Exactamente, é a sarda. A sarda é (bestial). **Ele** é um peixe, é gordo, mas é um peixe que num instante faz-se mole". (E₄₋₂₅)

(9) "Quer dizer, a casa era toda de parede, em cima tinha um chapéu, que é onde tinha o velame - só o chapéu! – e tinha umas rodas dentro, que as rodas entrava dentro dumas calhas de pedra, que tinha dentro e **ele** por dentro tinha como um cabrestante". (E_{3.46})

3.4.2.3 Pessoa gramatical

No português brasileiro, quer na língua falada, quer na língua escrita⁹³, os pronomes de 1ª e 2ª pessoa⁹⁴ tendem a "liderar"⁹⁵ os mais altos índices de preenchimento. Para o português europeu, os resultados da pesquisa realizada por Duarte (s/d) apontaram a primeira pessoa como a que exibe a maior taxa de *sujeitos* plenos. No caso, especificamente os pronomes "eu" e "nós"⁹⁶.

Apesar de os números apontarem a 1ª pessoa como aquela que mais preencheu a casa do *sujeito* na fala do português europeu, o percentual de não-preenchimento é expressivo em todas as pessoas gramaticais. Vejamos a aplicação da regra de *sujeito* nulo nas três pessoas gramaticais: 1ª pessoa (60%), 2ª pessoa (73%), 3ª pessoa (73%), resultados que incluem as orações coordenadas (DUARTE, s/d).

Para o espanhol, considerado, assim como o português europeu, língua [+] *pro-drop*, a frequência de uso do pronome "vos" marca explicitamente uma das diferenças entre essa língua e o português brasileiro. Mais detalhadamente, no espanhol, o pronome "vos" ocorreu 114 vezes, ao passo que a forma "você", no português brasileiro, ocorreu 372 vezes. Proporcionalmente ao

⁹³ A afirmação: "1ª e 2ª pessoas tendem a liderar os mais altos índices de *sujeitos* preenchidos, nas duas modalidades de língua", toma como referência as pesquisas de: Lira (1982, 1988), Paredes da Silva (1991), Duarte (1993, 1995), Laperuta (2002), Polli da Silva (2005), Carvalho (2005).

⁹⁴ Lê-se como 2ª pessoa o pronome *você*.

⁹⁵ Na modalidade oral, o índice de *sujeitos* preenchidos pelo pronome "*a gente*" também é muito expressivo.

⁹⁶ 41% de *sujeitos* preenchidos com a primeira pessoa do singular e 39% com a primeira pessoa do plural.

espanhol, o português brasileiro apresentou índices percentuais de preenchimento do *sujeito* 226,31% maiores⁹⁷.

Tendo como referência os estudos que investigaram a realização do *sujeito* em línguas consideradas [+] *pro-drop* – dentre eles, Duarte (s/d) e Alves-Silva (2004) – hipotetizam-se dois possíveis resultados:

- (a) opção pelo *sujeito* nulo (com todas as pessoas gramaticais);
- (b) números inexpressivos de preenchimento do *sujeito* pelo uso do pronome "*a gente*".

Em nossas análises, codificaram-se os dados, pelas pessoas gramaticais: eu, tu, você, senhor/senhora, ele /ela, nós, *a gente*, vós⁹⁸, vocês, senhores/senhoras, nós ou *a gente*⁹⁹, eles/elas

Para exemplificar:

(10) "E dizem que este olho que comunica com este lado. Eu cá, já se sabe, **eu** não sei ler e não coisa. E então ele está do olho que não vê nada. Do lado que ele tem o olho, está parálítico e do lado que não tem o olho, mexe mas... O pai diz que lhe perguntou se ele o que é que dizia, se gostava mais da noite se do dia. Ele disse: Pai, de que serve eu dizer, porque eu não sei se é noite se é dia".(E₂₋₁₆)

(11) "Era uma malinha, que minha mãe tinha, meia velhinha e disse: Olha, pois a mãe vai-te dar aquela malinha para **tu** pores as tuas coisinhas. Ora,tinha a colcha e o guardanapo, veio uma senhora e disse: Olhe, venho aqui ver se (nos) quer dar alguma coisa para a capela, porque vai-se fazer a romagem, vai-se levar areia e tudo". (E₂₋₁₉)

⁹⁷ A pesquisa de Alves-Silva (2004) investigou a presença ou elisão de *sujeitos* e objetos no espanhol e no português brasileiro. Estudo já comentado na seção 2 – subitem 2.2.4

⁹⁸ Não consta do total de dados analisados nenhuma ocorrência com o pronome "vós".

⁹⁹ Pelo fato de a flexão com a expressão "*a gente*" oscilar entre marca e não-marca de plural, nas ocorrências em que o *sujeito* nulo não fosse correferente, a identificação ficou comprometida. Por esse motivo, *sujeitos* nulos, cuja pessoa gramatical não pudesse ser identificada, não constam do total de dados analisados. Para maiores detalhes, ver subseção 3.5.

3.4.2.4 Concordância verbal

O enfraquecimento da concordância verbal assume para muitos autores, dentre eles, Galves (1993), Duarte (1993, 1995) – o estatuto de "pedra de toque" da gramática do português brasileiro. A mudança paramétrica do português do Brasil - língua orientada para o tópico; fixação da ordem *sujeito-verbo*; pronome objeto nulo; pronome tônico em posição de objeto; posição proclítica – está relacionada à natureza da concordância verbal. (GALVES, 1993)

A flexão no português do Brasil não apresenta a oposição 1^a, 2^a e 3^a pessoas, mas somente oposição binária, pessoa¹⁰⁰ x não-pessoa, articulada a uma oposição singular x plural. Lê-se em Galves (1993): "[a não-oposição de pessoas] corresponde a uma concordância fraca¹⁰¹ morfológicamente (ausência de 2^a pessoa) e semanticamente - possibilidade de interpretar a 3^a pessoa do singular como indeterminada".

"Simplificação nos paradigmas flexionais" - "sujeito preenchido" – "mudança do português brasileiro". A formulação dessa tríade resulta de um estudo feito por Duarte em 1993: "[para o português do Brasil] a marcação negativa dentro do parâmetro *pro-drop*, coincide com a significativa redução ou simplificação nos paradigmas flexionais".

Diferentemente do português brasileiro, o português europeu é uma língua de concordância forte: a regularidade de ocorrência do *sujeito* nulo mostra que esse fenômeno não é ameaçado pela existência de formas homógrafas¹⁰², o que caracteriza um paradigma como funcionalmente rico¹⁰³. (DUARTE, s/d)

¹⁰⁰ A oposição refere-se à 1^a pessoa x 3^a não-pessoa.

¹⁰¹ Grifo nosso.

¹⁰² As "formas homógrafas" – ou "sincretismos" nos termos de Roberts - às quais Duarte se refere são as desinências de 3^a pessoa, usadas também para a 2^a pessoa indireta.

¹⁰³ Grifo nosso.

Se o português europeu apresenta um elemento de concordância forte, no português brasileiro não-padrão a concordância de número entre *sujeito* e verbo perdeu as marcas formais, podendo chegar aos limites da simplificação das regras. (SOUZA, 2007).

Mas o português europeu não-padrão também exhibe para a concordância *sujeito-verbo* alguma variação. Apesar de as imagens da variedade de além-mar estarem vinculadas a uma língua com morfologia verbal rica, "[há] casos¹⁰⁴ em que o verbo não concorda em número com o constituinte considerado *sujeito*". (CARRILHO, 2007)

A variação nas regras de concordância *sujeito-verbo* no português europeu também foi descrita em 2006 por Varejão. Após proceder à investigação de dois diferentes fenômenos (concordância verbal e estratégias de relativização), os resultados em números, para os quais a significância é muito mais qualitativa que quantitativa, mostraram que "as estruturas não-padrão do português europeu falado são sensíveis às mesmas forças lingüísticas que caracterizam o português brasileiro".

Em Duarte, Kato e Barbosa (2001) também se constatou a não-aplicação da regra de concordância *sujeito-verbo*. Reportemo-nos ao texto: "Quanto à concordância com o argumento interno plural ou composto, o 'default' nas receitas portuguesas é usar concordância, mas encontraram-se, surpreendentemente, casos sem concordância".

Das diferentes imagens do português brasileiro e europeu às diferentes expectativas:

(a) em nosso *corpus*, o *sujeito* nulo contará com desinências distintivas de número e de pessoa – (paradigma funcionalmente rico);

(b) embora em números inexpressivos, haverá casos em que a aplicação da regra de concordância *sujeito-verbo* não se aplicará.

¹⁰⁴ Segundo Carrilho, pesquisadora portuguesa, excetuando os casos de concordância lógica e as construções com *sujeitos* complexos, a não-concordância *Sujeito-Verbo* no português europeu está circunscrita a contextos em que o constituinte se encontra em posição pós-verbal.

Para exemplificar, transcrevem-se duas ocorrências retiradas do *corpus*, a primeira exibindo marcas formais e a segunda apresentando variação na regra de concordância:

(12) "Então tu vens trazer um homem. Olhei para o homem, o homem com os olhos esgazeados, nem pestanejava nem nada. Então tu vens trazer um homem morto!". (E₁₋₆₇)

(13) "Diz ela: O que é que... tu vê lá se lhe dás algum jeito. E ele riu-se. E ele: Tu queres que eu perca o pão por causa dum soldado? Diz ela: Não perdes nada! Tu vai e fazes...".(E₁₋₄₂)

3.4.2.5 Transitividade verbal

Para o português brasileiro (fala carioca), os verbos transitivos foram os que mais favoreceram o uso de *sujeitos* preenchidos e as orações com verbos intransitivos as que apresentaram os mais altos percentuais de *sujeitos* nulos (36%). Apesar de os números percentuais apontarem os contextos que mais favoreceram e os que mais resistiram ao *sujeito* nulo, a significância de cada grupo de fatores é atribuída pelos pesos relativos, e, segundo Duarte (1995), em todas as combinações feitas, a "transitividade verbal" foi sistematicamente rejeitada. "Essa rejeição sugere que os elementos que precedem o *sujeito* têm maior peso do que os que o seguem". (DUARTE, 1995)

Na fala londrinense¹⁰⁵ (LAPERUTA, 2002), os verbos com apenas um argumento (intransitivos – ergativos) também foram os que mais resistiram ao preenchimento do *sujeito* pelo uso do pronome. Os verbos "ser" e "estar", considerados influentes na preservação do *sujeito* nulo, exibiram tendência contrária: o percentual de *sujeitos* plenos foi significativo (63%).

¹⁰⁵ Português brasileiro.

Apesar desses resultados, a variável "tipo de verbo" apresentou pesos relativos em torno de 0.50, que atestam a não-significância desse grupo de fator.

A "transitividade verbal" também não foi apontada pelo programa computacional VARBRUL como fator condicionante à realização do *sujeito* na fala do araguiense (CARVALHO, 2005). A recusa se justifica pelo fato de essa variável não interferir positiva ou negativamente no apagamento (ou preenchimento) do *sujeito*.

No estudo em que Duarte (s/d) investiga a realização do *sujeito* no português europeu, a variável "transitividade verbal" não consta do grupo de fatores. Acreditamos que a exclusão se explique pela sua não-significância, mas, ainda assim, optamos por analisá-la, quer para encontrarmos outros resultados, quer para confirmar, como para o português brasileiro, que esse grupo de fator não é relevante para a forma de realização do *sujeito*.

Se o nosso objetivo é analisar a realização do *sujeito* no português europeu usando as mesmas "lentes" com que se fotografaram as representações do *sujeito* em diferentes variedades do português brasileiro, a inserção dessa variável, dentre o grupo de fatores lingüísticos, se justifica. Com maiores detalhes, a transitividade verbal está assim subdividida: (a) verbos intransitivos; (b) verbos transitivos; (c) verbos de ligação.

Obedecendo à ordem em que foram citadas, exemplificam-se as subdivisões:

(14) "A *gente* leva-lhe ao chão ao troço, abre-se uma vala e ela vai **nascer** acolá". (E₁₋₀₃)

(15) "Minha mãe fazia café, **dava** uma chávena de café a cada um e *a gente* comia com o milho. E dava um jantar! Sim senhora". (E₂₋₁₈)

(16) "Não faz falta que ela **estava** perdida. Se (um dia) ele não aproveitasse, *a gente* não sabia, eles não sabiam dela". (E₁₋₁₃)

3.4.2.6 Complementos verbais

Segundo Galves (2001), "a sintaxe pronominal do português do Brasil se distingue daquela das outras línguas românicas por usar formas pronominais não-clíticas nas posições em que o francês e o português europeu, entre outras, servem-se de pronomes clíticos". A rejeição ao clítico caracteriza o paradigma pronominal do português do Brasil. Para não usar pronome oblíquo (o, a, os, as), registraram-se, em Duarte (1986, 1989) e Cyrino (1993, 1997, 1999), diferentes estratégias de esquiva: a) sintagmas nominais plenos, b) categoria vazia; c) forma nominativa¹⁰⁶.

Apontadas como inexistentes no português brasileiro, as locuções - [*mo(s), ma(s), to(s), ta(s), lho(s), lha(s), no-lo(s), no-la(s)*], [*se-lhe*] formadas por [clítico dativo + clítico acusativo] e [clítico impessoal + 3ª pessoa], respectivamente, são, segundo Galves (2001), produtivas no português europeu. Especificidades que distanciam as duas variedades do português – brasileira e europeia.

Ao analisar os fatores que distinguem as escolhas léxico-gramaticais referentes ao uso dos pronomes pessoais nas línguas espanhola e portuguesa¹⁰⁷, Alves-Silva (2004) encontrou para o pronome-objeto "*lo*", na tradução do original espanhol para o português brasileiro, quatro diferentes formas de realização: a) omissão do pronome-objeto átono; b) mudança de estrutura; c) substituição do pronome-objeto átono por um tônico; d) manutenção do pronome-objeto átono. Observa-se, assim, que tanto no espanhol, quanto no português europeu - línguas [+] *pro-drop* - os pronomes-objeto de 3ª pessoa são, preferencialmente, representados pelo clítico acusativo.

¹⁰⁶ Forma pronominal "ele" e suas flexões.

¹⁰⁷ Língua portuguesa, neste caso, refere-se à variedade brasileira.

Em nosso *corpus*, os complementos verbais¹⁰⁸ estão assim codificados: (a) lexicalizado; (b) nulo; (c) oracional; (d) anexo predicativo

Ilustram essa variável, obedecendo à ordem em que foram citadas as estratégias de realização, os seguintes exemplos:

(17) "Se for "frau", já é uma mulher casada; e se for homem, é um. Pois. Se for pequeno, é um. Aquilo de povo para povo, mais ou menos, lá, têm as mesmas diferenças que nós temos cá. Eu encontrei **as mesmas diferenças** porque estive em vários povos ouviu? – e encontrava as mesmas diferenças que nós temos cá no nosso país, assim eu encontrava lá". (E₆₋₀₂)

(18) "Aí há duas maneiras. Pois. Para o vinho. Por acaso já vi fazer Ø. Vi fazer Ø e fiz Ø. Foi na Suíça. Foi só onde vi fazer Ø. Há dois anos que lá estive. Estive lá a trabalhar com um produtor de vinha. E foi lá onde (foi) a primeira vez (...) onde eu vi como se fazia o vinho". (E₆₋₄₆)

(19) "A semente não alcançava a largura (...) que eu queria. E então levava a largura que eu via que podia alcançar – por causa do vento. De maneiras que o homem (...)... Ah, e quando eu acabei de dizer aquilo, ele diz assim: Ó tio André! Essa não vem embalde. O que você está a dizer eu já estava à espera **que você dissesse isso**. Ai sim? Então se você estava à espera era porque você via que efectivamente que era verdade o que lhe eu tinha dito". (E₇₋₁₅)

(20) "Calhas de pedra, que tinha dentro e ele por dentro tinha como um cabrestante. Andava (com as quilhas) de roda e tinha um cabo, que pegava, que fazia aquilo andar de roda. Mas era só o chapéu por cima. A gente **chamava-lhe o tecto**, porque, o geral, o tecto duma casa é o que fica por cima. A gente chamava era o tecto do moinho". (E₃₋₄₆)

¹⁰⁸ Serão anotados, em separado, os casos, se houver, de complementos verbais, cuja forma de realização contrariar as normas do português europeu

3.4.2.7 Tipo de oração

Fotografias que documentam a realização do *sujeito* no português brasileiro revelam que a variável "tipo de oração" é um fator altamente condicionador – quer para retardar, quer para acelerar o processo de mudança.

No estudo diacrônico do português brasileiro, realizado por Duarte (1993)¹⁰⁹, as orações independentes foram as que mais resistiram ao preenchimento do *sujeito* pelo uso do pronome. As orações relativas apresentaram tendência contrária: favoreceram o uso do *pronome-sujeito*.

Na fala do londrinense, as orações relativas também tiveram participação especial no preenchimento do *sujeito* pronominal, 89%, com peso relativo de 0.80. (LAPERUTA, 2002)¹¹⁰

Mas não é só no sul e sudeste do país que as orações relativas desempenharam esse papel de destaque, no Centro-Oeste brasileiro (fala araguiense)¹¹¹, também foram elas que exibiram as maiores taxas percentuais de pronomes-*sujeito*. (CARVALHO, 2005).

Reconhecidas como "protagonistas" para o preenchimento do *sujeito* no português brasileiro, qual é o "papel" que as orações relativas desempenham em línguas [+]*pro-drop*?

Para o português europeu, as orações relativas com *sujeitos* de 1ª e 3ª pessoas foram as únicas em que o número de preenchimento superou o de apagamento (DUARTE, s/d). No espanhol de Buenos Aires, investigado por Soares da Silva¹¹² (2006), também foram as orações relativas que exibiram as mais altas taxas percentuais de *sujeito* preenchido.

¹⁰⁹ A pesquisa de Duarte (1993) está detalhada na seção 2. – subitem 2.2.1

¹¹⁰ Laperuta investigou a fala do londrinense.

¹¹¹ "A realização do *sujeito* na fala do araguiense" – pesquisa já comentada na seção 2 – subitem 2.2.3

¹¹² Maiores detalhes, veja seção 2 – subitem 2.2.4

Em extremos opostos estão, no português moçambicano, as orações substantivas e as relativas: estas como as que menos resistiram ao uso do pronome-*sujeito*; naquelas, a regra de *sujeito* nulo foi categórica (BRAVIN DOS SANTOS, 2006).

Se não se pode deixar de reconhecer o "talento" que tem as orações relativas em "influenciar" positivamente o uso do *sujeito* preenchido em línguas [+] e [-] *pro-drop*, supõe-se que os nossos resultados apontem para a mesma direção.

Em nosso *corpus*, a variável "tipo de oração" está assim subdividida: (a) principal; (b) independente; (c) justaposta; (d) 1ª coordenada; (e) 2ª coordenada; (f) completiva; (g) relativa; (h) adverbial.

Exemplificam, respectivamente:

(21) "Nunca me explicaram o nome desses pauzinhos. **Eu sei que** havia o fuso, havia o peso, havia o cincho que era donde se deitava a uva dentro". (E₁₋₀₃)

(22) "INQ1: Sim senhora. Portanto, a sua profissão era quê?

INF: **Eu tenho tido tantas**". (E₃₋₅₂)

(23) "Acertei o casamento, **tinha uma colcha e um guardanapo**, até era um paninho de tabuleiro. Mas fizemos aquela capela – que é de Nossa Senhora da Graça". (E₂₋₁₉)

(24) "**A gente pegavam num bocadinho de erva** e espremiavam-lha assim. Deitavam naquele buraco e soldava a lata. Soldava por uns tempos. Não derramava mais". (E₁₋₅₆)

(25) "Eu já ponho mais novelos **e eu agora faço com dezesseis**. É, é. Eu já faço mais quatro fios em cada cabrestilho – foi o que eu disse ainda agora". (E₁₀₋₉₄)

(26) "Sim senhor. Pode, pode, pode. Pois pode. E se eu for vivo para então, é o que eu vou fazer.

Não queria **que ele desprezasse a terra**". (E₁₋₅₄)

(27) "Há um bocado o meu filho **que está na França** me telefonou para o aniversário. Ele fê-los no Natal – ele fê-los no mês do Natal – e eu vou fazê-los amanhã". (E₁₃₋₅₆)

(28) "E eu bordava, **quando eu era mais pequena**, bordava, bordava... Eu enchia os lenços à roda e minha mãe então fazia o cantinho, que era para (ir) todo para casa". (E₂₋₁₉)

3.4.2.8 Ordem

A mudança da ordem no português brasileiro foi diacronicamente descrita por Berlinck (1989). A autora estudou a construção verbo-*sujeito* em textos dos séculos XVIII, XIX e XX. Em números percentuais, apresenta-se o fenômeno da mudança: decréscimo da ordem V-SN, que obteve 42% de ocorrências na metade do século XVIII, 31% no século XIX, e apenas 21% no século XX.

A ordem verbo-*sujeito* em construções monoargumentais e pluriargumentais foi investigada no português brasileiro e europeu por Berlinck (1995). Dos resultados obtidos pela análise dos dados, ressaltam-se: a) quando comparadas as duas variedades, a posposição de *sujeitos* em contextos pluriargumentais passou a ser exclusiva do português europeu; b) em construções monoargumentais, tanto o português brasileiro, quanto o português europeu modernos exibem o mesmo comportamento, apesar de a ordem Verbo-*Sujeito* ser mais produtiva nesta do que naquela.

Partindo da hipótese de que algumas mudanças ocorridas na língua portuguesa, como a alteração da ordem dos constituintes, estariam aliadas às características do correferente do tema, Laura (2005) analisou, em uma perspectiva diacrônica, a função sintática desse constituinte e sua relação sintático-semântica com a oração.

Os resultados da análise comparativa mostraram que: **(a)** no século XVIII, o *objeto* é a função preferida para retomar o tema (50%) – a retomada por "*sujeito*" é de apenas 27,8%; **(b)** no século XIX, continua predominando a função de *objeto* (39,9%) como constituinte correferencial ao tema, mas a diferença entre *sujeito* e *objeto* cai para 6,6% - o *sujeito* começa a disputar "espaço" com o *objeto*; **c)** no século XX, a função sintática de *sujeito* (51,9%) passa a ocupar a posição que, no século XVIII, era do *objeto* (50%).

Para Laura (2005), os resultados da pesquisa confirmaram que as alterações das funções sintáticas do constituinte correferencial ao tema (de *objeto* para *sujeito*) estão diretamente associadas à mudança da ordem no português brasileiro (de V-SN para SN-V).

Para observar quais contextos sintáticos são mais propícios à inversão livre do *sujeito* no português europeu, Duarte (s.d) dividiu as construções (V-SN) em dois grupos: um em que o SN é um argumento interno e, portanto gerado em posição pós-verbal; outro em que o SN é argumento externo, configurando inversão prototípica.

Reportemo-nos ao texto, no qual a conclusão dessa pesquisa está descrita nos seguintes termos:

Os contextos em que ocorre [a inversão livre do *sujeito*] são mais amplos no português europeu do que no português brasileiro. E tanto nos casos de posposição de argumento interno, como externo destaca-se a força da concordância verbal, que já não é operante no português brasileiro. (DUARTE, s/d, p. 15)

A representação do *sujeito* pronominal no espanhol peninsular e no americano (variedades de Madri e Buenos Aires, respectivamente) constituiu, em 2006, o foco das investigações de

Soares da Silva. Integrou-se ao grupo de fatores lingüísticos analisados por esse pesquisador, a variável "posposição do *sujeito*", cujos resultados apontaram que a variedade de Buenos Aires "manifesta a inversão, que é uma propriedade das línguas de *sujeito* nulo, com menos intensidade" que o espanhol de Madri¹¹³, língua de *sujeito* nulo prototípica.

Apesar de o percentual de posposição do *sujeito* ser mais expressivo em Madri, em ambas as variedades, a segunda pessoa indireta foi a que mais propiciou a posposição do *sujeito*. Para Soares da Silva, esse resultado confirma o que já havia sido observado por Fernández Soriano (1999) "o pronome usted/ustedes, que representa a segunda pessoa indireta, é o que mais aparece expresso em espanhol".

Se a possibilidade de inversão livre entre *sujeito*-verbo, em sentenças declarativas simples, é uma das características das línguas [+] *pro-drop*, e, se o português europeu se enquadra nesse "figurino", é de se esperar que, em nossos dados, o número de ocorrências de inversão livre do *sujeito* seja expressivo.

Citam-se exemplos de ordem *sujeito*-verbo e verbo-*sujeito*, respectivamente:

(29) "Olhe, senhor, **eu vim** aqui para esta quinta, paguei juros de dinheiro para a comprar. E depois **eu tive** um vício no moinho que **eu disse** ao meu homem: fiquei com aquilo, e agora, os meus filhos, nenhum liga àquilo e **eu tenho** pena". (E₁₋₃₉)

(30) "Aquilo por cima era barro preto. Mas no fundo, aquela fundura era areão, cascalho, terra lavada – e a água a aparecer de todos os lados! Bem, **digo-lhe eu** assim para ele: Ouça lá, então se você me deixasse fazer além uma presa, além, que eu punha a água a correr aqui a esta altura aqui ao nível da terra?". (E₇₋₂₁)

¹¹³ Para Buenos Aires a taxa de inversão foi de 2%, e, para Madri, (9%).

3.4.2.9 Correferencialidade

Os resultados de estudos que investigaram a realização variável do *sujeito* em línguas [+] e [-] *pro-drop* tendem a confirmar a estreita relação entre correferencialidade e *sujeito* nulo. Nas palavras de Paredes da Silva (2003, p. 105) "quanto mais estreita a conexão entre um referente/*sujeito* e sua menção prévia, menor a necessidade de explicitá-lo, seja por um pronome ou nome (no caso de terceira pessoa)".

Segundo Lira (1988), o fator "correferencialidade" tem a mesma influência tanto na modalidade falada, como na escrita: se o referente for o mesmo, inibirá a presença do *sujeito* pleno; se for diferente, o *sujeito* aparecerá freqüentemente de forma preenchida.

Ao examinar a possível implementação da mudança em direção ao *sujeito* foneticamente realizado e seu encaixamento no sistema lingüístico do português brasileiro – representado por duas amostras da fala carioca - Duarte (2003) amalgama diferentes resultados, cuja conclusão atesta que o fator "correferencialidade" afeta positivamente o "*sujeito* nulo". Para essa pesquisadora: "... num sistema em que o número de flexões se encontra reduzido [...] é compreensível que [...] quanto mais acessível o referente, mas facilmente se licencia e se identifica o *sujeito* nulo".

Para identificar quais os contextos que implementam e quais ainda tendem a retardar o processo de mudança do português brasileiro – representado pela fala araguiense - Carvalho (2005) incluiu, dentre os grupos de fatores, a variável "correferencialidade". Apesar de os resultados das análises dos dados confirmarem as expectativas - "na fala do araguiense, o *sujeito* nulo é preferencialmente usado em orações cujo *sujeito* é correferente da sentença anterior" - os percentuais de preenchimento (49%) em orações com *sujeitos* correferentes sinalizam que esse contexto, que se mostrava "avesso" à mudança já não é assim tão "inflexível".

Para o português europeu, os resultados de Duarte (s/d) mostraram que: "... numa língua de *sujeito* nulo forte, há contextos em que é praticamente obrigatório seu uso. Foi o que se viu nas coordenadas e é o que ocorre com o segundo elemento de uma estrutura subordinada, sempre que há correferência".

Se "correferencialidade" implica mais "*sujeitos* nulos", quer em línguas [+] *pro-drop*, quer em línguas [-] *pro-drop*, as nossas expectativas estão depositadas nessa parceria, embora acreditemos que, no português europeu, o percentual de *sujeitos* nulos seja majoritário em todos os contextos. Em outras palavras, o número de *sujeitos* nulos será maior do que o de *sujeitos* preenchidos, quer com *sujeitos* correferentes, quer com *sujeitos* não-correferentes, mais naquele caso que neste.

Para ilustrar, transcrevem-se duas ocorrências: *sujeitos* correferentes e não-correferentes, nessa ordem:

(31) "Ouça lá, e se isto aparecer feito como eu estou a dizer, o qual é que é o maluco"? "Era eu. Mas não sou, porque (...) isso nunca pode ser. Isso nunca pode ser". "Está bem"! **Ele** abala para Lisboa e **Ø** deu as ordens ao guarda. O guarda no outro dia de manhã: "Uns vão para aqui", "outros vão para além", "outros vão para outro lado". E eu faço assim para o guarda". (E7-22)

(32) "É dentro de tonéis. E o Ansur, para acabar com os tonéis – que o gajo tinha lá tonéis pequeninos que eu cabia lá de pé dentro deles –, mandou fazer mas foi casas. Tonéis em cimento. Eh pá! Eu não sabendo, mas daqueles novos! E um dia avanço lá pelo meio da adega – **eu** vinha dum hortazita que **eles** tinham lá ao fundo da vinha e passei assim por dentro da adega –, pó-pó-pó-pó-pó-pó! "Ai, deve estar para aqui, (alguma coisa) a ferver"! Subo escada acima, chego lá, estava assim uma coisa assim deste tamanho". (E7-45)

3.4.2.10 Forma verbal

"[Para o português do Brasil] a marcação negativa dentro do parâmetro *pro-drop* coincide com a significativa redução ou simplificação nos paradigmas flexionais". Dessa proposição formulada por Duarte (1993), passou-se a associar tempos verbais teoricamente marcados a *sujeito* nulo.

A denominação "teoricamente marcados" deve-se ao fato de os tempos verbais - *presente* e *pretérito perfeito do indicativo* - apresentarem diferenças, que, mesmo na oralidade, se manteriam com alguns verbos (*eu canto, ele canta - eu cantei, ele cantou*), mas não com outros: há verbos em que a diferença de marca não se aplica (*eu trouxe, ele trouxe*).

Ao analisar em 1995, a realização do *sujeito* na fala do carioca, a correlação entre "tempos verbais teoricamente marcados" e "*sujeito* nulo" é parcialmente confirmada por Duarte: o pretérito perfeito apareceu como o tempo verbal que mais favoreceu o *sujeito* nulo (39%), mas o presente do indicativo não concentrou a segunda maior taxa percentual de não-preenchimento. Com 27% de apagamento, essa posição foi ocupada pelo pretérito imperfeito do indicativo. Para a pesquisadora:

Tais percentuais parecem sugerir que as desinências do pretérito perfeito para a 1ª e 3ª pessoas do singular resistem mais ao desgaste pelo qual vem passando o paradigma flexional; neste particular, o presente já se iguala ao imperfeito, apresentando o mesmo desgaste. (DUARTE, 1995, p. 57)

Motivada por resultados sincrônicos de 1995 (fala culta carioca) e de 2003 (fala popular carioca) que mostraram que a 1ª e 2ª pessoas são as que mais preenchem a casa do *sujeito*, independentemente de a desinência ser mais ou menos saliente, Duarte faz uma releitura da proposição¹¹⁴ apresentada por ela mesma em 1993: nos estágios iniciais da mudança, a maior ou

¹¹⁴ "[para o português do Brasil] a marcação negativa dentro do parâmetro *pro-drop*, coincide com a significativa redução ou simplificação nos paradigmas flexionais".

menor saliência fônica deve ter atuado no sentido de licenciar ou inibir o *sujeito* nulo; no entanto, à medida que a mudança progride, esse efeito se perde e todo o paradigma é afetado. Prova disso é o fato de que, mesmo com os indivíduos que usam a desinência <-mos>, a preferência é pelo pronome-*sujeito*.

Se, para o português brasileiro, o preenchimento do *sujeito* independe de a desinência ser mais ou menos distintiva, para o português europeu, formulamos a seguinte hipótese: independentemente do tempo verbal, o *sujeito* nulo será a opção não-marcada.

Subdividiram-se as formas verbais em: (a) presente do indicativo; (b) pretérito perfeito do indicativo; (c) pretérito imperfeito do indicativo; (d) pretérito mais-que-perfeito do indicativo; (e) futuro do pretérito do indicativo; (f) futuro do presente do indicativo; (g) presente do subjuntivo; (h) pretérito do subjuntivo; (i) futuro do subjuntivo.

Para exemplificar, transcrevem-se ocorrências retiradas do *corpus*:

(33) "Eu não **trabalho** (presente do indicativo) porque eu **estou** (presente do indicativo) doente do coração. É. Ele eu estou doente do coração. Quer dizer, (...) eu faço um bocadinho, mas é é a minha filha. (...). Ah, ela sabe tecer igual a mim!". (E₈₋₈₈)

(34) "Olhe, eu nunca **vi** (pretérito perfeito do indicativo) ninguém colher laranjas com rocas. Porque a roca a colher a laranja...". (E₇₋₅₉)

(35) "A *gente* **deitavam** (pretérito imperfeito do indicativo) um grãozinho daquilo e aquilo limpava a vista. **Tirava** (pretérito imperfeito do indicativo) tudo para fora. Aquilo semeava-se na terra, um bocadinho de terra daquilo". (E₈₋₀₅)

(36) "Tu tiveste foi uma grande sorte de me pões aqui, em casa, sem eu... Eu estou doente! Porque se eu **estivesse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) doente, já não vinha para cá. Porque aquilo ele leva muito tempo a tecer". (E₉₋₉₂)

(37) "Eu, quando eu **fizer** (futuro do subjuntivo) um órgão novo – porque isso, ele essa parte chama-se um órgão eu, quando eu **fizer** (futuro do subjuntivo) eu vou fazer, mas vai ser com a madeira à maneira de... Qualquer pessoa pode carregar." (E₁₀₋₉₁)

Lembramos ainda que das formas nominais: **INFINITIVO, GERÚNDIO E PARTICÍPIO**, apenas a primeira consta do quadro de análise "forma verbal". Nas análises clássicas, orações infinitivas, gerundivas e participiais são consideradas orações nominais. Com relação às infinitivas, dados do português europeu revelaram que a categoria "Concordância" também podia estar presente nesse tipo de oração e eventualmente permitir a ocorrência de *sujeitos* lexicais com Caso nominativo. Para as gerundivas e participiais uma posição bastante generalizada é a de que são orações "nominais" sem Flexão, portanto, contextos que podem abrigar *sujeitos* nulos, mesmo em línguas de *sujeito* preenchido. (GONÇALVES, 1994)

Nas orações gerundivas e participiais (tradicionalmente consideradas não-finitas e com PRO como *sujeito*), verificam-se efeitos de controle, fenômeno que não acontece nas adverbiais finitas, cujo *sujeito* nulo não é necessariamente correferente com o *sujeito* da principal. (GONÇALVES, 1994). Acrescenta-se, ainda, o fato de as orações gerundivas e participiais propiciarem, em português, a inversão *sujeito-verbo*. Por esses motivos, excluíram-se da nossa análise o gerúndio e o particípio.

Para ilustrar "restrição ao uso do pronome-*sujeito*" e "inversão *sujeito-verbo*", transcrevem-se exemplos retirados de Gonçalves (1994): 'Chegado ele, começamos a jantar', 'Chegado tu, começamos a jantar', 'Encontrada ela, a camioneta pôde subir', 'Encontrada tu, a camioneta pôde

subir', 'Quando a secretária chega atrasada, o director fica mal humorado', 'Quando chega a secretária atrasada, o director fica mal humorado', 'Chegando a secretária atrasada, o director fica mal humorado'.

3.5 Seleção dos dados

Para descrever e analisar a realização do *sujeito* na fala do português europeu, seleccionaram e excluíram-se dados, segundo procedimentos que passaremos a discorrer:

3.5.1 *Sujeito* específico e genérico

Estudos¹¹⁵ que investigaram a realização do *sujeito* no português brasileiro apresentam evidências da perda do *sujeito* nulo referencial e arbitrário. O aparecimento de construções pronominais nominativas para representar *sujeitos* arbitrários¹¹⁶ está relacionado "a uma mudança mais geral no PB - a perda do *sujeito* nulo - mudança que se iniciou com os *sujeitos* referenciais de primeira e segunda pessoa". (DUARTE, 1995, 2001). O preenchimento do *sujeito* no português brasileiro é uma espécie de "vírus" que se propagou da referência específica para a genérica, como que por contigüidade.

Apesar de o português europeu ser considerado tradicionalmente língua de *sujeitos* nulos referenciais e arbitrários, decidimos computar, em separado, *sujeito* específico e *sujeito* genérico.

¹¹⁵ A perda do *sujeito* nulo referencial no português brasileiro foi descrita em muitos estudos, dentre eles, Duarte (1993, 1995), Carvalho (2005).

¹¹⁶ Também cunhados de "indefinidos" ou "genéricos"

O objetivo é observar, caso, essa variedade de língua já não se comporte prototipicamente [+pro-drop, se o preenchimento do *sujeito* segue a mesma direção: do referencial para o arbitrário.

Exemplificam "*sujeito* específico" e "*sujeito* genérico"¹¹⁷, respectivamente:

(38) "Eu é que fui criado na baixa, mas eu não sei. Eu não me responsabilizo à minha fala; não sei, quer dizer, (...) significa que a minha fala não oiço". (E_{4.01})

(39) "Porque se compra a peso. Já se sabe que se for grande [a couve, o repolho], mas vai ao peso, se não tiver peso, a gente diz logo: Olhe, é muito grande, mas eu não a quero que pesa pouco. Já se sabe por dentro que não tem de comer". (E_{6.43})

3.5.2 Expressões "(eu) acho que", "(eu) sei lá" / Frases fixas com verbos "ir" e "supor"

Não constam do total de dados analisados frases formadas pela expressão: "ACHO QUE", quer com *sujeito* preenchido, quer com *sujeito* nulo. Também foram excluídas frases formadas pelas expressões: "(EU) SEI LÁ", *sujeito* preenchido ou nulo.

Embora tenhamos encontrado variação entre preenchimento e não-preenchimento da casa do *sujeito* com frases formadas por essas expressões, optamos por excluí-las do cômputo geral dos dados. A exclusão se justifica pelo fato de Duarte (1995) observar que na fala carioca a expressão fixa "SEI LÁ" constituir contexto de *sujeito* nulo categórico e, em sentenças raízes com os verbos epistêmicos "(EU) ACHO" e "(EU) NÃO SEI", no presente do indicativo, o uso do *sujeito* nulo ser muito freqüente.

¹¹⁷ Para maiores detalhes, ver subseção 3.4.2.1

Também não constam do total de dados analisados frases fixas com os verbos "IR" e "SUPOR", no presente do indicativo, que parecem condicionar o uso do *sujeito* nulo.

Para exemplificar, transcrevem-se ocorrências encontradas no *corpus*:

(40) "Com pedras para nós não pescarmos, para nós não apanharmos... É (...) um rico, que ele não precisa daquilo; é já para fazer mal a nós. Porque tem havido reclamações. **Acho, acho eu**, que ele tem compadres que tapem em Portimão. **Acho eu**, porque oiço dizer". (E₄₋₀₂)

(41) "Pode estar muito rente, e não (faz) /foge\. É como a mulher. É criadora como a mulher. **Acho que** ela só cria dois. Dois. É como a mulher. Só têm dois. É mamífero. É claro, lá tem as mamas. É o destino da vida. Mas mamam na mãe (...) como (mama a) /mamam na\ mulher. E é um peixe. É. Tal e qual como a mulher". (E₄₋₄₂)

(42) "Para ele não tomar ar. E ali está. Mas aquilo pode estar, **eu sei lá!** É sempre maciinho e molezinho, que aquilo é mais mole que o trigo". (E₁₋₂₀)

(43) "**Ø sei lá. Eu sei lá.** Para aí quarenta. Ou quarenta ou quarenta e tal; devia sê-lo em quarenta; ou em quarenta ou em quarenta e tal. E depois iam muito homens". (E₁₋₅₉)

(44) "Havia *gente* que matavam 'leitãos' novos. E tratavam isso era um leitão: **Ø vamos** comer hoje um leitão. Mas não era muito hábito aqui, não é?". (E₈₋₂₂)

(45) "Ele dizia isso! Ele contava isso para nós; que andou lá e contava. E dizia: "Vocês, lembrai-vos: se houver uma guerra qualquer, estes ou o mundo ele destrói"... **Ø Suponhamos**, há uma guerra em Portugal – ou que venha lá de fora de Portugal –, vêm a Lisboa, arrasam Lisboa, nós aqui também ficamos". (E₁₋₆₂)

3.5.3 Sujeitos repetidos

Foram desprezados os *sujeitos* repetidos, como, por exemplo:

(46) "Eu tive um, claro, Ø fui andando, Ø fui andando, Ø fui andando, Ø fui andando, depois também não houve trigos, nem cevadas, nem milho, nem nada, estavam parados; depois, (...) na casa fechada, arrombaram-lhe com a porta, até sujavam dentro e aquela coisa toda" (E₃₋₅₀)

3.5.4 Anotações entre parênteses

Descartaram-se as anotações que estivessem entre parênteses, pois, segundo o manual de informações do CORDIAL-SIN: "os segmentos discursivos cuja percepção auditiva por parte dos transcritores é insegura são grafados entre parênteses".

Para exemplificar, transcrevem-se ocorrências encontradas no *corpus*:

(47) "A gente (também servia) a comida; e ela ia levar o leite e vinha e, claro, agarrava-se a trabalhar: ou Ø (ia) à erva ou a cavar ou, pronto, a trabalhar." (E₁₋₄₆)

(Frases não consideradas, pois os verbos estão entre parênteses)

(48) "E eu fui, agarrei, olhe, sabe o que eu fiz? Botei a Viseu. Botei a Viseu e ele estava lá. Estava lá no quartel – fui num sábado –, e ele não tinha instrução, estava no quartel. Eu fui, e fui à porta de armas e (eu) dei o nome dele, e ele foi... O gajo foi chamar e ele veio". (E₃₋₄₇) -

(Frase rejeitada, pois o *sujeito* está entre parênteses)

3.5.5 Estruturas clivadas ou pseudoclivadas

As estruturas clivadas ou pseudoclivadas também não constam do total de dados analisados, por constituírem casos de pronome lexical categórico. (DUARTE, 1995)

Para exemplificar, citam-se ocorrências encontradas no *corpus*:

(49) "E é assim. Ela agora a filha vai ter um menino, que é o primeiro menino – quer fazer a colchinha da alcofa, mas quer fazer com folhos e já se sabe. E **eu é que pago**". (E₂₋₂₉)

(50) "**Quem o obrigou a casar com ela fui eu**. Sabe? Não a queria porque ele... Ele namorava-a e ele tinha só dezassete anos e namorava-a, mas quem me disse foi um vizinho meu: Eh rapaz, o teu filho namora a Beatriz". (E₁₋₄₅)

3.5.6 Palavras focalizadoras denotativas de exclusão

Por estarem muito diretamente associadas ao uso do *sujeito* preenchido, excluíram-se contextos em que houvesse palavras focalizadoras denotativas de exclusão: só, salvo, apenas, senão, etc.

Para ilustrar, citam-se dois exemplos, o primeiro não faz parte do *corpus*, o segundo, retirado do *corpus* de análise:

(51) "O que vemos são mães estressadas, cheias de culpa e entrando em depressão. O homem pode e deve auxiliar, mas só a mulher sabe se multiplicar, só ela tem o sexto sentido, só ela faz várias coisas ao mesmo tempo, só ela engravida, só ela amamenta e só ela dá a luz."¹¹⁸

(52) "Então não era você que estava à rasca ali, que não tinha consulta? "Ai, (...) mas eu já arranjei consulta". Disse eu para o homem: "Eu já arranjei consulta". E o homem faz-me assim para mim: "Você já se arranjou. Só eu é que me calha (tão) mal e não sou capaz de me arranjar". Digo eu assim: "Então, mas o que é que você queria? O que é que você vinha à procura"? "Ora, o que eu vinha à procura era tirar um dente mas cheguei ali já passaram as senhas todas. Venho de Santo Amaro para aqui, estou lá num monte, (custaram caro a) arranjar outra pessoa para ficar lá no meu lugar, agora chego aqui... ". (E₁₋₄₀)

3.5.7 Duplo *sujeito* e *sujeito* expletivo

As estruturas de tópico com duplo *sujeito* e as estruturas com *sujeitos* expletivos não são propriedades de língua de *sujeito* nulo, por esse motivo, não constam da análise dos dados.

Exemplificam, respectivamente, duplo *sujeito* e *sujeito* expletivo, as ocorrências encontradas no *corpus*:

(53) "Pode ser outra qualidade de bicho que eu não estou visto nele. E como não estou visto nele... Eu tenho sido sempre um observador de quando vejo um bicho, inspeccioná-lo... Eu com os lagartos pegava até muito com eles. E ele o lagarto, em bem se vendo apertado, volta-se contra *a gente*. O lagarto fazia assim com a cabeça e eu fazia assim com o dedo". (E₇₋₁₀₀)

¹¹⁸ Texto de Maria Isabel de Assis Pereira – publicado no Jornal *O Popular*

(54) "Mas veio agora quando não havia de vir. Havia de vir já antes, repartida. Não, agora ainda havia de vir muita (água). (Agora faz bem). Mas olha que não há muitas águas. Eh! Como ele vai haver? **Ele não tem chovido nada**. Mas diziam-nos os antigos, diziam assim: (...) ainda se que não chova em todo o ano, se chover em Abril e Maio, que chegava bem". (E₁₆₋₆₂)

3.5.8 Clítico "se"

Construções com verbo na terceira pessoa do singular com um *sujeito* nulo associado ao clítico "se" não constam como uma possível forma de realização do *sujeito*:

(55) "A vinha (no) /o\ princípio era uma relva que estava; *a gente* abria as mantas, metia-se o bacelo, botava-se adubo, e pronto, ficava plantado. E depois, **ia-se** cavando todos os anos para e coisa. (Assim). Até à vinha crescer". (E₁₋₀₁)

3.5.9 Frases interrogativas

Não estão inclusas dentre os dados selecionados as frases interrogativas, pois a não-realização fonética do *sujeito* em sentenças interrogativas não é privilégio de línguas [-] *pro-drop* (DUARTE, 1995). Condicionamentos discursivos e prosódicos podem, especialmente, nesse tipo de sentença, atuar na identificação do *sujeito*.

Exemplifica o uso de *sujeitos* nulos em frases interrogativas:

(56) "É o nosso uso e *a gente* falar. Vamos à pesca. Vamos pescar. **Então Ø pescaste muito? Ø apanhaste muito peixe? Ø apanhaste muito peixe¹¹⁹?** Pois apanhei, sim. Ou: Não apanhei. Ou: Não houve pesca nenhuma. Ou: Houve pouca. É. *A gente* fala assim um com o outro: Então apanhaste muito peixe, fulano". (E₄₋₁₁)

3.5.10 Passivas nominais e pronominais

As passivas pronominais e nominais também não fazem parte dos dados selecionados para análise. Nesses contextos o uso de SNs é muito recorrente.

As ocorrências encontradas no *corpus* exemplificam passiva pronominal e nominal, respectivamente:

(57) "*A gente* encontram muitos ninhos. Agora já não se vê tanto, mas primeiro **via-se** muitos ninhos de codorniz. Aquilo, eles mal descascam, aquilo é como os pintainhos: saem logo para fora pela relva, para os pastos. Mas é tudo codornizinhas pequeninas". (E₈₋₇₀)

(58) "Eh, aquela coisa surgiu outra vez, deu aqueles longos urros e, para se saber que não era lontro, ardeu uma chama de fogo – encarnado! Agora é que eu não me lembro se **Ø era encarnado** no princípio, se foi verde no princípio. Mas não tenho é bem a certeza. Mas parece-me que foi encarnado no princípio. E depois foi verde. Tal e qual uma festa, quando se faz aquelas que se chamam, uma labareda de fogo a arder. A praia a arder, em chama, em faíscas, e depois fez-se em verde. E o meu avô diz assim: "Eh rapaz, dá-me aí fogo"! E eu (olhei) para ele: "Ó senhor, tenha juízo, tenha vergonha. O que é que vossemecê está fazendo?" (E₄₋₇₄)

¹¹⁹ Além de serem interrogativas, há repetição.

3.5.11 Imperativo

Sentenças no modo imperativo condicionam o uso do *sujeito* nulo. Segundo Gonçalves (1994), com o modo imperativo e quando não há acento contrastivo, o *sujeito* é omitido em português padrão.

Para exemplificar sentenças no modo imperativo, não computadas na análise dos dados, transcrevem-se algumas ocorrências encontradas no *corpus*:

(59) "Vai uma senhora qualquer, agarra-me aqui assim por um braço: "Onde é que você vai"? "Vou-me já embora". "Não, não vai-se embora. Você peça lá à bilheteira e ela tem que lhe arranjar a consulta. Ela é que lhe deu cabo da consulta a você". (E₇₋₄₀)

(60) "Eu preciso disso para alguma coisa, rapaz"? Pôs-se muito carregado, muito carregado, diz ele: "Olhe, você vá-se embora, Ø vá-se embora e Ø vá por Arões e Ø diga ao padre (...) que eu quando for da tropa, caso com ela". (E₁₋₄₇)

3.5.12 *sujeitos* que pudessem causar ambigüidade

Não constam da análise dos dados *sujeitos* preenchidos com a função de desambigüizar o referente.

Para exemplificar, transcreve-se uma das ocorrências do *corpus*:

(61) "Ai a franja eu fazia era com uma hastezinha, pequenina, que eu tinha. E era ou com o dedo ou com um bocadinho – um bocadinho assim como aquele que o senhor teve na mão. *A gente* punham ali só para nos guiar. Não era nada para". (E₁₀₋₁₀₁)

A ocorrência foi rejeitada, pois o não-preenchimento do *sujeito* causaria ambigüidade (tanto o SN "hastezinha" quanto o "eu" da primeira oração poderiam figurar como *sujeito*).

3.5.13 Orações com acento contrastivo

Por constituírem contextos previstos de *sujeito* preenchido, as orações com acento contrastivo foram excluídas dos dados de análise.

Exemplifica *sujeito* preenchido em oração com acento contrastivo, a seguinte ocorrência encontrada no *corpus* de análise:

(62) "Olha lá, porque é que tu não disseste que eras só filho único e que não querias ir para fora? Então tu... Veio aqui uma carta, assim, assim... Olha, tu se precisares de alguma coisa... Tu não vais para fora! Vai outro e tu ficas! E quando precisares de alguma coisa... E vais passar mais o tempo em casa! Assim foi: se estava lá oito dias, estava aqui quinze". (E₁₋₄₃)

3.5.14 A forma pronominal "*a gente*"

Pelo fato de a forma pronominal "*a gente*" poder apresentar o verbo na 1ª pessoa do plural, foram excluídos da análise os *sujeitos* nulos em que não pudéssemos identificar se a pessoa

gramatical seria "nós" ou "*a gente*"¹²⁰. Detalha-se: a forma pronominal "*a gente*" exibe, no *corpus*, três diferentes possibilidades de concordância verbo-*sujeito*, inclusive na fala de um mesmo informante.

3.5.14.1. A forma pronominal "*a gente*" - verbo na 1ª pessoa do plural

Para exemplificar concordância da forma pronominal "*a gente*" com verbo flexionado na 1ª pessoa do plural (desinência número-pessoal "mos"), transcreve-se uma ocorrência retirada do *corpus* de análise:

(63) "Então ele já deu ordem? Já! Então, olhe, leve os que quiser e vá para lá . Não. Não é preciso levar muitos. Comigo, três. Vão mais dois aí desses. A gente vamos lá fazer aquilo". (E₇₋₂₂)

3.5.14.2 A forma pronominal "*a gente*" - verbo na 3ª pessoa do singular

Exemplifica o uso da forma pronominal "*a gente*" com verbo na 3ª pessoa do singular:

(64) Em moleiro e em barroqueiro. E (eu) agora sou camponês [...] A gente trabalhava com umas bestas, a acartar madeira, a acartar enchimento para as estufas. A gente trata (...) o barroqueiro é um arreeiro". (E₉₋₃₃)

¹²⁰ Para que fossem incluídos na análise, os *sujeitos* nulos deveriam ser correferentes, ou, se não-correferentes, deveriam manter a mesma flexão.

3.5.14.3 A forma pronominal "*a gente*" - verbo na 3ª pessoa do plural

No português europeu, a forma pronominal "*a gente*" também é usada com verbo na 3ª pessoa do plural. Para exemplificar esse uso, cita-se:

(65) "É uma linhaça. Tratam linhaça, que é a semente que até diz que é muito bom para deitar em vistas quando estão inflamadas – e que no tempo *a gente deitavam*. Na nossa casa deitava-se. Se tinha alguma coisa dentro, aquilo no outro dia... *A gente deitavam* um grãozinho daquilo e aquilo limpava a vista". (E₈₋₀₅)

3.5.14.4 A forma pronominal "*a gente*" - variação de concordância

Para exemplificar variação na concordância de número e de pessoa na fala de um mesmo informante, transcrevem-se ocorrências retiradas do *corpus* de análise:

(66) "Selha ou a dorna. Sim senhora. Tanto faz grande como pequena. *A gente habituaram-se*: Ah! Traz-me aquela selha! Traz a selha maior! Traz a selha mais pequena! Olhe, há alguns também que tratam dorna". (AMÓS – PONTA GARÇA, p. 45)

(67) "Balseiro é um... Também serve quando é pouca uva. Quando há pouca uva, *a gente deitam* numa, por exemplo, desses já – um balseiro grande, seja uma selha pequena, que fazem o mesmo trabalho, não é? Agora se há muita uva para deitar dentro, pois *a gente temos* outros balseiros – que tratam os balseiros – maiores" (AMÓS – PONTA GARÇA, p. 45)

(68) "Quando *a gente pegam* nela, ela larga um mau cheiro. Que *a gente fica* com as mãos... Largam aquele cheiro". (AMÓS – PONTA GARÇA, p. 51)

3.5.15 *Sujeitos nulos excluídos da análise*

Conforme já mencionado, foram excluídos da análise os *sujeitos* nulos em que a identificação das pessoas gramaticais "nós" ou "a gente" ficou comprometida. Para que fossem incluídos dentre os dados selecionados, os *sujeitos* nulos deveriam ser correferentes, ou, se não-correferentes, deveriam manter a mesma flexão.

Para exemplificar *sujeitos* nulos que não constam do total de dados analisados, citam-se:

(69) "As belgas eram marcadas com uns bocadinhos dumas canas, com – suponhamos – com um trapo branco, qualquer um outro papel, diferente de cor da terra, para desenhar. Conforme era... Se a terra era direita... E depois dependia da habilidade de cada um. Porque há aí alguns cá na vila, que **Ø conhecemos** com essa habilidade, quase que à distância de duzentos metros, ou cem, se a terra fosse direita, punham uma baliza aqui e outra naquela ponta". (E₆₋₁₉)

(70) "E *a gente* trabalha muito, mas somos só quatro pessoas. A minha mulher guarda as vacas no monte – as senhoras quando chegarem ali, olhem por aquela (barra lá) para fora, elas lá andam. Ela anda lá com elas. É eu e o meu filho e a minha nora. **Ø temos** lá um netito, ainda vai fazer para o dia vinte e nove deste mês nove anos". (E₁₋₀₁)

(71) "É mais escuro, é. Mas sabe o que *a gente* agora costuma a fazer, e é coisa boa? Bota um alqueire de centeio e um alqueire de milho. Misturado. Mói-se a farinha, que **Ø temos** moinho de moer. **Ø temos** até... Até tenho três moinhos: dois a água e um a electricidade. Mas *a gente* agora agarra-se mais à electricidade". (E₁₋₀₇)

(72) "É. E este é que era o chá da horta, que faz bem aos estômagos, olhe. Esta **Ø chamamos** o chá da horta. É. Faz bem aos estômagos este chá também". (E₁₆₋₀₄)

3.6 Finalizando

Apresentaram-se nesta seção: a abordagem teórico-metodológica adotada, os objetivos e hipóteses, o *corpus* da pesquisa, as variáveis internas e externas à língua que compuseram o nosso envelope de variação e os critérios estabelecidos para a coleta de dados. Quanto às variáveis - quer externas, quer internas - buscou-se justificá-las pela relevância e aplicabilidade já atestadas em vários outros estudos.



4 A FOTOGRAFIA DO *SUJEITO* NO PORTUGUÊS EUROPEU

4.1. Resultado geral

No cômputo geral, nossos dados perfizeram o total de 4398 ocorrências: 2952 (67%) de *sujeitos* preenchidos pelo uso de pronome e 1446 (33%) de *sujeitos* não-preenchidos.

Tabela 1 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de *sujeitos* preenchidos e nulos na fala do português europeu

<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
2952 (67%)	1446 (33%)	4398

Se se observam separadamente *sujeito* de referência específica e *sujeito* de referência genérica, os números que obtivemos foram: 2453 e 1945, respectivamente. Das 2453 ocorrências de *sujeito* com referência específica, 1728 (70%) são pronominais e 725 (30%) são nulos. Com o *sujeito* de referência genérica o percentual de preenchimento também é expressivo, ou mais especificamente: 63% (1224).

Por terem sido computados separadamente¹²¹ *sujeito* de referência específica e *sujeito* de referência genérica, os resultados obtidos pela análise dos dados serão exibidos em duas subseções. Na primeira, apresenta-se o *sujeito* de referência específica, e, na segunda, o *sujeito* de referência genérica.

¹²¹ Os motivos pelos quais separamos *sujeito* de referência específica e *sujeito* de referência genérica foram comentados em 3.5.1.

4.2. *Sujeito* específico

4.2.1 Variáveis selecionadas

4.2.1.1 Tipo de ocorrência x correferência

Em todas as combinações feitas a variável "correferencialidade" foi apontada pelo programa computacional Varbrul – peso relativo - como a variável mais significativa para o nosso objeto de estudo. Vejamos os resultados obtidos pela análise dos dados.

Tabela 2 - Quantificação e porcentagem das ocorrências do *sujeito* de referência específica em estruturas correferentes e não-correferentes.

Correferência	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Mesmo <i>sujeito</i>	420 (44%)	545 (56%)	965
<i>Sujeito</i> diferente	1308 (88%)	180 (12%)	1488
Total	1728	725	2453

Subsidiados por resultados de pesquisas que investigaram a realização do *sujeito* em línguas [+] e [-] *pro-drop*, ao incluirmos essa variável em nosso grupo de fatores lingüísticos, as nossas expectativas prediziam: se o referente for o mesmo, inibirá a presença do *sujeito* preenchido; se for diferente, favorecerá o seu uso.

Se não se pode negar que o fator "correferencialidade" está muito diretamente associado ao "*sujeito* nulo", também não se pode negar que, nesse mesmo contexto, o índice percentual de preenchimento foi expressivo (44%).

Para o português brasileiro, resultado semelhante foi encontrado por Carvalho (2005): 49% de preenchimento em orações cujo *sujeito* é correferente da sentença anterior. Quer no português

brasileiro, quer no português europeu o *sujeito* preenchido está "afetando" contextos tradicionalmente devotos ao princípio "Evite o Pronome".

Para melhor avaliarmos o efeito dessa variável, exhibe-se o cruzamento "correferencialidade" x "pessoa gramatical".

Tabela 3 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre pessoa gramatical e *sujeito* correferente de referência específica.

Pessoa gramatical	Mesmo <i>sujeito</i> preenchido	Mesmo <i>sujeito</i> nulo	Total
Eu (1ª pessoa)	275 (47%)	310 (53%)	585
Tu (2ª pessoa)	16 (55%)	13 (45%)	29
Ele/Ela (pessoa/não-pessoa)	96 (36%)	168 (64%)	264
Nós (1ª pessoa)	04 (33%)	08 (67%)	12
A gente (1ª pessoa)	07 (41%)	10 (59%)	17
Eles/Elas (pessoa/não-pessoa)	09 (21%)	33 (79%)	42
Total ¹²²	407	542	949

Em orações cujos *sujeitos* são correferentes: (i) o pronome "tu" foi o que mais preencheu a casa do *sujeito*, 55%; (ii) a 3ª pessoa do plural exibiu a maior taxa percentual de *sujeitos* nulos, 79%. Os índices de *sujeitos* preenchidos em orações correferentes sugerem que o português europeu já não licencia o *sujeito* nulo com tanta intensidade como o faz uma língua tipicamente [+] *pro-drop*.

Para ilustrar, citam-se ocorrências registradas no *corpus* de análise:

¹²² Excluíram-se da tabela os pronomes: "você" (06 ocorrências, todas com *sujeitos* preenchidos); "vocês" (09 ocorrências: 06 *sujeitos* preenchidos e 03 nulos); "senhores" (01 ocorrência com *sujeito* preenchido). No total geral são 965 *sujeitos* correferentes.

(73) "E ele chegou aqui e diz ele assim para ela: Ó Blandina! Diz ela: Que é? O Arquibaldo? Diz ela: Já anda com as vacas. Que era por mim. Para quê? Você que é que lhe quer?". (E₁₋₇₆)

(74) "O hotel, o Novo Mundo. Ele ficou com o hotel Novo Mundo. E agora, ele está explorando esta água, que é para juntá-la toda e levá-la para lá". (E₁₋₁₃)

(75) "E diz ele assim: Tu estás maluco, pá! Então tu não vês que aqui que é um terreno muito mais alto do que é além, onde tu estás a dizer que vai dar água para aqui?" (E₇₋₂₁)

(76) "Oh! Tu estás como as ovelhas: tu procuras contra o tempo! A ovelha no tempo que estava norte e ela aí é que fugia ali para baixo!" (E₈₋₁₁₇)

Vejamos as pessoas gramaticais em orações com *sujeitos* não-correferentes:

Tabela 4 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre pessoa gramatical e *sujeito* não-correferente de referência específica.

Pessoa gramatical	<i>Sujeito</i> diferente preenchido	<i>Sujeito</i> diferente nulo	Total
Eu (1ª pessoa)	857 (89%)	106 (11%)	963
Tu (2ª pessoa)	55 (89%)	07 (11%)	62
Ele/Ela (pessoa/não-pessoa)	200 (83%)	41 (17%)	241
Nós (1ª pessoa)	30 (71%)	12 (29%)	42
A gente (1ª pessoa)	76 (100%)	-	76
Eles/Elas (pessoa/não-pessoa)	26 (67%)	13 (33%)	39
Total ¹²³	1244	179	1423

¹²³ Excluíram-se da tabela os pronomes: "senhor" (03 ocorrências, todas com *sujeitos* preenchidos); "senhores" (05 ocorrências, todas com *sujeitos* preenchidos). Também foram excluídos os pronomes "você" (37 ocorrências) e "vocês" (20 ocorrências), que, segundo Lopes e Duarte (2003), ainda guardam, no português europeu, traços de pronomes de tratamento (portanto, eminentemente propensos ao preenchimento). No total geral são 1488 *sujeitos* coreferentes.

Em contextos não-correferentes, a forma pronominal "*a gente*" implicou regra categórica de *sujeitos* preenchidos.

(77) "É uma linhaça. Tratam linhaça, que é a semente que até (...) diz que é muito bom para deitar em vistas (...) quando estão inflamadas – e que no tempo *a gente* deitavam. Na nossa casa deitava-se. Se tinha alguma coisa dentro, aquilo no outro dia... *A gente* deitavam um grãozinho daquilo e aquilo limpava a vista. Tirava tudo para fora. Aquilo semeava-se na terra, um bocadinho de terra daquilo, não é? Aquilo crescia, não é? (Então) quando estava assim grandinho, aquilo era mondado: tirava aquela erva (...) que não era boa (...) para o linho crescer. As mulheres – as raparigas – iam mondar aquilo. Nem sequer os homens (mondavam) /MONDAVAM ELE¹²⁴. Se tinham tempo, os homens também ajudavam a mondar. Mas quase sempre era as raparigas que trabalhavam nisso. Ele crescia mais um bocadinho, não é? Crescia. Ele o linho era – com os rapazes, outra vez, e as raparigas –, era tudo amaçado, boleado tudo. É muito bem ele amaçado". (E₈₋₀₅)

(78) "Pois, a minha senhora vai para cima. (...) Pois eu posso dizer-lhe (de) estar aqui mais um bocadinho, mas a minha senhora vai para cima. (...) E ao sábado, pois, os senhores se chegaram à porta, pouco mais ou menos (...) Se vir cedo, alguma coisa há-de-se arranjar para o almoço. Não tenha medo. Alguma coisa há-de-se arranjar. Se vir cedo, alguma coisa há-de-se arranjar. Então isso (...) não há problema. Se vir cedo, isso há o que *a gente* come, ou peixe ou que seja carne ou que seja peixe, mas peixe também é bom! O peixe cá também é bom, quando houver. Seja o que for, *a gente* arremedeia. Somos classe pobre, qualquer coisa... Só o que sei é o bom agrado. Alguma coisa há-de haver". (E₄₋₃₄)

¹²⁴ Uso de pronome contrário à norma-padrão do português europeu.

4.2.1.2 Tipo de ocorrência x localidade

Na análise do programa computacional Varbrul – peso relativo - a variável "localidade" ocupou na escala gradual o 2º lugar. Essa posição evidencia a relevância desse grupo de fatores na aplicabilidade do *sujeito* nulo ou, inversamente, do *sujeito* preenchido:

Tabela 5 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de *sujeito* de referência específica em diferentes localidades.

Localidade	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Alcochete (Distrito de Setúbal)	48 (69%)	22 (31%)	70
Alvor (Distrito de Faro)	78 (76%)	25 (24%)	103
Cabeço de Vide (Distrito de Portalegre)	326 (92%)	29 (8%)	355
Camacha (Distrito de Funchal)	85 (62%)	51 (38%)	136
Ponta Garça (Distrito de Ponta Delgada)	288 (93%)	22 (7%)	310
Serpa (Distrito de Beja)	19 (53%)	17 (47%)	36
Arcos (Distrito de Viana de Castelo)	167 (65%)	90 (35%)	257
Outeiro (Distrito de Bragança)	86 (55%)	70 (45%)	156
Figueiró (Distrito de Guarda)	70 (36%)	123 (64%)	193
Covo (Distrito de Aveiro)	561 (67%)	276 (33%)	837
Total	1728	725	2453

Como se pode observar, o índice de *sujeitos* preenchidos está acima dos 50% em 9 das 10 localidades investigadas. Dentre as que mais preencheram a casa do *sujeito* destacam-se Ponta Garça e Cabeço de Vide. Dentre as que se mostraram mais resistentes ao uso do pronome-*sujeito*, Figueiró é a grande campeã. Se se compara Ponta Garça a Figueiró, a diferença é flagrante: nesta o percentual de preenchimento não chegou a 40%; naquela o índice de *sujeitos* preenchido foi de 93%.

Os resultados mostram que o preenchimento da casa do *sujeito* não é um fenômeno uniforme no português europeu: há localidades em que essa língua se comporta como [-] *pro-drop*, e há localidades em que essa língua ainda mantém a característica de [+] *pro-drop*.

Para verificar se o expressivo índice de *sujeitos* preenchidos pode ser explicado pelo "viés" da correferencialidade, apresenta-se um novo cruzamento:

Tabela 6 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de *sujeito* correferente de referência específica em diferentes localidades.

Localidade	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Alcochete (Distrito de Setúbal)	08 (32%)	17 (68%)	25
Alvor (Distrito de Faro)	13 (37%)	22 (63%)	35
Cabeço de Vide (Distrito de Portalegre)	77 (75%)	26 (25%)	103
Camacha (Distrito de Funchal)	30 (45%)	37 (55%)	67
Ponta Garça (Distrito de Ponta Delgada)	113 (88%)	16 (12%)	129
Serpa (Distrito de Beja)	04 (25%)	12 (75%)	16
Arcos (Distrito de Viana de Castelo)	42 (40%)	62 (60%)	104
Outeiro (Distrito de Bragança)	07 (12%)	51 (88%)	58
Figueiró (Distrito de Guarda)	14 (15%)	79 (85%)	93
Covo (Distrito de Aveiro)	112 (33%)	223 (67%)	335
Total	420	545	965

Se se observam os percentuais de *sujeitos* preenchidos em estruturas correferentes, nota-se que em 7 das 10 localidades investigadas, o preenchimento da casa do *sujeito* ficou acima de 30%. Sabe-se que o fator "correferencialidade" afeta positivamente a não-realização do *sujeito*; portanto, o resultado encontrado surpreende, primeiro, porque o contexto, prototípico de não-

preenchimento, exhibe *sujeitos* preenchidos; segundo, porque a taxa de preenchimento superou todas as expectativas, em especial, Ponta Garça (88%) e Cabeço de Vide (75%).

Se acreditávamos que o alto índice de preenchimento da casa do *sujeito* pudesse ser explicado pelo viés "correferencialidade", os resultados mostraram que, se há localidades em que esse contexto ainda é mais resistente ao pronome-*sujeito*, há outras, em que esse contexto já se mostra muito enfraquecido.

Para ilustrar *sujeitos* preenchidos em estruturas correferentes, transcrevem-se dados do *corpus* de análise:

(79) "Eu não conheço ninguém. Se eu cá conhecesse, eu falava! Falava e sabia". (ALVOR)

(80) "Eu fui lá começar ao meio-dia. Eu estava aqui na herdade". (CABEÇO DE VIDE)

(81) "Ele disse: Pai, de que serve eu dizer, porque eu não sei se é noite se é dia". (CAMACHA)

(82) "Faz-me mal, mas eu penso que não faz, porque eu gosto muito disso". (PONTA GARÇA)

(83) "Ele é a masseira. Isso eu tenho. Eu ainda tenho a masseira". (VIANA DE CASTELO)

(84) "Eu compro pequenino. Eu não compro porcos grandes!". (COVO)

(85) "Eu gostava tanto de espadar! ~~O~~ Gostava. Eu gosto de tudo do linho!". (OUTEIRO)

(86) "Eu não estava à espera. Ela veio, ela carregou para aí sete ou oito pessoas, com batatas, com hortaliça, que ela tinha uma quinta, aí boa, aqui em Santa Cruz da (Trapa)". (COVO)

(87) Não, ela não fiava. Ela vinha era para aqui. Porque ela não sabe muito bem urdir. E ao depois ela não sabe dividir as cores". (PONTA GARÇA)

4.2.1.3 Tipo de ocorrência x forma verbal

Para observarmos a variável "forma verbal", a 3ª mais significativa, segundo o programa computacional Varbrul, apresentam-se os resultados:

Tabela 7 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre *sujeito* de referência específica e forma verbal.

Forma verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Presente do indicativo	871 (75%)	292 (25%)	1163
Pretérito perfeito do indicativo	499 (66%)	258 (34%)	757
Pretérito imperfeito do indicativo	274 (64%)	153 (36%)	427
Presente do subjuntivo	11 (92%)	01 (8%)	12
Pretérito do subjuntivo	20 (83%)	04 (17%)	24
Futuro do subjuntivo	22 (76%)	07 (24%)	29
Forma nominal infinitivo	29 (76%)	09 (24%)	38
Total ¹²⁵	1726	724	2450

Ao examinarmos a tabela, nota-se que o presente do indicativo é o tempo verbal que concentra o maior número de ocorrências: 871 com *sujeitos* preenchidos pelo uso do pronome e 292 com *sujeitos* nulos - 47% dos dados analisados. Se, por um lado, os tempos do modo indicativo detiveram o maior número de ocorrências; por outro lado, os tempos do subjuntivo apresentaram as maiores taxas percentuais de *sujeitos* preenchidos.

Para o português brasileiro havia uma tendência a associar tempos verbais teoricamente marcados a *sujeito* nulo. Porém análises posteriores mostraram a fragilidade dessa correlação.

¹²⁵ Por apresentarem menos de 10 ocorrências, excluíram-se da tabela o futuro do presente (02 *sujeitos* preenchidos) e o futuro do passado (01 *sujeito* nulo).

Segundo Duarte (1995), nos estágios iniciais da mudança, a maior ou menor saliência fônica deve ter atuado no sentido de licenciar ou inibir o *sujeito* nulo; no entanto, à medida que a mudança progride, esse efeito se perde e todo o paradigma é afetado.

Ao compararmos o português brasileiro ao português europeu, observam-se semelhanças: os contextos que, no português brasileiro, afetavam positiva e negativamente o uso do *sujeito* preenchido tendem a se repetir no português europeu.

Para observar "forma verbal x correferencialidade", exibe-se novo cruzamento:

Tabela 8 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre *sujeito* correferente de referência específica e forma verbal.

Forma verbal	Mesmo <i>sujeito</i> preenchido	Mesmo <i>sujeito</i> nulo	Total
Presente do indicativo	204 (50%)	206 (50%)	410
Pretérito perfeito do indicativo	97 (34%)	191 (66%)	288
Pretérito imperfeito do indicativo	93 (41%)	133 (59%)	226
Presente do subjuntivo	02 (67%)	01 (33%)	03
Pretérito do subjuntivo	06 (67%)	03 (33%)	09
Futuro do subjuntivo	10 (63%)	06 (37%)	16
Forma nominal infinitivo	07 (58%)	05 (42%)	12
Total ¹²⁶	419	545	964

Os tempos do modo subjuntivo e o pretérito perfeito apresentam tendência oposta: este exibiu a maior taxa percentual de *sujeitos* nulos; aqueles roubaram a cena do preenchimento do *sujeito* no português europeu, embora com pequeno número de dados. Resultados semelhantes foram encontrados no português brasileiro por Duarte (1995), Botassini (1998), Laperuta (2002)

¹²⁶ No total seriam 965 *sujeitos* correferentes, mas registraram-se apenas 964, pois o futuro do presente registrou apenas 1 ocorrência.

e Carvalho (2005). Mera coincidência? Ou seria a variedade não-padrão do português europeu sensível às mesmas forças lingüísticas que caracterizam o português brasileiro?

Para exemplificar, transcreve-se:

(88) "Eu, de eu ver isso, eu nunca matei nenhuma aranha. Eu nunca matei nenhuma aranha por causa disso, que eu vi a inteligência delas! Fez a teia e depois ela pousou, está lá escondida dentro (...) duma casotinha, saiu, tau-tau-tau-tau, chegou lá, agarrou-a, chupou-lhe o sangue... Sem ela morrer, não lho deixou – a mosca. E outros mais. Até (ele) esses, esses do sono. Os besouros do sono, é. **Eu** nunca matei nenhuma aranha por causa disso! **Ø** vi a inteligência dela! Estava quietinha, eu não a via! Estava dentro da casotinha que parecia algodão! E senti a teia da aranha a bulir (...) com a mosca, e ela lá foi, zás-zás, zás-zás, apanhou-a, chupou-lhe o sangue, e a mosquinha a dar com as asas e com tudo". (E₁₋₄₃)

4.2.1.4 Tipo de ocorrência x complemento verbal

Segundo resultados fornecidos pelo programa computacional Varbrul, o "complemento verbal" é a 4ª variável mais significativa para o nosso objeto de estudo. Para avaliá-la, expõem-se os dados coletados nesta pesquisa:

Tabela 9 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de complemento verbal - *sujeito de referência específica*.

Complemento verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Complemento lexicalizado	997 (67%)	501 (33%)	1498
Complemento nulo	406 (76%)	127 (24%)	533
Não se aplica ¹²⁷	96 (67%)	47 (33%)	143
Complemento oracional	228 (82%)	50 (18%)	278
Total ¹²⁸	1727	725	2452

Os índices percentuais apontam os complementos oracionais como os que mais favoreceram positivamente o uso do *sujeito* preenchido. Disputam a preferência pelo *sujeito* nulo os complementos lexicalizados e o grupo "não se aplica", ambos com a mesma taxa de não-realização fonética do *sujeito* (33%).

Curiosamente, a maior taxa percentual de *sujeitos* nulos é disputada por opostos: "complementos lexicalizados" e "não-complementos". Como explicar essa contradição? Acreditamos que a proposição formulada por Duarte possa responder a essa pergunta "os elementos que precedem o *sujeito* têm maior peso do que os que o seguem".

Para ilustrar, transcrevem-se: complemento lexicalizado, nulo, oracional e não se aplica:

(89) "Se esse senhor que foi moleiro tantos anos! Agora, é que, já se sabe, está um senhor velhote e já não... Ele até **tem um casal** consigo por causa que a mulher morreu e ele agora tem esse casal consigo". (E₁₋₅₅)

¹²⁷ Os casos de não se aplica são todos com verbos intransitivos. Pelo fato de não apresentarem complemento, optou-se por tal terminologia, para que pudéssemos diferenciá-los dos verbos transitivos com objeto nulo.

¹²⁸ O complemento "anexo predicativo" foi excluído da tabela em razão de termos registrado apenas 01 ocorrência.

(90) "Isto agora é uma senhora da vila muito, muito conhecida. Mas ela **paga Ø**, coitadinha, ela **paga Ø**. Não tenho que dizer dela. Não sei se têm o conhecimento" (E₁₋₂₉)

(91) "Pelo menos eu, se vir lá um ao pé deste que não preste, eu digo-lhe que é o chapéu-de-sol à mesma. Eu digo **que é o chapéu-de-sol à mesma**". (E₆₋₁₀₂)

(92) "Eu estou a ver que devia ficar sem esse serviço, porque não posso. E eu, isto, eu adoro isso. Eu **canso** muito, mas aqui o bocadinho que eu (estou), eu penso até que não me faz mal". (E₈₋₉₀)

4.2.1.5 Tipo de ocorrência x animacidade do *sujeito*

A variável "animacidade do *sujeito*" ocupou o 5º lugar na escala hierárquica. Trata-se de uma posição que reflete a importância desse contexto na realização ou no apagamento do *sujeito* na fala do português europeu.

Tabela 10 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre *sujeito* de referência específica e categoria semântica "animacidade".

Animacidade do <i>sujeito</i>	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
[+] animado (humano)	1701 (71%)	681 (29%)	2382
[+] animado não humano	10 (50%)	10 (50%)	20
[-] animado	17 (33%)	34 (67%)	51
Total	1728	725	2453

Ao incluirmos essa variável entre nossos grupos de fatores, as nossas expectativas prediziam, para o referente de traço [-] animado dois possíveis resultados: ou o número de *sujeitos* pronominais seria inexpressivo, ou a não-animacidade do referente implicaria 100% de

sujeitos nulos – regra categórica. Para o *sujeito* de traço [+] animado, esperávamos que o traço [+] humano do referente implicasse maior número de *sujeitos* preenchidos.

Os resultados que obtivemos com a análise dos dados confirmaram parcialmente as expectativas: por um lado, o traço [+] humano do referente afetou positivamente o uso do pronome-*sujeito* (71%); por outro lado, o índice de preenchimento com *sujeitos* de traço [-] animado ficou muito acima do esperado, 33%.

Para comentarmos o traço [-] animado do referente - característica analisável apenas nas 3^{as} pessoas, por serem as únicas a se referirem a *sujeitos* não-animados, cruzam-se duas variáveis "animacidade x 3^a pessoa gramatical".

Tabela 11 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre categoria semântica de 3^a pessoa gramatical e *sujeito* preenchido e nulo de referência específica.

Animacidade do <i>sujeito</i>	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
[+] Animado (singular)	278 (62%)	173 (38%)	451
[-] Animado (singular)	15 (35%)	28 (65%)	43
[+] Animado (plural)	26 (41%)	38 (59%)	64
[-] Animado (plural)	02 (25%)	06 (75%)	08
Total ¹²⁹	321	245	566

A resistência ao uso do *sujeito* preenchido pelas 3^{as} pessoas de traço [-] animado já foi descrita em outras línguas ou variedades, rotuladas como [+] *pro-drop* - no português moçambicano por Bravin dos Santos (2006) e no espanhol por Soares da Silva (2006).

Além de os nossos resultados apontarem para a mesma direção: o traço [-] animado do referente favorece o não-preenchimento da casa do *sujeito*, a tabela permite observar, quando se

¹²⁹ No total geral, são 586 ocorrências de 3^a pessoa (singular e plural), mas registraram-se na tabela apenas 566. As 20 não computadas são de *sujeitos* [+] animados não humanos.

compararam singular e plural, que a 3ª pessoa do plural é um contexto de relativo maior uso do *sujeito* nulo.

Se, em uma primeira amostragem numérica, o índice de preenchimento do *sujeito* na fala do português europeu foi muito expressivo (70%), em uma análise em que se observa a atuação dos grupos de fatores, os resultados são contrastantes: o percentual de *sujeitos* nulos com as 3ªs pessoas de traço [-] animado ficou acima de 65%. Como explicar essa aparente "contradição"?

Quando se observam *sujeitos* preenchidos e nulos, independentemente dos contextos nos quais se registraram as ocorrências, tem-se um resultado que reflete o cômputo geral de preenchimento e de elipses. Diferentemente, ao observar, em separado, a atuação das variáveis, delineia-se o perfil dos contextos que afetam positiva e negativamente o uso do pronome-*sujeito*. E, com relação à animacidade do referente, constatou-se a influência dessa variável quer favorecendo o *sujeito* nulo ou, inversamente, o *sujeito* preenchido.

Para exemplificar a tendência ao uso do *sujeito* nulo quando o referente é [-] animado, transcrevem-se ocorrências retiradas do *corpus* de análise:

(93) "Está ali aquele prédio daqui deste lado, está um celeiro que é debaixo, e enchia-se esses dois celeiros. Hoje não se semeia nada. Ø está abandonados. Ø estão fechados. Não semeia nada. Aqui desta área de Alcochete". (E₅₋₀₄)

(94) "[comboio] Ø vai de manhã, Ø sai daqui às sete horas. Ø vem do lado de Âncora e Ø sai daqui às sete horas. E depois aos dias de segunda e terça e de quarta e quinta Ø sai de Viana às dez menos vinte e Ø vem para cima. E Ø vai a Âncora. Mas depois Ø vem outra de Viana, Ø sai ao meio-dia e Ø chega aqui volta para Viana". (E₁₁₋₀₁)

Se por um lado, a resistência ao uso do *sujeito* preenchido pelas 3^{as} pessoas de traço [-] animado confirma as expectativas; por outro lado, embora esperássemos que o traço [+] animado do referente afetasse positivamente o uso do *sujeito-pronome*, o percentual de preenchimento, não é típico de uma língua *pro-drop*: 62% com a 3^a pessoa do singular.

Exemplificam preenchimento do *sujeito* de traço [+] animado algumas ocorrências computadas no *corpus* de análise:

(95) "Sabe? Ele dizia isso! **Ele** contava isso para nós; que andou lá e contava. E dizia: Vocês, lembrai-vos: se houver uma guerra qualquer, estes ou o mundo ele destrói. Suponhamos, há uma guerra em Portugal – ou que venha lá de fora de Portugal". (E₁₋₆₂)

(96) "Olhe, (é que) eu estou casado há pouco; não tenho roupas para vos deitar. Olhe, a responsabilidade do gado **eu** tomo, que **eu** meto-o onde está o meu, mas **eu** não tenho roupas para vos deitar. Naquele tempo havia miséria". (E₁₋₇₃)

(97) "E eu faço a queixa: Ó minha senhora, **eu** não venho para ser consultado. **Eu** venho para pagar uma dívida ao Senhor Doutor". (E₇₋₄₀)

4.2.1.6 Tipo de ocorrência x pessoa gramatical

Para observar como se comportaram as pessoas gramaticais - 6^a variável selecionada pela análise multivariada – peso relativo -, exibem-se os números e os respectivos percentuais de *sujeitos* preenchidos e nulos obtidos no *corpus*.

Tabela 12 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre *sujeito* de referência específica e pessoa gramatical.

Pessoa gramatical	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Eu (1ª pessoa)	1132 (73%)	416 (27%)	1548
Tu (2ª pessoa)	71 (78%)	20 (22%)	91
Ele/Ela (pessoa/não-pessoa)	296 (58%)	209 (42%)	505
Nós (1ª pessoa)	34 (63%)	20 (37%)	54
<i>A gente</i> (1ª pessoa)	83 (89%)	10 (11%)	93
Eles/Elas (pessoa/não-pessoa)	35 (43%)	46 (57%)	81
Total ¹³⁰	1651	721	2372

Os índices percentuais permitem constatar que as 3^{as} pessoas foram as únicas em que o preenchimento da casa do *sujeito* ficou abaixo dos 60%. A estreita relação entre esse contexto e o uso do *sujeito* nulo não é exclusiva de línguas [+] *pro-drop*. No português brasileiro, por exemplo, a preferência pelo *sujeito* preenchido ainda é negativamente afetada pelas 3^{as} pessoas.

Observa-se, ainda, que o *sujeito*-pronomes "eu" apresenta um expressivo índice de preenchimento, 73%. Resultado emblemático, pois ressurge a questão: "Seria o enfraquecimento na morfologia verbal responsável pelo preenchimento da casa do *sujeito*?". Para Duarte (1995) esse pronome exibe características que o particularizam:

Em estudo sobre o italiano oral, Ochs e Duranti (1979) já apontavam o fato de que o falante geralmente não se apresenta numa conversa usando apenas o mecanismo de concordância verbo-*sujeito* (que viria a ser popularizada como característico de línguas *pro-drop*); na maioria dos casos, um pronome pleno é utilizado. (DUARTE, 1995, p. 09)

¹³⁰ Foram excluídos da tabela os pronomes: "senhor" (03 ocorrências com *sujeitos* preenchidos); "senhores" (06 ocorrências com *sujeitos* preenchidos); "você" (43 ocorrências com *sujeitos* preenchidos); "vocês" (25 ocorrências com *sujeitos* preenchidos e 04 com *sujeitos* nulos). No total geral, são 2453 ocorrências.

A tendência ao preenchimento do *sujeito* pelo uso do pronome "eu" já foi descrita no português europeu por Duarte (s/d). Entretanto, quando se cotejam os nossos resultados aos dessa pesquisadora os números¹³¹ praticamente se invertem: 60% de *sujeitos* nulos contra 73% de *sujeitos* preenchidos.

Para exemplificar, citam-se *sujeitos* preenchidos pelo uso do pronome "eu" registrados na coleta dos dados:

(98) "É claro, isto aqui há três tons de fala: há na baixa... Eu é que fui criado na baixa, mas **eu** não sei. **Eu** não me responsabilizo à minha fala; não sei, quer dizer, significa que a minha fala não oiço. Mas ele, às vezes, **eu** cheguei a Lisboa". (E₄₋₀₁)

(99) "E há outra que também é coisa. Eu estava a ver se me lembrava o nome dela. **Eu** não me lembra o nome da erva. E **eu** já me tenho servido dela para mim também". (E₇₋₉₄)

(100) "Esses de madeira têm um têm... O nome deles é... Estribo, não é. Têm um nome. Têm... Eles têm um nome daquilo, têm; mas **eu** não me lembro". (E₅₋₃₁)

(101) "O meu pai que Deus tenha era um bom trabalhador e era um bom hortelão. Mas **eu** não sei. **Eu** hoje aí numa horta não faço nada já (...) como se fazia nesse tempo". (E₇₋₁₈)

(102) "Mas eu, casei-me, à conta de Deus, vim para a minha casa – mas isto não estava assim, quando **eu** me casei, era só dois quartos (...) e a cozinha. Depois é que o meu marido aumentou mais esta coisinha. E eu daqui, **eu** não via a casa da minha mãe. Porque aqui à nossa frente, tinha um alto, tinha um moinho de vento e (eu) não via a casa da minha mãe". (E₂₋₃₄)

¹³¹ O total de não-preenchimento do *sujeito* registrado por Duarte (s/d) no português europeu foi de 60% com a 1ª pessoa, 73% com a 2ª pessoa e 73% com a 3ª pessoa.

4.2.2 Variáveis não selecionadas pelo programa peso relativo

Apesar de as variáveis: *concordância verbal*, *tipo de oração*, *transitividade verbal* e *ordem* não terem sido selecionadas pelo Programa Varbrul, optamos por comentá-las, pois, como mencionado anteriormente, o nosso objetivo é analisar a realização do *sujeito* na fala do português europeu usando as mesmas "lentes" com que fotografamos em 2005 o português brasileiro. Além disso, duas das perguntas que motivaram esta pesquisa estão circunscritas às variáveis "ordem" e "concordância verbal".

4.2.2.1 Tipo de ocorrência x concordância verbal

As fotografias que compuseram a nossa "exposição" – dentre elas Galves (2001), Duarte (1993, 1995, 2001), Varejão (2006) - exibiram imagens da concordância verbal em diferentes ângulos, e, em todos eles, reaparece uma característica em comum: o português europeu, diferentemente do português brasileiro, apresenta morfologia verbal rica, assim como outras línguas [+] *pro-drop*.

Partamos das diferentes imagens do português brasileiro e do português europeu às diferentes expectativas: a) em nosso *corpus*, o *sujeito* nulo contará com desinências distintivas de número e de pessoa – (paradigma funcionalmente rico); b) embora em números inexpressivos, haverá casos em que a aplicação da regra de concordância *sujeito-verbo* não se aplicará. Para visualizarmos os resultados, transcrevem-se os números de ocorrências e os respectivos percentuais de *sujeitos* preenchidos e nulos encontrados nesta pesquisa:

Tabela 13 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre *sujeito* de referência específica e concordância verbal.

Concordância verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Concordância	216 (69%)	95 (31%)	311
Não-concordância	40 (87%)	06 (13%)	46
Total ¹³²	256	101	357

O índice percentual de concordância com *sujeitos* preenchidos e nulos chegou a 87%. Resultado que corrobora a proposição: o português europeu é uma língua de concordância forte. Além de validar o estatuto de língua de morfologia rica, os números permitem observar que a não-concordância se associa preferencialmente a *sujeitos* foneticamente realizados: quando o verbo não exibiu morfologia distintiva, o índice de *sujeitos* nulos foi de apenas 13%. Esses resultados permitem retomar a pergunta: "seria o enfraquecimento na morfologia verbal responsável pelo preenchimento do *sujeito*?"

A resposta talvez pudesse ser "Não", pois com verbos que apresentaram morfologia distintiva de número e de pessoa, o índice de *sujeitos* preenchidos chegou a 69%. Mas essa resposta talvez não possa ser tomada como a única verdade possível, se lembrarmos que o enfraquecimento na morfologia verbal (verbos que não exibiram marcas flexionais) implicou maior taxa percentual de preenchimento da casa do *sujeito* (87%). Se não se pode explicar o "preenchimento do *sujeito*" pelo viés "morfologia verbal", também não se pode negar que haja uma confluência de "motivações", dentre as quais, para o *sujeito* de referência específica, está a "flexão verbal de número e de pessoa".

¹³² Os casos de "não se aplica", cujas ocorrências que não exibem marcas distintivas, totalizaram 2096: 1472 de *sujeitos* preenchidos e 624 de *sujeitos* nulos. No total geral são 2453.

Para exemplificar morfologia distintiva e *sujeitos* preenchidos e nulos, transcrevem-se ocorrências computadas na coleta dos dados:

(103) "Aqui abaixo (...) daquela azenha minha – que eu trabalhava lá (que agora não) – havia cinco moinhos de dorna. (...) Até fiz eu as dornas mais o meu filho e (...) um genro e o sogro do meu filho. Abaixo da ponte de Santar, um moinho com três moinhos de dorna. É por isso que eu sei, que estou aqui. Que eu não, eu não... Eu era sempre azenhas. **Nós nascemos** na azenha, aqui. **Nós** não **nascemos** na azenha; **Ø** estamos é na azenha". (E₆₋₄₁)

(104) "Ouça lá, então se você me deixasse fazer além uma presa, além, que eu punha a água a correr aqui a esta altura, aqui ao nível da terra? – diante dum que lá estava que era o guarda. E diz ele assim: **Tu estás** maluco, pá! Então **tu** não **vês** que aqui que é um terreno muito mais alto do que é além onde **tu estás** a dizer que vai dar água para aqui"?! "Não é isso que lhe eu estou a dizer, homem"! "Então o que é que **tu estás** a dizer"? "Se vomecê autoriza eu fazer além uma represa, que eu ponho a água a correr do fundo do ribeiro". (E₇₋₂₁)

(105) "Comemos o peixe bacalhau, bebemos para aí uns três litros de vinho. Eu mais o outro. Comemos, dizia já ele assim: "Ó homem, quanto" – 'perguntemos' quanto era –, "bem, e quanto"?... Os senhores não pagam nada. Os senhores vão-se embora que os senhores, na paz de Deus, de vocês não (cobro) nada. As raparigas assentaram-se ao pé de nós, o pai também, a mãe também, ali comer, comer... Quer dizer, **nós enchemos**... **Nós comemos** bem!" (E₁₋₇₄)

(106) "A minha irmã – era mais velha que a mim também, mais três anos – também já morreu há um ano. E ao depois sou eu o chegado, mas tem uma que é a chegada ao mais velho, que é a mãe do professor. É aqui em Vale de Cambra. É ali ao pé do Pinheiro Manso. Oh, eles estão a passar muito bem também. **Eles** também **estão** muito bem". (E₁₋₃₄)

PORTUGUÊS EUROPEU - SENTENÇAS EM QUE O VERBO NÃO CONCORDA COM O SUJEITO PASSIVO, ASSIM COMO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:

(107) "Essas não são estacadas e a da nossa vinha é diferente. *A gente...* A vinha (é) assim rasteira e *a gente* arranja umas estacas mais ou menos (...) assim, para ficarem levantadas do chão, para (...) a uva não se estragar no chão (...) e o vento (...) não a sacudir. Pois... agora é diferente. Agora vem um bacelo barbado, de fora, e *a gente* planta à mesma: **abre-se os talhos**, planta-se a vinha, cava-se todos os anos". (E₁₋₀₁)

(108) "*A gente*, antigamente, tinha-se essa terra toda de restolho. Mas queria-se fazer a seara e para se alimpar, gradava-se aquilo tudo com uma grade atrás dum animal. Depois **fazia-se montes** e largava-se fogo. E depois lavrava-se a terra. Lavrava-se a terra e depois de estar lavrada, punha-se o adubo. Depois punha-se a semente". (E₅₋₀₂)

(109) "*A gente* encontram muitos ninhos... Agora já não se vê tanto, mas primeiro **via-se muitos ninhos** de codorniz. Aquilo, eles mal descascam, aquilo é como os pintainhos: saem logo para fora pela relva, para os pastos. Mas é tudo codornizinhas pequeninas". (E₈₋₇₀)

(110) "Põe-se lá o caixote, com palha, ou com uma mancheia de serradura, e elas ali é que vão. Pronto! 'Acoçam-se' ali e põem o (ovo), dentro daquele caixote. Quando acaba duma de pôr, vai a outra. Às vezes, como é muitas, **põe-se dois caixotes**". (E₅₋₇₂)

(111) "À sardinha que eles matam do Alvor pequenina, que eles que estripam toda, essa sardinha vai ser mãe. Assim morre em pequena, nunca chega a ser mãe. E o Estado vai lucrar. Não lucra agora, não lucra. Mas quem saiba, com as águas vem à terra, em lugar de apanhar um barco **pode-se apanhar três barcos**. Lucra mais tarde. E lucra nós e lucra todos". (E₄₋₁₄)

Duarte, Kato e Barbosa também constataram a não-aplicação da regra de concordância *sujeito-verbo* no português europeu: "Quanto à concordância com o argumento interno plural ou composto, o 'default' nas receitas portuguesas é usar concordância, mas encontraram-se, surpreendentemente, casos sem concordância".

Segundo Carrilho (2007), excetuando os casos de concordância lógica e as construções com *sujeitos* complexos, a não-concordância *sujeito-verbo* no português europeu está circunscrita a contextos em que o constituinte se encontra em posição pós-verbal. Mas, encontraram-se, em nosso *corpus*, casos de não-concordância, ainda, não descritos por essa pesquisadora portuguesa.

PORTUGUÊS EUROPEU – SENTENÇAS EM QUE O VERBO NÃO CONCORDA COM O SUJEITO PRÉ-VERBAL, ASSIM COMO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:

(112) "Porque é: a lã, antes de ser trabalhada, *a gente*, ele escaldavam-na, lavavam duas, três vezes... A branca, faziam barrela, que **as barrelas antigamente era feitas** era com cinza, que era para fazer a lã muito branquinha. Porque é: *a gente* faziam camisolas... Eu fiz tantas". (E₉₋₁₀₂)

(113) "Têm mesmo pombo para comer. Está aí tantos, aí! Às vezes, é ao rebanho deles ali, **ele a passearem** lá" (E₅₋₇₅)

(114) "Duas no ano. Porque se não se tosquiava as ovelhas a tempo e a hora, elas ficavam tomadas e morriam. **Ele morriam** com a lã de ovelha porque era muito quente nelas. *A gente* tinhamo-las que tosquiar nas épocas próprias para elas não morrerem, não é?" (E₈₋₁₁₇)

(115) "A vinha arrebentou. E já se vê se traz muito, se traz pouco. Há **podas que traz** três cachos, um olho. A poda pode deitar sete, oito cachos. Cada olho deitando dois cachos, tem três. A poda é quando *a gente* chega ao tempo – a Janeiro – podar". (E₁₋₀₄)

(116) "E, já se sabe, andavam todos, quatro ou cinco, a caçar e o rapaz meteu-se com a espingarda num certo sítio – neste, enfim, nestes cedros, tamagueira, naqueles **cedros que está** acolá... E o outro rapaz, que acho que viu o coelho". (E₂₋₁₅)

(117) "A cabeça quase toda é mesmo salgada na ocasião, porque **os ossos da cabeça não pode estar** muitos dias nem por cozer, nem por salgar". (E₂₋₂₇)

(118) "Aqui, em Ponta Garça, eu nunca vi ovelhas acurradas. (Isso) cabras, sim senhor. Ovelhas, quem as tinha era amarradas como eu já disse ao senhor. Era ele nos campos. **Ele andavam** sempre mais acauteladas, então, mais perto de casa por causa dos cães. Porque os cães degolavam muitas ovelhas! Chupavam o sangue e deixavam-nas mortas". (E₈₋₁₁₇)

(119) "Ah, havia moinhos, mas isso já era diferente. Quer dizer, a casa era toda de parede, em cima tinha um chapéu, que é onde tinha o velame - só o chapéu! - e tinha umas rodas dentro, que **as rodas entrava** dentro dumas calhas de pedra, que tinha dentro e ele por dentro tinha como um cabrestante". (E₃₋₄₆)

(120) "Foi muita... Alguns, vários foram, mas não era muita. E **a classe marítima também foram**. Também foram também os pedreiros, foram... Mas, aí para baixo, aí para baixo para Quarteira, e de Pêra para baixo é que foram mais". (E₄₋₀₈)

(121) "Diz ela: O que é que... **Tu vê** lá se lhe dás algum jeito. E ele riu-se. E ele: Tu queres que eu perca o pão por causa dum soldado? Diz ela: Não perdes nada! **Tu vai** e fazes... E não tenhas medo. (Foi isso)". (E₁₋₄₂)

(122) "Depois inventários, dois inventários, porque **nós era** tudo menor, só ele é que era o mais velho, é que era de maior idade, pronto. Aquilo, meu amigo! E ele tanto que viu ele aí sempre a pedirem dinheiro ao meu pai". (E₁₋₆₃)

Ao investigar a variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu coloquial, Varejão (2006) chegou à seguinte conclusão: as estruturas não-padrão dessa variedade de língua são sensíveis às mesmas forças linguísticas que caracterizam o português brasileiro.

Apesar de as imagens do português europeu estarem vinculadas a uma língua com morfologia verbal rica, há, ainda, outros casos, encontrados no *corpus* de análise, que contrariam a norma-padrão dessa variedade de língua.

EXEMPLOS QUE CONTRARIAM A NORMA-PADRÃO DO PORTUGUÊS EUROPEU:

(123) "Havia era esses 'tales' de charabãs. Só os dos charabãs, porque não havia carros, não havia automóveis aqui, não **havam camionetas**". (E₈₋₂₉)

(124) "Passei lá noites a pisar essa trapalhada e a fazer mudanças e essa coisa assim. O palheto ou água-pé, ou qualquer coisa assim. **Ele havia** tantos nomes assim nesse feito". (E₇₋₇₄)

(125) "Não. Neste é isto. Para cima, pois não conheço mais. Mas para acolá também **ele havia** tantas só no (...) – azenhas. **As azenhas é** de um rio grande, sabe?" (E₁₅₋₄₁)

(126) "O um, o dois, três. Porque **havam o arado** de dois, o arado de três, o arado de cinco, que era o maior. Daí para a frente passava a uma charrua". (E₆₋₂₀)

(127) "E havia cá muitos machos e mulas, antigamente? Ah, **ele havia** muitos. (Aquilo) havia. Nesta freguesia havia. **Ele havia** muitos". (E₈₋₂₅)

(128) "Que no tempo havia muitas jarras que era (ele) em barro. Vai buscar mais água! Não. **Ele nunca havia uma pessoa**". (E₈₋₂₇)

(129) "Sim. Mas *a gente* dizia que... (Ai), faz falta. Pois, *a gente* dizia que não chovia. **Ele ainda não viera o Inverno!** Mas agora é que vai vir. Vem quando faz mais mal". (E₁₋₆₁)

(130) "Eh! Como **ele vai haver?** **Ele não tem chovido nada.** Mas diziam-nos os antigos, diziam assim: ainda se que não chova em todo o ano, se chover em Abril e Maio". (E₁₋₆₂)

(131) "Os marcos eram metidos na terra. Uma pedra assim comprida, aí. Suponhamos ao coiso desta bengala. (Então) é de pedra desta. **Ele há aí pedra**". (E₇₋₀₁)

(132) "Olhe, aqui é o fêvão. Aqui são fêvãos. Olhe, aqui são fêvãos. Isso, **ele há cá muito – os fêvãos.** Ah, isso é o fêvão-real". (E₁₇₋₂₀)

(133) "Olhe, no, no café onde *a gente* foi, estava lá um empalhado que é assim um muito, muito grande, que tem duas orelhinhas, estava assim com as asas abertas... Hum... Parece um mocho também mas é muito grande. Maior do que o mocho. Bem, **ele há diversos**". (E₁₇₋₆₂)

(134) "A mulher reganhou. Um senhor de Aqualva trouxe-a às costas até aqui a minha casa. Ainda era perto. **Ele tem acontecido aqui cada uma em minha casa!** Chegou aqui, a mulher: Ah! com as pernas (todas de rojo) às costas do homem. Diz: Ó Arquibaldo! Disse: Que é? Acode a esta mulher que ela morre". (E₁₋₆₇)

(135) "Chegamos lá, eu já não podia caminhar. Eu já não podia caminhar com a fome! E depois, chegamos lá, à noite, **já eram ele já umas dez horas da noite**, chegamos lá... Eu vinha com uma febre, com uma dor de cabeça e febre, pronto! Vinha doente, pronto". (E₁₋₇₃)

(136) "Olhe, aqui em cima, aonde está uma cruz, foi um cunhado desta senhora que está aqui, que é o Ático... **Ele fez-se uma...**(Ele) **Ele lá formou-se uma trovoada muito grande!** Eu até andava com as vacas a mais um tio meu aqui nesta costeira aqui". (E₁₋₉₀)

(137) "Bem, há-os que... Ele agora já ninguém costuma cozer. Nós, antigamente, cozíamos **quando ele vinha o tempo de castanhas** – (que) também dávamos castanhas. Vinha o tempo de engordar os porcos para os matar, ou dois meses antes, cozia-lhe *a gente* vianda". (E₁₈₋₈₅)

(138) "Depois, às vezes já se emeçam a ver, **ele vem a chuva**... Emmeçam-se a ver, *a gente* vai lá dar uma voltinha. E tapa-se. E também se podem... ". (E₁₈₋₈₀)

Baseando-se em evidências empíricas de línguas como o Hebraico, o Finlandês ou o Russo, Carrilho (2007) advoga a não-vinculação necessária entre: "obrigatoriedade de realização fonética de *sujeitos* argumentais" e "visibilidade de *sujeitos* expletivos". Para essa pesquisadora portuguesa, os expletivos visíveis do português europeu, língua de *sujeito* nulo, introduzem outro paradigma de *sujeito*. Para validar tal proposição, apresenta os seguintes argumentos:

- (i) o expletivo não é um mero elemento gramatical necessário à realização do *sujeito* de uma frase finita, uma vez que em Português europeu o *sujeito* pode ser foneticamente nulo. Esta opcionalidade entre categoria nula e realização visível distingue claramente o expletivo que encontramos em Português europeu dos expletivos visíveis em línguas de *sujeito* não-nulo, que não são facultativos; (ii) pela sua própria natureza de elementos semanticamente vácuos, os expletivos não podem ser *sujeitos* contrastivos ou enfáticos – efeitos normalmente associados ao uso de um pronome realizado numa língua de *sujeito* nulo. Os efeitos enfáticos que podemos atribuir à presença do expletivo têm antes escopo sobre toda a frase. (CARRILHO, 2007, p. 03)

Se, para o português europeu, a realização visível de um elemento expletivo *ele*, idêntico na forma ao nominativo do pronome referencial masculino de 3ª pessoa do singular, não abala o estatuto de língua de [+] *pro-drop*, pelo menos, permite constatar, juntamente com os casos de não-concordância, que o português europeu exhibe variações.

4.2.2.2 Tipo de ocorrência x tipo de oração

Para observar se a oração relativa é fator que condiciona o uso do *sujeito* preenchido, semelhantemente ao português brasileiro, apresentam-se os resultados:

Tabela 14 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre *sujeito* de referência específica e tipo de oração.

Tipo de oração	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Oração principal	252 (79%)	65 (21%)	317
Oração 1ª coordenada	181 (70%)	76 (30%)	257
Oração 2ª coordenada	439 (67%)	218 (33%)	657
Oração justaposta	543 (65%)	290 (35%)	833
Oração relativa	119 (77%)	35 (23%)	154
Oração completiva	63 (87%)	09 (13%)	72
Oração adverbial	117 (79%)	31 (21%)	148
Total ¹³³	1714	724	2438

Quer em línguas [+] *pro-drop*, quer em línguas [-] *pro-drop*, as orações relativas estão muito diretamente associadas ao uso do *sujeito* preenchido.

¹³³ Como foram apenas 15 ocorrências com orações independentes, resolvemos excluí-las da tabela.

Em seu estudo comparativo entre o espanhol e o português europeu e brasileiro, Soares da Silva (2006)¹³⁴ chegou à seguinte conclusão:

O português europeu apresenta, embora com um índice de apenas 6%, *sujeitos* plenos com o traço [-animado]. Além disso, o *sujeito* pleno é preferido em pelo menos um contexto: nas orações relativas (com *sujeito* de 1ª e 3ª pessoas). Essas diferenças indicam que o português europeu exibe as propriedades das línguas de *sujeito* nulo com menos intensidade que as duas variedades do espanhol analisadas neste trabalho. (SOARES da SILVA, 2006, p. 108).

Em extremos opostos estão, no português moçambicano, as orações substantivas e as relativas: estas como as que menos resistiram ao uso do pronome-*sujeito*; naquelas, a regra de *sujeito* nulo foi categórica (BRAVIN DOS SANTOS, 2006).

Se, por um lado, não se pode deixar de reconhecer o "talento" que tem as orações relativas em "influenciar" positivamente o uso do *sujeito* preenchido; por outro lado, não se pode ignorar a tradicional associação entre "oração 2ª coordenada" e "*sujeito* nulo". O preenchimento em 2ª coordenadas com *sujeitos* correferentes não é privilégio de línguas [+] *pro-drop*.

Para avaliar o uso de *sujeitos* nulos em oração 2ª coordenada correferente, cruzam-se duas variáveis "tipo sintático da oração" x "correferencialidade do *sujeito*":

¹³⁴ Estudo descrito na seção 2.2.4

Tabela 15 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre correferencialidade do *sujeito* de referência específica e tipo de oração.

Tipo de oração	Mesmo <i>sujeito</i> preenchido	Mesmo <i>sujeito</i> nulo	<i>Sujeito</i> diferente preenchido	<i>Sujeito</i> diferente nulo	Total
Principal	67 (21%)	38 (12%)	185 (58%)	27 (9%)	317
1ª coordenada	42 (16%)	54 (21%)	139 (54%)	22 (9%)	257
2ª Coordenada	89 (13%)	189 (29%)	350 (53%)	29 (5%)	657
Justaposta	156 (19%)	213 (25%)	387 (46%)	77 (10%)	833
Relativa	17 (11%)	22 (14%)	102 (66%)	13 (9%)	154
Completiva	11 (15%)	07 (10%)	52 (72%)	02 (3%)	72
Adverbial	37 (25%)	22 (15%)	80 (54%)	09 (6%)	148
Total	419	545	1295	179	2438

Em estruturas em que os *sujeitos* são correferentes, os índices percentuais permitem observar a oposição entre 2ª coordenadas e adverbiais: estas as que mais preencheram a casa do *sujeito*; aquelas as que mais exibiram *sujeitos* nulos.

Se por um lado, os resultados mostram a estreita relação entre *sujeito* nulo e oração 2ª coordenada correferente; por outro lado, o simples fato de encontrarmos *sujeitos* preenchidos em um contexto prototípico de não-preenchimento já é o bastante para afirmarmos, assim como o fez Soares da Silva em 2006: o português europeu já não exhibe com tanta intensidade as características de língua [+] *pro-drop*.

Para ilustrar, transcrevem-se algumas ocorrências registradas no *corpus* de análise:

(139) "Isso é um lacinho que eu ponho aí, porque, às vezes, **se eu levo muito tempo a tecer** e se eu me despercebo... É porque é: *a gente* quando era mantas, *a gente* sabem que estão tecendo uma manta são dois ramos". (E₈₋₁₀₇)

(140) "Também eu recebo dois contos e cem, por mês. Também olhe que não é (ele) o seguro tamanho! **Mas Ø tenho de o ir receber a Viana**". (E₁₁₋₀₄)

(141) "Eu já lá tive uma pia em pedra para dar a água **e eu já tive uma selha**". (E₅₋₆₆)

(142) "Eu sou um ... **E eu gosto de conversar** e de me entender com toda *a gente* porque não há nada mais bonito que é a boa união". (E₇₋₃₉)

Para exemplificar **preenchimento em oração 2ª coordenada** com *sujeitos* correferentes, transcrevem dados do *corpus* de análise:

(143) "Que ele tinha ali um prédio ali **e ele vinha**, quando era o tempo do Verão, vinha para aí fazer as canastras". (E₁₋₈₂)

(144) "**E A MÃE VIU ELE**¹³⁵ despir-se nu. Despiu-se todo nu, não deixou roupa nenhuma **e ele andou às reboletas pelo esterco**. Andou às reboletas pelo esterco e pôs a roupa num moitão. Aí, daí uma meia hora ou isso, a mãe vem contar. A mãe vem contar daí a meia hora e diz as vizinhas: "Vai buscá-la já e queima-a já! Queima-a já na rua. Entre para dentro!"". (E₂₋₇₃)

(145) "Vem aí o padeiro aquase todos os dias, agora, e *a gente* compra, às vezes, para o mocito, compra; **mas quando a gente coze**, *a gente* nunca compra". (E₁₋₁₈)

(146) "Aquilo era coisa... Pedras juntas. Tantas que eu juntei! E mandei juntar! Tantas que eu juntei! **E que eu mandei juntar**! Olhe, mandei juntar mais que o que eu juntei". (E₇₋₁₁)

¹³⁵ Pronome do caso reto exercendo o papel de objeto direto: característica que aproxima o português europeu do português brasileiro.

(147) "Cheguei lá, dei a vala de empreitada aos outros dois **e eu fui fazer a presa**. No fim, faço assim para os outros: Eh pá! Eu enganei-me". (E₇₋₂₂)

(148) "A *gente* faz assim. Eu tenho uma navalha melhor, de enxertar, **mas eu não tenho aqui**. Mas (eu tento). A *gente* faz assim". (E₁₋₀₂)

(149) "Mas dei o guardanapo a Nossa Senhora, graças a Deus! E a minha vida foi crescendo e ao depois eu casei-me; fiquei logo grávida **porque eu estava menstruada**, fiquei logo grávida. A cabo de, se pode dizer, antes dum ano". (E₂₋₁₉)

(150) "Eu tinha catorze anos, eu já teço há quarenta e dois anos. **Porque eu tenho cinquenta e seis e eu comecei a tecer com a idade de catorze anos**. Com catorze anos, eu já estava aprendendo. Comecei (...) a tecer mas eu sempre gostei: teci cobertores de tear, não é só mantas que eu faço!". (E₁₀₋₉₅)

4.2.2.3 Tipo de ocorrência x transitividade verbal

Para o português brasileiro, a transitividade verbal não afeta positiva ou negativamente a realização do *sujeito*. Para o português europeu, essa variável também não consta dos grupos de fatores selecionados pelo programa computacional Varbrul - peso relativo - mas, ainda assim, optamos por analisá-la.

Tabela 16 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre *sujeito* de referência específica e transitividade verbal.

Transitividade verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Verbo intransitivo	97 (68%)	46 (32%)	143
Verbo transitivo	1512 (71%)	623 (29%)	2135
Verbo de ligação	119 (68%)	56 (32%)	175
Total	1728	725	2453

Os verbos transitivos concentram o maior número de ocorrências, 87% do total geral, e maior percentual de *sujeitos* preenchidos, 71%, assim como no português brasileiro. Apesar de os números percentuais apontarem os contextos que mais favorecem e os que mais resistem ao *sujeito* nulo, a significância de cada grupo de fatores é atribuída pelos pesos relativos, e, nas duas variedades do português (brasileira e europeia) a "transitividade verbal" tem sido sistematicamente rejeitada. Essa rejeição "sugere que os elementos que precedem o *sujeito* têm maior peso do que os que o seguem". (DUARTE, 1995)

"A sintaxe pronominal do português do Brasil se distingue daquela das outras línguas românicas por usar formas pronominais não-clíticas nas posições em que o francês e o português europeu, entre outras, servem-se de pronomes clíticos". (GALVES, 2001). Apesar de a imagem do português europeu estar vinculada ao uso do pronome clítico na posição de objeto, registraram-se, em nosso *corpus*, ocorrências que contrariam a sintaxe padrão.

Para exemplificar o uso de formas pronominais não-clíticas na posição de objeto, transcrevem-se algumas ocorrências registradas no *corpus* de análise:

(151) "Há duas vezes que apanho aquele peixe. Apanhei ele quando era rapazinho". (E₁₋₄₁)

(152) "Então o que é que tu estás a dizer? **Se vomecê autoriza eu** fazer além". (E₇₋₂₁)

(153) "As mulheres – as raparigas – iam mondar aquilo. Nem sequer os homens **mondavam ele**. Se tinham tempo, os homens também ajudavam a mondar". (E₈₋₀₁)

(154) "Não senhor. Alguns deitavam um pássaro cá em baixo, ou morto, ou **amarravam ele** lá. Mas muitos é primeiro engodo e o terreiro. Deitam muito trigo ali". (E₈₋₃₁)

(155) "**Ele eu tenho!** Eu tenho quatro, três cobertores desses. Daqueles que...". (E₁₀₋₉₁)

(156) "Que eu também ainda criei uns leitões assim, ainda fiz umas quantas criações. E **tenho ele** aqui debaixo **tenho ele** assim umas pias para os pequeninos, para lá comerem". (E₁₋₄₇)

(157) "**Ele eu trouxe**... Era metal amarelo. Eu trouxe para baixo, eu disse: Ai credo! Eu tenho aí só duas! Até pus essa aqui – essa ferradura". (E₁₋₉₉)

(158) "E quando estava parado, vinha um rapaz com um bocado de pau: "Anda para diante, burro"! **Puxava então ele** e os alcatruzes iam lá abaixo". (E₅₋₁₁)

4.2.2.4 Tipo de ocorrência x ordem

Se a possibilidade de inversão livre entre *sujeito-verbo*, em sentenças declarativas simples, é uma das características das línguas [+] *pro-drop*, e, se o português europeu, teoricamente, desfila esse "figurino", espera-se que o número de inversão livre do *sujeito* seja expressivo.

Tabela 17- Quantificação e porcentagem das ocorrências de *sujeito* específico em contextos de ordem *sujeito-verbo* e *verbo-sujeito*.

Ordem	<i>Sujeito-verbo</i>	<i>Verbo-sujeito</i>	Total
<i>Sujeito</i> preenchido	1642 (95%)	86 (5%)	1728

Em nosso *corpus*, a taxa percentual de posposição foi de 5%. Resultado semelhante foi encontrado por Berlinck (1995), ao descrever a ordem¹³⁶ no português europeu.

Para que se vislumbrem possíveis associações, exibe-se o cruzamento "ordem x tipo de verbo":

Tabela 18 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre tipo de verbo e ordem do *sujeito* de referência específica.

Tipo de verbo	<i>Sujeito-verbo</i>	<i>Verbo-sujeito</i>	Total
Verbo intransitivo	96 (99%)	01 (1%)	97
Verbo transitivo	1433 (95%)	79 (5%)	1512
Verbo de ligação	113 (95%)	06 (5%)	119
Total	1642	86	1728

Os números permitem observar que os verbos transitivos e os de ligação foram os que mais afetaram positivamente a ordem *verbo-sujeito*. No caso de inversões com *sujeito* pronominal, em Duarte (s/d), foram observados, para o português europeu, três tipos de ocorrências: (i) em orações principais com verbos como "*crer*" e "*pensar*"; (ii) com verbos "*dicendi*"; (iii) em construções enfáticas.

¹³⁶ Ao descrever a ordem no português europeu, Berlinck (1995) encontrou 5% de *sujeitos* pospostos com verbos intransitivos e 9,5% com verbos transitivos diretos.

Para compararmos os nossos resultados aos de Duarte (s/d), cruzam-se as variáveis "tipo de oração x ordem".

Tabela 19 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre tipo de oração e ordem do sujeito de referência específica.

Tipo de oração	<i>Sujeito-verbo</i>	<i>Verbo-sujeito</i>	Total
Oração principal	228 (90%)	24 (10%)	252
Oração 1ª coordenada	176 (97%)	05 (3%)	181
Oração 2ª coordenada	431 (98%)	09 (2%)	440
Oração justaposta	497 (92%)	46 (8%)	543
Oração relativa	119 (100%)	-	119
Oração completiva	62 (98%)	01 (2%)	63
Oração adverbial	116 (99%)	01 (1%)	117
Oração independente	13 (100%)	-	13
Total	1642	86	1728

A oração principal é a que mais favorece a ordem *verbo-sujeito*, semelhantemente, aos resultados obtidos por Duarte (s/d). Se por um lado, os resultados se igualam, por outro lado, exibem diferenças: em nosso *corpus*, não foram os verbos *CRER* e *PENSAR* que detiveram as inversões em oração principal. Os verbos e os respectivos números de ocorrências que encontramos em oração principal foram: [*dizer* (19), *vir* (02), *chegar* (01), *ir* (01), *comer* (01)].

Se se observam todos os casos de inversão com *sujeito* pronominal, o verbo *DIZER* responde por 79% do cômputo geral de posposição, o que constitui um resultado análogo a outro contexto já descrito por Duarte (s/d): inversão com verbo "dicendi".

Se esperávamos que os verbos pluriargumentais, a oração principal e os verbos "*dicendi*" afetassem positivamente a ordem *verbo-sujeito*, os resultados confirmaram as expectativas: esses

foram os contextos que se mostraram mais diretamente associados à posposição de *sujeitos-pronominais* no português europeu.

Será que a ordem verbo-*sujeito* também é afetada pela variável correferencialidade? A resposta a essa pergunta exige outro cruzamento:

Tabela 20 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre correferência e ordem do *sujeito* de referência específica

Correferência	<i>Sujeito-verbo</i>	<i>Verbo-sujeito</i>	Total
Mesmo <i>sujeito</i> preenchido	396 (94%)	24 (6%)	420
<i>Sujeito</i> diferente preenchido	1246 (95%)	62 (5%)	1308
Total	1642	86	1728

Os resultados obtidos pelos cruzamentos dos dados permitem concluir que o fator "correferencialidade" não afeta positiva ou negativamente a ordem dos constituintes. A ordem verbo-*sujeito* não está condicionada a estruturas em que o referente é o mesmo da sentença anterior.

Transcrevem-se, para ilustrar, dados do *corpus* de análise:

(159) "Ai, mas eu já arranjei consulta. **Disse eu** para o homem: Eu já arranjei consulta. E o homem faz-me assim para mim". (E₇₋₄₀)

(160) "Tal dia assim, **estive eu** aqui e foi você que me informou para o Doutor Balcão. Mas eu fiquei ('esmarafado'), ia-me embora". (E₇₋₄₀)

(161) "Esse homenzito andava a pedir, a mendigar, a pedir uma esmola aqui, outra esmola acolá. Andava a mendigar. Ele chegou lá e **ia ele** no carreirito e o homem estava a morrer". (E₁₋₇₉)

(162) "Então cada um acaba a empreitada que apanhou. Bem, já sei que fiquei à rasca eu! Eu a pensar cá para os meus botões: Mal vocês sabem que eu que acabo a empreitada e **fico eu** a olhar para vocês". (E₇₋₂₂)

(163) "E depois vem mais o subsídio, vem mais umas diuturnidades, vem mais depois das férias do Natal... Vem mais aquele dinheirinho! É o que vale para **juntar a gente** uns tostões para poder fazer algumas obrinhas". (E₁₂₋₀₅)

(164) "Fez-lhe bem, fez reacção e fez-lhe bem. O homem ficou. Ao outro dia de manhã eu fui levá-lo ali ao caminho da Lomba. Fui levá-lo ao caminho da Lomba. **Ia eu** para baixo, ia o meu filho para cima". (E₁₋₇₀)

(165) "Quando arrebentou aquilo lá na Angola estava ele mobilizado para lá. **Estava ele** mobilizado já para lá. E eu arranjei com uma senhora em Viseu, a senhora Berenice, e ele mandou-me uma carta... Naquele tempo nem havia telefone". (E₁₋₃₉)

(166) "Quando lhe eu disse, o senhor saiu. Mais tarde, **fui eu** aqui a um ferro-velho que há aqui na terra. Levei de lá um bocado de tubo de ferro, mas assim valente". (E₇₋₂₀)

(167) "Essa na Suíça, então, **trabalhei eu**, o primeiro ano, trabalhei assim. Pois. Na Suíça, trabalhei assim. Essa, essa foi assim como era cá no outro tempo, mas cá nunca (...) cheguei a trabalhar cá nessas". (E₆₋₄₈)

Apresentaram-se nesta seção os cruzamentos entre *sujeito* de referência específica e as variáveis selecionadas e não-selecionadas pelo PROGRAMA PESO RELATIVO. Para sintetizar os principais resultados, exibe-se o quadro-síntese:

SUJEITO DE REFERÊNCIA ESPECÍFICA

CORREFERÊNCIA

Apesar de os resultados das análises probabilísticas confirmarem que o fator "correferencialidade" afeta positivamente o não-preenchimento da casa do *sujeito*, o índice percentual de preenchimento (44%) em orações com *sujeitos* correferentes foi muito significativo, para uma língua, tradicionalmente, rotulada de [+] *pro-drop*.

Correferência x pessoa gramatical Em orações cujos *sujeitos* são correferentes: (i) o pronome tu foi o que mais preencheu a casa do *sujeito* (55%); (ii) a 3ª pessoa do plural exibiu a maior taxa percentual de *sujeitos* nulos (79%); (iii) a forma pronominal "a gente", em contextos não-correferentes, implicou regra categórica de *sujeitos* preenchidos.

LOCALIDADE

Os resultados da análise mostraram que o preenchimento da casa do *sujeito* não é um fenômeno uniforme no português europeu: há localidades em que essa língua se comporta como [-] *pro-drop*, e há localidades em que essa língua ainda mantém a característica de [+] *pro-drop*.

Correferência x localidade Em estruturas correferentes: (i) Ponta Garça e Cabeço de Vide exibiram as maiores taxas de *sujeitos* preenchidos, 88% e 75%, respectivamente; (ii) Outeiro e Figueiró concentraram os mais expressivos índices de *sujeitos* nulos, respectivamente, 88% e 85%

FORMA VERBAL

Dentre as formas verbais submetidas à análise, os tempos do subjuntivo apresentaram as maiores taxas de *sujeitos* preenchidos

Correferência x forma verbal

Em sentenças correferentes e não-correferentes, os tempos do subjuntivo e o pretérito perfeito do indicativo estão em extremo opostos: este concentrou os maiores percentuais de *sujeitos* nulos; aqueles roubaram a cena do preenchimento no português europeu.

COMPLEMENTOS VERBAIS

Os índices percentuais apontaram os complementos oracionais como os que mais favoreceram positivamente o uso do *sujeito* preenchido. Disputam a preferência pelo *sujeito* nulo os complementos lexicalizados e o grupo "não se aplica".

ANIMACIDADE DO SUJEITO

Os resultados que obtivemos confirmaram as expectativas: o traço [+] humano do referente afetou positivamente o uso do pronome-*sujeito* (71%). Na contramão, o traço [-] animado do referente está muito diretamente associado ao *sujeito* nulo (67%).

Animacidade x 3ª p. gramatical

Com o traço [-] animado do referente, a 3ª pessoa do plural foi a mais afetada pelo *sujeito* nulo.

PESSOA GRAMATICAL

As 3ªs pessoas foram as únicas em que o preenchimento da casa do *sujeito* ficou abaixo dos 60%.

CONCORDÂNCIA VERBAL

O índice percentual de concordância com *sujeitos* preenchidos e nulos chegou a 87%. Resultado que corrobora a proposição: o português europeu é uma língua de concordância forte.

TIPO DE ORAÇÃO

As orações completivas influenciaram positivamente o uso do *sujeito* preenchido (87%) e as orações justapostas exibiram a maior taxa de *sujeitos* nulos (35%).

Correferência x tipo de oração

Em estruturas correferentes, as orações 2ª coordenadas apresentaram tendência forte de *sujeito* nulo; as adverbiais, inversamente de *sujeitos* preenchidos.

TRANSITIVIDADE VERBAL

A variável "transitividade verbal" não afetou positiva ou negativamente a realização do *sujeito* na fala do português europeu.

ORDEM

O português europeu exibiu com o *sujeito* de referência específica 5% de *sujeitos* pospostos.

Ordem x tipo de verbo

Os verbos transitivos e os de ligação foram os que mais afetaram positivamente a ordem verbo-*sujeito*.

Ordem x tipo de oração

A oração principal concentrou o maior percentual de *sujeitos* pospostos. O verbo "*dizer*" responde por 79% do cômputo geral de posposição – inversão com verbo "*dicendi*".

Ordem x correferencialidade

A "correferencialidade" não afetou positiva ou negativamente a ordem dos constituintes.

4.3 O *sujeito* genérico

Para o português brasileiro, a indeterminação do *sujeito* pelo uso da "partícula *se*" e "passivas nominais" já é "coisa" do passado; nessa variedade de língua, as estratégias de indeterminação buscaram outros caminhos, como, por exemplo, o uso de formas pronominais nominativas (expressas ou nulas). Para o português europeu, a opção pela partícula "se", marca, segundo Duarte, Kato e Barbosa (2001), uma das diferenças entre o português brasileiro e o português europeu.

Com relação à partícula "se", usada no português europeu para indeterminar o *sujeito*, não poderemos tecer qualquer comentário, pois, obedecendo aos critérios estabelecidos, não consta do total de dados analisados essa estratégia de indeterminação. Por esse motivo, o foco principal da nossa análise passa a ser o preenchimento (ou não) do *sujeito* pelo uso do pronome.

Ao examinarmos os dados coletados nesta pesquisa, o percentual de *sujeitos* preenchidos foi de 63%. Esse resultado sugere que não é só nas terras do pau-brasil que as formas nominativas são usadas para indeterminar o *sujeito*.

Exemplifica *sujeitos* pronominais de referência genérica no português europeu:

(168) "Queremos é igualdade, mas quer dizer tudo viver de barriga cheia. "Só para mim"! Então e como é os outros? Como é os nossos filhos? É porque eu hoje tenho negócio que os meus filhos amanhã (podem ir lá trabalhando). E a gente temos que levar-lhe alguma coisa. Porque *a gente*, nós precisarmos de alimento, precisamos. Mas temos que ser iguais. E não somos. Ainda somos menos que era-se antigamente. Agora ainda é cada vez pior. Sim, se aquele vende a vinte nove, ele, se puder, vende a trinta e cinco, o outro vende a quarenta (e nove), e coisa e tal. E a gente já sabe que temos que ganhar, temos... Porque hoje é assim. É demais, (explora-se)". (E₄₋₀₅)

4.3.1 Variáveis selecionadas pelo programa Varbrul

4.3.1.1 Tipo de ocorrência x correferência

Assim como para o *sujeito* de referência específica, a correferencialidade foi apontada pela análise multivariada como o fator mais significativo na aplicabilidade do *sujeito* nulo ou, inversamente, do *sujeito* preenchido.

Tabela 21 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do *sujeito* de referência genérica em estruturas correferentes e não-correferentes.

Correferência	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Mesmo <i>sujeito</i>	205 (29%)	493 (71%)	698
<i>Sujeito</i> diferente	1019 (82%)	228 (18%)	1247
Total	1224	721	1945

Se por um lado, não há como negar que o fator "correferencialidade" inibe a presença do *sujeito*-lexical, por outro lado, há de se reconhecer que o preenchimento do *sujeito* adquire, nesse contexto, proporções ímpares.

Não seriam incoerentes as afirmações? Acreditamos que "Não", pois o que reforça que o português europeu já não é uma língua tipicamente [+] *pro-drop* é justamente o fato de exibir *sujeitos* preenchidos em contextos consagrados ao uso do *sujeito* nulo.

O percentual de *sujeitos* preenchidos em orações correferentes abala o estatuto de língua [+] *pro-drop* ostentado historicamente pelo português europeu. Obviamente, se compararmos preenchimento do *sujeito* de referência específica a preenchimento do *sujeito* de referência genérica não há como negar que esta é mais resistente que aquela: 70% x 63%. Este resultado

sugere que o preenchimento do *sujeito* no português europeu trilha os mesmos caminhos percorridos pelo português brasileiro: dos "referencias" para os "indefinidos – arbitrários".

Exemplificam preenchimento do *sujeito* de referência genérica por pronome:

(169) "Há anos que a pesca falha. E aqueles que tem que nunca nada colhe pois estão mais mal...

Porque *a gente* não é uma coisa certa. A gente está acostumado, a gente diz assim: "Bom, este mês ganhei dez ou doze contos; vou-mos gastar". (E₄₋₅₀)

(170) "Esta parte aqui é a volta que eles têm, que é um pano, para tapar a farinha, para a farinha cair toda ali à rés. Senão a farinha deita mãos a avoar. E mesmo assim avoa ela muito, que se agarra às paredes". (E₆₋₅₇)

(171) "Ah! Aquele espaço, a gente calcula aquele espaço é com os passos. A gente marca os passos, três em três passos, manda-se uma, manda-se uma". (E₅₋₀₇)

(172) "O anequim morde. O anequim despedaça uma pessoa. Se a gente apanha um anequim, que ele possa apanhar *a gente*, eu despedaço-o todo. Ele esfaqueia uma pessoa, o anequim". (E₄₋₃₀)

4.3.1.2 Tipo de ocorrência x pessoa gramatical

Segundo o programa computacional Varbrul, "pessoa gramatical" é a segunda variável mais significativa para o nosso objeto de estudo. Para observarmos quais são, no português europeu, os pronomes mais usados para indeterminar o *sujeito*, apresenta-se o cruzamento "tipo de ocorrência x pessoa gramatical":

Tabela 22 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre *sujeito de referência genérica* e *pessoa gramatical*.

Pessoa gramatical	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Eu (1ª pessoa)	16 (46%)	19 (54%)	35
Tu (2ª pessoa)	06 (60%)	04 (40%)	10
Ele/Ela (pessoa/não-pessoa)	134 (40%)	200 (60%)	334
Nós (1ª pessoa)	58 (67%)	29 (33%)	87
<i>A gente</i> (1ª pessoa)	877 (84%)	164 (16%)	1041
Eles/Elas (pessoa/não-pessoa)	107 (27%)	290 (73%)	397
Total ¹³⁷	1198	706	1904

Diferentemente de pesquisas anteriores - Duarte (1995) Duarte, Kato e Barbosa (2001) - os nossos resultados mostram que as formas pronominais nominativas passaram a ser, também no português europeu, uma importante estratégia de indeterminação, com destaque a forma pronominal "*a gente*". Se "*a gente*" usa pronome para indeterminar o *sujeito*, esse "*a gente*" não se refere mais exclusivamente ao português brasileiro. A referência cruzou o Atlântico e aportou em terras de Cabral. Ou teria vindo de lá? Se foi ou se veio, o que nos interessa é que "*a gente*" usa pronome aqui e lá".

Exemplificam o uso de formas pronominais para indeterminar o *sujeito*:

(173) "Que mais tarde quem tem fome morre. E a coisa prolonga-se pelo lado do mal... Sempre a gente explorar o outro, matar o outro, (explorar, explorar)! Queremos é igualdade, mas quer dizer tudo viver de barriga cheia. Só para mim". (E₁₋₀₅)

¹³⁷ Foram excluídos da tabela: 13 ocorrências com o pronome "você" (09 preenchidas e 04 nulas); 06 ocorrências com o pronome "vocês" (todas preenchidas); 18 com o pronome "senhor/a" (07 preenchidas e 11 nulas); 04 com o pronome "senhores/as" (todas com *sujeitos* preenchidos). No total geral, são 1945.

(174) "É, mas é melhor haver e tudo ter de que... (O nome de) haver, é lindo! Que eu, se eu não tenho e a senhora tem, oferece-me uma melancia. Se a senhora tem pêras ou laranjas, oferece-me... E é assim. Quando não há é que é pior para todos". (E₂₋₄₁)

(175) "E a faneca então é a principal. A faneca então é que não faz mal a pessoa nenhuma. O peixinho branco, o peixinho branco não faz mal, tenha a doença que for. Quando tu levantas aqueles pequenos, a gente abre a barriga e têm aqueles baguinhos, já é a ova". (E₁₋₁₄)

(176) "Às vezes dá-se o nome, mas não é. É a savelha, que não é igual. Tem... É exactamente... Quem a vê e não conhece diz que é igual, mas não é igual. O outro peixe é mais saboroso, é outro peixe melhor. A gente diz que é igual". (E₁₋₁₇)

(177) "Cresce muito. E não sei porquê, se é pela sombra que ele faz, se quê, a erva com ele não se dá assim muito bem. E com o trigo dá. Já, já dá. É por essa razão que dentro desta época, eles usam já a semear mais basto. É já com aquela intenção da erva. Que é para o trigo nascer e abafar a terra". (E₇₋₂₆)

(178) "A fazer perigo. Quando a gente vê cair o... Quando a gente vê, às vezes, o trovão dá, o relâmpago dá em baixo, a gente diz assim: Aquele relâmpago trouxe perigo. Quando a gente às vezes vê o relâmpago rebentar muito baixo, diz assim: "(...) O relâmpago trouxe (...) perigo"! E o perigo, vem a centelha ou vem o raio". (E₄₋₅₅)

(179) "Ela cria também. Não, aquilo não cria muito alta, mas também cria. Há baixinhas, há... (Ela) vai crescendo. Agora se ela ficar para muito velha, ela vai fazer um tronco mais grosso e despega uma arvorezinha maior". (E₉₋₄₀)

Para averiguar se a indeterminação do *sujeito* pelo uso da forma pronominal "*a gente*" particulariza algumas das localidades investigadas, apresenta-se novo cruzamento:

Tabela 23 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre o pronome *sujeito a gente* de referência genérica e localidade.

Localidades	<i>A gente</i> (preenchido)	<i>A gente</i> (nulo)	Total
Alcochete (Distrito de Setúbal)	60 (85%)	11 (15%)	71
Alvor (Distrito de Faro)	114 (93%)	09 (7%)	123
Cabeço de Vide (Distrito de Portalegre)	16 (73%)	06 (27%)	22
Camacha (Distrito de Funchal)	77 (92%)	07 (8%)	84
Ponta Garça (Distrito de Ponta delgada)	295 (89%)	36 (11%)	331
Serpa (Distrito de Beja)	129 (77%)	38 (23%)	167
Arcos (Distrito de Viana de Castelo)	38 (73%)	14 (27%)	52
Figueiró (Distrito de Guarda)	32 (89%)	04 (11%)	36
Outeiro (Distrito de Bragança)	64 (68%)	30 (32%)	94
Covo (Distrito de Aveiro)	52 (85%)	09 (15%)	61
Total	877	164	1041

Além de constatar que em todas as localidades investigadas, a forma pronominal "*a gente*" foi usada como estratégia de indeterminação do *sujeito*, os resultados permitem, ainda, observar:

(i) o percentual de *sujeitos* preenchidos superou o de *sujeitos* nulos; (ii) Ponta Garça concentra o maior número de ocorrências; (iii) Outeiro foi a localidade que exibiu o maior percentual de *sujeitos* não-realizados foneticamente, 32%. Conclui-se: "*sujeito* nulo" e "partícula se" não são mais as únicas estratégias de indeterminação do *sujeito* na fala do português europeu.

Exemplifica *sujeito* preenchido pela forma nominativa "*a gente*":

(180) "Há as cagarrinhas. As cagarrinhas também as come a gente, (junto) com (o) feijão. Há o saramago-amarelo, há saramago-branco". (E₅₋₉₉)

(181) "Ah! Vai ser com tigelas"! E eu fazia doze tigelas e punha ali no chão e fazia. Agora a gente compram, já não é... Porque *a gente* era meadas que *a gente* compravam. a gente levavam à dobadeira que era para dobar... Fazia os novelos". (E₁₀₋₈₉)

(182) "Bem, tem que ter uma percentagem, a gente sabe disso, as coisas estão caras" (E₄₋₀₄)

(183) "E o outro rapaz, que acho que viu o coelho, atira ao toiro e deu nele. Não o viu. Diz que não viu. Ora, primos, filhos de irmãos, é impossível que... A não ser que fosse uma zanga bem funda nunca a gente quer a morte. (E₂₋₁₆)

(184) "Põe-se a corda, depois põe-se a porta, e depois tem uma pedra, *a gente* anda com o fuso, a gente anda de roda e espreme". (E₁₋₀₈)

4.3.1.3 Tipo de ocorrência x localidade

Na análise do programa computacional Varbrul – peso relativo - a variável "localidade" ocupou na escala gradual o 3º lugar. Para observarmos as estratégias de indeterminação do *sujeito* no território português, apresentam-se os resultados.

Tabela 24 - Quantificação e percentagem de ocorrências do cruzamento entre *sujeito* de referência genérica e localidade.

Localidade	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Alcochete (Distrito de Setúbal)	106 (60%)	70 (40%)	176
Alvor (Distrito de Faro)	149 (76%)	47 (24%)	196
Cabeço de Vide (Distrito de Portalegre)	30 (58%)	22 (42%)	52
Camacha (Distrito de Funchal)	90 (73%)	33 (27%)	123
Ponta Garça (Distrito de Ponta Delgada)	341 (82%)	76 (18%)	417
Serpa (Distrito de Beja)	179 (67%)	88 (33%)	267
Arcos (Distrito de Viana de Castelo)	58 (64%)	33 (36%)	91
Figueiró (Distrito de Guarda)	51 (31%)	113 (69%)	164
Outeiro (Distrito de Bragança)	103 (46%)	119 (54%)	222
Covo (Distrito de Aveiro)	117 (49%)	120 (51%)	237
Total	1224	721	1945

Os números mostram que: (i) todas as localidades investigadas recorreram ao uso do pronome para indeterminar o *sujeito*; (ii) Ponta Garça e Alvor exibiram as maiores taxas de *sujeitos* preenchidos, 82% e 76%, respectivamente; (iii) Figueiró, Outeiro e Covo foram as únicas localidades em que o percentual de *sujeitos* nulos ficou acima dos 50%. Se se compara *sujeito* específico a *sujeito* genérico, observa-se que, em ambas as referências, Ponta Garça foi a localidade que registrou o maior percentual de preenchimento.

Exemplifica *sujeito* preenchido em Ponta Garça:

(185) "Porque as ovelhas ou as cabras, quando se (ajuntarem) /ajuntaram\, **elas** param em qualquer parte, quando começarem a comer, **elas** estão todas juntas. E o dono está ali só para cuidar delas, para os cães não fazer mal a elas". (Ponta Garça)

Para observarmos se, em Ponta Garça, o fator "correferencialidade" responde pelo expressivo índice de preenchimento do *sujeito* de referência genérica, apresenta-se outro cruzamento:

Tabela 25 - Quantificação e percentagem de ocorrências do cruzamento entre *sujeito* correferente e não-correferente de referência genérica e localidade.

Localidade	<i>Sujeito preenchido</i>		<i>Sujeito nulo</i>		Total
	Mesmo	Diferente	Mesmo	Diferente	
Alcochete (Distrito Setúbal)	17 (10%)	89 (50%)	60 (34%)	10 (6%)	176
Alvor (Distrito Faro)	24 (12%)	125 (64%)	36 (18%)	11 (6%)	196
Cabeço de Vide (Portalegre)	03 (6%)	27 (52%)	15 (29%)	07 (13%)	52
Camacha (Distrito Funchal)	06 (5%)	84 (68%)	17 (14%)	16 (13%)	123
Ponta Garça (P. Delgada)	90 (22%)	251 (60%)	63 (15%)	13 (3%)	417
Serpa (Distrito Beja)	19 (7%)	160 (60%)	74 (28%)	14 (5%)	267
Arcos (Viana de Castelo)	09 (10%)	49 (54%)	24 (26%)	09 (10%)	91
Outeiro (Distrito Bragança)	13 (6%)	90 (40%)	80 (36%)	39 (18%)	222
Figueiró (Distrito Guarda)	05 (3%)	46 (28%)	49 (30%)	64 (39%)	164
Covo (Distrito Aveiro)	19 (8%)	98 (41%)	75 (32%)	45 (19%)	237
Total	205	1019	493	228	1945

Se esperávamos que o alto índice de *sujeitos* preenchidos em Ponta Garça se justificasse pelo fato de as orações não serem correferentes, as expectativas foram frustradas. Os 22% de *sujeitos* preenchidos confirmam que nessa localidade o fator "correferencialidade" já se mostra enfraquecido, especialmente quando comparado a Figueiró, com apenas 3% de preenchimento.

Para exemplificar, citam-se *sujeitos* preenchidos em Ponta Garça e Serpa:

(186) "Isso as ovelhas não precisam de abrigo. (...) Nunca precisaram muito de abrigo porque elas por si se abrigam! A ovelha quando está coberta de lã, ela não acha frio nenhum. (Que até o que se) costuma-se a dizer... *A gente* aqui usam... Uma pessoa, às vezes, o tempo está norte, não é, e o (...) norte, (ela), de cima, fica abrigada rente a uma barreira, não é verdade? Mas a ovelha, às vezes, procurava contra e *a gente* diziam assim: "Oh! **Tu** estás como as ovelhas: **tu** procuras contra o tempo"! A ovelha no tempo que estava norte e ela aí é que fugia". (Ponta Garça)

(187) "Pois não. Vai a correr sempre para que o lobo não alcance as cabras que lhe dê fim delas. Cada uma tem o seu nome. As três todas juntas, não sei, porque é uma das coisas que *a gente* nunca as chega a ver as três juntas. *A gente* vê-as sempre, por uma vida inteira, sempre com o mesmo 'despaço'. Vê-as sempre com aquele 'despaço', nem as vê mais perto, nem as vê mais longe. Vê-se sempre com o mesmo 'despaço'". (SERPA)

4.3.1.4 Tipo de ocorrência x tipo de oração

A 4ª variável mais significativa para a realização (ou apagamento) do *sujeito* na fala do português europeu é "Marcas de flexão verbal", mas como esse grupo de fatores refere-se único e exclusivamente à forma pronominal "*a gente*", deixaremos para comentá-lo na seção 5. Passemos a "tipo de oração", que ocupou, em ordem de relevância, a 5ª posição.

Baseando-nos em estudos que investigaram a realização do *sujeito* em línguas [+] e [-] *pro-drop*, as nossas expectativas predizem menos resistência ao pronome-*sujeito* pelas orações relativas.

Tabela 26 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre *sujeito de referência genérica* e tipo de oração.

Tipo de oração	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Oração principal	217 (70%)	95 (30%)	312
Oração 1ª coordenada	106 (71%)	43 (29%)	149
Oração 2ª coordenada	195 (48%)	208 (52%)	403
Oração justaposta	376 (57%)	285 (43%)	661
Oração relativa	141 (79%)	37 (21%)	178
Oração completiva	23 (85%)	04 (15%)	27
Oração adverbial	146 (76%)	47 (24%)	193
Oração independente	20 (90%)	02 (10%)	22
Total	1224	721	1945

Apesar de orações relativas apresentarem tendência acentuada ao uso do *sujeito* preenchido, a liderança ficou com as orações independentes, 90% de preenchimento. Destacaram-se como as mais resistentes ao uso do pronome as 2ª coordenadas. Resistência que pode ser explicada pelo fato de esse tipo de oração não parametrizar línguas; ou seja, as orações 2ª coordenadas, com *sujeitos* correferentes, são contextos de não-preenchimento, quer em línguas [+] *pro-drop*, quer em línguas [-] *pro-drop*.

Para maiores detalhes cruzam-se: "correferencialidade x tipo de oração"

Tabela 27 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre correferencialidade do *sujeito* de referência genérica e tipo de oração.

Tipo de oração	Mesmo <i>sujeito</i> preenchido	Mesmo <i>sujeito</i> nulo	<i>Sujeito</i> diferente preenchido	<i>Sujeito</i> diferente nulo	Total
Oração principal	40 (13%)	54 (17%)	177 (57%)	41 (13%)	312
1ª Coordenada	13 (9%)	28 (19%)	93 (62%)	15 (10%)	149
2ª Coordenada	39 (10%)	171 (42%)	156 (39%)	37 (9%)	403
Oração justaposta	52 (8%)	192 (29%)	324 (49%)	93 (14%)	661
Oração relativa	19 (11%)	16 (9%)	122 (68%)	21 (12%)	178
Oração completiva	02 (7%)	02 (7%)	21 (79%)	02 (7%)	27
Oração adverbial	38 (20%)	29 (15%)	108 (56%)	18 (9%)	193
Oração independente	02 (9%)	01 (5%)	18 (81%)	01 (5%)	22
Total	205	493	1019	228	1945

Em uma primeira amostragem numérica, as orações independentes foram as que mais preencheram a casa do *sujeito*, mas o expressivo percentual de *sujeitos* preenchidos com esse tipo de oração se justifica pelo viés "não-correferencialidade", pois em sentenças, cujos *sujeitos* são correferentes, o percentual de *sujeito*-lexical foi de apenas 9%.

Apesar de as orações 2ª coordenadas correferentes registrarem o maior índice percentual de *sujeitos* nulos (42%), o preenchimento da casa do *sujeito*, com esse tipo de oração, não pode ser ignorado (10%). Representando quase que um paradoxo, o preenchimento do *sujeito* adquire nesse contexto proporções ímpares: os "filhos" mais devotos ao *sujeito* nulo já estão se "convertendo" ao uso do pronome.

Exemplificam preenchimento em oração 2ª coordenada correferente:

(188) "E eu, agora, eu vou desenrolar o rolo – que ele mesmo estava para tirar. *A gente* passam-lhe a vara (assim) até aqui a uma certa altura. A varinha, *a gente* passam-na para aqui. *A gente* acertam pouco mais ou menos aqui o coisa, *e a gente tornam*, medem, passam aqui". (E₈₋₁₀₆)

Se em contextos cujo referente é o mesmo da sentença anterior, as orações 2ª coordenadas foram as que mais exibiram *sujeitos* nulos, as orações adverbiais foram as que mais preencheram a casa do *sujeito* (20%). Resultado semelhante ao *sujeito* de referência específica.

Exemplifica preenchimento em oração adverbial com *sujeitos* correferentes:

(189) "A tonina é um peixe que... *A gente* vai para o mar e *se a gente tiver lá toninas, a gente* começa a assobiar, elas vão, andam sempre de roda da *gente*. Não fogem". (E₁₋₄₂)

Para examinarmos se os *sujeitos* nulos correferentes mantêm a mesma marca de flexão, apresenta-se o cruzamento:

Tabela 28 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre tipo de oração e marcas da flexão do *sujeito a gente* nulo.

Tipo de oração	<i>A gente</i> nulo - mesma flexão	<i>A gente</i> nulo - outra flexão	Total
Oração principal	13 (100%)	-	13
Oração 2ª coordenada	56 (96%)	02 (4%)	58
Oração justaposta	72 (90%)	08 (10%)	80
Total ¹³⁸	149	13	162

A variação de número e de pessoa com a expressão "*a gente*" não ocorre apenas em contextos em que os *sujeitos* não são correferentes; essa variação também ocorre em contextos

¹³⁸ As orações 1ª coordenada, relativa, completiva e adverbial registraram os seguintes números de ocorrências: 04, 04, 01, 02, respectivamente. Por esse motivo foram excluídas da tabela.

correferentes com *sujeitos* preenchidos e nulos. Com relação aos *sujeitos* nulos, os números mostram que são as orações justapostas as mais diretamente afetadas por essa característica do português europeu. Das 80 ocorrências de *sujeitos* nulos correferentes em orações justapostas, 08 (10%) apresentaram outra flexão.

Para exemplificar, citam-se ocorrências retiradas do *corpus* de análise:

(190) "Ele a gente pegavam num bocadinho de erva (dele) e espremiam-lha assim. Ø deitavam naquele buraco e Ø soldava a lata". (E₁₋₅₆)

(191) "É. Dobra-se... A gente dobra, Ø metem ao lume e Ø dobra e depois mete-se ao jugo para cima. Eu tenho. Eu tenho aí um também desses". (E₁₄₋₅₃)

4.3.1.5 Tipo de ocorrência x animacidade do *sujeito*

Para observarmos a variável "animacidade do *sujeito*", a 6ª mais significativa, segundo o programa computacional Varbrul, apresentam-se os resultados obtidos pela análise dos dados:

Tabela 29 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre categoria semântica e *sujeito* de referência genérica.

Animacidade do <i>sujeito</i>	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
[+] Animado (humano)	1052 (67%)	506 (33%)	1558
[+] Animado (não humano)	103 (57%)	78 (43%)	181
[-] Animado	69 (33%)	137 (67%)	206
Total	1224	721	1945

Com o *sujeito* de referência genérica, o traço [+] humano do referente se associa preferencialmente ao pronome-*sujeito* (67%). Em contrapartida, o traço [-] animado do referente afeta positivamente o *sujeito* nulo, também com (67%). Resultados análogos foram encontrados com o *sujeito* de referência específica.

Exemplificam *sujeito* de traço [+] animado, ocorrências registradas no *corpus* de análise:

(192) "Há bichos que mordem e a rela morde-as... Morde. Eles andam a rapar e apanham aquele bicho... Aquele bicho é um bicho que a gente escope – um bichinho pequeno, assim, você escope e ela larga logo um sangue". (E₁₋₉₄)

(193) "Olhai rapazes, olhai que nós estamos no fim do mundo. E diz que o mundo que há-de ser quase... Dizia o homem! E dizia o homem, que ele lia lá nesses livros que diziam que o mundo que há-de ser destruído pelo fogo. A gente não sabe". (E₁₋₆₁)

Para avaliar o traço [-] animado do referente - analisável apenas nas 3^{as} pessoas, por serem as únicas a se referirem a *sujeitos* não-animados, apresenta-se novo cruzamento: "animacidade do *sujeito* x 3^a pessoa gramatical".

Tabela 30 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre 3^a pessoa gramatical de referência genérica e *sujeitos* preenchidos e nulos.

Animacidade do <i>sujeito</i>	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
[+] Animado (singular)	09 (19%)	37 (81%)	46
[-] Animado (singular)	64 (35%)	118 (65%)	182
[+] Animado (plural)	60 (20%)	238 (80%)	298
[-] Animado (plural)	05 (21%)	19 (79%)	24
Total	138	412	550

Quer o referente seja [+] animado, quer [-] animado, o índice de *sujeitos* nulos superou o de *sujeitos* preenchidos, resultado que corrobora, para as 3^{as} pessoas, o título de "contexto de resistência" ao uso do *sujeito* lexicalizado.

Se se observam *sujeitos* nulos de traços [+] e [-] animado, constata-se que, com o *sujeito* de referência genérica, o traço [-] animado do referente favorece o uso do pronome, diferentemente do resultado encontrado para o *sujeito* de referência específica. Para verificarmos se o preenchimento do *sujeito* de traço [-] animado pode ser explicado pelo viés da correferencialidade, apresenta-se o cruzamento entre "traço [-] animado x correferencialidade".

Tabela 31 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre categoria semântica e *sujeito* correferente de referência genérica.

Animacidade do <i>sujeito</i>	Mesmo <i>sujeito</i> preenchido	Mesmo <i>sujeito</i> nulo	Total
[-] Animado	30 (24%)	97 (76%)	127

Em estruturas correferentes, a diferença entre *sujeitos* preenchidos e nulos chegou a 52%. Vejamos como se comportam as 3^a pessoas de traço [-] animado em estruturas não-correferentes:

Tabela 32 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre categoria semântica e *sujeito* não-correferente de referência genérica.

Animacidade do <i>sujeito</i>	<i>Sujeito</i> diferente preenchido	<i>Sujeito</i> diferente nulo	Total
[-] Animado	39 (49%)	40 (51%)	79

Em estruturas não-correferentes, o percentual de *sujeitos* preenchidos e nulos foi praticamente o mesmo, 50%. Tais resultados: (i) confirmam que o fator "correferencialidade"

favorece o uso do *sujeito* nulo; (ii) sugerem que a não-correferencialidade interferiu positivamente no preenchimento do *sujeito* de traço [-] animado.

Para ilustrar, transcrevem-se ocorrências de *sujeito* de traço [+] e [-] animado, registradas no *corpus* de análise:

(194) "Então, a alfavaca até ali naquela parede há muita. Aqui, chamam-lhe alfavaca-da-cobra. Quer dizer, se ela apanhar aonde se amparar, **ela** cresce muito. Agora se não apanhar aonde se amparar, se estiver no chão, cresce assim". (E₇₋₉₃)

(195) "Isso as ovelhas não precisam de abrigo. Nunca precisaram muito de abrigo porque elas por si se abrigam! A ovelha quando está coberta de lã, **ela** não acha frio nenhum. (Que até o que se) costuma-se a dizer... *A gente* aqui usam...". (E₈₋₁₁₇)

(196) "Para se explicar na limpeza à terra do alqueive é, por exemplos: se os sargaços são pequenos, a lavoura volta-os e eles fazem até estrume, mas se **eles** são grandes, não. Porque, às vezes, há obra assim desta altura". (E₇₋₀₈)

(197) "O olho da pedra – que *a gente* de cá, que *a gente* tratava – o olho da pedra é quando **a gente** vão picar a pedra e dizer assim: Oh!, isto é que é uma pedra boa! Isso é o olho da pedra. É o olho da pedra". (E₈₋₃₈)

(198) "E depois da azeitona, está verde, começa-se a fazer preta. Depois de ela estar preta, em Outubro, vai apanhada. Depois **Ø** vai para o lagar. Do lagar, **Ø** vai lá a umas prensas que aquilo é apertada com umas coisas de corda à roda, em cima". (E₅₋₃₉)

(199) "Quando há pouca uva, a gente deitam numa, por exemplo, desses já – um balseiro grande, seja uma selha pequena, que fazem o mesmo trabalho, não é? Agora se há muita uva para deitar dentro, pois a gente temos outros balseiros – que tratam os balseiros –, maiores" (E₈₋₄₅)

(200) "Tiram aquilo fora. E daquela ovazita pequena é que nasce o choco. Portanto, aquilo gera. E a gente vê ele gerar dentro. A gente às vezes esborracha, é uma coisita preta. A ova é preta. A ova é branca, mas quando está no choco, deixa-a agarrada àquelas pernas de árvores, deixa a água preta". (E₁₋₃₈)

(201) "Ao depois a gente está ali um bocadinho, a francela vai fazendo aquele carão na massa, e depois a gente tira a francela e vai-o apertando com as mãos, vai-o apertando. Vai-o apertando – (a massa) /amassa\ com as mãos – e vem apertando o cincho. O cincho é assim, ao depois vem-o apertando. E tem um ganchinho que tem aqui uns buracos e esses buracos é por onde a água vai saindo e a gente vai-o sempre apertando vai-o apertando e vem vindo". (E₆₋₇₃)

(202) "Vamos limpar". Joga-se a palha contra o vento. Se o vento está daqui, a gente leva a forquilha a este lado e joga-o para aqui. Porque o bago vai para aquele lado (...) e a palha avoa para a frente. E então tem de se começar: se o vento está deste lado, a gente começava a jogar a palha ao ar deste lado, que é para a ir levando sempre para diante, sempre para diante". (E₁₋₃₅)

(203) "Uma pessoa aguenta-me aqui porque coisa... É. Ele qualquer pessoa me aguenta! E eu, muita vez, eu faço sozinha! E a gente começam a puxar a teia, aqui, o algodão, a gente começam-lhe a puxar e amarram aqui contra a varinha. Depois de ter amarrado, a gente vão aqui, botam as premedeiras, que é donde a gente põe os pés... E a gente começam o tecido". (E₁₀₋₉₃)

4.3.2 Variáveis não selecionadas pelo programa peso relativo

Apesar de as variáveis: *concordância verbal*, *ordem*, *transitividade verbal*, *complementos verbais* e *forma verbal* não terem sido selecionadas pelo Programa Varbrul, optamos por comentá-las, assim como procedemos com o *sujeito* de referência específica.

4.3.2.1 Tipo de ocorrência x concordância verbal

Em uma língua de concordância forte, a obviedade é a não-simplificação das regras de concordância de número entre o *sujeito* e o verbo. Para observarmos como se comportou a concordância verbal com *sujeito* de referência genérica, apresentam-se os resultados obtidos pela análise dos dados.

Tabela 33 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre concordância verbal e *sujeito* de referência genérica.

Concordância verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Concordância	845 (66%)	443 (34%)	1288
Não-concordância	212 (82%)	45 (18%)	257
Total ¹³⁹	1057	488	1545

No cômputo geral, têm-se, com o *sujeito* de referência genérica 83% de concordância contra 17% de não-concordância. Novamente os números ratificam: o português europeu é uma língua de concordância forte. Resultado semelhante foi encontrado para o *sujeito* de referência específica.

¹³⁹ Foram 400 ocorrências com pronomes que não exibem marcas de flexão (eu, você, ele/ela, senhor/senhora).

Se por um lado, o estatuto de língua de concordância forte não impediu que o português europeu preenchesse a casa do *sujeito*; por outro lado, o uso do pronome foi afetado negativamente pela não-concordância. Estaria a morfologia verbal diretamente associada à realização (ou apagamento) do *sujeito*?

Para ilustrar, transcrevem-se ocorrências computadas no *corpus* de análise:

(204) "Quando a azeitona está madura, o que se lhe faz é o varejo. Bom, **nós vamos** ao varejo e as mulheres vão ao apanho. Aqui a palavra para o homem é uma maneira e para a mulher é outra". (E₆₋₅₂)

(205) "E o livro dizia que os homens que haviam de voar mais alto que os passaritos. E quando **nós visse** estas serras todas cortadas, de estradas e tudo do homem, que o mundo que era um paraíso – e já está! –, que ele que o mundo que durava pouco". (E₁₋₅₉)

Para a expressão "*a gente*", a aplicação da regra de concordância se traduz em "singular", e a não-aplicação implica "plural". Pelo fato de esse pronome exibir variação de número, codificaram-se as ocorrências adotando esse critério.

Exemplificam as oscilações de marca os seguintes enunciados:

(206) "A terra (inda) enjoa! **A gente** nunca **pode** estar a semear uma seara sempre no mesmo sítio, que a terra enjoa. É como **a gente** também **enjoa** o comer. Há comeres que **a gente** também **enjoa**". (E₅₋₁₃)

(207) "Mas da idade é que precisa *a gente* de ter mais conta. E há o contrário. Há alguns que dizem: "Ah (sendo) /isso de\ novos, é gastar e beber"... E mais tarde em sendo velhos?! Quando eles queixam-se quando **a gente estamos** a dar alguma coisa aos nossos filhos". (E₄₋₄₉)

(208) "Era a codornizinha. **A gente encontram** muitos ninhos. Agora já não se vê tanto, mas primeiro via-se muitos ninhos de codorniz. Aquilo, eles mal descascam, aquilo é como os pintainhos: saem logo para fora. pela relva, para os pastos. Mas é tudo codornizinhas". (E₈₋₇₀).

(209) "Não, não. Ele não é as couves. As couves é ainda mais para cima. É lá fora da parede, não tem ali ... **Chamam a gente** aquilo uns carrasqueiros". (E₁₋₃₈)

(210) "Sim senhora. **A gente 'emancheiam'** o milho, **Ø fazem** manchinhos. (Ah, não meti de além). **A gente 'emancheiam'** o milho todo em manchos assim". (E₁₋₈₆)

(211) "**A gente levam**-lhe aqui o dedo, **Ø abrem** o dedo e **Ø metem** o fio ao meio e **Ø puxam**. **A gente levam** aqui, já se sabe, horas e horas nisso". (E₈₋₉₂)

4.3.2.2 Tipo de ocorrência x transitividade verbal

Para examinar a atuação da variável "transitividade verbal", expõem-se os resultados obtidos pela análise dos dados:

Tabela 34 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre transitividade verbal e *sujeito* de referência genérica.

Transitividade verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Verbo intransitivo	59 (54%)	50 (46%)	109
Verbo transitivo	1067 (64%)	603 (36%)	1670
Verbo de ligação	98 (59%)	68 (41%)	166
Total	1224	721	1945

Assim como para o *sujeito* de referência específica, os verbos transitivos concentraram o maior número de ocorrências, 86% do total geral. Também foram eles que exibiram o maior percentual de *sujeitos* preenchidos, 64%.

Exemplificam essa tendência:

(212) "Às vezes, à batatinha mais miudinha, a gente tratam grelo". (E₈₋₀₂)

(213) "Eles ali no cantão donde estive – que chamam lá, chamam-lhe um cantão; *a gente* aqui é um concelho, eles lá chamam-lhe um cantão – em alemão". (E₆₋₀₁)

(214) "Reimosos. A gente chama-lhe é reimosos. É azul. A gente chama azul ou reimosos porque faz mal a nós". (E₄₋₁₂)

Para observar se o complemento verbal afeta positiva ou negativamente o preenchimento da casa do *sujeito* com verbos transitivos, faz-se novo cruzamento:

Tabela 35 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre complemento verbal e verbo transitivo - *sujeito* de referência genérica.

Complemento verbal	Verbos transitivos		Total
	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	
Complemento lexicalizado	541 (58%)	401 (42%)	942
Complemento nulo	262 (72%)	105 (28%)	367
Complemento oracional	86 (67%)	42 (33%)	128
Anexo predicativo	178 (76%)	55 (24%)	233
Total	1067	603	1670

Com verbos transitivos, o complemento "anexo predicativo" favoreceu o uso do pronome-*sujeito* (76%). Como esse tipo de complemento só ocorre com verbos transitivos, o resultado sugere uma possível associação entre esse tipo de verbo e *sujeito* preenchido.

4.3.2.3 Tipo de ocorrência x ordem

Pelo fato de a inversão livre do *sujeito* estar mais diretamente associada a línguas [+] *pro-drop*, incluiu-se essa variável ao nosso grupo de fatores. O cruzamento entre "ordem x tipo de ocorrência" permitirá observar o resultado encontrado no *corpus* de análise:

Tabela 36 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre ordem e *sujeito* de referência genérica.

Ordem ¹⁴⁰	<i>Sujeito</i> -verbo	Verbo- <i>sujeito</i>	Total
<i>Sujeito</i> preenchido	1143 (93%)	81 (7%)	1224

¹⁴⁰ Relembramos que, com essa variável, o *sujeito* preenchido é o foco de análise. Em sentenças em que o *sujeito* não está foneticamente realizado a observação não procede.

Se compararmos *sujeito* de referência específica a *sujeito* de referência genérica, o percentual de inversão é mais expressivo neste do que naquele: 7% x 5%, apesar de a diferença ser insignificante.

Embora esperássemos que o português europeu exibisse com mais frequência a ordem verbo-*sujeito*, os nossos resultados não são muito diferentes dos encontrados por Soares da Silva (2006), que ao analisar a representação do *sujeito* pronominal no espanhol, língua [+] *pro-drop*, encontrou na fala madrilenha 8% de posposição.

Para o *sujeito* de referência específica, a oração principal e os verbos "*dicendi*" afetaram positivamente a ordem verbo-*sujeito*. Para observarmos se esses contextos também se destacam com *sujeito* de referência genérica, apresenta-se o cruzamento: "tipo de oração x ordem":

Tabela 37 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre tipo de oração e ordem do *sujeito* de referência genérica.

Tipo de oração	<i>Sujeito-verbo</i>	Verbo- <i>sujeito</i>	Total
Principal	205 (94%)	12 (6%)	217
1ª Coordenada	96 (90%)	10 (10%)	106
2ª Coordenada	187 (96%)	08 (4%)	195
Justaposta	333 (89%)	43 (11%)	376
Relativa	135 (96%)	06 (4%)	141
Completiva	23 (100%)	-	23
Adverbial	145 (99%)	01 (1%)	146
Independente	19 (95%)	01 (5%)	20
Total	1143	81	1224

Diferentemente do *sujeito* de referência específica, com o *sujeito* de referência genérica: (i) as orações justapostas foram as que exibiram a maior taxa percentual de inversão; (ii) com esse tipo de oração, o verbo *CHAMAR* detém 67% da ordem verbo-*sujeito*¹⁴¹.

Com o objetivo de identificar o pronome que está mais diretamente associado à inversão, cruzam-se duas variáveis: "ordem x pessoa gramatical":

Tabela 38 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre pessoa gramatical e ordem do *sujeito* de referência genérica.

Pessoa gramatical	<i>Sujeito-verbo</i>	Verbo- <i>sujeito</i>	Total
Eu (1ª pessoa)	13 (81%)	03 (19%)	16
Ele/Ela (pessoa/não-pessoa)	131 (98%)	03 (2%)	134
Nós (1ª pessoa)	46 (79%)	12 (21%)	58
<i>A gente</i> (1ª pessoa)	822 (94%)	55 (6%)	877
Eles/Elas (pessoa/não-pessoa)	99 (92%)	08 (8%)	107
Total ¹⁴²	1111	81	1192

Em índices percentuais, os pronomes "ele" e "nós" exibiram tendência contrária: este registrou a maior taxa de *sujeitos* pospostos; aquele a menor.

Para ilustrar:

(215) "E aquela barbela, chamamos-lhe nós o rei, serve para urina. É o rei. (...) Quer dizer é uma espiga escura, percebe? É uma espiga escura. E depois aquela barbela escura". (E₁₃₋₂₂)

¹⁴¹ Com orações justapostas, as inversões e os respectivos números de ocorrências foram: 29 com o verbo *CHAMAR*, 04 com *DIZER*, 04 com *IR*, 01 com *COMER*, 01 com *PÔR*, 01 com *TER*, 01 com *DANÇAR*, 01 com *PEGAR*, 01 com *SAIR*.

¹⁴² Foram excluídos da tabela: pronome *tu* (06 ocorrências); pronome *você* (09 ocorrências); pronome *vocês* (06 ocorrências); pronomes *senhor/senhora* (07 ocorrências); pronomes *senhores/senhoras* (04 ocorrências). No total geral 1224.

(216) "Ah! O vir do dia. O vir do dia rompendo. Vem a aurora rompendo. *A gente* diz: Olha, vem além a aurora rompendo. **Chama-lhe a gente** uma aurora do sol. É a estrela da manhã. Despontou o sol, depois já há... Pois é. *A gente* diz assim: Olha, aí vem o vir do dia. E outros dizem: Vem a aurora rompendo". (E₄₋₄₈)

Os números mostram que a expressão "*a gente*" concentra 68% do total de inversão. A representatividade desse pronome para a posposição do *sujeito* está muito diretamente associada, no *corpus* de análise, ao verbo "*chamar*". Resultados contrastivos foram encontrados para o espanhol, que exibiu a maior taxa de posposição com a segunda pessoa, quer na variedade de Madri, quer na de Buenos Aires. (SOARES DA SILVA, 2006).

Mas apesar de os nossos resultados, se comparados ao espanhol, apontarem diferenças, há em comum o fato de a posposição estar mais diretamente associada às formas inovadoras (pronomes que simbolizam uma ruptura com a regularidade da sentença latina - perfeita correspondência entre as pessoas do pronome e pessoas do verbo).

Para observar posposição do *sujeito a gente* com verbo "*chamar*", citam-se ocorrências computadas no *corpus* de análise:

(217) "Há. Essas miudinhas que (se) **chama a gente**: é o sete-estrelas. O sete-estrelas. É o lobo... São três. É o lobo, é o cão e atrás o cabreiro. Pois. Que o lobo vai às cabras e depois o cabreiro 'açodia' o cão ao lobo, e atrás vai o cabreiro fugindo". (E₆₋₀₆)

(218) "A mó, por cima, são duas. **Chama a gente. Chama a gente** e é assim. Por baixo é uma mais grossa, mais forte, que é por causa de não mexer. Aquela está firme. E por cima, chama-se à mó que é a andadeira. Que é a andadeira porque tem debaixo para cima – faz de conta que é isto, este pau... E depois aqui tem uma... Chamam aquilo uma segurelha". (E₁₋₁₃)

(219) "Pode a terra ser muito fresca, mas se não levar uma pinguinha de água, vai abaixo, não cria bago. Lança a maçaroca, mas não cria bago. Uma terra de regadio tem que ser a terra... A terra tem que ser arranjada aos canteiros lhe **chama a gente**". (E₆₋₂₃)

(220) "Por isso é que se emprega o nome dum galinheiro, mas é preparado como deve ser. Agora *a gente* fazer cá uma capoeira, cá assim volante, é uma capoeira... Com arame faz-se uma casinhola lá dentro para se pôr os poleiros, para elas estarem abrigadas por causa da chuva, e põe-se os caixotes para elas porem os ovos, e depois vêm cá para fora para o pátio. (Porque) **chama a gente** um pátio, que é para elas andarem ali à vontade". (E₅₋₇₂)

(221) "Essas terras que precisavam de ser regadas? Essas terras, **chamava a gente** cá terras do seco. E depois (...) agora o que eles agora puseram foi terras do regadio. Terras do regadio é onde é que têm agora as regas. É onde é que têm agora as regas. Para regar? (Então) é preciso mangueiras, é preciso o diabo (...) da electricidade para pôr os coisos a trabalhar". (E₅₋₁₀)

(222) "O planeta-da-manhã. (Aqui) /Que\ *a gente*, (...) uns é "o planeta-da-manhã" e outros costumam a dizer: "É a estrela-da-manhã"! Pois... Depois de o sol se pôr? Do outro lado, é 'pôr-do-ar-de-dia'. Essa estrela (...) **chama-lhe a gente** a 'estrela-do-pôr-do-ar-de-dia'. Pois. Porque (...) desaparece o clarão, desaparece a estrela". (E₇₋₀₆)

(223) "Muge. À entrada do rio, muge. É. O muge (...) é o que se chama *a gente* quando anda dentro do rio – um muge. Que é o tal negrão, que já disse, e é o garrento. **Chama-se a gente** muge. Quer dizer, se (ele) ali ficasse... Há muitas qualidades, mas *a gente* dá sempre". (E₄₋₂₃)

4.3.2.4 Tipo de ocorrência x forma verbal

Para avaliarmos uma possível correlação entre "tempo verbal teoricamente marcado e *sujeito* nulo", apresenta-se o cruzamento: "tipo de ocorrência x forma verbal".

Tabela 39 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre forma verbal e *sujeito* de referência genérica.

Forma verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Presente do indicativo	797 (63%)	460 (37%)	1257
Pretérito perfeito do indicativo	12 (30%)	28 (70%)	40
Pretérito imperfeito do indicativo	317 (61%)	199 (39%)	516
Presente do subjuntivo	09 (90%)	01 (10%)	10
Pretérito do subjuntivo	09 (75%)	03 (25%)	12
Futuro do subjuntivo	23 (60%)	15 (40%)	38
Forma nominal infinitivo	57 (79%)	15 (21%)	72
Total	1224	721	1945

Tanto para o *sujeito* de referência específica, quanto para o *sujeito* de referência genérica, o presente do indicativo foi o tempo verbal que concentrou o maior número de ocorrências, 1163 e 1257, respectivamente. Em índices percentuais, o pretérito perfeito do indicativo exibiu a maior taxa de *sujeitos* não-preenchidos, 70%.

Para o português brasileiro, o licenciamento do *sujeito* nulo esteve, no estágio inicial da mudança, associado à maior saliência fônica, mas, para o português europeu, língua de concordância verbal forte, é possível estabelecer relações entre tempo verbal com mais oposições distintas e *sujeito* nulo?

Exemplificam *sujeito* nulo com pretérito perfeito do indicativo:

(224) "A *gente* pegou, dá-lhe até uma molhadela para que fique molinho, mas ele, estando eles bons, não precisam. A *gente* colocou-o ali, no meio, ele entrou para baixo e fica ali fixe. A *gente* deita-lhe a 'refia' toda em volta, topa, topa, topa, topa, topa. Ø enroscou-lhe três ou quatro ou cinco voltinhas, pronto, tapou-se todo outra vez com terra, terra miudinha". (E₁₋₇₉)

(225) "Às vezes *a gente* até anda com umas pás (que se arranja) a terra melhor, Ø tapou-o até ao natural, até aqui assim. Fica tudo. (...) Tudo debaixo da terra! Depois, às vezes já se emeçam a ver, ELE VEM A CHUVA¹⁴³ ... Emmeçam-se a ver, *a gente* vai lá dar uma voltinha. E tapa-se. E também se podem... Pode também (isto) depois daqueles montões endurecerem a terra. E pode não deixar sair (...) o gromo a arrebenar; e *a gente* dá-lhe assim com a mão, dá-lhe assim um jeitinho à terra para que lhe dê moleza, uma abrandadela e coiso; ou quando não, também se lhe deita mais um bocadinho porque torna-a... Frescura-a". (E₂₋₇₉)

Em sentenças correferentes, como se comportam as formais verbais?

Tabela 40 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre forma verbal e *sujeito* correferente de referência genérica.

Forma verbal	Mesmo <i>sujeito</i> preenchido	Mesmo <i>sujeito</i> nulo	Total
Presente do indicativo	137 (30%)	319 (70%)	456
Pretérito perfeito do indicativo	01 (6%)	17 (94%)	18
Pretérito imperfeito do indicativo	44 (25%)	133 (75%)	177
Presente do subjuntivo	01 (50%)	01 (50%)	02
Pretérito do subjuntivo	03 (60%)	02 (40%)	05
Futuro do subjuntivo	07 (39%)	11 (61%)	18
Forma nominal infinitivo	12 (54%)	10 (46%)	22
Total	205	493	698

¹⁴³ Exemplo de *sujeito* expletivo preenchido por pronome.

Em sentenças correferentes: (i) o pretérito do subjuntivo foi o tempo verbal que mais preencheu a casa do *sujeito*; (ii) o pretérito perfeito do indicativo apresentou o maior percentual de *sujeitos* nulos. Esse contexto, no estágio inicial da mudança do português brasileiro, também era o mais resistente.

Em sentenças não-correferentes, o pretérito perfeito do indicativo continua atuando na manutenção do *sujeito* nulo?

Tabela 41 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre forma verbal e *sujeito* não-correferente de referência genérica.

Tempo verbal	<i>Sujeito</i> diferente preenchido	<i>Sujeito</i> diferente nulo	Total
Presente do indicativo	660 (82%)	141 (18%)	801
Pretérito perfeito do indicativo	11 (50%)	11 (50%)	22
Pretérito imperfeito do indicativo	273 (80%)	66 (20%)	339
Presente do subjuntivo	08 (100%)	-	08
Pretérito do subjuntivo	06 (86%)	01 (14%)	07
Futuro do subjuntivo	16 (80%)	04 (20%)	20
Forma nominal infinitivo	45 (90%)	05 (10%)	50
Total	1019	228	1247

Novamente, o pretérito perfeito do indicativo detém o maior percentual de *sujeitos* não-realizados foneticamente, 50%. Disputam o 2º lugar "pretérito imperfeito do indicativo" e "futuro do subjuntivo", ambos com 20%. Resultados que sugerem a fragilidade da correlação entre "tempo marcado" e "*sujeito* nulo".

Exemplificam "tempo marcado – *sujeito* preenchido":

(226) "Mas primeiramente vai rastejando ao cheiro. Ele vai andando, vai rastejando, chegou ali encontrou o cheiro duma erva qualquer ou uma raiz que **ele gostou**, e então começou a foçar, arrancou a raiz da erva que é para ele a comer". (E₆₋₇₇)

(227) "Da praça que chamam a praça de Alvor para cima já tem outro tom de fala. E somos três tons de fala. Aqui em baixo é que é mais carregado. E nós, mesmo que tenham outro tom de fala, mas vai buscar sempre o carregado porque **nós estamos** habituados aqui". (E₄₋₀₁)

4.3.2.5 Tipo de ocorrência x complemento verbal

Para observar os complementos verbais com *sujeito* de referência genérica, apresentam-se os resultados obtidos pela análise dos dados:

Tabela 42 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre complemento verbal e *sujeito* de referência genérica.

Complementos verbais	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Complemento lexicalizado	633 (58%)	465 (42%)	1098
Complemento nulo	268 (71%)	109 (29%)	377
Complemento oracional	86 (67%)	42 (33%)	128
Anexo predicativo	178 (76%)	55 (24%)	233
Não se aplica ¹⁴⁴	59 (54%)	50 (46%)	109
Total	1224	721	1945

¹⁴⁴ Os casos de não se aplica são todos com verbos intransitivos. Pelo fato de não apresentarem complemento, optou-se por tal terminologia, para que pudéssemos diferenciá-los dos verbos transitivos com objeto nulo.

Apesar de alguns complementos estarem mais diretamente associados à não-realização fonética do *sujeito*, a taxa de preenchimento ficou acima dos 50%. Esse resultado mostra que não se pode outorgar a nenhum dos complementos verbais o título de "contexto de resistência" ao preenchimento da casa do *sujeito*. Parece que conclusão a que chegou Duarte, para o português brasileiro pode também ser a nossa conclusão: "Os elementos que precedem o *sujeito* têm maior peso do que os que o seguem".

Para ilustrar, citam-se: *complemento lexicalizado, nulo, não se aplica, oracional e anexo predicativo*, nessa ordem:

(228) "Pois. Aquilo é o peito. Aqui chama-se o peito da vaca. E depois tem as tetas penduradas, onde é que *a gente* puxa **o leite**. Até chama-se o amojo". (E₅₋₅₃)

(229) "*A gente* às vezes esborracha **Ø**, é uma coisita preta. A ova é preta. A ova é branca, mas quando está no choco, deixa-a agarrada àquelas pernas de árvores, deixa a água preta. E *a gente* às vezes esmigalha **Ø**, vê o choquinho pequeno, gerado". (E₄₋₃₈)

(230) "Quer dizer, se ela apanhar aonde se amparar, ela **crece** muito. Agora se não apanhar aonde se amparar, se estiver no chão, cresce assim". (E₇₋₉₃)

(231) "Se ela for corta este ano, para o ano sega-se os ali de baixo, para ficar só as duas ou as três em cima na ponta. (Por exemplo), ela rebenta e rebenta aqui em cima, os olhos. Mas se *a gente* quer **que ela dê latada**, deixa-se-lhe estes olhos só". (E₂₋₀₃)

(232) "A largura? *A gente* **chama uma margem**. Pois. É aquilo que a semente vai agarrar. Vai por qui, por exemplo, por qui fora, e vai amandar, e vai amandar, vai amandar". (E₅₋₀₈)

Apresentaram-se nesta seção os cruzamentos entre *sujeito* de referência genérica e as variáveis selecionadas e não-selecionadas pelo PROGRAMA PESO RELATIVO. Para sintetizar os principais resultados, exibe-se o quadro-síntese:

SUJEITO DE REFERÊNCIA GENÉRICA

CORREFERENCIALIDADE

Em estruturas correferentes, o total de *sujeitos* nulos chegou a 71%. Se por um lado, não há como negar que esse fator inibe a presença do *sujeito*-lexical, por outro lado, há de se reconhecer que os 29% de preenchimento do *sujeito* adquire, nesse contexto, proporções ímpares.

PESSOA GRAMATICAL

Os *sujeitos* preenchidos e nulos pela forma pronominal "*a gente*" totalizaram, no *corpus*, 55% das estratégias de indeterminação. Das 1041 ocorrências de *sujeitos a gente* de referência genérica, 877 (84%) são preenchidos e 164 (16%) são nulos.

***A gente* x localidade**

Em todas as localidades investigadas, o percentual de *sujeitos* preenchidos superou o de *sujeitos* nulos. Outeiro foi a localidade que exibiu o maior percentual de *sujeitos* não-realizados foneticamente, 32%.

LOCALIDADE

Todas as localidades investigadas recorreram ao uso do pronome para indeterminar o *sujeito*. Ponta Garça e Alvor exibiram as maiores taxas de *sujeitos* preenchidos, 82% e 76%, respectivamente. Figueiró, Outeiro e Covo foram as únicas localidades em que o percentual de *sujeitos* nulos ficou acima dos 50%.

Correferência x localidade

Em estruturas correferentes, Ponta Garça exibiu 22% de *sujeitos* preenchidos e Figueiró apenas 3%.

TIPO DE ORAÇÃO

As orações independentes favoreceram o uso de *sujeitos* preenchidos e as 2ª coordenadas destacaram-se como as mais resistentes ao pronome.

Correferência x tipo de oração

Em estruturas correferentes, as orações 2ª coordenadas apresentaram tendência forte de *sujeito* nulo; as adverbiais, inversamente de *sujeitos* preenchidos.

Tipo de oração x marcas da flexão

Em estruturas correferentes, as orações justapostas concentraram o maior índice percentual de variação de número e de pessoa com *sujeitos* nulos "a gente".

ANIMACIDADE DO SUJEITO

Com o *sujeito* de referência genérica, o traço [+] humano do referente incide preferencialmente sobre o pronome-*sujeito* (67%). Em contrapartida, o traço [-] animado do referente está muito diretamente associado ao *sujeito* nulo.

Animacidade x 3ª pessoa

Quer o referente seja [+] animado, quer [-] animado, o índice de *sujeitos* nulos superou o de *sujeitos* preenchidos.

Traço [-] animado x correferência

Em estruturas correferentes, o traço [-] animado do referente resultou em 76% de *sujeitos* nulos.

CONCORDÂNCIA VERBAL

No cômputo geral, registraram-se 83% de concordância contra 17% de não-concordância.

TRANSITIVIDADE VERBAL

Os verbos transitivos exibiram o maior percentual de *sujeitos* preenchidos, 64%.

Verbo transitivo x complemento

"Anexo predicativo" favoreceu o pronome, (76%).

ORDEM

Com o *sujeito* de referência genérica, o percentual de inversão foi de 7%.

Ordem x tipo de oração

As orações justapostas detiveram o maior percentual de *sujeitos* pospostos.

Ordem x pessoa gramatical

O pronome "nós" exibiu a maior taxa de *sujeitos* pospostos; o pronome "ele" a menor.

FORMA VERBAL

Em índices percentuais, o pretérito perfeito do indicativo apresentou a maior taxa de *sujeitos* nulos, (70%). Inversamente, o presente do subjuntivo exibiu tendência forte rumo ao preenchimento (90%).

Correferência x forma verbal

Em sentenças correferentes: (i) o pretérito do subjuntivo foi o tempo verbal que mais preencheu a casa do *sujeito*; (ii) o pretérito perfeito do indicativo apresentou o maior percentual de *sujeitos* nulos.

Em sentenças não-correferentes, o maior índice de *sujeitos* nulos foi registrado com o pretérito perfeito do indicativo.

COMPLEMENTOS VERBAIS

Com todos os complementos verbais, a taxa de preenchimento da casa do *sujeito* ficou acima dos 50%.

5 O PRONOME A *GENTE*

Parece pronome, se comporta como pronome, mas não é, unanimemente, aceito como pronome. Esse é o drama histórico da expressão "*a gente*". Ou seria do pronome "*a gente*"? Dilemas à parte, passemos às evidências: quer no português brasileiro, quer no português europeu, essa expressão pronominal é uma realidade incontestável.

Incontestável também é a variação na concordância de número e de pessoa que esse "pronome" exhibe no português europeu:

Não há um comportamento sistemático de concordância entre *a gente* e o verbo da oração da qual é *sujeito*. Assim, podemos encontrar *a gente* a concordar com a terceira pessoa do singular. [...] Mas é também comum ouvirmos em PE frases como a que se segue, com o verbo na primeira pessoa do plural: '*A gente vamos ao cinema*'. E, em alguns dialectos, como por exemplo, o micalense, podemos encontrar a concordância com a terceira pessoa do plural: '*A gente vão ao cinema*'. (PEREIRA, 2003, p.17)

Envolto por dogmas, o "*a gente*" não é mencionado na grande maioria dos compêndios gramaticais de cunho normativista, quer no português europeu, quer no português brasileiro. Reportemo-nos ao texto de Pereira, pesquisadora portuguesa, para mostrar as restrições de uso prescritas para essa forma pronominal:

Outras gramáticas quer antigas, como a *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa* de Soares Barbosa (1822) e *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros, quer recentes, como a *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus et al. (1983) não dão qualquer espaço a esta expressão. Note-se que, até há pouco tempo atrás, também nas escolas se censurava o uso de *a gente*, a coberto da perspectiva normativa banalizada no bordão que "*agente é da polícia*". Estes factos revelam que não só no meio escolar, mas também no meio académico, este pronome não era encarado como parte da gramática do português padrão, mas talvez como uma particularidade da língua familiar oral, como alguns estudiosos chegam a referir. (PEREIRA, 2003, p.13)

Observam-se, assim, contradições: por um lado, há as regras da "boa" sintaxe; por outro lado, o uso da língua. Tais contradições engendram efeitos nefastos: (i) a gramática aprendida na escola se torna uma espécie de língua estrangeira, pois se confrontam regras e usos;

(ii) o estabelecimento de uma gramática do português europeu e do português brasileiro ainda está envolto por dogmas e escassez de descrições.

Neste sentido, debruçar-se sobre esse "pronome" é duplamente relevante, pois, além, de ampliar a descrição do português europeu, pretende-se, ainda, mapear os "genes" que aproximam e/ou distanciam o português brasileiro da variedade de além-mar.

Esclarece-se que pelo fato de essa forma pronominal não exibir morfologia distintiva particular, foram contabilizadas todas as ocorrências em que a forma pronominal "*a gente*" exercesse a função de *sujeito* preenchido ou nulo.

5.1 O *sujeito* específico

5.1.1 Tipo de ocorrência x referência específica

De eminentemente indeterminado à multireferenciação. Eis o percurso do pronome "*a gente*" no português brasileiro (LOPES, 2003). Para o português europeu parece que a história se repete, ou será que somos nós que a repetimos? Se a escrevemos ou se a repetimos também já é outra "história", nesta o que nos interessa é mostrar que essa forma pronominal também concorre, no português europeu, com o pronome "eu" (ou, "eu" e outro(s)).

Tabela 43 - Quantificação e porcentagem de ocorrências da forma pronominal *a gente* (preenchida e nula) - referência específica.

<i>Sujeito a gente</i>	<i>Sujeito</i> preenchido 83 (89%)	<i>Sujeito</i> nulo 10 (11%)	Total 93
------------------------	------------------------------------	------------------------------	----------

Ao examinarmos os números, consta-se que o *sujeito* preenchido pelo pronome "a gente" responde por 89% do total de ocorrências. A expressiva taxa de preenchimento talvez possa ser explicada pelo fato de essa forma pronominal não exibir marca de número e de pessoa que a particularize.

Aventar a hipótese de a desinência não-distintiva afetar positivamente o preenchimento da casa do *sujeito* é quase um paradoxo, pois o pronome "eu"¹⁴⁵, em tempos teoricamente marcados, concentrou expressivos índices de preenchimento, quando da análise do *sujeito* de referência específica.

Explicar ou não explicar o preenchimento do *sujeito* pelo viés "morfologia verbal"? Muito mais que buscar uma resposta para essa pergunta, o nosso objetivo é descrever a realização do *sujeito* no português europeu, o que poderá trazer respostas ou ainda gerar mais dúvidas.

Postas de lado essas questões que costumam render embates polêmicos, passemos aos fatos: (i) assim como o português brasileiro, o português europeu usa "pronomes" que não constam do quadro tradicional (neste caso, especificamente, a expressão "a gente"); (ii) assim como no português brasileiro, o português europeu "pessoalizou" a forma pronominal "a gente".

Exemplificam *sujeitos* preenchidos pela forma pronominal *a gente*:

(233) "Se vir cedo, alguma coisa há-de-se arranjar para o almoço. Não tenha medo. Alguma coisa há-de-se arranjar. Se vir cedo, alguma coisa há-de-se arranjar. Então isso não há problema. Se vir cedo, isso há o que a gente come, ou peixe ou que seja carne ou que seja peixe, mas peixe também é bom! O peixe cá também é bom, quando houver. Seja o que for, a gente arremedeia. Somos classe pobre, qualquer coisa... Só o que sei é o bom agrado". (E₄₋₃₄)

¹⁴⁵O pronome "eu" totalizou 75% e 71% de *sujeitos* preenchidos com o presente e pretérito perfeito do indicativo, respectivamente.

(234) "O meu pai trazia, quando era... Que a gente tosquiavam as ovelhas duas vezes no ano. Duas ou três vezes, parece-me. Não tenho bem a certeza, mas duas era firme. Porque se não se tosquiava as ovelhas a tempo e a hora, elas ficavam tomadas e morriam". (E₈₋₁₁₆)

(235) "Se há formiga-branca neste Porto Santo! A gente sentia ela roer. A gente sentia elas roer. A esta porta deste lado, a parte esquerda, eu já nem lha podia abrir, porque se eu lha abrisse, ela ia trazer o aro consigo. Porque o aro estava só com aquela casquinha! Quem lha forcejasse para (ela abrir) ou para (ela fechar) /lha fechar\, ela ia vir sempre. Ia desaparecer". (E₂₋₄₂)

(236) "Eu gosto muito de coisas antigas. E a gente estiveram fazendo limpeza lá em cima, à casa de meu pai. Tinha ferraduras, tinha de embolar os bois. Papá tinha isso tudo". (E₁₀₋₉₉)

(237) "Ah! A mais novinha, que é esta, tinha dois anos e meio! Veja lá, tudo pequeno. A gente viu-se mal. O que me vale tinha uma irmã – que também já faleceu, coitada –, e essa ajudava-me muito. Essa (ele) estava solteira e andava assim a servir sempre (pouco). Trabalhava era de cozinha e assim pelos fidalgos". (E₁₂₋₀₆)

5.1.2 Tipo de ocorrência x correferência

É senso-comum, dentre os estudos que investigaram a realização do *sujeito* em língua [+] e [-] *pro-drop*, apontar o fator "correferencialidade" como contexto de resistência ao uso do pronome-*sujeito*. Para verificarmos se esse efeito "padronizado" também se manifesta com a forma pronominal "*a gente*", expõem-se os resultados:

Tabela 44 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre *sujeito a gente* de referência específica e correferência.

Correferência	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Mesmo <i>sujeito</i>	07 (41%)	10 (59%)	17
<i>Sujeito</i> diferente	76 (100%)	-	76
Total	83	10	93

Se a estreita relação entre "correferencialidade" e "*sujeito* nulo" confirmou as expectativas, a surpresa ficou por conta dos 100% de preenchimento em orações com referência disjunta. Resultado para o qual, formula-se a seguinte pergunta: "Será que a morfologia não-distintiva dessa forma pronominal fez com que o preenchimento fosse regra categórica, em orações, cujos *sujeitos* não são correferentes? Se a resposta a essa pergunta for um "sim", como desvincular *sujeito* preenchido e morfologia distintiva?

Para exemplificar *sujeito* nulo em oração correferente, transcreve-se:

(238) "Doze. Era ele e a minha mãe, dois; e duas tias minhas que não se casaram, ficaram ao pé dele, quatro; e um tio meu, cinco. Eram cinco. Ora, cinco, e nós éramos sete, éramos doze (pessoas). Olhe que a minha mãe (...)... A senhora, até lhe digo isto, mas a senhora não sabe. Eram umas malgas. E estendia assim sobre a mesa. Era uma (ceifa). Doze malgas! *A gente* cá coze broa. Vocês lá é tudo de padaria, mas *a gente* cá é broa. \emptyset cozia o pão, \emptyset botava uma broa em cima do coiso e \emptyset começava a cortar... (Quando notavam), não tinham pão nenhum. *A gente* gastava muito. (Também) era muita *gente*". (E₁₋₀₆)

5.1.3 Tipo de ocorrência x concordância verbal

A possibilidade de o pronome "*a gente*" oscilar, no português europeu, entre morfologia verbal [+] e [-] plural, fez com que adotássemos o seguinte critério: o uso do singular implica concordância, o uso do plural foi codificado como não-concordância.

Tabela 45 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre *sujeito a gente* de referência específica e concordância verbal.

Concordância verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Concordância	60 (87%)	09 (13%)	69
Não-concordância	23 (96%)	01 (4%)	24
Total	83	10	93

Segundo Lopes (2002), o percurso diacrônico da forma pronominal "*a gente*", no português¹⁴⁶, inclui não só a multireferenciação, mas também a perda gradual do traço de número [+] plural. Nas palavras dessa pesquisadora: "Embora a subespecificação [possibilidade de o pronome exibir o verbo no singular ou no plural] se faça presente até o século XIX, o uso de *a gente* apenas no singular ganha terreno ao longo do tempo, firmando-se como uso categórico no nosso século".

Se na pesquisa realizada por Lopes (2002), o uso do singular foi descrito como regra categórica, em nossa mostra, o plural ainda é recorrente. Das 93 ocorrências com *sujeito* de referência específica, 24 (26%) trouxeram o verbo flexionado (não-concordância).

¹⁴⁶ A pesquisa realizada por Lopes (2002) investigou textos escritos do português brasileiro e do português europeu.

Para exemplificar, transcrevem-se ocorrências retiradas do *corpus* de análise. As três primeiras exibindo o verbo no singular; e as outras duas, com os verbos na 3ª e 1ª pessoas do plural, respectivamente:

(239) "Trabalhei em moleiro e em barroqueiro. E (eu) agora sou camponês. **A gente trabalhava** com umas bestas, a acartar madeira, a acartar enchimento para as estufas. **A gente ia** tirar queiró para o mato que era para as estufas". (E₉₋₁₁₉)

(240) "Minha mãe, que Deus haja, ia para a casa de uma tia minha, defronte ao hotel Porto Santo e **a gente ia**, pequeninas, *a gente ia*. Ia-se a pé, por aí abaixo. Dava-se a mão aos irmãos, que eu também tive cinco irmãos". (E₂₋₂₃)

(241) "Era, era (eu). **A gente tinha** carro e carroça... Não havia transportes aqui. Às vezes, um doente adoecia, sabe? A senhora sabe como é que se ia levar ao hospital? Era numa cama, com quatro ou oito homens". (E₈₋₂₉)

(242) "(Ele era) pastor. Isto é: *a gente* tinha ovelhas mas ninguém tomava conta delas! *A gente* todos, as nossas ovelhas – porque *a gente* tinha muitas, também; e não só *a gente*, aqui mais acima havia outro lavrador que também tinha muitas... Mas **a gente usavam** as ovelhas amarradas". (E₈₋₁₁₄)

(243) "Eu ainda tenho aqui uma tesoura que era para fazer esse ... Se quiser ver, eu posso ir lá mostrar. Já não corta, mas era com aquilo que *a gente* cortavam a lã da ovelha. O senhor vai-me dar licença que eu vou buscá-la. A tesoura que *a gente* se tosquiavam as ovelhas! **A gente trazíamos** aqui para baixo, depois *a gente* peavam-nas, as mãos e os pés". (E₈₋₁₁₆)

Para comentar mudança de flexão e correferencialidade, apresenta-se novo cruzamento:

Tabela 46 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre *sujeito a gente* de referência específica e marcas da flexão verbal.

Marcas da flexão verbal	Mesmo <i>sujeito</i> preenchido	Mesmo <i>sujeito</i> nulo	Total
Mesma flexão	05 (33%)	10 (67%)	15
Outra flexão	02 (100%)	-	02
Total	07	10	17

Em orações com *sujeitos* correferentes, registraram-se apenas duas ocorrências em que os verbos não mantiveram a mesma flexão. Apesar de o número não ser expressivo, esse fato exibe uma das características da fala do português europeu: alteração do traço de número e de pessoa em orações, cujos *sujeitos* preenchidos são correferentes.

Embora as duas únicas ocorrências já tenham sido citadas, para a comodidade do leitor, serão novamente transcritas:

"A tesoura que *a gente se tosquiavam* as ovelhas! *A gente trazíamos* aqui para baixo, depois *a gente peavam*-nas, as mãos e os pés, para elas estarem quietinhas, *a gente* pegavam-lhe pela cabeça, começavam pela cabeça, e iam, iam, iam, e iam cortando em toda a volta, e a lã ia enrolando de volta do corpo da ovelha". (E₈₋₁₁₆)

Passemos às duas ocorrências que exibem o mesmo *sujeito* e diferentes flexões: na primeira delas, o *sujeito* "*a gente*" (da 2ª oração) é correferente e exibe o verbo na 1ª pessoa do plural – diferentemente da 1ª oração, que traz o verbo na 3ª pessoa do plural. A segunda ocorrência refere-se ao *sujeito* "*a gente*" da 3ª oração, que não mantém o verbo na 1ª pessoa do plural - a concordância volta a ser, assim como na 1ª oração, com a 3ª pessoa do plural.

A tabela permite ainda observar que, em contextos de *sujeitos* não-lexicalizados, a manutenção do traço de número e de pessoa é regra categórica. Estaria essa manutenção garantindo o *sujeito* nulo? Ou o não-preenchimento da casa do *sujeito* pode ser explicado pelo viés da correferencialidade?

Para exemplificar, citam-se:

(244) "Para o lado da Arzela para levar a vida, para *a gente* ganhar uns tostõezinhos para poder romper com a vida. Não. Eu tecia por encomenda. Quem encomendava, às vezes, davam até a lã e assim. E **a gente tecia** e depois **Ø ia** levar. **Ø ganhava** aquele bocadinho, só". (E₁₁₋₀₇)

(245) "Nós aqui, ainda é um bem: **a gente não paga** lenha; **a gente não paga** luz – a luz, **Ø paga** a electricidade, mas quer dizer –, **Ø não paga** água, não paga. O que é que *a gente* gasta? Algum arrozito, nalguma massa, o resto é tudo de casa. Tem a hortaliça, tem o feijão". (E₁₋₅₃)

(246) "Eu canso muito, mas aqui o bocadinho que eu (estou), eu penso até que não me faz mal. Faz-me mal, mas eu penso que não faz, porque eu gosto muito disso. Eu com catorze anos... A minha vida foi essa. Sei fazer os meus pontinhos, sei fazer malha, sei fazer renda, sei marcar, bordei à máquina. Isto tudo eu sei fazer! Mas eu adoro é isso! Isso eu adoro! E eu não sei se aquele senhor sabe muito bem – que **a gente tem** a nossa vida –, **Ø trabalhavam** muito pelas terras! **A gente trabalhavam** muito pelas terras, mas a minha mãe sempre nos deixou aprender aquilo que *a gente* desejavam! Tanto eu como as minhas irmãs. A minha irmã Andresa também sabe tecer". (E₈₋₉₀)

5.1.4 Tipo de ocorrência x forma verbal

Para observarmos como se comportam as formas verbais com o *sujeito "a gente"* de referência específica, exibem-se os resultados:

Tabela 47 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre *sujeito a gente* de referência específica e forma verbal.

Forma verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Presente do indicativo	26 (89%)	03 (11%)	29
Pretérito perfeito do indicativo	10 (100%)	-	10
Pretérito imperfeito do indicativo	41 (85%)	07(15%)	48
Pretérito do subjuntivo	01 (100%)	-	01
Forma nominal infinitivo	05 (100%)	-	05
Total	83	10	93

Talvez a explicação do alto índice de *sujeitos* preenchidos se justifique pelo fato de esse pronome "camaleão" ora trazer o verbo na 3ª pessoa do singular, ora na 1ª pessoa do plural, ora, ainda, na 3ª pessoa do plural. E com essas múltiplas possibilidades de flexão de número e de pessoa, a morfologia verbal não é capaz de identificar esse pronome.

Exemplificam essa tendência:

(246) "(O) meu pai era lavrador. Se chovesse, que (o) meu pai tivesse trigo e cevada para o ano inteiro, a gente tinha a nossa fartura de pão. Mas se não havia para o ano inteiro, era deste milho! Ia-se buscar este milho, havia moinhos de vento, aqui ". (E₂₋₁₈)

(247) "(Ora se o meu pai)... O meu pai sempre foi lavrador e os meus irmãos foram todos lavradores, e eu nunca conheci-lhe mais que dez, doze vacas. E depois é que (ele) à maneira que a gente se foram casando é que foram se montando..." (E₈₋₀₉)

(248) "Viemos, saímos de lá. Viemos ficar a Reiriz. Chegamos lá a uma loja, nem tinha pão, nem... Só tinha figos! E nós mortos de fome! Diz o homem assim... Ele pediu para guardar o gado; trazíamos algumas cinquenta reses, e era ovelhas. Diz ele assim: "E agora"? O outro para mim: E agora? Diz ele: Ó senhor, ai – diz ele – **ELE NÃO HÁ UMA CORTE** – aqui é um curral; noutro lado é umas cortes – para meter o gado? Diz ele: Há aqui, mas a gente duvidou duns gajos que lá estavam". (E₁₋₇₂)

(249) "Também não, senhora. *A gente*, naquele tempo, não havia possibilidades de ir à escola. A gente era pobre, ele meu amigo! Depois fazia falta trabalhar. Tinha depois já os meus irmãos que eram mais novos e esses depois já aprenderam. Esses depois já aprenderam. E os meus filhos, também eu tenho a filha mais velha, também foi a primeira, também não andou tempo nenhum na escola, e depois os outros já todos aprenderam". (E₁₃₋₅₆)

5.1.5 Tipo de ocorrência x transitividade verbal

Para verificar se variável "transitividade verbal" está associada ao apagamento ou preenchimento do *sujeito*, apresentam-se os resultados:

Tabela 48 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre *sujeito a gente* de referência específica e transitividade verbal.

Transitividade verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Verbo intransitivo	06 (86%)	01 (14%)	07
Verbo transitivo	70 (89%)	09 (11%)	79
Verbo de ligação	07 (100%)	-	07
Total	83	10	93

A tabela permite constatar que (i) os verbos transitivos concentraram 85% do total de ocorrências; (ii) o verbo de ligação implicou regra categórica de *sujeito* lexical; (iii) os verbos intransitivos apresentaram o maior percentual de *sujeitos* nulos. Apesar de os números apontarem os contextos mais e menos resistentes ao uso do *sujeito* lexical, essa variável tem sido sistematicamente rejeitada, quer no português brasileiro¹⁴⁷, quer no português europeu¹⁴⁸. "Essa resistência sugere que os elementos que precedem o *sujeito* têm maior peso do que os que o seguem". (DUARTE, 1995, p. 79)

Citam-se, respectivamente, verbo intransitivo, transitivo e de ligação com *sujeitos* preenchidos pelo uso do pronome "*a gente*":

(250) "Eu tenho um boi de cobrição e tenho onze vacas. Tourinas e serranas, tenho onze. E *a gente trabalha* muito mas somos só quatro pessoas". (E₁₋₀₁)

(251) "Eu digo: "Ó Senhor Doutor, eu... Falaram-me em Doutor Balcão". "Está bem. *A gente passa* a credencial". Cheguei lá apresentei a credencial à pessoa". (E₇₋₃₉)

¹⁴⁷ Para o português brasileiro, referimo-nos aos estudos que investigaram a fala carioca (Duarte, 1995), a fala londrinense (Laperuta, 2002) e a fala araguiense (Carvalho, 2005).

¹⁴⁸ Para o português europeu, referimo-nos aos resultados desta pesquisa – *sujeito* específico e genérico.

(252) "Quem não quer! Fazer com os ossos do porco e com carne mais ou menos – não é? Fazer aquela, a tais papas de rolão – a tais papas de rolão. Eu gosto muito; a minha mulher agora não quer; agora já a gente não é moderna". (E₁₂₋₂₀)

Para maiores detalhes, cruzam-se as variáveis: "transitividade x complemento verbal". Na medida em que esse cruzamento é mais pertinente para os contextos com verbos transitivos (que concentraram o maior número de dados), iremos apresentar apenas os resultados relativos a esses verbos.

Tabela 49 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre *sujeito a gente* de referência específica e tipo de complemento verbal com verbo transitivo.

Tipo de complemento	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Complemento lexicalizado	40 (93%)	03 (7%)	43
Complemento nulo	28 (82%)	06 (18%)	34
Total ¹⁴⁹	68	09	77

O preenchimento ou apagamento da casa do *sujeito* parece não ser afetado pelo complemento verbal, uma vez que não se registraram diferenças significativas que nos permitissem traçar-lhes oposição.

Exemplifica:

(253) "E ele fica ali e deixa-o estar, você vai a comer e é como... É melhor que o trigo! Vem aí o padeiro aquase todos os dias, agora, e a gente compra [ϕ] às vezes, para o mocito, Ø compra [ϕ]; mas quando a gente coze [ϕ], a gente nunca compra [ϕ]". (E₁₋₁₈)

¹⁴⁹ Pelo fato de os verbos transitivos com complementos oracionais registrarem apenas 02 ocorrências, resolvemos não incluí-las na tabela.

5.1.6 Tipo de ocorrência x tipo de oração

Dos estudos que investigaram a realização do *sujeito* no português europeu (Duarte (s/d)), português moçambicano (Bravin dos Santos (2006)), e no espanhol (Soares da Silva, (2006)) – línguas ou variedades consideradas [+] *pro-drop* – decorre a afirmação: as orações relativas favorecem o preenchimento do *sujeito*.

Tabela 50 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre *sujeito a gente* de referência específica e tipo de oração.

Tipo de oração	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Oração principal	14 (100%)	-	14
Oração 1ª coordenada	06 (67%)	03 (33%)	09
Oração 2ª coordenada	22 (84%)	04 (16%)	26
Oração justaposta	17 (85%)	03 (15%)	20
Oração relativa	13 (100%)	-	13
Oração completiva	03 (100%)	-	03
Oração adverbial	08 (100%)	-	08
Total	83	10	93

Os nossos resultados corroboram os de Duarte (s/d), Bravin dos Santos (2006) e Soares da Silva (2006): a oração relativa afeta positivamente o uso do *sujeito* preenchido. Mas não são apenas as orações relativas que se destacam quando o "assunto" é o preenchimento da casa do *sujeito* pelo uso da forma pronominal *a gente*, as orações "principal, completiva e adverbial" estão, assim como as relativas, diretamente associadas a esse pronome. Observa-se, ainda, o expressivo índice de *sujeitos* preenchidos em oração 2ª coordenada. Resultado inesperado, se os *sujeitos* forem correferentes.

Para verificar como se comportam os *sujeitos* correferentes e não-correferentes nos diferentes tipos de oração, apresenta-se novo cruzamento: "tipo de oração x correferencialidade".

Tabela 51 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre tipo de oração e *sujeito a gente* correferente e não-correferente de referência específica.

Tipo de oração	Mesmo <i>sujeito</i> preenchido	Mesmo <i>sujeito</i> nulo	<i>Sujeito</i> diferente preenchido	Total
Oração principal	03 (21%)	-	11 (79%)	14
Oração 1ª coordenada	-	03 (33%)	06 (67%)	09
Oração 2ª coordenada	01 (4%)	04 (15%)	21 (81%)	26
Oração justaposta	03 (15%)	03 (15%)	14 (70%)	20
Oração relativa	-	-	13 (100%)	13
Oração completiva	-	-	03 (100%)	03
Oração adverbial	-	-	08 (100%)	08
Total	07	10	76	93

O cruzamento entre "tipo de oração x correferencialidade" permite observar que em orações com *sujeitos* correferentes, o índice de preenchimento em 2ª coordenada foi de apenas 4%. Esse baixo índice de *sujeitos* preenchidos em 2ª coordenadas se justifica pelo fato de a oração coordenada e coordenante terem o mesmo *sujeito*. Quer em língua [+] *pro-drop*, quer em língua [-] *pro-drop*¹⁵⁰, "quanto mais estreita a conexão entre um referente/*sujeito* e sua menção prévia, menor a necessidade de explicitá-lo, seja por um pronome ou nome (no caso de terceira pessoa)¹⁵¹".

Exemplificam *sujeito* preenchido em oração 2ª coordenada com *sujeitos* diferentes:

¹⁵⁰ Para afirmar que o fator correferencialidade afeta positivamente o uso de *sujeitos* nulos, baseamo-nos em estudos feitos por Lira (1988), Duarte (1995, 2003), Carvalho (2005), Bravin dos Santos (2006), Soares da Silva (2006).

¹⁵¹ Apropriamo-nos das palavras de Paredes da Silva (2003).

(254) "Da banda de acolá daquele pinheiral, era lá uma quinta graúda e a gente trabalhou lá. Ao depois isto era dos meus sogros e ao depois partimos. Bem, ele faleceu". (E₁₃₋₅₆)

(255) "Diz ele – ele não há uma corte – aqui é um curral; noutro lado é umas cortes – para meter o gado? Diz ele: Há aqui, mas a gente duvidou duns gajos que lá estavam. (E₁₋₇₂)

5.1.7 Tipo de ocorrência x ordem

Para observar se a forma pronominal *a gente* afeta positivamente a ordem verbo-*sujeito*, apresentam-se os resultados:

Tabela 52 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre ordem e *sujeito a gente* de referência específica.

Ordem	<i>Sujeito-verbo</i>	Verbo- <i>sujeito</i>	Total
<i>Sujeito</i> preenchido	82 (99%)	01(1%)	83
Total ¹⁵²	82	01	83

A resistência à inversão exercida pelo ‘pronomine’ "*a gente*" pode ser constatada por números: em sentenças em que o *sujeito* está foneticamente realizado, a ordem verbo-*sujeito* representa apenas 1% do total de ocorrências.

Para exemplificar, cita-se a única ocorrência com *sujeito* posposto:

¹⁵² As 10 ocorrências que faltam na tabela são de *sujeitos* nulos.

(256) "Vem mais aquele dinheirinho! É o que vale para juntar a gente uns tostões (...) para poder fazer algumas obrinhas". (E₁₁₋₀₅)

5.1.8 Tipo de ocorrência x localidade

Apesar de marginalizada na maioria dos compêndios de cunho normativista, a forma pronominal "*a gente*" é usada em todas as localidades investigadas? Para obtermos essa resposta, apresenta-se o cruzamento:

Tabela 53 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre localidade e sujeito a gente de referência específica.

Localidade	Sujeito preenchido	Sujeito nulo	Total
Alcochete (Distrito de Setúbal)	01	-	01
Alvor (Distrito de Faro)	06	-	06
Cabeço de Vide (Distrito de Portalegre)	04	-	04
Camacha (Distrito de Funchal)	10	-	10
Ponta Garça (Distrito de Ponta Delgada)	22	01	23
Serpa (Distrito de Beja)	-	-	-
Arcos (Distrito de Viana de Castelo)	13	03	16
Outeiro (Distrito de Bragança)	-	-	-
Figueiró (Distrito de Guarda)	01	-	01
Covo (Distrito de Aveiro)	26	06	32
Total	83	10	93

Apesar de os números não serem expressivos, em 8 das 10 localidades investigadas, a forma pronominal "*a gente*" já é usada para referir-se a [eu+você(s) e eu+ele(s)] - nomeados por Lopes (1993) de *eu-ampliado* (eu+alguém).

Exemplificam *sujeito* preenchido em Ponta Garça e Covo:

(257) "(Ele aqui) isso *a gente* tratam um amarrilho – que é uma espadana, é; que a espadana é a tal tabua que *a gente* falaram ontem". (Ponta Garça)

(258) "Um bocadinho de massa para de hoje a oito dias, ou quinze dias, ou conforme... Bota-se umas pedrinhas de sal por cima e põe-se aonde for fresco – numa loja que seja fresco! *A gente* (então) na nossa casa é na salgadeira, de salgar a carne dos porcos – no sal". (Covo)

Apresentaram-se nesta seção os cruzamentos entre *sujeito* de referência específica e as variáveis selecionadas para a análise. Para sintetizar os principais resultados do *sujeito a gente* de referência específica, exhibe-se o quadro-síntese:

SUJEITO A GENTE DE REFERÊNCIA ESPECÍFICA

CORREFERENCIALIDADE

Os resultados das análises probabilísticas mostraram que em contextos não-correferentes, o preenchimento do *sujeito* pelo uso da forma pronominal "*a gente*" é regra categórica.

CONCORDÂNCIA VERBAL

Em estruturas em que a forma pronominal "*a gente*" não exhibe concordância, o *sujeito* nulo é afetado negativamente.

Marcas da flexão x correferência Em contextos de *sujeitos* não-realizados foneticamente, a manutenção do traço de número e de pessoa é regra categórica.

FORMA VERBAL

O pretérito imperfeito do indicativo concentrou o maior percentual de *sujeitos* nulos.

TRANSITIVIDADE VERBAL

A variável "transitividade verbal" não afetou positiva ou negativamente a realização do *sujeito* no português europeu.

Verbo transitivo x complemento O preenchimento ou apagamento da casa do *sujeito* parece não ser afetado pelo complemento verbal

TIPO DE ORAÇÃO

A oração 1ª coordenada afetou positivamente o uso do *sujeito* nulo

Tipo de oração x correferência Resistência ao preenchimento da casa do *sujeito* em oração 2ª coordenada cujos *sujeitos* são correferentes.

ORDEM

A ordem verbo-*sujeito* representa apenas 1% do total de ocorrências.

LOCALIDADE

Apesar de os números não serem expressivos, em 8 das 10 localidades investigadas a forma pronominal "*a gente*" já concorre no português europeu com o pronome "eu" (ou eu e o outro).

5.2 O *sujeito* genérico

5.2.1 Tipo de ocorrência x referência genérica

Estudos, dentre eles, Lopes (2002), apontam que o pronome "*a gente*", desde a sua inserção no paradigma pronominal do português, tem sido mais utilizado no sentido genérico. Baseando-nos nessa afirmação, acreditamos que o número de ocorrências com *sujeito* de referência genérica sobrepuje o de *sujeito* de referência específica.

Tabela 54 - Quantificação e porcentagem de ocorrências da forma pronominal *a gente* - *sujeito* de referência genérica.

<i>A gente</i>	<i>Sujeito</i> preenchido 877 (84%)	<i>Sujeito</i> nulo 164 (16%)	Total 1041
----------------	-------------------------------------	-------------------------------	------------

Os resultados confirmaram as expectativas: com referência genérica¹⁵³, a forma pronominal "*a gente*" totalizou 1041 *sujeitos* preenchidos e nulos; com referência específica, esse número cai para apenas 93 ocorrências.

Para o português brasileiro, as pesquisas de Laperuta (2002), Silva (2004) e Carvalho (2005) também mostraram que, do ponto de vista do discurso, a forma pronominal "*a gente*" é comumente usada para referir-se a *sujeitos* não-específicos: o uso do pronome "*a gente*" com referência genérica, se sobressai, quantitativamente, quando comparado ao *sujeito* de referência específica.

¹⁵³ A complexidade que recobre o processo de referenciação fez com que rotulássemos de "genéricos" *sujeitos* que exibissem traços de indeterminação (não-específicos). E, ainda assim, muitas vezes, pairavam dúvidas quanto à interpretação, pois, como se sabe o contexto pode ir além do texto. A esse respeito assim se pronunciam Koch e Marcuschi (1998, p.171) "... os itens lexicais, por mais carga semântica que tenham, não serão suficientes em todos os casos. Em outros termos, não acreditamos que o léxico seja auto-suficiente".

Em relação à realização do *sujeito "a gente"* de referência genérica, observamos que 84% dos dados ocorreram lexicalizados. A análise da realização, segundo os vários grupos de fatores elencados, trará um maior detalhamento desse resultado.

Para exemplificar *sujeito "a gente"* de referência genérica, transcrevem-se ocorrências retiradas do *corpus* de análise:

(259) "Têm serrilha tal e qual como uma serra, de lado em lado. Uma espécie do anequim. Tem serrilha de lado em lado. E aquilo corta! Corta é fácil. Às vezes a gente leva sardinha e aquilo cortam, 'estramam', sem dúvida nenhuma". (E₄₋₃₀)

(260) "E o atabefe é o leite ao lume. O atabefe deixa-se ferver além um bocadinho, mas isso é para a gente comer". (E₆₋₇₂)

(261) "Em sendo para a latada, deixa-se-a crescer, para (cima a) /ser na altura que a gente quiser. E depois, chegando ao tempo da poda, a gente sega-se esses olhos todos e deixa-se este só. Ela vai lá; rebenta a vara". (E₁₋₀₃)

(262) "Vamos limpar. Joga-se a palha contra o vento. Se o vento está daqui, a gente leva a forquilha a este lado e joga-o para aqui. Porque o bago vai para aquele lado (...) e a palha avoa para a frente. E então tem de se começar: se o vento está deste lado, a gente começava a jogar a palha ao ar deste lado, que é para a ir levando sempre para diante, sempre para diante". (E₁₋₃₅)

(263) "Uma está sentada ali puxando a teia. A outra está aqui com uma varinha nesse tornozinho enrolando – que é enrolando isso. E eu estou aqui sentada com o restelo. Que a gente chamam aquilo restelo. Que é tudo cheio duns coisinhas... Eu é que estou ali porque (ele) essas cabeças têm que ser muito bem feitas, porque se não, ao depois, descabeça". (E₁₀₋₉₈)

(264) "Eu vou-lhe explicar. A gente tira um enxame – chama aquilo um enxame; ele estava o cortiço cheio de abelhas e a gente vê se elas estão em termos de dar enxame. Bate, bate, bate assim noutra e põe um cortiço aquase sem nada. É como está a senhora Gabriela e o cortiço está ali assim; e a gente põe aquilo no chão, o outro, com a boca encostada um ao outro, e começa a bater no que tem as abelhas: tumba, tumba, tumba, tumba". (E₂₋₉₈)

(265) "E aqueles que tem que nunca nada colhe pois estão mais mal. Porque a gente (o marítimo) não é uma coisa certa. A gente está acostumado, a gente diz assim: Bom, este mês ganhei dez ou doze contos; vou-mos gastar. Mas lá vem outro mês que vem, não vem nada. A gente tem que deixar (de pôr) umas coisas por as outras". (E₄₋₅₀)

(266) "Mesmo o cimento, quer dizer, a gente tem é lá cimento, e ela adere-se... E adere... Encontra terra e estende-se. E estende-se. É preciso que a gente vá cortando, porque senão enleia também... Estendese muito". (E₁₀₋₆₃)

(267) "Mas dito! Agora, por ideias como eles, um homem não é capaz. Agora a gente, com a habitação de lidar com eles, ajeita-se, mais ou menos, àquilo que eles dizem; a gente começa a aprender". (E₆₋₀₁)

(268) "Ao depois esfarela-se, noutra vasilhinha, fora, noutra banheirinha e ao depois – quando a fressura também vem do porco – é deitada dentro da panela para escaldar. Depois é tirada, dá-se-lhe um banho em água fria para arrefecer, para a gente cortar tudo aos bocadinhos e cozer com cenoura, com semilha ou com tomate". (E₂₋₂₂)

5.2.2 Tipo de ocorrência x correferência

Partindo da hipótese de que o fator "correferencialidade" inibirá o preenchimento da casa do *sujeito*, apresentam-se os resultados:

Tabela 55- Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre correferencialidade e *sujeito a gente* de referência genérica.

Correferência	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Mesmo <i>sujeito</i>	105 (39%)	162 (61%)	267
<i>Sujeito</i> diferente	772 (99%)	02 ¹⁵⁴ (1%)	774
Total	877	164	1041

Embora prevaleça a preferência pelo pronome pleno em estruturas em que os *sujeitos* não são correferentes, o que se pode observar é que a forma pronominal "*a gente*" exibe um maior percentual de *sujeitos* preenchidos correferentes, quando comparado à análise conjunta com os outros pronomes. Em outras palavras, ao analisar conjuntamente os *sujeitos* de referência genérica, a taxa de *sujeitos* preenchidos em contextos de correferência foi de 29%; ao observar exclusivamente o *sujeito "a gente"* de referência genérica, o percentual de preenchimento sobe para 39%.

Esses números permitem retomar alguns questionamentos: (a) "será que a morfologia não-distintiva da forma pronominal "*a gente*" afetou positivamente o preenchimento da casa do *sujeito*?"; (b) "se a morfologia não-distintiva responde pelo alto índice de *sujeitos* preenchidos pelo uso da forma pronominal "*a gente*", como explicar o paradoxo: língua de concordância forte e *sujeitos* preenchidos?"; (c) "se a morfologia não-distintiva responde pelo alto índice de *sujeitos*

¹⁵⁴ As duas ocorrências de *sujeitos* nulos não-correferentes serão transcritas nos exemplos (282) e (283).

preenchidos pelo uso da forma pronominal "*a gente*", qual é o "papel" da correferência, se a manutenção do referente "dispensaria" identificação da desinência verbal?

Citam-se *sujeitos* preenchidos em estruturas correferentes:

(269) "Vai, vai crescendo, dá umas vaginhas e aquilo é a semente da couvinha. Mas *a gente* tem que lha cortar toda assim para... *A gente* tratam capar a couvinha". (E₉₋₀₁)

(270) "Porque *a gente* não é uma coisa certa. *A gente* está acostumado, *a gente* diz assim: Bom, este mês ganhei dez ou doze contos; vou-mos gastar". (E₄₋₅₀)

(271) "As três (estrelas) todas juntas, não sei, porque é uma das coisas que *a gente* nunca as chega a ver as três juntas. *A gente* vê-as sempre, por uma vida inteira, sempre com o mesmo 'despaço'. Vê-as sempre com aquele 'despaço', nem as vê mais perto, nem as vê mais longe. Vê-se sempre com o mesmo despaço". (E₆₋₀₇)

(272) "É o fermento e o sal. Botava-se (o) fermento e o sal. *A gente* tinha o nosso fermentinho sempre de casa. *A gente* chamava só o crescento. (É) o crescento. Aquilo é deitado numa tacinha e tapado e era na sexta-feira à noite. *A gente* deitava uma coisinha de água quente, (oh, oh); deitava-se uma coisinha de água quente, aquilo amolecia". (E₂₋₃₃)

(273) "Sim senhor. Era, sim senhor. Levantava-se muito, vinha muito, ficava grosso. *A gente*, (vá), graduava-se mais ou menos aquela medida já estava certo e quando *a gente* via que vinha muito, *a gente* arreava-se a pá outra vez mais para baixo uma coisinha e pronto. (Já graduado). Depois tinha o tal cachorro que estava a estremecer. E o grão caía, quando *a gente* via que era muito, era onde *a gente* (que ia da tal) pazinha e fechava-se mais. (E₂₋₅₁)

(274) "E agora a agulha – que é para eu dizer ao senhor a agulha –, a gente se queria a farinha mais fina, a gente dava na cunha para fora; o freguês se queria a farinha mais redonda, *a gente* dava na cunha para dentro, para fazer a farinha mais grossa". (E₈₋₃₅)

5.2.3 Tipo de ocorrência x concordância verbal

Pelo fato de a forma pronominal "*a gente*" exibir, no português europeu, variação na concordância de número e de pessoa, adotou-se o seguinte critério: o verbo na 3ª pessoa do singular implica concordância; o verbo na 1ª ou 3ª pessoas do plural, não-concordância.

Tabela 56 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre concordância verbal e sujeito *a gente* de referência genérica.

Concordância verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Concordância	676 (84%)	124 (16%)	800
Não-concordância	201 (83%)	40 (17%)	241
Total	877	164	1041

Embora haja variação, o uso do singular é, também, no português europeu, majoritário. Especificamente: com a forma pronominal "*a gente*", o número de ocorrências com o verbo na 3ª pessoa do singular representa 77% do total geral. Para o português brasileiro, o singular já se tornou a forma "tacitamente" aceita como regra. O que talvez explique a preferência desta sobre aquela, quer no português europeu, quer no português brasileiro.

Além de confirmar que, com essa forma pronominal, o falante prefere o singular ao plural, os índices permitem contrastar os resultados encontrados com "*a gente*" de referência específica

aos encontrados com "a gente" de referência genérica: neste, o "plural" não afetou negativamente o *sujeito* nulo; naquele, o não-preenchimento da casa do *sujeito* está muito diretamente associado à forma "singular".

Exemplificam *sujeito* nulo com verbo no plural:

(275) E há malvas também, que é bom para inchumes, para esfregar para... *A gente* fervem malvas e **Ø esfregam** o animal se está inchado, o mojo inchado. (E₈₋₅₈)

(276) "Vamos arranjar aquele talhão e quando aquele talhão estiver arranjado, aos depois logo se vê o que é que *a gente* havemos de semear. **Ø esperamos** a época. Que depois lá vêm as épocas, que depois vão a ver às vezes aquilo." (E₇₋₁₂)

(277) "É o monte do esterco. *A gente* cavavam... **Ø deitavam** aquilo sempre para ali. Ao fim de tempos é que cavavam aquele monte e deitavam numa serra direita". (E₉₋₁₆)

Para observar se a variação na concordância de número e de pessoa também ocorre em estruturas em que os *sujeitos* são correferentes, exhibe-se um novo cruzamento: "correferencialidade x marcas de flexão".

Tabela 57 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre marcas da flexão verbal e *sujeito a gente* de referência genérica.

Marcas da flexão verbal	Mesmo <i>sujeito</i> preenchido	Mesmo <i>sujeito</i> nulo	Total
Mesma flexão	89 (37%)	149 (63%)	238
Outra flexão	16 (55%)	13 (45%)	29
Total	105	162	267

Os números mostram que a variação na desinência de número e de pessoa também "afeta" *sujeitos* correferentes: quando a flexão verbal é diferente em cada ocorrência do *sujeito*, o índice de preenchimento é sensivelmente mais alto. No entanto, esse contexto reserva outra surpresa: alternância na desinência verbal com *sujeitos* não-realizados foneticamente.

Para exemplificar variação na desinência verbal com *sujeitos* correferentes, citam-se:

(278) "É. Que são do jugo de lavar... Eu tinha dois. Um até o levou o meu filho para a França, o que tem esta casa do lado dali. (Ele) qui-lo levar e levou-o lá para a França. Fez lá uma... Ele inventou lá uma folhada... Lá os franceses não coisa, e ele mostrou lá aos franceses como é que se trabalhava aqui em Portugal. É. Dobra-se... **A gente dobra**, **Ø metem** ao lume e **Ø dobra** e depois mete-se ao jugo para cima". (E₁₄₋₅₃)

(279) "É o matador (...). Faz-se, (olhe), faz-se o nosso comer, ou o nosso almoço... Quando o porco é morto de manhã, faz-se almoço (...) às vezes de peixe, que é por causa de na parte da tarde ser o sarapatel, da fressura do porco. E quando é na parte da tarde, espera-se que eles abram o porco e (tire) /tirem\ a fressura – como **a gente** lhe **chama** – **Ø** já **temos** o sangue a escaldar, para esfarelar, para deitar naquele guisado". (E₁₋₂₁)

(280) "Têm um tempero assim diferente; mas, mais ou menos, aquase (imitante). Porque **a gente** depois **vai** comer e **Ø** não **dizemos** que tem tudo o mesmo gosto. Não. Cada uma coisa tem o seu gosto". (E₇₋₇₉)

(281) "Não senhor. Aquilo é... **A gente** não **davam** nome nenhum àquilo. **Ø** não **dávamos** nome. Porque aquilo estava tosquiado, *a gente* ajuntavam logo para uma saca". (E₉₋₁₇)

5.2.4 Tipo de ocorrência x forma verbal

Com um pronome que não exhibe morfologia verbal distintiva, que forma verbal estaria mais diretamente associada ao *sujeito* nulo? Vejamos os resultados:

Tabela 58 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre forma verbal e *sujeito a gente* de referência genérica.

Forma verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Presente do indicativo	563 (85%)	101 (15%)	664
Pretérito perfeito do indicativo	08 (61%)	05 (39%)	13
Pretérito imperfeito do indicativo	256 (83%)	53 (17%)	309
Presente do subjuntivo	05 (83%)	01 (17%)	06
Pretérito do subjuntivo	02 (100%)	-	02
Futuro do subjuntivo	10 (91%)	01 (9%)	11
Forma nominal infinitivo	33 (92%)	03 (8%)	36
Total	877	164	1041

O pretérito perfeito do indicativo exibiu o maior percentual de *sujeitos* não-realizados foneticamente, 39%. Para observarmos se o expressivo percentual de *sujeitos* nulos no pretérito perfeito do indicativo pode ser explicado pelo viés da correferencialidade, faz-se outra investigação: "correferencialidade x forma verbal".

Tabela 59 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre forma verbal e correferencialidade do *sujeito a gente* de referência genérica.

Forma verbal	<i>Sujeitos</i> correferentes		<i>Sujeitos</i> diferentes		Total
	Preenchido	Nulo	Preenchido	Nulo	
Presente do indicativo	68 (10%)	100 (15%)	495 (74%)	01 (1%)	664
Pretérito perfeito do indicativo	-	04 (31%)	08 (61%)	01 (8%)	13
Pretérito imperfeito	32 (10%)	53 (17%)	224 (73%)	-	309
Presente do subjuntivo	01 (17%)	01 (17%)	04 (66%)	-	06
Pretérito do subjuntivo	-	-	02 (100%)	-	02
Futuro do subjuntivo	02 (18%)	01 (9%)	08 (73%)	-	11
Forma nominal infinitivo	02 (6%)	03 (8%)	31 (86%)	-	36
Total	105	162	772	02	1041

As 02 ocorrências em que os *sujeitos* nulos não são correferentes estão no presente e pretérito perfeito do indicativo. São elas:

(282) "Pch, não presta para nada! Não presta para nada! E se a agricultura estivesse mais desenvolvida, os adubos... *A gente* vai comprar os adubos caros, ah, o que *a gente* vende!... Então, uma vaca, *a gente* agora quer vender uma vaca, então e ele se ele não estiver registrado, \emptyset não a **pode** vender". (E₁₋₅₂)

(283) "Ora, depois, semeia-se o linho, mas passado três dias tem que se engaçar. Depois, fica talhado às embelgas. Com aquele engacinho, engaçam-se as embelgas que *a gente* quer engaçar para depois o regar. Porque é com o que chamávamos-lhe engaços. Há-os de ferro, há-os de pau, não é? E *a gente* engaçava e depois... Por exemplo – esta cozinha não é? –, vai assim (agora) para diante, mas \emptyset só **engaçamos** metade para ali, outra metade para aqui". (E₁₆₋₁₈)

A correlação entre forma verbal e correferencialidade destaca o emprego do *sujeito* preenchido em contextos de *sujeito* correferente ao anterior. Esse que seria um contexto resistente ao preenchimento apresenta índices não desprezíveis de *sujeito* lexical, contrariando a expectativa associada a uma língua de *sujeito* nulo.

Exemplificam *sujeitos* nulos correferentes:

(284) "Vêem este, como é que está lá posto. *A gente* cortou, pronto, cortou. *A gente* (vai-lhe) /vai\ cortar à vinha, traz um enxerto que é este, que é este já o enxerto verdadeiro. Rachou-o aqui, aqui assim, **Ø rachou**-o até a este ponto. E aqui Ø escavacou-se dum lado e doutro. Dum lado e doutro, bem escavacadinho, a ficar muito, muito coiso. *A gente* pegou, dá-lhe até uma molhadela para que fique molinho, mas ele, estando eles bons, não precisam. *A gente* colocou-o ali, no meio, ele entrou para baixo e fica ali fixe". (E₁₆₋₈₅)

(285) "Cada passo, é a mão-cheia de semente e era deitada. E então, chamava-se *a gente* aquilo um arco. Quer dizer, tinha que atracar os seis passos com dois arcos. *A gente* (amansou) o passo, cada um o passo que dá, joga aqui assim, vai nesta posição. Jogou aqui assim a mão e fez isto. Quando deu o outro passo, jogou, deitou o outro arco para aqui. Fez isto e jogou o arco assim. Chama-se isto um arco. É o espalhar da semente. E então a terra tem que ser riscada, que é (por) /para\ *a gente* nunca fugir daquela conta. Porque **Ø chegava** a pontos que perdia o norte e acabava a pôr a semente em cima uma da outra". (E₆₋₁₈)

(286) "Costuma *a gente* a dizer um talhão de terra, chama-lhe *a gente* uma terra que fica para obrar, para cultivar. Tanto pode ser para ... O talhão pode ser para batata, como pode ser para semear novamente de hortaliça no outro ano a seguir de várias qualidades. Porque *a gente* está a trabalhar numa horta, **Ø diz** assim: Olha, arranja-se aquele talhão daquela terra". (E₆₋₁₂)

5.2.5 Tipo de ocorrência x transitividade verbal

Apesar de os resultados, quer com *sujeito* de referência específica, quer com *sujeito* de referência genérica, confirmarem que a "transitividade verbal" não afeta positiva ou negativamente a realização do *sujeito* no português europeu, decidimos por incluí-la em nossa análise, com o objetivo de verificar se essa variável mantém o mesmo comportamento, quando se observa, exclusivamente, a forma pronominal "*a gente*".

Tabela 60 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre transitividade verbal e *sujeito a gente* de referência genérica.

Transitividade verbal	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Verbo intransitivo	18 (90%)	02 (10%)	20
Verbo transitivo	825 (84%)	162 (16%)	987
Verbo de ligação	34 (100%)	-	34
Total	877	164	1041

A tabela mostra que os verbos transitivos respondem por 95% do total de ocorrências. Além de constatar que esse tipo de verbo exibe o maior número de *sujeitos* preenchidos e nulos, os resultados permitem, ainda, observar que, com verbos de ligação, o preenchimento do *sujeito* pelo uso da forma pronominal "*a gente*" é regra categórica.

Para ilustrar *sujeito* preenchido com verbo intransitivo, transitivo e ligação, transcrevem-se:

(287) "Põe-se a corda, depois põe-se a porta, e depois tem uma pedra, **a gente anda** com o fuso, **a gente anda de roda** e espreme". (E₁₋₀₈)

(288) "**A gente toca** nele e ele enrola! Enrola-se faz um nó". (E₈₋₇₄)

(289) "E depois ao meio do comer a meia hora antes do comer e logo ao meio do comer – dois. E depois de tarde outro, às sete da tarde. (...) E antes do comer, meia hora, outro. E depois ao meio do comer outra vez. Mas eu de manhã não comia, não os tomava. Sim, os de de manhã (...) só tomava o que tomava às dez horas, o mais não tomava mais nenhuns que não comia. Bebo o gole da cevada... Pronto, já estou! *A gente* passa. Chega-se a uma certa idade já *a gente está* feito, *a gente* não precisa de muito comer. É assim". (E₁₀₋₁₁)

Para verificar se o preenchimento do *sujeito* com verbos de ligação pode ser explicado pelo viés da correferencialidade, faz-se outro cruzamento: "transitividade verbal x correferência":

Tabela 61 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre transitividade verbal e correferencialidade do *sujeito a gente* de referência genérica

Transitividade verbal	<i>Sujeitos</i> Correferentes		<i>Sujeitos</i> Não-correferentes		Total
	Preenchido	Nulo	Preenchido	Nulo	
Verbo intransitivo	02 (11%)	02 (11%)	15 (78%)	-	19
Verbo transitivo	99 (10%)	160 (16%)	727 (73%)	02 (1%)	988
Verbo de ligação	04 (12%)	-	30 (88%)	-	34
Total	105	162	772	02	1041

Apesar de não se registrarem *sujeitos* nulos com verbos de ligação, o cruzamento das variáveis permite observar que 88% do preenchimento do *sujeito* com esse tipo de verbo ocorrem em estruturas não-correferentes. A mesma tendência explica a maior parte dos casos de *sujeito* lexical com verbos intransitivos e verbos transitivos, indicando a relevância da variável "correferencialidade" para o fenômeno em estudo.

5.2.6 Tipo de ocorrência x tipo de oração

Para o português brasileiro, a variável "tipo de oração" tem sido apontada como um fator altamente condicionador – quer para retardar, quer para acelerar o processo de mudança rumo ao *sujeito* preenchido. Para o português europeu, a pesquisa feita por Duarte (s/d) revelou a mesma tendência: as coordenadas como as mais resistentes e as relativas como as mais receptivas ao preenchimento da casa do *sujeito*.

Tabela 62 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre tipo de oração e *sujeito a gente* de referência genérica.

Tipo de oração	<i>Sujeito</i> preenchido	<i>Sujeito</i> nulo	Total
Oração principal	180 (93%)	14 (13%)	194
Oração 1ª coordenada	75 (95%)	04 (5%)	79
Oração 2ª coordenada	114 (66%)	59 (34%)	173
Oração justaposta	294 (79%)	80 (21%)	374
Oração relativa	108 (96%)	04 (4%)	112
Oração completiva	14 (93%)	01 (7%)	15
Oração adverbial	78 (97%)	02 (3%)	80
Oração independente	14 (100%)	-	14
Total	877	164	1041

Se, por um lado, os nossos resultados corroboram os de Duarte (s/d), por outro lado, o índice de *sujeitos* preenchidos, nos diversos tipos de oração, superou todas as expectativas, inclusive, com as 2ª coordenadas.

O que estaria condicionando essa opção pelo *sujeito* lexical em oração 2ª coordenada? Para responder a essa pergunta, cruzam-se "correferencialidade x tipo de oração"

Tabela 63 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre tipo de oração e correferencialidade do *sujeito a gente* de referência genérica

Tipo de oração	Mesmo <i>sujeito</i> preenchido	Mesmo <i>sujeito</i> nulo	Total
Oração principal	27 (67%)	13 (33%)	40
Oração 1ª coordenada	06 (60%)	04 (40%)	10
Oração 2ª coordenada	20 (25%)	58 (75%)	78
Oração justaposta	28 (26%)	80 (74%)	108
Oração relativa	11 (73%)	04 (27%)	15
Oração completiva	01 (50%)	01 (50%)	02
Oração adverbial	12 (86%)	02 (14%)	14
Total	105	162	267

Se não há como negar a estreita relação entre oração 2ª coordenada correferente e *sujeito* nulo, também, não há como ignorar que, em um língua de *sujeito* nulo forte, os 25% de *sujeitos* preenchidos adquirem, nesse contexto, proporções ímpares. Será que o português europeu, ainda, pode ser classificado como língua tipicamente [+] *pro-drop*?

Exemplificam *sujeito* preenchido em oração 2ª coordenada:

(290) "A *gente*, antigamente, *a gente* tinha era um caixote deste tamanho com doze quadradinhos, porque *a gente ali punha era cada novelo em si*". (E₁₀₋₈₉)

(291) "A varinha, *a gente* passam-na para aqui. *A gente* acertam pouco mais ou menos aqui o coisa, *e a gente tornam*, medem, passam aqui". (E₁₀₋₁₀₆)

(292) "A *gente* malhava-o era... Malhava-o em cima do chão, em cima dele. Ø punha-os assim às carreirinhas *e a gente ao depois com o malho malhava*. Ø malhava-o ali". (E₁₂₋₆₁)

5.2.7 Tipo de ocorrência x ordem

Para observar a frequência de uso de inversões com a forma pronominal "*a gente*", apresentam-se os resultados:

Tabela 64 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre ordem e sujeito *a gente* de referência genérica.

Ordem	<i>Sujeito-verbo</i>	<i>Verbo-sujeito</i>	Total
<i>Sujeito preenchido</i>	822 (94%)	55 (6%)	877
Total ¹⁵⁵	822	55	877

Se se compara referência específica a referência genérica, a diferença é de 5%: nesta, a taxa de posposição com a forma pronominal "*a gente*" foi de 6%; naquela, apenas uma ocorrência (1%) exibiu esse pronome posposto ao verbo.

Para verificar quais contextos sintáticos favorecem a inversão com a forma pronominal "*a gente*" de referência genérica, cruzam-se duas variáveis: "tipo de oração x ordem"

¹⁵⁵ As 164 ocorrências que faltam na tabela são de *sujeitos* nulos.

Tabela 65 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre tipo de oração e ordem do *sujeito a gente* de referência genérica.

Tipo de oração	<i>Sujeito-verbo</i>	Verbo- <i>sujeito</i>	Total
Oração principal	168 (93%)	12 (7%)	180
Oração 1ª coordenada	69 (92%)	06 (8%)	75
Oração 2ª coordenada	111 (97%)	03 (3%)	114
Oração justaposta	265 (90%)	29 (10%)	294
Oração relativa	104 (96%)	04 (4%)	108
Oração completiva	14 (100%)	-	14
Oração adverbial	77 (99%)	01 (1%)	78
Oração independente	14 (100%)	-	14
Total	822	55	877

Os resultados mostram que as orações justapostas foram as que mais afetaram positivamente a posposição do *sujeito* (10%), seguidas pelas orações 1ª coordenadas (8%) e principais (7%).

Das 29¹⁵⁶ ocorrências de *sujeitos* pospostos em orações justapostas, 18 são com o verbo "*chamar*" - 62% das inversões.

Para exemplificar a ordem verbo-*sujeito* em orações justapostas, transcrevem-se:

(293) "A *gente* aplica é uma grande lua. Pois. Porquê? E a outra pessoa pode dizer: Porquê? Porque se vê bem, não vêes? **Sai a gente** à rua de noite, parece que estamos no pino do dia". (E₆₋₅)

(294) "Há as cagarrinhas. As cagarrinhas também as **come a gente**, (junto) com (o) feijão. Há o saramago-amarelo, há saramago-branco". (E₅₋₉₉)

¹⁵⁶ Os verbos que propiciaram a posposição do *sujeito* em orações justapostas foram: *chamar* (18 ocorrências), *dizer* (03 ocorrências), *ir* (03 ocorrências), *comer*, *pôr*, *ter*, *pegar* e *sair* (com 01 ocorrência cada um).

(295) "Pois. A folha duma parreira. Ou seja, a folha da parreira, **diz a gente** àquelas que são de armar em casa, onde se faz as tais parreiras para fazer o tal sombrais". (E₆₋₄₅)

(296) "Que é o tal negrão, que já disse, e é o garrento. **Chama-se a gente** muge. Quer dizer, se (ele) ali ficasse". (E₄₋₂₃)

(297) "Pronto, pronto! Coisou. O que prendeu, arreventou; o que não prendeu, não arreventa. Pronto. Arreventou. **Pega a gente**, fala, vai um homem e enxerta. Corta umas vides, umas videiras doutra vinha já, que é dado". (E₁₋₇₆)

(298) "Aquilo chamavam-se as pontas para dentro porque aquilo (dos) animais – ou fosse (...) com o trilhado –, aquilo começava a sair para fora. Lá **ia a gente** com uma forquilha". (E₆₋₃₄)

5.2.8 Tipo de ocorrência x localidade

Apesar de já termos apresentado as diferentes localidades e os respectivos percentuais de *sujeitos* preenchidos e nulos com a forma pronominal "*a gente*" de referência genérica, quando da análise conjunta com os outros pronomes, optamos por rerepresentá-las. Além de oferecer maior comodidade ao leitor, o objetivo é exibir todos os grupos de fatores que compuseram o envelope de variação.

Tabela 66 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre localidade e sujeito a gente de referência genérica.

Localidades	Sujeito preenchido	Sujeito nulo	Total
Alcochete (Distrito de Setúbal)	60 (85%)	11 (15%)	71
Alvor (Distrito de Faro)	114 (93%)	09 (7%)	123
Cabeço de Vide (Distrito de Portalegre)	16 (73%)	06 (27%)	22
Camacha (Distrito de Funchal)	77 (92%)	07 (8%)	84
Ponta Garça (Distrito de Ponta delgada)	295 (89%)	36 (11%)	331
Serpa (Distrito de Beja)	129 (77%)	38 (23%)	167
Arcos (Distrito de Viana de Castelo)	38 (73%)	14 (27%)	52
Figueiró (Distrito de Guarda)	32 (89%)	04 (11%)	36
Outeiro (Distrito de Bragança)	64 (68%)	30 (32%)	94
Covo (Distrito de Aveiro)	52 (85%)	09 (15%)	61
Total	877	164	1041

Em todas as localidades investigadas, a forma pronominal "*a gente*" foi usada como estratégia de indeterminação do *sujeito*. Parece que não há como negar que as terras de Cabral escondiam "mistérios", que acreditávamos que fossem "exclusivos" do português brasileiro.

Para mostrar que o português europeu usa a forma pronominal "*a gente*" para indeterminar o sujeito, transcrevem-se ocorrências retiradas do *corpus* de análise:

(299) "Agora *a gente* fazer cá uma capoeira, cá assim volante, é uma capoeira... Com arame faz-se uma casinhola lá dentro para se pôr os poleiros, para elas estarem abrigadas por causa da chuva, e põe-se os caixotes para elas porem os ovos, e depois vêm cá para fora para o pátio. (Porque) chama *a gente* um pátio, que é para elas andarem ali à vontade". (ALCOCHETE)

(300) "Na idade é que é; uma pessoa quando se é novos, poder, que pode-se. Se se puder; e se não se puder, paciência. Mas da idade é que precisa a gente de ter mais conta". (ALVOR)

(301) "Olhe, eu nunca vi ninguém colher laranjas com rocas. Porque a roca a colher a laranja... Porque a colher qualquer fruta, a gente mete a fruta dentro e torce". (CABEÇO DE VIDE)

(302) "Deixa esta vara crescer, este olho, por exemplo, rebenta, deita uma vara comprida, sobe para cima o que a gente quiser. Se ela for corta este ano, para o ano sega-se os ali de baixo, para ficar só as duas ou as três em cima na ponta. (Por exemplo), ela rebenta e rebenta aqui em cima, os olhos. Mas se a gente quer que ela dê latada, deixa-se-lhe estes olhos só. (E logo no) podar – como (é que) se poda – não sendo para a latada, a gente poda mais ou menos assim neste comprimento, três olhos. Em sendo para a latada, deixa-se-a crescer, para (cima a) /ser na altura que a gente quiser". (CAMACHA)

(303) "Depois põe-se a porta, e depois tem uma pedra, a gente anda com o fuso, a gente anda de roda e espreme". (CAMACHA)

(304) "Oh! A gente quando temos aqui a manta já muito para cima, a gente agora tem que tirar uma tirada. A gente vem aqui, a gente tiram... Oh, agora está baixinho, a gente tiram um fio só". (VIANA DE CASTELO)

(305) *A gente* diz assim: Olha, vais mudar a água para a outra regadeira pequena, ou para a regadeira do meio, ou para a segunda, ou para a regadeira curta... Porque conforme são ao depois. É que depois aqueles nomes põe a gente, põe a gente para quando tem outro homem que manda fazer as coisas, para saber, sem ir lá ao pé, a dizer-lhe onde há-de fazer. (SERPA)

Apresentaram-se nesta seção os cruzamentos entre *sujeito* de referência genérica e as variáveis selecionadas para a análise. Para sintetizar os principais resultados do *sujeito "a gente"* de referência específica, exibe-se o quadro-síntese:

SUJEITO A GENTE DE REFERÊNCIA GENÉRICA

CORREFERENCIALIDADE

A correferencialidade é um fator condicionador ao uso do *sujeito* nulo

CONCORDÂNCIA VERBAL

Com a forma pronominal "*a gente*", o número de ocorrências com o verbo na 3ª pessoa do singular representa 77% do total geral.

Marcas da flexão x correferência A variação na desinência de número e de pessoa "afeta" *sujeitos* preenchidos e nulos: 55% e 45%, respectivamente.

FORMA VERBAL

O pretérito perfeito do indicativo exibiu o maior percentual de *sujeitos* não-realizados foneticamente.

Forma verbal x correferência Em orações cujos *sujeitos* são correferentes, o futuro do subjuntivo apresentou a maior taxa percentual de preenchimento.

TRANSITIVIDADE VERBAL

Com verbos de ligação, o preenchimento do *sujeito* pelo uso da forma pronominal "*a gente*" é regra categórica.

Transitividade x correferência O preenchimento (ou apagamento) da casa do *sujeito* parece não ser afetado pelo complemento verbal.

TIPO DE ORAÇÃO

As orações independentes implicaram regra categórica de *sujeito* preenchido.

Tipo de oração x correferência Em oração 2ª coordenada correferente, o índice de *sujeitos* nulos foi de 75%.

ORDEM

O português europeu exibiu com o *sujeito* de referência genérica 6% de posposição

Ordem x tipo de oração As orações justapostas afetaram positivamente a ordem verbo-*sujeito*.

LOCALIDADE

Em todas as localidades investigadas, a forma pronominal "*a gente*" foi usada como estratégia de indeterminação do *sujeito*.

5.3 O duplo *sujeito*

Estudos que analisam comparativamente o português europeu e o português brasileiro mostram que essas duas variedades de língua apresentam diferenças na marcação do parâmetro: PE [+] *pro-drop* e PB [-] *pro-drop*, entretanto, registraram-se no *corpus* de análise construções em que o elemento deslocado (*sujeito*) é retomado por um pronome lexical. O duplo *sujeito*

contraria o estatuto de língua tipicamente [+] *pro-drop*, homoganeamente, atribuído ao português europeu. (Duarte (s/d), Mateus *et. Aliae*, 2003).

Embora não tenhamos quantificado todas as ocorrências, transcrevem-se algumas dessas construções retiradas do *corpus* de análise:

(306) "Este ano ficou... Ai, não... **Essa vaca, ela** tomou, mas não ficou. Essa vaca anda errada. Anda errada". (E₈₋₁₄)

(307) "Bem, tem que ter uma percentagem, *a gente* sabe disso, as coisas estão caras, eles também... Um homem já ganha nove ou dez contos. *A gente* sabe bem disso. Mas as coisas é tudo normal. Foram aumentados cem, está a vinte nove escudos os anzóis, para o mês que vem está a trinta, para o outro mês... Então como é que é que **isto ele** é feito?" (E₄₋₀₄)

(308) "**O ferreiro, ele** quando batia no ferro, quando queria bater o ferro, tinha uma, um pau com um ferro para cima, que era para poder bater no ferro, não é?" (E₁₋₅₆)

(309) "E as abelhas só duram, ou dizem que duram... Não duram mais que dois a três meses. Porque **a abelha**, durante aquele tempo, **ela** cria-se. E depois, essa doença que veio é disso: porque veio e as velhas morrem, e depois elas têm criança". (E₁₋₁₀₀)

(310) "**Os tabuleiros, ele** também os há de barro, não é? E há-os de alumínio. Mas também os folares tanto os fazemos... Eu tenho aí umas latas, assim em redondo. Mas também a minha nora tem-nos em de alumínio assim sobre o comprido; é chamado tabuleiros". (E₁₈₋₄₅)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho investigamos a realização do *sujeito* na fala do português europeu, buscando evidências que atestassem ou refutassem a denominação de [+] *pro-drop* que essa língua ostenta historicamente. Assumimos que o estudo da estrutura lingüística deve se dar em termos do exame dos fatos da língua, conforme manifestados no dia-a-dia das pessoas, no contexto social da comunidade de fala (LABOV, 1972).

Examinado, porém, tal como é usado no dia-a-dia, além da constante explicitação do *sujeito* pronominal, há outras evidências, como, por exemplo, o "duplo *sujeito*", que já não nos permitem caracterizar o português europeu como língua de *sujeito* nulo prototípica.

Se, por um lado, o alto índice de *sujeitos* preenchidos aproxima o português europeu do português brasileiro, por outro lado, as características de língua [+] *pro-drop*, ainda muito recorrentes em algumas localidades investigadas, evidenciam que o preenchimento do *sujeito* pelo uso do pronome não é um fenômeno uniforme na variedade de além-mar.

Os nossos resultados, além de sugerirem que se fala a "mesma língua" dos dois lados do Atlântico, pelo menos em 70% das localidades investigadas, mostram que o português europeu é sensível aos mesmos contextos de variação apresentados pelo português brasileiro.

A atuação das variáveis lingüísticas que nos permitem aproximar essas duas variedades de língua são:

CORREFERENCIALIDADE: quer com *sujeito* de referência específica, quer com *sujeito* de referência genérica, a taxa de preenchimento em orações cujo *sujeito* é correferente da sentença anterior é significativa, 44% e 29%, respectivamente. Para o português brasileiro, esse contexto não-previsto de preenchimento apresentou, com o *sujeito* de referência específica,

resultado muito próximo ao do português europeu, 49% de pronome-*sujeito* (CARVALHO, 2005).

Com a forma pronominal "*a gente*" – referência específica - os resultados das análises probabilísticas mostraram que em contextos não-correferentes, o preenchimento do *sujeito* é regra categórica. A forma pronominal "*a gente*" – referência genérica – exibiu comportamento semelhante: 99% de preenchimento em estruturas com *sujeitos* disjuntos.

FORMA VERBAL: quer com *sujeito* de referência específica, quer com *sujeito* de referência genérica, o pretérito perfeito do indicativo exibiu o maior índice de *sujeitos* nulos. Inversamente, o subjuntivo apresentou tendência forte rumo ao preenchimento. O mesmo comportamento foi descrito no português brasileiro por Duarte (1995), Botassini (1998) e Carvalho (2005).

Com a forma pronominal "*a gente*" – referência específica – o pretérito imperfeito do indicativo concentrou o maior percentual de *sujeitos* nulos. Com referência genérica, a maior taxa de não-preenchimento foi registrada com o pretérito perfeito do indicativo.

COMPLEMENTOS VERBAIS: quer com *sujeito* de referência específica, quer com *sujeito* de referência genérica, os complementos verbais não afetaram positiva ou negativamente o preenchimento da casa do *sujeito*. Para o português brasileiro, a afirmação feita por Duarte (1995) aponta para a mesma direção: "os elementos que precedem o *sujeito* têm maior peso do que os que o seguem".

Com a forma pronominal "*a gente*" – referência específica e genérica - o preenchimento ou apagamento da casa do *sujeito* parece não ser afetado pelo complemento verbal, uma vez que não se registraram diferenças significativas que nos permitissem traçar-lhes oposição.

ANIMACIDADE DO REFERENTE¹⁵⁷: quer com *sujeito* de referência específica, quer com *sujeito* de referência genérica, o traço [+] humano do referente se associa preferencialmente ao *sujeito* lexical. No português brasileiro, o preenchimento do *sujeito* segue a escala de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), começando pelo *sujeito* de traço [+] animado e atingindo por último as terceiras pessoas, que por serem as únicas a se referirem a *sujeitos* não-animados, são as mais resistentes ao preenchimento.

PESSOA GRAMATICAL¹⁵⁸: quer com *sujeito* de referência específica, quer com *sujeito* de referência genérica, as 3^{as} pessoas representam contexto de maior emprego do *sujeito* nulo. Resultados semelhantes aos encontrados para o português brasileiro (Lira (1982), Duarte (1993, 1995), Laperuta (2002), Carvalho (2005)).

TIPO DE ORAÇÃO: quer com *sujeito* de referência específica, quer com *sujeito* de referência genérica, a correferencialidade favorece a não-realização do *sujeito* em oração 2^a coordenada. Para o português brasileiro, a resistência ao uso do *sujeito* preenchido nesse tipo de contexto foi descrita por Lira (1988), Laperuta (2002) e Carvalho (2005).

Com a forma pronominal "*a gente*" – referência específica – a oração 1^a coordenada afeta positivamente o uso do *sujeito* nulo. Com referência genérica, as orações independentes implicaram regra categoria de *sujeito* preenchido.

TRANSITIVIDADE VERBAL: quer com *sujeito* de referência específica, quer com *sujeito* de referência genérica, o fator transitividade verbal não se mostrou significativo para o preenchimento ou para o apagamento do *sujeito* no português europeu. Para o português

¹⁵⁷ Pelo fato de a forma pronominal "*a gente*" referir-se único e exclusivamente a *sujeitos* lexicais, todas as ocorrências são de traço [+] animado.

¹⁵⁸ Com a forma pronominal "*a gente*" a variável "pessoa gramatical" não procede.

brasileiro, a transitividade verbal foi sistematicamente rejeitada nos estudos feitos por Duarte (1995), Laperuta (2002) e Carvalho (2005).

Com a forma pronominal "*a gente*" – referência específica – a variável "transitividade verbal" não afetou positiva ou negativamente o preenchimento da casa do *sujeito*. Com referência genérica, os verbos de ligação implicaram regra categórica de *sujeito* lexical.

Se as variáveis correferencialidade, forma verbal, animacidade do referente, complementos verbais, pessoa gramatical, tipo de oração e transitividade verbal permitiram apontar traços comuns entre o português brasileiro e o português europeu, o fator "concordância verbal" ainda é um divisor de águas entre essas duas variedades de língua.

Quer com *sujeito* de referência específica, quer com *sujeito* de referência genérica, o português europeu ainda é uma língua de concordância forte. Ao exibir, por um lado, expressivo índice de *sujeitos* preenchidos e, por outro lado, morfologia distintiva, os nossos resultados reacendem a polêmica que correlaciona a preferência pelo uso do *sujeito* preenchido ao enfraquecimento na morfologia verbal.

Se nos pautarmos no alto índice de concordância apresentado pelo português europeu, parece que não há uma correlação necessária entre *sujeito* preenchido e enfraquecimento da flexão, mas se considerarmos que (i) a não-concordância afetou negativamente o uso do *sujeito* nulo; (ii) o preenchimento do *sujeito* foi muito expressivo com a forma pronominal "*a gente*", que não exhibe morfologia distintiva, temos de reconhecer que, se não se pode explicar preenchimento do *sujeito* pelo viés morfologia verbal, também não se pode ignorar que há, entre eles, uma estreita relação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, N. M. 25. ed. São Paulo: Saraiva, 1975.

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1955.

ALVES-SILVA, J. J. *Os pronomes pessoais em espanhol e em português: um estudo contrastivo sob a perspectiva sistêmico-funcional*. 2004. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos>> Acesso em: 15 mar. 2007.

ARAÚJO, E. A. *A relação entre as construções de tópico e a posição dos clíticos no português europeu dos séculos XVIII e XIX*. In: Revista Inventário. 4. ed. jul/2005. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/04/04earaujo.htm>> Acesso em: 12 fev. 2007.

AZEREDO, J. C. de. *Iniciação à sintaxe do português*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BARBOSA DA SILVA, J. *Sobre o tópico sentencial, algumas observações*. Revista Letra Magna. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura - Ano 03- n.05 - 2º Semestre de 2006. ISSN 1807-5193. Disponível em: <<http://letramagna.com/topico.pdf>> Acesso em: 12 fev. 2007.

BELFORD, E de M. *Topicalização de objetos e deslocamentos de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolinguístico*. 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/poslinguistica/eliaine_%20de_morais_belford.pdf> Acesso em: 20 fev. 2007.

BERLINCK, R. de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes, Editora da Universidade de Campinas, 1989, pp. 95 - 112.

BERLINCK, R. de A. *La position du sujet en portugais: étude diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Tese de Doutorado, Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, Bélgica, 1995.

BERLINCK, R. de A.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. de. Predicação. In: *Gramática do Português Falado*. Cap. 03 Vol. 03. Editora da UNICAMP – (no prelo).

BORGES DE ASSIS, J. de S. *Três olhares sobre a mudança linguística*. Revista Letras & Letras, Uberlândia, 20 (2), jul/dez, 2004, pp. 65 - 73.

BOTASSINI, J. O. M. *A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada no Paraná: uma análise variacionista*. Dissertação de mestrado, Curitiba : UFPR, 1998.

BOTASSINI, J. O. M.; ANTONIO, J. O. *O sujeito: uma visão sociopragmática*. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, Brasil, 21 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4185/2849>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

BRAVIN DOS SANTOS, A. M. *O sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca: um estudo em tempo real*. 2006. 149f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/doutorado/SantosAMB.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2007.

BRAVIN DOS SANTOS, A. M. *O sujeito pronominal em contexto de mudança paramétrica: a escrita de alunos do Ensino Médio*. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2000.

BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: MATEUS, M. H. M. et al. In: *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2003.

CALLOU, D. et al. Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia. In CASTILHO, A. T. de (org) *Gramática do Português Falado*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, pp. 315 - 359.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Princípios de lingüística geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Academia, 1964.

CARRILHO, E. *Ainda a unidade e diversidade da língua portuguesa: a sintaxe*. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/ecarrilho/ernestina_carrilho_2001d.pdf> Acesso em: 10 jan. 2007.

CARRILHO, E. *Construções de expletivo visível em Português Europeu (não-padrão)* Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/ernestina_carrilho_2001d.pdf> Acesso em: 12 jan. 2007.

CARRILHO, E. *Expletivo do Português Europeu em foco: a evidência dos dados dialetais*. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/ernestina_carrilho_2001d.pdf> Acesso em: 10 jan. 2007.

CARRILHO, E. *Sobre o expletivo ELE nos dialetos do Português Europeu*. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/ernestina_carrilho_2001d.pdf> Acesso em: 10 jan. 2007.

CARVALHO, G. A. de. *A realização do sujeito na fala do araguiense*. Dissertação de Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa. Araraquara: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2005.

CASTILHO, A. T. de. *Introdução á Lingüística Cognitiva*. Relatório Científico submetido à FAPESP (Proc. 99/10399-9), em 2001.

CAVALCANTE, M. A. da S. *O sujeito pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro: um caso de mudança em progresso*. Tese de Doutorado em Letras e Lingüística. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2001.

CAVALCANTE, S. Formas de indeterminação na imprensa carioca dos séculos XIX e XX. In ALKMIM, T. M. (org.) *Para a História do Português Brasileiro*, vol. III: Novos Estudos, Humanitas/Fapesp: São Paulo, 2002, pp, 197-220.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 30. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988.

CHAFE, W.L. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1979.

CHAMBERS, J.K. Correlations In: *Sociolinguistic Theory*. Linguistic Variation and its Social Significance. Oxford , UK / Cambridge , USA : Blackwell, 1995, pp. 1-24.

CHOMSKY, N. Lectures on government and binding, Foris Publications, Dordrecht, 1981

CINTRA, L. F. L. Nova proposta de classificação dos dialetos galeco-portugueses. In. Boletim de Filologia. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 22, 1971, pp. 81- 116.

CORACINI, M. J. *Um Fazer Persuasivo: O Discurso Subjetivo da Ciência*. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes, 1991.

COSTA, J. ; FIGUEIREDO SILVA, M. C. *Notas sobre concordância verbal e nominal em português*. Disponível em: <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/jc.mcfs.pdf>> Acesso em jun. de 2007.

CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Fundação Nacional de Material Escolar, 1980.

CYRINO, S. M. L. Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do português falado: novos estudos*. Vol. VII. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL, 1997.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. “Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese”. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. (orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-IberoAmericana, 2000, pp. 55-73.

DECAT, M. B. N. Concordância verbal, topicalização e posposição de *sujeito*. In: SIMÕES, M. A.; REIS, A. C. (Orgs) *Ensaios de lingüística. Caderno de lingüística*. Faculdade de Letras da UFMG. Departamento de lingüística e teoria literária. Ano V- n.9 – Dezembro de 1983.

DUARTE, M. E. L. A evolução na representação do *sujeito* pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. da C.; Duarte, M. E. L. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, pp. 115 - 128.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Lingüística). 149 f. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

DUARTE, M. E. L. *Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. São Paulo, Pontes, 1989.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do *sujeito* no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, pp.107-128.

DUARTE, M. E. L. *O sujeito pronominal no português coloquial europeu*. Trabalho inédito, s/d.

DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas). 1986. 73 f. Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986.

DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A.; BARBOSA, P. *Sujeitos indeterminados em PE e PB*. Boletim da Abralín Vol. 26, nº Especial I, 2001, pp. 405 - 409.

EIDE, K. *A noção de tópico e a ordem de palavras no português do século XVI*. Romansk Forum- n.16 - XV Skandinaviske romanistkongress, Oslo 12.-17, August, 2002. Disponível em: <<http://www.duo.uio.no/roman/Art/Rf-16-02-2/por/Eide.pdf>> Acesso em: 15 fev. 2007.

FANJUL, A. P. *Português brasileiro, espanhol de... onde?* Analogias incertas. Revista Letras & Letras, Uberlândia 20 (1), jan/jun, 2004, pp. 165 - 183.

FERNÁNDEZ SORIANO, O. El pronombre personal: formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española: sintaxis básica de las clases de palabras* (vol. 1). Madrid: Espasa, 1999, pp. 1209-73.

GALVES. C. C. *A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro*. Disponível em: <http://www.ime.usp.br/~tycho/prfpml/relat_2006/origem.pdf> Acesso em: 13 jan. 2007.

GALVES. C. C. A sintaxe do português brasileiro. In: GALVES. C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

GALVES. C. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I; KATO, M (Orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993, pp. 387 - 408.

GALVES. C. C. *Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro*. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, 1998, vol. 34, pp. 7-21.

GALVES. C. C.; NAMIUTI, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Novas perspectivas para velhas questões: revisitando a periodização da Língua portuguesa*. Disponível em: <http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/2005/gnps_2005.pdf> Acesso em: 14 jan. 2007.

GONÇALVES, M. F. H. de. S. *Para uma definição do parâmetro do sujeito nulo*. (Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva). 1994. 242 f. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1983.

HERNANZ, M. L. Em torno a los *sujeitos* arbitrários: La 2ª persona Del singular. In: DEMONTE, V.; CUARÓN, B. G. (orgs) *Estudios de lingüística de España y México*. México: UNAL/EL Colegio de México, 1990, pp. 151 - 178.

ILARI, R.; BASSO, R. Um pouco de história: origens e expansão do português. In: ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 13 - 48.

ILARI, R; GERALDI, J. W. *Semântica*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1995.

- JAEGGLI, O.; SAFIR, K. *The null subject parameter and parametric theory*. In: JAEGGLI, O.; SAFIR, K. (orgs), 1989, 1- 44.
- KAISER, G.A. Sobre a (alegada) perda do *sujeito* nulo no português brasileiro. In: LOBO, T; RIBEIRO, I. ; CARNEIRO, Z. ; ALMEIDA, N. (orgs) *Para a história do português brasileiro*. Vol. VI: Novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, 2006. Tomo I, pp. 11- 42.
- KOCH, I. G. V; MARCUSCHI, L. A. *Processos de referência na produção discursiva*. D.E.L.T.A . 14 esp, 1998, pp. 169-190.
- LABOV, W. Empirical foundations for a Theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. The Reflection of Social Processes in Linguistic Structures. In: FISHMAN, J. (ed.). *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1968, pp. 240 - 51.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad.: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (sob a coordenação de Maria Sophia Zanotto) e Vera Maluf. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.
- LAPERUTA, M. *A realização do sujeito pronominal: um estudo sociolingüístico paramétrico para a cidade de Londrina – Norte do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa). 2002. 138f. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.
- LAURA, F.I. *A função sintática do correferente do constituinte extra-oracional tema no português: um estudo diacrônico*. Fundamentos em Administração, Letras e Pedagogia. Faculdade de Sertãozinho. Vol. 1, n.1. Sertãozinho, Fasert, julho / setembro de 2005, pp. 22 - 26.
- LIRA, S. de A. *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese*. Unpublished Ph.D. Dissertation, University of Pennsylvania, 1982.
- LIRA, S. de A. *O sujeito pronominal no português falado e escrito*. Ilha do desterro, Florianópolis: UFSC, n. 20, 1988, pp. 31 - 43.
- LOBO, T. C. F. *Vertentes nacionais do português: sobre a questão da definição do português do Brasil*. Disponível em: <http://www.prohpor.ufba.br/variantes.html> . Acesso em 20 de jan. 2007.
- LOPES, C. R. dos S. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, Tânia Maria (Org.). *Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos*. São Paulo, Humanitas /FLP/USP, 2002, pp. 25-46.
- LOPES, C. R. dos S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert Verlag , 2003.
- LOPES, C. R. dos S.; MACHADO, A. C. M. *Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós*. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/docentes/70994-1.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2007.
- LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1979.

MAGALHÃES, T.; SANTOS, A. L. *As respostas verbais e a frequência de sujeito nulo na aquisição do português brasileiro e do português europeu*. Letras de Hoje. Porto Alegre. Vol. 41, n.1, mar. 2006, pp. 179 - 193.

MARONEZE, B. O. *A realização do sujeito no português brasileiro*. Disponível em: <http://www.orbilat.com/LANGUAGES/Portuguese-Brazilian/Studies/Subject_realization.htm> Acesso em: 12 mar. 2007.

MARTINS, A. M. *Construções com se: mudança e variação no português europeu*. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/amartins/ana_martins_txt1.pdf> Acesso em 10 mar. 2007

MARTINS, A. M. *Variação e mudança no português*. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/amartins/Martins_2003_4_artigo.pdf> Acesso em: 11 jan. 2007.

MENON, O. P. da S. *O sistema pronominal do português do Brasil*. Revista Letras, Curitiba: Editora da UFPR n.44, 1995, pp. 91 - 106.

MENON, O. P. da S.; LOREGIAN-PENKAL, L. *Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil*. In VANDRESEN, P. (org). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas, RS: EDUCAT, 2002.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolingüística da cidade de São Carlos*. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2007.

MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: UFC, 1994.

NARO. A. J. The genesis of the reflexive impersonal in portuguese. In: *Language*. New York: Baltimore, Vol. 52, n. 4, 1976, pp. 779 - 810.

NARO. A. J.; SCHERRE, M. M. P. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de *sujeito* composto. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (eds). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main, TFM, 2000. (ISBN 3-925203-76-1/ISSN 1432-4393), pp. 166 - 188. Volume 17

NARO. A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Garimpo das origens do português brasileiro*. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

NARO. A. J.; SCHERRE, M. M. P. Sobre o princípio de saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (org). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió, EDUFAL, 1999, pp. 26 - 37.

NEGRÃO, E. V.; MÜLLER, A. L. *As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas?* DELTA, Vol. 12, 1996, pp. 125 - 152.

NOVAES, C. *Representação mental do sujeito nulo no português do Brasil*. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/SilvaHS.pdf>> Acesso em: 12 fev. 2007.

NUNES, J. *Se apassivador e se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro*. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. [s.n.], Vol. 20, 1991.

OLIVEIRA, M. de. *O parâmetro do sujeito nulo na aquisição da linguagem*. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, 1995.

OLIVEIRA, M. de. Respostas curtas: um input lingüístico. In: BERLINCK, R. de. A.; GLADIS, M. de. B.; SOTO, U. (orgs) *Corpo e voz*. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Língua Portuguesa UNESP – Araraquara, 1997.

OLIVEIRA, M. F. de. *A voz passiva portuguesa: um estudo diacrônico*. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) Instituto de Letras e Lingüística - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ORSINI, M. T. *As construções de tópico no português do Brasil: uma análise sintático-discursiva em tempo real*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-07.html>> Acesso em: 20 fev. 2007.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Língua Barroca: sintaxe e história do português nos 1600*. 2004. 366 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PAREDES DA SILVA, V. L. Motivações funcionais no uso do *sujeito* pronominal: uma análise em tempo real. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, pp. 97-114.

PAREDES DA SILVA, V. L. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Boletim da ABRALIN nº 11, 1991, pp. 83 - 96.

PEREIRA, S. M de B. *Gramática comparada de a gente: variação no português europeu*. 2003. 149 f. Dissertação (Mestrado em Gramática Comparada) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

PILATI, E. *Considerações sobre sujeitos pós-verbais em português do Brasil, francês e italiano*. Disponível em: <http://www.geocities.com/gt_teor_da_gramatica/anpoll_2004_eloisa_pilati.doc> Acesso em: 10 mar. 2007.

PINTO, M. T. de F. A. *Critérios psicologicamente identificadores de SNs sujeitos em português*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1981.

POLLI DA SILVA, R. C. *Sujeito pronominal nos quadrinhos: uma análise em tempo real de curta duração*. 2005. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Ciências Humanas, Letras e Artes Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

PONTES, E. S. L. *O tópico no português do Brasil*. Campinas, SP. Ed. Pontes, 1987.

PONTES, E. S. L. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (org) *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania. 1980. p 55- 67.

QUAREZEMIN, S. *A focalização do sujeito e a inversão livre no português brasileiro*. Estudos Lingüísticos XXXV, pp.1793 -1801. Disponível em: < <http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/243.pdf> > Acesso em: 20 fev. 2007.

RIZZI, L. *Null objects in Italian and the theory of pro*, *Linguistic Inquiry* 17, 1986, 501-557.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 12. ed. Rio de Janeiro: Briguiet, 1967.

ROUSSEAU, P.; SANKOFF, D. Advances in variable rule methodology. In: SANKOFF, D. (ed.). *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press, 1978, pp. 57 - 68.

SAID ALI, M. S. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 8 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SALGADO, S. S. et al. *A concordância de número nos predicativos adjetivos e participios passivos do português falado em Maceió: um estudo variacionista*. Disponível em: <<http://www.enapet.ufsc.br/anais/>> Acesso em: 14 de mar. de 2007.

SANTOS, G. dos. *Questões sobre a indeterminação do sujeito*. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/05/pdf/gsantos.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2007.

SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) 1986. 158 f. PUC, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, M. M. P. *Aspectos da concordância de número no português do Brasil*. Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – *Norma e Variação no Português*. Associação das Universidades de Língua portuguesa, dez. 1994, pp. 37 - 49.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese (Doutorado em Lingüística) 1988. 556 f. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influencia de variáveis sociais na concordância nominal. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, pp. 239 - 264.

SILVA, C. R. T. *Duplicação de sujeitos pré-verbais no francês, no inglês e no português brasileiro: uma análise não-unificada*. Disponível em: <http://www.geocities.com/gt_teor_da_gramatica/download/anpoll2005_claudinha.pdf> Acesso em: 17 fev. 2007.

SILVA, I. da. *De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial*. 2004. 145f. . Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Florianópolis, Florianópolis, 2004.

SILVA, M. C. F. *A posição do sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1996.

SOARES DA SILVA, H. *O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol*. 2006. 196f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – área de Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SOUZA, P. D. dos S. *A concordância verbal no português arcaico: um olhar descritivo sobre a documentação notarial*. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/03/d03/03psouza.htm>> Acesso em: 19 de maio, 2007.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. 273f. Tese (Doutorado em Filosofia. Área de concentração: Lingüística) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1983.

TORRES-MORAIS, M. A. *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Resenha – Revista Delta, vol. 17, número 01. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000100007 > Acesso em: 23 nov. 2006.

TORRES-MORAIS, M. A. *EPP generalizado, sujeito nulo e línguas de configuração discursiva*. Disponível em: < <http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/MATorres001.pdf>> Acesso em: 25 jan. 2007.

VAREJÃO, F. de O. A. *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*. 2006. 196f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/VarejaoFOA.pdf>> Acesso em: 16 de set. 2007.

VASCO, S. L. *Construções de tópico na fala popular*. 2006. 216 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VASCO, S. L. *Construções de Tópico no Português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação de Mestrado. UFRJ: 1999.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In W. P. Lehmann & Y. Malkeil (eds.), *Directions for historical linguistics: A symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968, pp. 95 - 188.